

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
DOUTORADO EM HISTÓRIA

GISELE OLIVEIRA DE LIMA

PADRE SIM, MAS NÃO A MANIVELA
Trajetória de Paulo Tonucci (1966-1994)

SALVADOR

2016

GISELE OLIVEIRA DE LIMA

PADRE SIM, MAS NÃO A MANIVELA
Trajetória de Paulo Tonucci (1966-1994)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutora.

Orientador: Prof^a Dr^a Lina Maria Brandão de Aras.

SALVADOR

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL
DOUTORADO EM HISTÓRIA

PADRE SIM, MAS NÃO A MANIVELA
Trajetória de Paulo Tonucci (1966-1994)

Autor: Gisele Oliveira de Lima

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Lina Maria Brandão de Aras

A Banca Examinadora composta pelos membros abaixo aprovou esta Tese:

Prof. Dr. Lina Maria Brandão de Aras (Orientadora – Presidente)
FFCH/ UFBA

Prof. Dr. Antonio Luigi Negro (Membro Interno)
FFCH/ UFBA

Prof. Dr. Iraneidson Santos Costa (Membro Interno)
FFCH/ UFBA

Prof. Dr. Belarmino Souza de Jesus (Membro Externo)
Departamento de História/UESB

Prof. Dr. Paolo Scarpi (Membro Externo)
Dipartimento di Scienze Storiche, Geografiche e dell'Antichità/
Università di Padova

Salvador, 08 de junho de 2016.

Dedico este trabalho à Memória,
porque ela torna presente os que já não são mais viventes.
À memória do meu avô que nos deixou há pouco tempo
e à memória do meu pai que nos deixou há vinte anos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os Deuses e a todas as energias positivas que contribuíram para conhecer Paulo e realizar esta tese. Graças a este trabalho alguns tesouros agora fazem parte da minha vida.

À minha mãe, que sempre esteve comigo, me apoiando, me inspirando e me acompanhando, sou eternamente grata. Te Amo, Lourdes!

Agradeço ao meu amado Marcos, que esteve sempre ao meu lado, me apoiando, me reanimando quando o cansaço ou o medo me assombrava. Obrigada pela sua enorme paciência, Amore!

Lina, minha amiga querida, muito obrigada por sonhar e viajar comigo neste trabalho.

Obrigada, meu pequenino e grande Raul! Você me fez descobrir uma força e um amor que até então desconhecia e que foram fundamentais para finalização desta pesquisa.

Agradeço a minha família por estar sempre presente na minha vida.

À Débora pelas longas conversas e pelo grande apoio.

À Elvira pelo apoio, pelo incentivo e pelas nossas maravilhosas tardes de italiano.

À todas pessoas que foram muito gentis em me receber para entrevista e um agradecimento especial a Délia por ter aberto as portas da sua casa e da sua vida.

Agradeço a CAPES pelo financiamento, sem este o trabalho não seria o mesmo.

Meu profundo agradecimento a todos!

RESUMO

A tese trata sobre Paulo Maria Tonucci, padre italiano, que veio para o Brasil trabalhar como missionário no período de 1966 a 1994. A Teologia da Libertação passou a ser sua prática sacerdotal ao longo do seu trabalho missionário. Ajudou na organização do Grupo de Evangelização da Periferia de Salvador, desenvolveu livros, boletins e histórias em quadrinhos voltados para as comunidades eclesiais de base. Fez parte da formação da Comissão de Justiça e Paz de Salvador, atuou junto a grupos religiosos de resistência à ditadura civil-militar, auxiliou movimentos sociais de bairro e acolheu perseguidos políticos. Foram encontrados registros que mostram os Órgãos de repressão da ditadura mantendo Paulo e outros padres sob constante vigilância. A pesquisa foi realizada com amplo arquivo pessoal do personagem e vasto número de entrevistas realizadas relatando o trabalho dele junto à comunidade e com movimentos sociais. Da reconstrução da trajetória de Paulo Tonucci foi possível traçar o perfil de uma pessoa multifacetada, com relacionamento com diversos segmentos sociais, tendo envolvimento com grupos religiosos e políticos de grande importância no cenário político de resistência à ditadura.

Palavras-chave: Teologia da Libertação; Comunidades Eclesiais de Base; Movimentos sociais de bairro; Perseguidos políticos; Ditadura civil-militar.

ABSTRACT

The thesis deals about Paulo Maria Tonucci, an Italian priest who came to Brazil to work as a missionary between 1966 to 1994. The Theology of Liberation has become his priestly practice along his missionary work. He helped to organize the Evangelization Group of Salvador Periphery, developed books, newsletters and comic books for ecclesial base communities. He was part of the formation of the Commission of Justice and Peace of Salvador, served with the religious group of resistance to civil-military dictatorship and helped neighborhood social movements. Records were found showing the Dictatorship Repression Service keeping Paulo and others priest under constant surveillance. The research was realized with extended personal archives of Paulo and a lot of interviews reporting his work near the community and social movements. From the reconstruction of trajectory of Paulo Tonucci it was possible to trace the profile of a multi-faceted person, with relationship with various social segments, he was involved with religious groups and politicians of great importance in the political scene dictatorship resistance.

Key Words: Theology of Liberation; Ecclesial Base Communities; Neighborhood Social Movements; Persecuted Politicians; Civil-military Dictatorship.

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1: “SALVADOR BAHIA JANEIRO 1968 – A IGREJA DE FAZENDA GRANDE: ESCOLA DE CATECISMO A CÉU ABERTO” - FOTOGRAFIA DO LIVRO <i>DON PAOLO</i> , 2004, P. 42.....	26
FIGURA 2: A IGREJA DE FAZENDA GRANDE ATUALMENTE E HOJE ELA SE CHAMA IGREJA CATÓLICA NATIVIDADE DO MENINO JESUS. FOTOGRAFIA DE GISELE OLIVEIRA DE LIMA NO DIA 18/08/2014.....	26
FIGURA 3: “FAZENDA GRANDE 1967 – PAULO, JOSÉ DE MELO (DIÁCONO PERMANENTE) E OUTROS INICIANDO OS TRABALHOS PARA CONSTRUIR A IGREJINHA DE FAZENDA GRANDE” - FOTOGRAFIA DO LIVRO <i>DON PAOLO</i> , 2004, P. 47.....	27
FIGURA 4: “FAZENDA GRANDE 1970 – ESQUERDA PARA DIREITA - PAULO, JOSÉ MELO E JOAQUIM NA OCASIÃO DO INÍCIO DOS TRABALHOS DE CONSTRUÇÃO DA ESCOLA PROFISSIONAL “1º DE MAIO”. JOAQUIM DEPOIS FOI INSTRUTOR DO CURSO DE MARCENARIA NA MESMA ESCOLA. FOTOGRAFIA DO LIVRO <i>DON PAOLO</i> , 2004, P. 60	28
FIGURA 5: ASV_ ACE_4495_82 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.....	33
FIGURA 6: ASV_ ACE_4495_82 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.....	34
FIGURA 7: ASV_ ACE_4495_82 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.....	35
FIGURA 8: ASV_ ACE_4495_82 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.....	36
FIGURA 9: ASV_ ACE_4495_82 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.....	37
FIGURA 10: ASV_ ACE_3938_82 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.....	39
FIGURA 11: ASV_ ACE_3938_82 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.....	40
FIGURA 12: AC_ ACE_88229_75 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.....	42
FIGURA 13: ASV_ ACE_10922_82 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.	44

FIGURA 14: ASV_ACE_10922_82 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.	45
FIGURA 15: BR_AN_BSB_VAZ_091_0038/89 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.	46
FIGURA 16: BR_AN_BSB_VAZ_091_0038/89 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.	47
FIGURA 17: ARJ_ACE_11401_84 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.	48
FIGURA 18: ARJ_ACE_11401_84 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.	49
FIGURA 19: ARJ_ACE_11401_84 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.	50
FIGURA 20: ARJ_ACE_11401_84 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.	51
FIGURA 21: ARCO DO ALTAR DA IGREJA MATRIZ SÃO TOMAZ CANTUÁRIA DO DIA 27 DE ABRIL DE 2015.	58
FIGURA 22: ARCO SOBRE A SAÍDA PRINCIPAL DA IGREJA MATRIZ SÃO TOMAZ CANTUÁRIA DO DIA 27 DE ABRIL DE 2015.	59
FIGURA 23: ARCO SOBRE UMA DAS SAÍDAS LATERAIS. IGREJA MATRIZ SÃO TOMAZ CANTUÁRIA DO DIA 27 DE ABRIL DE 2015.	59
FIGURA 24: VITRAIS LATERAIS DA IGREJA MATRIZ SÃO TOMAZ CANTUÁRIA DO DIA 27 DE ABRIL DE 2015.	60
FIGURA 25: VITRAIS LATERAIS DA IGREJA MATRIZ SÃO TOMAZ CANTUÁRIA DO DIA 27 DE ABRIL DE 2015.	61
FIGURA 26: VITRAIS LATERAIS DA IGREJA MATRIZ SÃO TOMAZ CANTUÁRIA DO DIA 27 DE ABRIL DE 2015.	62
FIGURA 27: VITRAL DO ALTAR DA IGREJA MATRIZ SÃO TOMAZ CANTUÁRIA DO DIA 27 DE ABRIL DE 2015.	63
FIGURA 28: TÚMULO DE PAULO MARIA TONUCCI NA CIDADE DE FANO-ITÁLIA. FOTO DO DIA 19/02/2014.	64
FIGURA 29: AC_ACE_58206_86 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.	66
FIGURA 30: AC_ACE_58206_86 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.	67
FIGURA 31: AC_ACE_58206_86 - ARQUIVO NACIONAL COORDENAÇÃO REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL. DATA 23 DE DEZEMBRO DE 2014.	68

FIGURA 32: DISCURSO EM OCASIÃO DO RECEBIMENTO DO TÍTULO DE CIDADÃO DE SALVADOR	69
FIGURA 33: DISCURSO EM OCASIÃO DO RECEBIMENTO DO TÍTULO DE CIDADÃO DE SALVADOR	70
FIGURA 34: HENFIL, FRADIM DE LIBERTAÇÃO. RIO DE JANEIRO: RECORD, 1984, P. 5-10. **	98
FIGURA 35: PÁGINA 2 DO QUADRINHO “ABRIR LAS PUERTAS A UN NUEVO MUNDO: PUEBLA” DE PAULO TONUCCI.	101
FIGURA 36: PÁGINA 5 DO QUADRINHO “ABRIR LAS PUERTAS A UN NUEVO MUNDO: PUEBLA” DE PAULO TONUCCI.	104
FIGURA 37: "LA MACCHINA DELLA SCUOLA" DE FRANCESCO TONUCCI (1970).	105
FIGURA 38: PÁGINA 6 DO QUADRINHO “ABRIR LAS PUERTAS A UN NUEVO MUNDO: PUEBLA” DE PAULO TONUCCI.	109
FIGURA 39: PÁGINA 8 DO QUADRINHO “ABRIR LAS PUERTAS A UN NUEVO MUNDO: PUEBLA” DE PAULO TONUCCI.	114
FIGURA 40: PÁGINA 12 DO QUADRINHO “ABRIR LAS PUERTAS A UN NUEVO MUNDO: PUEBLA” DE PAULO TONUCCI.	115
FIGURA 41: PÁGINA 13 DO QUADRINHO “ABRIR LAS PUERTAS A UN NUEVO MUNDO: PUEBLA” DE PAULO TONUCCI.	116
FIGURA 42: PÁGINA 21 DO QUADRINHO “ABRIR LAS PUERTAS A UN NUEVO MUNDO: PUEBLA” DE PAULO TONUCCI.	119
FIGURA 43: PÁGINA 14 DO QUADRINHO “ABRIR LAS PUERTAS A UN NUEVO MUNDO: PUEBLA” DE PAULO TONUCCI.	121
FIGURA 44: PÁGINA 16 DO QUADRINHO “ABRIR LAS PUERTAS A UN NUEVO MUNDO: PUEBLA” DE PAULO TONUCCI.	122
FIGURA 45: PÁGINA 30 DO QUADRINHO “ABRIR LAS PUERTAS A UN NUEVO MUNDO: PUEBLA” DE PAULO TONUCCI.	123
FIGURA 46: CAPA DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS "QUE SEJA DE TODOS O QUE DEUS CRIOU PARA TODOS", AUTOR PAULO TONUCCI, 1979.	125
FIGURA 47: PÁGINA 18 DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS "QUE SEJA DE TODOS O QUE DEUS CRIOU PARA TODOS", AUTOR PAULO TONUCCI, 1979.	130
FIGURA 48: PÁGINAS 6 E 7 DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS "QUE SEJA DE TODOS O QUE DEUS CRIOU PARA TODOS", AUTOR PAULO TONUCCI, 1979.	131
FIGURA 49: PÁGINA 18 DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS "QUE SEJA DE TODOS O QUE DEUS CRIOU PARA TODOS", AUTOR PAULO TONUCCI, 1979.	133
FIGURA 50: PÁGINA 20 DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS "QUE SEJA DE TODOS O QUE DEUS CRIOU PARA TODOS", AUTOR PAULO TONUCCI, 1979.	134

FIGURA 51: L'UNICO RIMEDIO. IN: L'ASINO: SETTIMANALE ILLUSTRATO, 1923, N. 14, P. 8. DESENHISTA: GALANTARA, GABRIELE. SITE DO SISTEMA BIBLIOTECÁRIO ATENEU, DA UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI MILANO. DISPONÍVEL: HTTP://OPAC.UNIMI.IT/SEBINAOPAC/OPAC?ACTION=SEARCH&THNOMEDO	135
FIGURA 52: PÁGINAS 16 E 17 DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS "QUE SEJA DE TODOS O QUE DEUS CRIOU PARA TODOS", AUTOR PAULO TONUCCI, 1979.	137
FIGURA 53: CAPA DA HISTÓRIA EM QUADRINHO ANO 1º DA CRIANÇA BRASILEIRA, AUTOR PAULO TONUCCI, 1979.....	138
FIGURA 54: PÁGINA 16 DA HISTÓRIA EM QUADRINHO ANO 1º DA CRIANÇA BRASILEIRA, AUTOR PAULO TONUCCI, 1979.....	139
FIGURA 55: TIRA DO BOLETIM "O MENSAGEIRO" - "SALVADOR UMA ARQUIDIOCESE COM 300 ANOS", N. 8, AUTOR PAULO TONUCCI, 03/10/1976.	149
FIGURA 56: TIRA DO BOLETIM "O MENSAGEIRO" - "HISTÓRIA DO BRASIL" Nº 29, AUTOR PAULO TONUCCI, 1977.	151
FIGURA 57: TIRA DO BOLETIM "O MENSAGEIRO" - "HISTÓRIA DO BRASIL" Nº 30, AUTOR PAULO TONUCCI, 1977.	152
FIGURA 58: CARTEIRA DE TRABALHO DE MARIVALDA FERREIRA DOS SANTOS.	165
FIGURA 59: REGISTRO DE MARIVALDA COMO FUNCIONÁRIA DA ESCOLA 1º DE MAIO ASSINADO POR PAULO TONUCCI.	165
FIGURA 60: AS MORADORAS DE FAZENDA GRANDE - DA ESQUERDA À DIREITA: MARIVALDA, MARIA BONFIM E NORMA LÚCIA.	167
FIGURA 62: REGISTRO FOTOGRÁFICO DA ENTREVISTA REALIZADA COM JAQUES WAGNER NO DIA 03/01/2014.....	180

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP – Ação Popular

APITO - Associação Paulo Tonucci

ASV – Agência Salvador

CEAS – Centro de Ação Social

CEB – Comunidade Eclesial de Base

CEDITER - Comissão Evangélica dos Direitos da Terra

CEHILA - Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina

CELAM - Conselho Episcopal Latino-americano

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e Caribe

CF – Campanha da Fraternidade

CIE – Centro de Informações do Exército

CJP – Comissão de Justiça e Paz

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CPT – Comissão Pastoral da Terra

FSLN - Frente Sandinista de Libertação Nacional

HQ – História em Quadrinho

IAB – Instituto de Arquitetos da Bahia

JUC - Juventude Universitária Católica

MCC – Movimento Contra Carestia

PC do B – Partido Comunista do Brasil

PT – Partido dos Trabalhadores

SNI – Serviço Nacional de Informação

SSP – Secretaria de Segurança Pública

TdL – Teologia da Libertação

UNB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I: FAMÍLIA, SACERDÓCIO E POLÍTICA: PAULO TONUCCI E SUA TRAJETÓRIA	23
CAPÍTULO II O VATICANO E A AMÉRICA LATINA: A IGREJA E A PERIFERIA	72
OS OLHARES DO VATICANO PARA A AMÉRICA	72
DO CONCÍLIO A AMÉRICA – MEDELLÍN A PUEBLA	83
CAPÍTULO III: SERÁ POR UMA LÍNGUA BÁRBARA QUE A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO FALARÁ A POUÇOS	98
QUEM FOI TONUCCI?	98
“ABRIR LAS PUERTAS A UM NUEVO MUNDO: PUEBLA”	99
REPRODUÇÃO E PÚBLICO ALVO DA HQ.	100
O QUE FALA A HQ?	101
A MÁQUINA DE PADRES: ORIGEM E CONVERGÊNCIAS.	105
MAS SIM, O QUE FALA A HQ?	108
CAPÍTULO IV PAULO TONUCCI E SEUS QUADRINHOS	125
HISTÓRIA EM QUADRINHOS DE PAULO TONUCCI	127
ALÉM DOS DESENHOS	140
CAPÍTULO V OS OLHARES PARA O ALTAR	154
SOB O MESMO SOL DIVERSOS CÉUS SE ABREM PARA CADA JANELA	154
Moradoras de Fazenda Grande	157
Alguns membros da Comissão de Justiça e Paz	167
Militantes políticos que moraram em Fazenda Grande.	176
CAPÍTULO VI BRASIL E ITÁLIA: ENTRE AMIGOS	183
AMIGOS DO BRASIL	184
AMIGOS DA ITÁLIA	206
CONCLUSÃO	218
LISTA DE FONTES	221
REFERÊNCIAS	223
ANEXO “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla”	228

INTRODUÇÃO

O presente trabalho não é uma biografia, nem pode se chamar um levantamento de trajetória de vida. Seria muito presunçoso tentar escrever sobre o padre Paulo Tonucci. Um homem que viveu intensamente não caberá jamais em palavras escritas. Este trabalho não passa de algumas pinceladas sobre o que foi a passagem de Paulo nesta vida. Tudo isso não é falsa modéstia, mas franqueza direta, um dos aprendizados adquiridos com o Paulo que conheci.

Retratar um pouco sobre alguns momentos de Paulo é também procurar compreender o tempo, os espaços, ou seja, o momento histórico, o local, as relações sociais e culturais que ele vivenciou com outras pessoas. Vale destacar que os acontecimentos vividos por ele não são episódios embasados totalmente dentro de uma logicidade ou linearidade, pois são processos onde as mudanças transcorrem de acordo com o sentido ou a importância que se tem no momento em destaque.

Na sua vivência Paulo estava inserido em diversos grupos religiosos e políticos, produziam textos e livros. Ao analisá-lo é também observar os grupos, os objetivos e atuações destes; é buscar compreender as relações sociais ali presente e analisar as críticas e perspectivas de Paulo. Pesquisar sobre os caminhos de uma pessoa não é somente discorrer sobre um único sujeito, mas analisar o seu entorno – pessoas ou grupos, que se envolvem e fazem parte desse novelo de lã. João José Reis (2008) adentrou em diferentes mundos quando tornou Domingos Sodré o seu guia para penetrar no mundo dos libertos africanos que fizeram acordos com os seus senhores ou compraram sua alforria.

Do mesmo modo pode-se dizer ao se debruçar sobre caminhos percorridos por Paulo. Significa deixá-lo guiar por direções onde se pode tentar compreender as relações sociais em paróquias de periferia, em grupos político-religiosos, a exemplo do Grupo Moisés, Grupo Evangelização da Periferia, assim como em movimentos sociais – Trabalho Conjunto, Movimento Baixa do Marotinho, e órgãos religiosos de caráter social – Comissão de Justiça e Paz e Movimento Familiar Cristão. Além da sua prática político-religiosa, Paulo também deixou reflexões sobre as transformações da Igreja e a Teologia da Libertação.

A pluralidade de movimentos e grupos o qual Paulo fez parte expressa o quanto o contexto social não é algo coerente, homogêneo nem tão pouco sistemático. O contexto pode ser interpretado:

(...) como um local que imputa significado a particulares supostamente “estranhos” ou “anômalos”, revelando seu significado oculto e conseqüentemente seu ajustamento a um sistema; ou, por outro lado, como um ponto de descoberta do contexto social em que um fato aparentemente anômalo ou insignificante assume significado, quando as incoerências ocultas de um sistema aparentemente unificado são reveladas. (LEVI, In: BURKE, 1992, p. 155).

Os momentos vividos por Paulo são “pontos de descobertas” que trazem questionamentos e informações sobre o período da ditadura civil-militar. Esses lampejos auxiliam vislumbrar o papel e a importância da esquerda católica e como se encontrava Salvador e a Bahia no cenário político da ditadura. Além de mostrar o surgimento da Comunidade Eclesial de Base na periferia de Salvador e o processo de resistência popular na capital, no final da década de 1970.

Além do engajamento político de Paulo, ele era um padre. Ou seja, um funcionário que exerce sua função a serviço de uma associação com base em relações associativas e capacitadas pelo saber específico dentro de uma doutrina fixamente regulada (Weber, 1999, p. 294). Isto significa que as suas análises teológicas embasavam o seu envolvimento com movimentos sociais e grupos político-religiosos.

Do mesmo modo, suas vivências em meio às disputas políticas e sociais tiveram grande repercussão na sua atuação dentro da Igreja. Esta pesquisa trata um pouco destes elementos levantados, como também sobre o peso da representatividade que se tem a função padre para uma sociedade que possui uma formação cultural católico-cristã e a repercussão disto numa comunidade periférica de Salvador.

Paulo viveu tão intensamente e ativamente sua vida que, ao longo da pesquisa, se percebeu que a melhor maneira em tratar sobre ele sem cometer exageros era se ater ao seu trabalho, o seu legado. Os documentos e as fontes orais não compuseram um quebra-cabeça de encaixe perfeito para formar um todo harmonioso, o momento histórico contribuiu e muito para composição e recomposição deste quebra-cabeça. Em alguns momentos o trabalho abraçou a seara da possibilidade interpretativa, ou seja, da verossimilhança, por não haver mais pedras que se encaixavam entre si, mas que se relacionavam em meio às lacunas do quebra-cabeça.

Os diferentes documentos e depoimentos orais apontam imagens divergentes sobre Paulo, algumas dissonantes outras bem congruentes. Tonucci, em certos momentos, era apontado como radical, inclusive, como “a esquerda dos mais esquerdistas” como dizia padre

Renzo. Já os moradores do Novo Marotinho¹o viam como importante parceiro de luta, a ponto de fazerem uma placa de homenagem póstuma na praça principal do bairro. No entanto, Theresinha Dantas de Menezes² o enxergava como um homem de muitas lutas com qualidades e defeitos e ela o admirava justamente por suas batalhas. Cada breve relato é a expressão da relação existente entre Paulo e o entrevistado, isto é, cada memória vai de acordo com a relação vivida.

Grande parte desta pesquisa se deve a disponibilidade de Délia Bonisegna, companheira de vida de Paulo, em permitir a pesquisa no arquivo pessoal dele. Foi através dela que alguns contatos foram obtidos para realização das entrevistas, já outros foram conseguidos através de pesquisa na internet. Todos os entrevistados receberam bem a ideia de uma entrevista sobre Paulo, demonstrando grande entusiasmo. Como Paulo tinha inúmeros amigos, foi preciso uma seleção de quais entrevistas seriam imprescindíveis para estarem presente no trabalho. Esta seleção foi baseada na proximidade, no envolvimento em atividades com Paulo e na recordação de fatos ou momentos muito diferentes que valesse a pena analisar para mostrar um pouco de Paulo no cotidiano.

Paulo andava muito de bicicleta assim como Renzo na época. Ele visitava muito as pessoas, onde dava para ir de bicicleta, porque a Fazenda Grande era muito acidentada. Meu tio quando via: “Lá vem aquele padre comunista.”. Comunista naquela época era um nome muito feio. Mas ele (tio de Teresa) nunca teve rejeição, ele dizia assim, mas sempre aceitou Paulo. Depois eu descobri que ele tinha escondido livros de Jorge Amado, Graciliano Ramos. (...) Ele dizia padre comunista, mas ele também... (risos). (Teresa Dantas, Entrevista realizada no dia 06/12/2013)

Memórias como estas que falam tanto, do simples hábito de andar de bicicleta, algo incomum no Brasil um padre de bicicleta, à fala do tio de Teresa “padre comunista”. Essa fala mostra o olhar do tio de Teresa, mas pode dar indícios das interpretações da comunidade em relação a Paulo. Importante destacar que as entrevistas foram analisadas como fonte não suficiente em si mesma, procurou-se averiguar possíveis contradições entre as fontes escritas e as orais. Este confronto não tem como pretensão estabelecer qual é o mais verdadeiro, mas analisar os pontos de convergência e compreender os pontos díspares sobre o fato, avaliando os variados posicionamentos, os sentimentos e identificando as opiniões dos sujeitos à época do acontecimento e atualmente.

Pierre Nora assinala que, se no Ocidente “a memória aliena e a história libera”, naquele país há que afirmar o inverso: “contra uma história

¹ Bairro conquistado após a luta do Movimento Baixa do Marotinho. Ver: LIMA (2009).

² Amiga do sacerdote desde a sua chegada na Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe.

que se transformou em prática da mentira em nome de uma pretensa cientificidade, o retorno à memória pode não ser o acesso imediato à verdade histórica, mas é certamente o símbolo da liberdade e da alternativa à tirania”. Portanto, se a memória viva encerra inúmeras riquezas sobre o passado stalinista que os arquivos não poderiam certamente reconstituir integralmente, nem por isso ela apresenta menos riscos. (ROUSSO, In: FERREIRA & AMADO, 2006, p. 100-101)

Pierre Nora questiona uma situação muito comum de levantarem a memória como a expressão do passado imune de problemas de contradições ou até mesmo de falsos testemunhos. Por isso a memória não deve ser tratada como uma fonte superior, e sim tão importante quanto outras. Portanto do mesmo modo repleta de problemas que precisam ser dirimidos com uso da teoria e metodologia.

Uma das coisas que deve ser destacada no momento de analisar as entrevistas é a respeito das interpretações sobre o passado, estas sofrem mudanças ao longo do tempo.

A primeira coisa que emerge da comparação entre as lembranças de Marianne e relatos contemporâneos é que em alguns casos um tipo de polarização aparece em seu depoimento. De um lado, havia pequenos exageros ou supervalorizações de experiências. Particularmente em relação a algum acontecimento traumático, as circunstâncias que envolviam aquele evento muitas vezes assumiam dimensões maiores na lembrança de Marianne. Períodos de tempo eram duplicados ou triplicados – a duração da prisão de seu pai em Dachau depois da Noite dos Cristais em 1938 transformou-se em dois meses em sua memória, mas na realidade foram três semanas. (ROSEMAN. In: FERREIRA, 2000, p. 126-127)

Essa situação relatada por Mark Roseman mostra o quanto a memória se transforma, ela não é estável, o presente, as reflexões têm grande peso sobre a memória. Alguns entrevistados ao longo da pesquisa faziam reflexões sobre suas ações do passado e, algumas vezes, omitiam certas informações por considerar que certos acontecimentos não deveriam ser tão valorizados, tentando assim dar outro feitiço à memória. Isso tudo acontece porque o entrevistado pode reavaliar certos posicionamentos que possuía por meio do acesso às informações ou análises que desconhecia ou, até mesmo, muda de visão perante os problemas da realidade, influenciando na sua interpretação sobre os fatos.

Determinadas discrepâncias ou o silêncio não são provocados pela própria memória, mas reflexo de autoproteção podendo ser inconsciente ou resultado de uma omissão intencional. Ou seja, “a memória, não é um núcleo compacto e impenetrável para o pensamento e a linguagem, mas um processo moldado (“elaborado”) no tempo histórico” (PORTELLI, In: FERREIRA & AMADO, 2006, p.109)

Assim, o trabalho com a fonte oral requereu um conhecimento prévio sobre o tema para que durante a entrevista o pesquisador pudesse identificar determinadas variantes e tentar dirimi-las no transcorrer do depoimento. Isso foi importante, porque a partir daí pôde-se identificar certos acontecimentos e ações que não foram ditos por completo. Apesar do meio silêncio, a filtragem foi percebida devido ao confronto de fontes.

Falar do outro é dizer um pouco de si também. Provavelmente, este meio silêncio foi resultado de que:

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta dos outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLACK, 1992, vol. 5, n. 10, p. 204)

A memória e a identidade não são formas engessadas, mas tolerantes a mudanças e negociações. Rememorar é trazer o passado ao presente exteriorizando novas interpretações, novas experiências, novas informações. Por conta disto, percebe-se a tentativa de se valorizar certas ações de Paulo ofuscando outras tão importantes quanto. Um exemplo disto foi a dificuldade em encontrar entrevistados que relatassem sobre como Paulo auxiliava grupos clandestinos e quais grupos eram estes.

Apesar de já se ter passado trinta anos após a instauração do primeiro governo civil pós a Ditadura Civil-Militar, ainda paira entre muitos, que viveram as repressões e perderam entes queridos, o temor de sofrerem perseguições. Esse medo permanece talvez por conta de que as cicatrizes daquele período foram muito profundas. Há também o fato de que as atrocidades cometidas na ditadura não foram discutidas, sequer julgadas e condenadas. Muitos assassinos e torturadores continuaram sua vida social, sendo reverenciados entre os seus. Estes criminosos permanecem circulando na sociedade atestando a impunidade e reproduzindo o discurso de que a invasão comunista foi impedida de se dissipar nos anos de sessenta e setenta do século XX. Pode-se analisar que a redemocratização deixou muitas pendências e que, nos tempos atuais, estas vêm sendo retomadas de maneira muito violenta, não deixando muito espaço para reflexões e muito menos para ações refletidas.

Por conta disso tudo, amigos de Paulo talvez tenham receios em revelar a atuação dele junto a grupos clandestinos, preferindo enfatizar a associação dele com a luta junto com o povo, ou melhor, com os movimentos sociais populares. Pincelando assim uma memória sobre o Paulo voltado para os subalternos, sem dar maiores explicações sobre a ligação de

Paulo a grupos clandestinos. Isto é, não se sabe que grupos eram estes, quais suas táticas de ação, adeptos ou não a resistência armada. Este meio silêncio só enfatiza de que a redemocratização trouxe a democracia com pés embebidos pela lama de sangue da impunidade.

Outra importante fonte utilizada para se falar um pouco sobre o trabalho de Paulo na comunidade, sobre suas reflexões a respeito da Igreja e do cenário político da época foram os quadrinhos elaborados por ele. Paulo fez muitos quadrinhos abordando diferentes temas desde religiosos a eleições. Devido a importância dos quadrinhos no trabalho pastoral de Paulo, dois capítulos foram desenvolvidos a partir de duas histórias. O capítulo “Paulo Tonucci e seus quadrinhos” faz um apanhado geral sobre a importância, sobre os temas e o público destes quadrinhos. Já o capítulo “Será por uma língua bárbara que a Teologia da Libertação falará a poucos” analisa um quadrinho onde ele retrata as disputas internas dentro da Igreja, abordando questões ideológicas e teológicas.

Outro tema abordado no trabalho é sobre a Igreja. O capítulo “O Vaticano e a América Latina: a Igreja e a periferia” discute sobre os olhares e ações do Vaticano em relação a América Latina, debate também sobre a II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín e a III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Puebla. Paulo acompanhou de perto os debates sobre as transformações da prática e concepção teológica da Igreja Católica. Neste capítulo se discute também sobre o surgimento da Teologia da Libertação, suas implicações e resistências dentro da Igreja. Essa discussão busca expor os temas que estavam em alta nos anos de 1970 na Igreja e que tiveram grande influência na prática teológica e político-social de Paulo Tonucci.

Além da discussão sobre a Igreja, o capítulo “Família, sacerdócio e política: alguns momentos de Paulo Tonucci” foram desenvolvidos com o objetivo de traçar algumas passagens que se sobressaíram em documentos e relatos sobre ele. Este capítulo fala sobre sua família, sua formação religiosa, sua decisão de ser missionário, de vir para o Brasil. A sua missão no Brasil foi marcada com muitas ideias, muitos projetos e muito trabalho. Pode-se dizer que Paulo, nos termos atuais, era um “*workaholic*”. Ele estava sempre envolvido em um trabalho, seja em Salvador, seja em Camaçari, seja em suas viagens pela Europa buscando angariar fundos para realização dos seus projetos.

Todo esse comprometimento com a sua função de padre e a concepção teológica em defender e pregar a libertação da alma e, também, social chamou muito atenção. Os órgãos de repressão passaram a acompanhar de perto os passos de Paulo e de diversos outros sacerdotes que colocaram em prática a Teologia da Libertação. Os documentos deste

patrulhamento demonstram que após a posse do presidente José Sarney, os grilhões da repressão e vigilância ainda se mantiveram no Brasil. Paulo e outros padres continuaram sendo vigiados mesmo depois de 1985. Mais uma prova que elementos da ditadura não foram totalmente extintos com a redemocratização, o que reafirma o cuidado dos amigos de Paulo em não discutir sobre os grupos clandestinos.

Já o capítulo “Os olhares para o altar” trata sobre as diferentes memórias que amigos e familiares guardaram sobre Paulo. Ou será os Paulos?! Neste capítulo a preocupação foi separar os diferentes depoimentos: alguns membros da paróquia; amigos do Brasil, que não era, necessariamente, brasileiro; e amigos e familiares da Itália. Essa divisão se mostrou interessante por demonstrar que a questão espacial também recai sobre o modo como as memórias vão sendo construídas. Os amigos do Brasil ao vivenciarem ou visualizarem as experiências dos projetos de Paulo detiveram um testemunho diferenciado em relação aos amigos da Itália. Estes vinham imbuídos com o olhar apenas da experiência italiana, isto é, com certo distanciamento da cultura e vivência brasileira.

Como já foi dito inicialmente, esta pesquisa não é uma biografia, e sim algumas considerações sobre Paulo e seus trabalhos. A presença de Paulo em recordações de entrevistados durante o mestrado sobre o Movimento Baixa do Marotinho e a surpresa de encontrar histórias em quadrinhos dos anos de 1970, que tratava de temas até hoje difíceis de debater, foram uma das coisas que me atentaram sobre a existência dele.

Com o tempo fui percebendo o seu comprometimento com a luta pela democracia, pela sociedade, e o seu constante interesse em trabalhar pela formação e libertação dos segmentos subalternos. Durante a construção do projeto de doutorado se descobriu que ele havia ido morar em Camaçari por conta do Polo Petroquímico em 1981. Estas descobertas foram importantes para começar a desvendar Paulo Tonucci, no entanto, com o passar dos anos de pesquisa, elas foram ficando muito próximas com experiências e vivências particulares. Um bom exemplo disto foi o meu interesse e preocupação com a luta política e social que fazem parte da minha história de vida, talvez seja por isso que me interessei em estudar Paulo.

Além disso, há também a proximidade espacial: eu nasci em Camaçari no mesmo ano em que ele chegou lá. Tudo isto pode parecer algo piegas, mas Camaçari fez parte da minha vida não apenas por estar no meu registro de nascimento, mas por fazer parte da história de vida profissional do meu pai e do meu avô, ou seja, Camaçari sempre esteve presente na minha casa, mesmo eu morando em São Sebastião do Passé.

Apesar disto, o que mais ressoou em meio a essas aproximações foi o fato de Paulo ter se tornado um personagem passível de estudo para uma estudante não especialista em História das Religiões. Foi justamente neste ponto que ele ficou mais próximo, no momento em que tornou um padre muito além das quatro paredes da Igreja. Foi quando eu me dei conta que talvez eu não tenha escolhido o objeto de estudo, mas ele é que me escolheu. Entretanto, alguns podem argumentar que estas ideias de aproximações particulares pode ser algo construído inconscientemente devido ao apreço que desenvolvi por ele ao longo destes anos. Pode até ser verdade, mas quem não nunca convidou o seu objeto de estudo para visitar sua casa que “atire a primeira pedra”. Diante de tudo isto, sinta-se a vontade em conhecer um pouco sobre este personagem que nasceu italiano, mas morreu brasileiro.

CAPÍTULO I:

FAMÍLIA, SACERDÓCIO E POLÍTICA: PAULO TONUCCI E SUA TRAJETÓRIA

Todo Risco

*A possibilidade
de arriscar
é que nos faz homens.*

*Voo perfeito
no espaço que criamos.
Ninguém decide
sobre os passos que
evitamos.*

*Certeza
de que não somos pássaros
e que voamos.*

*Tristeza
de que não vamos
por medo dos caminhos.*

Damário Dacruz

Como começar a tratar sobre uma pessoa e sua trajetória de vida? Devemos começar do nascimento ou da sua morte? Talvez o melhor começo seja onde surgiu o interesse de pesquisa sobre Paulo Maria Tonucci. Tudo começou em 26 de agosto de 2008, quando se notou a foto de Paulo Tonucci, ao lado do Coração de Jesus, no meio da parede da sala da casa de Carmosina Ferreira Couto e Alcebíades Ferreira Couto, ambos moradores do bairro Novo Marotinho. Daí surgiu os questionamentos: Quem é realmente este senhor? O que ele fez de tão marcante que mereça estar ao lado do Coração de Jesus? Estas foram as primeiras perguntas, só foi o começo.

Paolo Maria Tonucci nasceu no dia 4 de maio de 1939 na cidade de Fano e sua ordenação sacerdotal se deu no dia 29 de junho de 1962. Já padre Paulo “nasceu” no dia 6 de janeiro de 1966. A vida de Paolo Tonucci a partir de 1966 se transformou profundamente, sendo mais conhecido como padre Paulo. Novos paradigmas surgiram e repercutiram fortemente sobre os seus pensamentos, estilo de vida, trabalho e cultura.

A Igreja desde o papado de Pio XII já fazia campanha para encaminhar sacerdotes do velho mundo para América Latina devido a sua forte carência de religiosos. Esta campanha foi reforçada com o papa João XXIII e o Concílio Vaticano II. Nesta seara Paulo Tonucci e

Renzo Rossi se entusiasmaram em pregar o evangelho em terras estrangeiras onde a pobreza e a carência de representantes de Deus era muito grande.

Havia a ideia que na Itália padres eram mais que suficientes. Então começaram a procurar e ele (Paulo) começou a pedir ao Arcebispo que desejava ir como voluntário na América Latina. Naquele momento, se pensava, aliás pensavam eles, sobretudo na Argentina. Porque já tinha um grupo de sacerdotes de Marche que iam para Argentina. Então o Arcebispo disse: Se vai, deve ir para lá.

O Arcebispo era um senhor, e não estava nada contente que Paulo fosse, mas com a influência de outros, eles acabou aceitando. Depois de três anos que ele foi ordenado sacerdote, ele foi para Verona. Eu já era seminarista, era em 1965. Durante o período de formação em Verona, tinha um curso que se chamava “O curso de Ceila” era uma comissão episcopal italiana pela América Latina. Em Verona ele fez este curso e dali ele conheceu senhor Renzo Rossi. Se deram muito bem. Quando Paulo ouviu que Renzo iria para o Brasil, ele disse que iria com ele. [...]

Paulo teve esta ideia (se tornar missionário), com muita generosidade, de responder aquilo que era o momento particular da Igreja. O Concílio ainda não tinha finalizado, mas ele sentia esta vontade de levar a todos o Evangelho. Depois ele chegou no Brasil e conheceu a realidade brasileira. (Giovanni Tonucci, entrevista realizada no dia 27/02/2014)

Foi em Verona, durante o curso da Comissão Episcopal italiana pela América Latina – curso preparatório para os sacerdotes que estavam destinados a missão latino-americana, que ele conheceu Renzo Rossi. Após grande empatia, ele resolveu acompanhar Renzo na sua mudança para o Brasil, não mais seguindo o grupo da Região Marche, a qual a cidade de Fano fazia parte, que estava destinado a ir para Argentina.

Antes de deixar Fano, vale conhecer um pouco mais sobre Paolo Tonucci e sua família. Paolo era o primogênito do casal Bruno Tonucci e Amelia Muratori, que tiveram mais três filhos – Francesco, Giovanni e Marco: Francesco se formou em pedagogia e seguiu carreira de pesquisador e cartunista; Giovanni seguiu a carreira sacerdotal e hoje ocupa o cargo de Arcebispo de Loreto; e Marco proprietário de uma oficina automotiva em Fano. Bruno Tonucci trabalhava como enfermeiro no Seminário Regional de Fano e Amélia era dona de casa.

A família Tonucci era muito religiosa. Paulo tinha um tio paterno chamado Domenico Tonucci que pertencia a Congregação Camaldolese da Ordem de São Benedito, ele vivia no convento Eremo di Monte Giove, em Fano. Ele ainda tinha uma tia-avó materna freira que se chamava irmã Georgina e morava em Fossombrone. A influência familiar pode ter tido grande peso sobre a formação religiosa e a opção de Paulo em se tornar padre, mas isto será visto mais a frente.

De qualquer maneira se sabe que Paulo entrou para o Seminário Diocesano de Fano aos onze anos e recebeu a ordenação sacerdotal aos vinte três. Foi vice pároco da paróquia da Catedral em Fano por três anos. Após esse período de vivência resolveu abraçar o desafio de enfrentar outra realidade.

O pouco que eu o via, eu percebi que Paulo se sentia desconfortável em ser padre em nossa cidade. Fano, naquela época, era uma cidade cheia de padre. Tinha um seminário regional, então todos os seminaristas e todos aqueles que se tornavam padres da região Marche, vinham estudar em Fano, tinha de 500 a 600 pessoas. Paulo depois de estar no seminário para pequenos, onde fez a escola média e a escola superior. Fez teologia e passou para o seminário regional. Meu pai era enfermeiro do seminário regional, ele o via frequentemente. Mas Paulo depois que se tornou padre se encontrava mal, porque Fano tinha muitos padres. Ele contava que era tantos que dava fastio um com o outro, havia problemas, inveja, ele não suportava isto. Havia alguns que eram muito atrelados ao dinheiro, outros que tinha... Em suma, era um mundo que ele não gostava. Muito cedo, Paulo decidiu ir para fora, trabalhar onde padre era necessário. (Francesco Tonucci, entrevista realizada no dia 14/02/2014)

Francesco relatou a insatisfação de Paulo em trabalhar em Fano devido ao grande número de padres e as intrigas entre estes. Uma alternativa a esta realidade era abraçar o desafio da América Latina como uma alternativa de superação a prática sacerdotal que ele repugnava. A missão se tornou um encontro com outra Igreja.

Foi no navio Federico Companhia na cidade de Gênova, Itália, com destino ao Rio de Janeiro, Brasil, que Paulo começou a descobrir um novo mundo e, mais tarde, novas perspectivas sacerdotais.

No começo de dezembro, são enviados para paróquias diferentes: Renzo, para Nazaré das Farinhas; Paulo, para Muritiba, ambas cidades próximas de Salvador. Eram experiências destinadas a um pequeno aprendizado sobre a Bahia. No dia 06 de janeiro de 1966, tomam posse na paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe, localizada nas proximidades do largo do Tanque, no Alto do Peru, em Salvador. (José, Emiliano. 2002, p. 68)

Em Salvador, Renzo e Paulo passaram a morar no Alto do Peru e isto foi de grande surpresa. Segundo Renzo, a comunidade não estava habituada em ver os padres morarem na paróquia, o último padre antes deles morava na Liberdade, um bairro um pouco distante da localidade. Em 1968, Giuseppe Ceccherini se uniu a Renzo e Paulo, mas permaneceu na paróquia por três anos. Neste interim, em 1970, Sergio Merlini também se juntou ao grupo de padres da paróquia. Como a paróquia era muito grande, ela foi dividida em três áreas de atuação: Sergio ficou responsável pelo Alto do Peru, Renzo ficou responsável pela área da

Capelinha de São Caetano e Paulo com Fazenda Grande do Retiro. Como Giuseppe não ficou muito tempo na comunidade não se sabe ao certo em qual área ele atuou.

Um dos primeiros trabalhos de Paulo em Fazenda Grande foi a Igreja Vila Natal.



Figura 1: “Salvador Bahia janeiro 1968 – A Igreja de Fazenda Grande: escola de catecismo a céu aberto” - Fotografia do livro *Don Paolo*, 2004, p. 42.

A foto da figura 1 mostra a Igreja Vila Natal, bastante simples, e o curso de catecismo feito a céu aberto; ao fundo, o homem de camiseta de botão é Paulo Tonucci. O prédio inicialmente foi construído de taipa, atualmente, existe uma construção de alvenaria (figura 2) muito distante do aspecto simplório da primeira.



Figura 2: A Igreja de Fazenda Grande atualmente e hoje ela se chama Igreja Católica Natividade do Menino Jesus. Fotografia de Gisele Oliveira de Lima no dia 18/08/2014.

Segundo moradoras, Marivalda, Maria da Conceição, Maria Bonfim, e registros fotográficos, Paulo ajudou na construção da Igreja e “colocou a mão na massa” (figura 3). A ideia de compartilhar com a comunidade o trabalho de construção da Igreja não era visto por ele como algo que ele não deveria se envolver, ele fazia parte da comunidade e, portanto, ele deveria participar da construção como os outros membros. Ele assim queria quebrar esta ideia de distinção entre ele como padre e os outros componentes da paróquia.



Figura 3: “Fazenda Grande 1967 – Paulo, José de Melo (diácono permanente) e outros iniciando os trabalhos para construir a igrejinha de Fazenda Grande” - Fotografia do livro *Don Paolo*, 2004, p. 47.

Após a construção da Igreja, Paulo ficou se revezando entre retornar para o Alto do Peru e dormir em Fazenda Grande. Depois de certo tempo resolveu se fixar no bairro morando num quarto no fundo da Igreja. Sua relação com a comunidade foi se aproximando dos paroquianos, passando a realizar suas refeições na casa dos paroquianos.

Ao longo dos anos de 1970, Paulo foi ficando cada vez mais próximo da comunidade: ele passou a realizar diferentes projetos e um deles foi a construção da Escola 1º de Maio. A escola foi um projeto que inicialmente envolvia um coletivo de italianos leigos e não leigos conhecidos de Paulo e Renzo. Depois a escola passou a envolver outras pessoas desde integrantes da comunidade a perseguidos políticos.



Figura 4: “Fazenda Grande 1970 – esquerda para direita - Paulo, José Melo e Joaquim na ocasião do início dos trabalhos de construção da Escola Profissional “1° de Maio”. Joaquim depois foi instrutor do curso de marcenaria na mesma escola. Fotografia do livro *Don Paolo*, 2004, p. 60

A figura 4 mostra a participação da comunidade na construção da escola como também na formação profissional que foi oferecida. Além dos cursos profissionalizantes, ela também oferecia um espaço para realização de atividades recreativas, reuniões e discussões sobre a comunidade e sobre as problemáticas sociais e políticas que se sucediam no Brasil.

Além do coletivo de italianos da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, Paulo mantinha relação com outros italianos que atuavam no interior da Bahia. Teresa Dantas, amiga de Paulo, chegou a comentar a importância desses contatos.

Então ele se relacionou com as pessoas individualmente, mas também com grupos. Articulação com vários grupos daqui da Bahia - daqui de Salvador, mas também do interior do Estado – de fora da Bahia. [...] Encontro Anual dos Italianos, ele geralmente estava na articulação anual do encontro. E muitas vezes ele ia daqui para Bom Jesus da Lapa, para Vitória da Conquista, lá tinha um grupo de italianos muito bom. Então eu acho que ele articulava isso. (Teresa Dantas, entrevista realizada no dia 06/12/2013)

Teresa comenta sobre a relação que Paulo tinha com diversos grupos sejam religiosos, sejam político-religiosos que atuavam na Bahia. A interação com italianos que trabalhavam na

Bahia era constante. Paulo era um dos organizadores do Encontro Anual dos Italianos, o que permitia criar vínculos com diferentes padres em toda Bahia. Segundo Teresa Dantas, muito destes italianos quando vinha para Salvador ficava em uma residência chamada “Casa dos Italianos”, localizada no bairro da Ribeira.

Eu me lembro que na Catequese, os meninos empinavam arraia, fazia desenhos, coisa que era do dia a dia deles. [...]

A missa dos jovens: cada um levava uma coisa de comer ou de beber. A gente guardava lá. Ele começava a missa, ele ia com a missa até antes do ofertório. Aí suspendia homilia, aquela história toda. Todo mundo ia pra o mar, tomava banho, brincava. Depois se reunia todo mundo e aí começava o ofertório e a comunhão que era para por em comum tudo aquilo que a gente tinha trazido. Tinha uma reflexão toda sobre isso: do dividir, do respeitar o que o outro tem pra dar. [...] Aquela era nossa missa. [...] se reunia em Boa Viagem. Tem até hoje, era **casa dos italianos**. Era uma casa que recebia os italianos que vinham do interior. Então uma vez por mês Paulo pegava para fazer esse encontro – o grupo dos jovens. [...] brincava, contava piada, fazia molequeira. Ele participava de tudo. [...] Na missa nesse tempo já tinha tambores, berimbaus. Eu não sei se na missa da Igreja tinha, eu sei que na missa que a gente tinha, lá (**casa dos italianos**) tinha. (Teresa Dantas, entrevista realizada no dia 06/12/2013 – grifo meu)

Teresa Dantas relatou, ainda, que algumas atividades da Catequese eram realizadas nesta “Casa dos Italianos”. A articulação com estes italianos foi muito importante para realização de atividades e diversos outros projetos. Além dos italianos, Paulo se relacionou com o Grupo Moisés. Este grupo tinha como base norteadora a Teologia da Libertação.

Formado em Salvador por pessoas advindas de diferentes nacionalidades, profissões e realidades, o Grupo Moisés unia estas pessoas em um só objetivo: oferecer resistência à ditadura militar a partir de uma experiência de fé. Era um espaço de reflexão e de partilha de vivências e informações. O nome Moisés fora escolhido para denominar o Grupo porque o personagem bíblico representa a libertação dos hebreus do jugo do faraó. (Varón e Cláudio, 2001, p. 10)

O grupo foi um importante espaço de discussão, onde muitas ideias se desdobraram em projetos e práticas dentro da sociedade, no qual o maior intuito era a conscientização da população para resistência em relação à ditadura civil-militar. O Grupo Moisés começou a se reunir em 1970, mas se tornou conhecido formalmente somente em 1972, quando o abade Dom Timóteo, em plena Sexta-feira da Paixão no Mosteiro de São Bento, leu a carta direcionada ao dom Aloísio Lorscheider presidente da CNBB. A carta exigia um posicionamento da CNBB frente à expulsão do padre José Comblin.

O grupo contava com a participação de diversos sacerdotes, pastor e leigos: o abade Dom Timóeto, os jesuítas Cláudio Perani, Andrés Mato e padre Confa (Gianfranco Confalonieri), além destes tinha também a participação de outros membros do Centro de Ação Social – CEAS – como Joviniano Neto, José Crisóstomo; havia também a atuação de Paulo Tonucci, Renzo Rossi e Sérgio Merlini, além das leigas Délia Boninsegna e Teresa Dantas; houve também a colaboração do pastor presbiteriano Celso Dourado; e a participação dos padres franceses – Pedro Paulo (Pierre Demoulière), João (Jean Lacrevez), Alfredo (Alfred Henri Gruyer) e Camilo (Camille Rolland) – nomes aportuguesados para facilitar a pronúncia da comunidade.

As reuniões do grupo se iniciaram nos anos de 1970 e foi um importante espaço de discussão teórica e prática da Teologia da Libertação. Segundo Pe. Renzo e Délia Boninsegna, a linha de frente do Grupo Moisés era composta por Pe. Paulo e Pe. Cláudio Perani, importante missionário jesuíta que coordenou durante muitos anos o Centro de Ação Social – CEAS (JOSÉ, 2002).

O Grupo Moisés se constituiu em local de articulação e planejamento da ala progressista da Igreja e foi através desta que se organizou e mobilizou o Grupo de Evangelização da Periferia. Délia Boninsegna nos relatou que este grupo de evangelização era um espaço de encontro entre várias paróquias. Através deste grupo que as paróquias se organizavam e apoiavam os nichos de manifestações populares por moradia. (Gisele Lima, 2009, p. 77)

Através do Grupo Moisés, Paulo e outros sacerdotes passaram a organizar e formar o Grupo de Evangelização da Periferia. Este foi um dos projetos que teve grande importância não somente para comunidade de Fazenda Grande, mas também para diversas outras paróquias. O grupo envolvia diversas paróquias – Suburbana, Ribeira, Camaçari, assim como a paróquia Nossa Senhora de Guadalupe (Alto do Peru, São Caetano, Alto da Boa Vista de São Caetano, Capelinha, Fazenda Grande, Baixa do Capim, Bom Juá) - que eram coordenadas por sacerdotes estrangeiros e brasileiros.

Tinha a paróquia e dentro da paróquia tinha as várias comunidades, era o início, era o embrião das Comunidades de Base. Então existia aquilo que era a coisa oficial, a paróquia, mas depois, como eram paróquias imensas, aí surgiam as pequenas comunidades. A comunidade se organizava para ter a catequese para as crianças, fazia a novena de Natal na época de Natal, fazia a Campanha da Fraternidade na época da Quaresma. Mas tinha toda uma formação, acompanhamento por este Grupo de Evangelização que era formado, sobretudo, de vigários de várias paróquias e leigos que colaboravam com os vigários. Aí a gente fazia esse encontro mensal, onde vinha os animadores de todas essas paróquias, da Suburbana, de Camaçari, do CIA, lá de toda Nossa Senhora de Guadalupe e alguns bairros da cidade. Nem todo mundo comungava com isso. Era somente aqueles que acompanhavam certas linhas que era um pouco dentro da Teologia da Libertação. (Délia Boninsegna, entrevista realizada em 2013)

O objetivo do grupo estava voltado para formação de animadores dessas pequenas comunidades que estavam inseridas nas paróquias. De acordo com Délia Bonisegna, o Grupo de Evangelização foi “o embrião das Comunidades de Base”. Dentro deste grupo os debates estavam sendo pautados na perspectiva da Teologia da Libertação, que defendia maior participação da comunidade na Igreja e a presença desta no dia a dia da comunidade, debatendo temáticas religiosas, mas também problemas cotidianos, sociais, econômicos e políticos.

O Grupo confeccionava materiais para serem distribuídos nos cursos de formação, nas novenas de Natal, nas catequeses e nas campanhas de fraternidade da quaresma. Os boletins eram feitos para serem distribuídos nas paróquias e Paulo era um dos mentores destes materiais, sua contribuição era através dos quadrinhos, mas ainda havia a participação de diversos outros sacerdotes. Nos boletins “tinha a presença desses vigários que trabalhavam nas várias paróquias, eram os alemães, tinham alguns jesuítas, tinha os combonianos, que participavam de toda esta” (Délia Bonisegna, E entrevista realizada em 2013).³

O Grupo de Evangelização da Periferia começou a se reunir e produzir seu material na secretaria da Escola 1º de Maio. Neste local começou a ser formada uma pequena gráfica que além de rodar materiais da escola, rodava do Grupo e, também de grupos clandestinos. Depois de certo tempo foi criada uma gráfica do Grupo de Evangelização da Periferia que ficou fixada na Igreja da Penha, no bairro da Ribeira. Délia Bonisegna disse que as introduções dos boletins eram quase sempre feitas pelo cardeal Dom Avelar Brandão Vilela, esta era uma forma de dar aos olhos da censura um aval de idoneidade ao material confeccionado. Apesar disso, ainda assim passava pelo crivo da censura.

A paróquia Nossa Senhora de Guadalupe era constantemente vigiada e, às vezes, tentavam infiltrar estranhos para observar o que Paulo, Renzo e Sérgio discursavam. Renzo, Sérgio Merlini, Giovanni Tonucci e Marivalda dos Santos chegaram a mencionar situações vividas em que perceberam que estavam sendo observados pela repressão.

Esta espionagem gerou vários registros e alguns destes foram encontrados no Arquivo Nacional, Coordenação Regional no Distrito Federal. A disponibilidade e o ineditismo destes documentos são muito importantes para se pesquisar e compreender o período da ditadura civil-militar. A partir destes documentos pode-se avaliar como os órgãos de repressão operavam na vigilância, como atuavam junto a comunidades carentes, como e com quais órgãos compartilhavam as informações coletadas. Além disso, permite analisar o processo de

³ Combonianos – comunidade dos Missionários Combonianos do Coração de Jesus fundada por São Daniel Comboni.

interpretação por parte destes em relação aos grupos religiosos e organizações políticas consideradas subversivas e clandestinas, e ainda ter acesso a informações sobre sua visão em relação à sociedade e estes grupos religiosos subversivos. Deste patrulhamento foram encontrados documentos que tratavam dos “Antecedentes - Paulo Maria Tonucci”.

Confidencial

02/110
FI 01/01



MINISTÉRIO DO EXÉCITO
1 V Ex — CMDO 6.ª RM
2.ª SEÇÃO

INFORME N.º 164/82

Salvador-BA/3 de agosto de 1982

Assunto: ANTECEDENTES - PAULO MARIA TONUCCI

Referência: IB N.º 000242/ASV/82, de 10 Ago 82

Origem: ASV/SNI

Avaliação: A-1

Área: -

Dif. Anterior: -

Difusão: ASV/SNI

Anejos: -

Em relação ao solicitado no documento citado acima, esta AI informa:

PAULO MARIA TONUCCI, com os mesmos DQ - consta o seguinte:

Em Mar 76 esteve na favela do Marotinho por ocasião da execução de mandato judicial de despejo, incitando os invasores ao não acatamento da determinação dificultando, dessa forma a ação da autoridade.

Faz parte do Trabalho Conjunto de Salvador (TC SAL).

Participou como palestrante, de um Congresso sobre "Realidade Atual e Orientação Política Cristã" patrocinado pela Pastoral da Juventude da Arquidiocese de SALVADOR.

Está sempre envolvido nas invasões de terrenos nesta capital.

Foi identificado no Município de CAMAÇARI/BA, fazendo pregações em diversas comunidades (Lama-preta, CAMAÇARI DE DENTRO, MONTE GORDO e adjacências); durante as pregações é colocada uma cesta no centro da capela e é solicitado, a cada fiel, a contribuição mínima de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros)

Integra a Comissão de Justiça e Paz da Diocese de SALVADOR/BA

+++++

Confidencial

Toda pessoa que tomar conhecimento deste documento, é responsável pela manutenção do seu sigilo (Art 12 do KSAS - Dec n.º 79.099/77)

Figura 5: ASV_ ACE_4495_82 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

1329/82

CONFIDENCIAL



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
GABINETE DO SECRETÁRIO
SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

INFORME N.º 0217/82-SSI /SI/SSP/BA

DATA : 18 Ago 82
ASSUNTO : ANTECEDENTES - PAULO MARIA TONUCCI
ORIGEM : SI/SSP/BA. - PGE Nº 1922/82
AVALIAÇÃO : A-1
DIFUSÃO : ASV/SNI
ANEXO :
REFERENCIA : PB Nº 000242/ASV/82, de 10 Ago

a) PAULO MARIA TONUCCI - Sacerdote, filho de Bruno Tonucci e Amélia Muratori, nascido em 04 mai 939-Mano/Itália, ordenado em 29 jun 62-Fano/Itália.

b) Presente em manifestação realizada no dia 13 abr 79, planejada e executada pelo TRABALHO CONJUNTO DE BAIROS, de caráter contestatório ao regime vigente.

c) Participou da comissão de Finanças que arrecadou donativos em prol da manifestação pública contra a carestia, realizada em 23 set 79.

d) Responsável por uma gráfica localizada na Fazenda Grande (fim de linha) que imprimia panfletos para o TRABALHO CONJUNTO DE SALVADOR.

e) Em reunião do MOVIMENTO CONTRA A CARESTIA (MCC), realizada em 22 Set 80, no novo Marotinho, convocou os moradores da referida localidade para que participassem ativamente do Movimento Contra a Carestia (MCC).

f) Envolve-se, constantemente, nas invasões de terrenos ocorridas nesta capital, já tendo sido inclusive, ouvido na Polícia Federal por seu envolvimento na invasão do Marotinho, quando foi um dos responsáveis pela organização e publicidade da referida invasão.

g) Autor do 1º volume do livro IGREJA E PROBLEMAS DE TERRAS onde se reporta, além das questões fundiárias, a HISTÓRIA DO HOMEM e a HISTÓRIA DO BRASIL, abrangendo o período de 1500/1808.

h) Em jan 82, foi visto no município de CAMAÇARI/BA, fazendo pregações em diversas comunidades (LAMA PRETA, CAMAÇARI DE DENTRO,

- continua -

CONFIDENCIAL

Figura 6: ASV_ ACE_4495_82 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014

A T E N Ç Ã O

O original deste documento (com 01 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

CONFIDENCIAL

CONTINUAÇÃO DO INFORME

SSI
No 0217/82/SSI



CONTINUAÇÃO DO

CAMAÇARI DE BENTON, MONTE BORDO e adjacências). Durante as pregações era coletada uma cota no val. de Capela, sendo solicitado de cada fiel, uma contribuição mínima de R\$ 100,00 (cem cruzeiros).

1) Palestrante no Congresso sobre REALIDADE ATUAL E ORIENTAÇÃO POLÍTICA E CRISTÃ, para animadores de grupos jovens de capital e do interior, realizado em mar 82. Tal evento teve por finalidade escolher os animadores para que todos possam conscientizar-se de maneira realista e cristã dos seus papéis, como cidadãos transformadores da sociedade.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL
PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO
DESTE DOCUMENTO. (Art. 12 Dec.
N.º 79099/77 Regulamento para Salva-
guarda de Assuntos Sigilosos).

CONFIDENCIAL

Figura 7: ASV_ ACE_4495_82 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

Toda pessoa que tomar conhecimento deste documento é responsável pela manutenção de seu sigilo. (Art. 12 do RSAS - Dec. n.º 79.099/77)

CONFIDENCIAL



SERVIÇO NACIONAL DE INFO. MAÇÕES
AGÊNCIA DE SALVADOR



INFORME Nº 0003/42/ASV/82

DATA : 25 AGO 82
ASSUNTO : ANTECEDENTES - PAULO MARIA TONUCCI e GIAMPIETRO CORNADO.
ORIGEM : ASV/SNI
AVALIAÇÃO : A-1
REFERENCIA : Telex nº 2024/42/AC/82, de 03 AGO
Telex nº 2147/42/AC/82, de 10 AGO
DIFUSAO : AC/SNI

=====

1. Sobre PAULO MARIA TONUCCI filho de Bruno Tonucci e Amélia Muratori, nascido a 04 MAI 39 em FANO/ITALIA, sacerdote residente a Ladeira Peru nº 48 - Largo do Tanque - SALVADOR/BA, existem os seguintes antecedentes oriundos da SSP/BA:

a) Presente em manifestação realizada, em 13 ABR 79, planejada e executada pelo TRABALHO CONJUNTO DE BAIROS, de caráter contestatório ao regime vigente.

b) Participou da comissão de Finanças que arrecadou donativos em prol da manifestação pública contra a carestia, realizada em 23 SET 79.

c) Responsável por uma gráfica localizada na Fazenda Grande (fim de linha) que imprimia panfletos para o TRABALHO CONJUNTO DE SALVADOR.

d) Em reunião do MOVIMENTO CONTRA A CARESTIA-MCC, realizada em 22 SET 80, no novo Marotinho, concitou os moradores da referida localidade para que participassem ativamente do Movimento Contra a Carestia - MCC.

Continua.....

CONFIDENCIAL

Figura 8: ASV_ ACE_4495_82 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

CONFIDENCIAL

Continuação do INFORME nº 0003/12/ASV/82, 25 AGO - Fl.02

e) Envolve-se, constantemente, nas invasões de terrenos ocorridas nessa capital, já tendo sido inclusive, ouvido na Polícia Federal por seu envolvimento na invasão do Marotinho, quando foi um dos responsáveis pela organização e publicidade da referida invasão.

f) Autor do 1º volume do livro IGREJA E PROBLEMAS DE TERRAS onde se reporta, além das questões fundiárias, a HISTÓRIA DO HOMEM e a HISTÓRIA DO BRASIL, abrangendo o período de 1500 a 1808.

g) Palestrante no Congresso sobre REALIDADE ATUAL E ORIENTAÇÃO POLÍTICA E CRISTÃ, para animadores de grupos jovens da capital e do interior, realizado em MAR 82. Tal evento teve por finalidade escolher os animadores para que todos possam conscientizar-se de maneira realista e cristã dos seus papéis, como cidadãos transformadores da sociedade.

Acrescem-se aos antecedentes acima os seguintes:

- 1 -Encontra-se relacionado entre os padres progressistas.
- 2 -Recebe avisos de pagamento emitido pela MISERICÓRDIA, entidade da ALEMANHA OCIDENTAL.
- 3 -Responsável pela Escola Profissional 1º de maio, localizada em SALVADOR/BA.
- 4 -Integrante da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de SÃO SALVADOR.
- 5 -É o padre da Paróquia São Tomás de Cantuária, em CAMAÇARI/BA.

2. Sobre GIAMPIETRO CORNADO ou "JOÃO PEDRO CORNADO", filho de Giovanni Cornado e Francesca Dal Ri, DIA 23 JUL 44 em ISEO/ITALIA, IDT nº 0338785 - SRE/SPMAF/SR/BA/78, residente em SALVADOR/BA, período de 1970/1980 e residindo atualmente, à Rua Osvaldo Evaristo da Costa, 415 - JOÃO PESSOA/PB existem os antecedentes seguintes:

Continua.....

CONFIDENCIAL

Figura 9: ASV_ ACE_4495_82 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

A Companhia do Comando da 6ª Região Militar, o Serviço de Informações da Secretaria da Segurança Pública do Estado da Bahia e Serviço Nacional de Informações –

Agência de Salvador (ASV/SNI) relataram nestes “antecedentes” de Paulo sobre sua ação no cenário político-social (Figuras 5 a 9).

Nestes relatórios, apontaram a atuação de Paulo na ocupação do Marotinho em 1976⁴ e o seu envolvimento em outras ocupações. Citaram também sua participação no Trabalho Conjunto e o apontaram como membro da comissão de finanças do movimento e o responsável pela gráfica em Fazenda Grande para impressão dos panfletos. Mencionaram também a sua participação nos congressos, analisando a importância destes eventos como espaço de escolha de animadores para conscientizá-los e, assim, atuarem como cidadãos transformadores da sociedade.

Ainda comentaram sobre a publicação do livro de Paulo sobre “Igreja e problemas de terra” além do quadrinho “História do Brasil”. Observaram a atuação dele na Escola 1º de Maio, na Comissão de Justiça e Paz e a respeito dos donativos da entidade Misereor recebidos em seu nome. O Serviço Nacional de Informação chegou a enquadrá-lo numa relação nominal de padres progressistas.

Sobre este ponto da relação de padres progressistas, foi encontrado um documento de 12 de dezembro de 1972, produzido pela Presidência da República, Serviço Nacional de Informações – Agência Central, onde foi desenvolvido critérios de classificação para as “Correntes e Linhas do Clero”. Neste mesmo documento era solicitado para diferentes agências pertencentes ao Serviço Nacional de Informações que classificassem os clérigos das respectivas paróquias, elencassem e encaminhassem para central e outras agências.

⁴ Lima, Gisele Oliveira de. Movimento Baixo do Marotinho: a luta pela moradia em Salvador (1974-1976) Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2009.

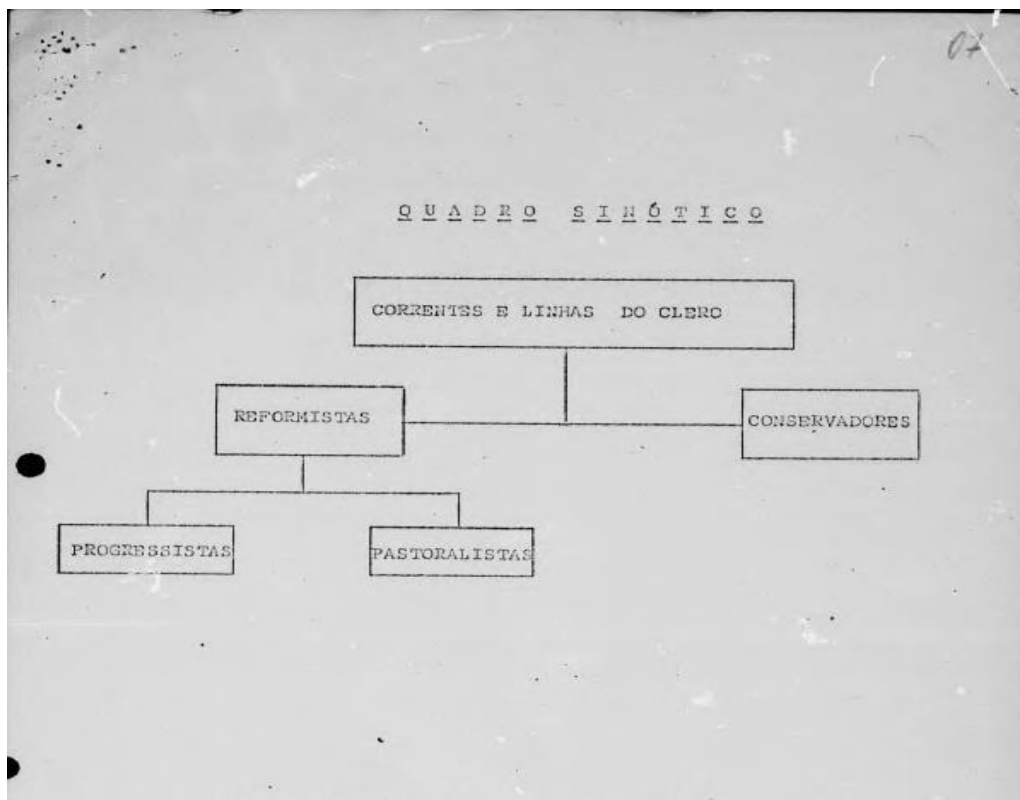


Figura 10: ASV_ACE_3938_82 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

Nesta classificação havia duas grandes correntes: conservadores e reformistas (Figura 10). Da corrente dos reformistas se destaca duas linhas: progressistas e pastoralistas. Segundo o documento, os progressistas trabalhavam para mudar a imagem da Igreja, do cristianismo e da figura de Cristo; pregavam uma “Igreja Nova”; almejavam uma sociedade socialista; estimulavam a “Luta de classes” e a luta armada; eram adeptos da “Teologia da Libertação”; indicavam a substituição da paróquia por Comunidades Eclesiais de Base – CEB; e combatiam os conservadores e tentavam conquistar os pastoralistas.

Já os pastoralistas eram enquadrados como: indefinidos ideologicamente; os que admitiam o diálogo com os “não crentes” e, portanto, com os marxistas; os que defendiam o engajamento temporal; os que defendiam os documentos de Medellín e Concílio Vaticano II sob o ponto de vista dos progressistas; os que dialogavam com as autoridades institucionais chegando a auxiliá-las.

Enquanto a corrente dos conservadores era enquadrada como: tendo uma orientação do Governo; defensora dos valores espirituais em primeiro lugar e depois os materiais; opositora do comunismo; obedientes a hierarquia e a tradição eclesiástica; e oponente aos “progressistas”.

A agência de Salvador do SNI cumpriu a solicitação encaminhando a relação de padres progressistas e pastoralistas, sendo que a primeira listagem, datada de 13 de abril de 1973, Paulo não foi citado. Já a lista de 20 de junho do mesmo ano (Figura11) Paulo constava e era enquadrado como sacerdote “progressista”.

OFF. 104.200
13

CONFIDENCIAL

DOCUMENTO DE INFORMAÇÕES Nº 129/21/ASV/SNI/73

20 JUN 73

MOVIMENTO DO CLERO - 4.6.2.2

ASV/SNI

Des. Info nº 1236/19/AG/72, de 12 Dez 72.

AG/SNI

I

1. INFORMAÇÃO

Informe-se a seguinte a respeito de atividades do Clero na área:

a. Nomes de Bispos e Padres Progressistas:

- D. LUCIANO CASPARI DUARTE - Arcebispo de Aracaju.
- D. JOSÉ BRANCO DE CASTRO - Bispo de Propriá.
- D. TIMÓTEO AMOROSO ANASTÁCIO - Abade do Mosteiro de S. Bento.
- Padre MARCELLO BOTTURI - Provincial dos Jesuítas na Bahia.
- Padre CLÁUDIO FERANI - Jesuíta do CEAS.
- Padre PEDRO DALE NOGARA - Jesuíta do CEAS.
- Padre FRANCISCO J. MARQUES - Jesuíta do CMAE.
- Padre CESARE GIUSEPPE GALVAN - Jesuíta do CEAS.
- Padre MANOEL ANDRÉS MATOS - Jesuíta do CEAS.
- D. JERÔNIMO DE SÁ CAVALCANTI - Prior de S. Bento.
- D. BERNARDO LUCAS - do Mosteiro de S. Bento.
- D. MARIANO DA COSTA REGO - do Mosteiro de S. Bento.
- D. ESTEVAM BAUSIN - do Mosteiro de S. Bento.
- Padre PAULO TONUCCI - Paróquia N.S. Guadalupe, Largo do Tanque.
- Padre TADEU GOMES LIMA - do Mosteiro de S. Bento.
- Padre JOÃO EVANGELISTA DOS SANTOS - do Mosteiro de S. Bento.
- Bispo THOMAS GUILHERMES MURPHY - de Juazeiro/BA.
- Bispo WALFREDO BERNARDO REPE - de Ilhéus/BA.
- Bispo CLIMÉLIO DE ALMEIDA ANDRADE - de Conquista/BA.

(Continua)...

Figura 11: ASV_ ACE_3938_82 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

Diversos outros bispos, arcebispos e padres foram arrolados e classificados. Após esta relação a ASV/SNI fez um pequeno relatório da movimentação e situação destes dois grupos. Nesta relatoria tratava da atuação do Mosteiro de São Bento, das suas missas críticas, das suas publicações e, também, dos jesuítas e a publicação “Cadernos do CEAS”. Ainda acrescentou que os conservadores eram a maioria e que os jornais de circulação e a opinião de grande público ainda estavam voltados para a visão do grupo dos conservadores. No entanto, a ASV/SNI indicava que os progressistas eram muito atuantes, principalmente com os jovens, e que este cenário poderia se modificar em alguns anos.

Além do SNI, havia também o Centro de Informações do Exército (CIE) que acompanhava a movimentação dos clérigos. Como exemplo disto tem o documento do Ministério do Exército, Gabinete do Ministro, CIE de 22 de maio de 1975, onde foram listados os padres estrangeiros progressistas que atuavam na 6ª Regional Militar e Paulo estava entre eles.

CONFIDENCIAL

05

(Cont da INFO n. 0845, - /S. 102/ A3 CIE de 22 Mai 75 Q5)

11. PAULO MARIA TONUCCI

Nacionalidade italiana - filho de Bruno Tonucci e Amélia Muratti - nascido a 04 Mai 39. Data de entrada no BRASIL: 29 Out 65. Admitido em território nacional em caráter permanente nos termos do Art 99 do Dec nº 7.969 de 18 Set 45.

Assinou manifesto dos religiosos publicado no "ESTADO DA BAHIA" de 18 Ago 69.

12. PEDRO DALLE NOGARE

Recebe correspondência de caráter subversivo, de países da América Latina, no endereço do CEAS.

13. PIERRE FERNANDO LUCIEN TOULOTTE

Filho de Fernando Pierre Ennest Toulotte e Louise Marquerite Pilliart - nascido a 02 Abr 27. Data de entrada no BRASIL: 01 Ago 66.

Consta que em 1970, como vigário das cidades de MARUIM e ROSÁRIO DO CATETE, deu ampla cobertura ao Diácono HELIO PAULO COIMBRA, em suas pregações nas referidas paróquias. Acompanhou e assistiu a uma pregação na Sociedade Beneficente de MARUIM, realizada pelo referido Diácono, com a presença dos trabalhadores daquela redondeza, na qual fez uma exortação, apelando para que os mesmos se unissem e comesçassem a luta contra o poder constituído, fazendo uso das enxadas e foices como armas, a fim de se libertarem dos patrões exploradores e da ditadura militar que domina o país.

14. ROBERT JOSEPH CAMILE ETAVE - "ROBERTO ETAVE" - "PADRE ROBERTO"

Nacionalidade francesa - filho de Jean Joseph Etave e Marie Bladre Charlotte Thomas - nascido a 21 Ago 25.

Em 1968/1969, atuou na ANCARPE (Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural de Pernambuco).

Em Mai 72, informe não processado, assinala a participação do epígrafado, juntamente com o Pe GERARD DUPONT, Secretário do CRBB e D. EDMILSON, Bispo Auxiliar de SÃO LUIZ, na coordenação de um "Grupo de Evangelização" em SÃO LUIZ, tendo como uma de suas finalidades "fazer um estudo sócio-econômico da população de SÃO LUIZ", cujo relatório, posteriormente, seria publicado a fim de causar impacto na opinião pública, por mostrar a exploração sofrida pelas classes menos favorecidas.

Está vinculado ao CEAS (Centro de Estudos e Ação Social) Rua Aristides Novis, 101 - Federação - SALVADOR/BA.

CONTINUA...

CONFIDENCIAL

Figura 12: AC_ ACE_88229_75 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

O SNI e o CIE acompanhavam a movimentação da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe já algum tempo, provavelmente muito antes de 1975. Quando Paulo estava de passagem pela Itália, Giuseppe Ceccherini enviou uma carta no dia 12 de dezembro de 1969, comentando sobre a vigilância que a paróquia estava vivenciando. Ceccherini relatou que um dos moradores da comunidade veio alertar os padres que eles estavam sendo vigiados. Após esse alerta, os padres ficaram muito temerosos e resolveram ser mais cautelosos, queimaram documentos que pudessem ser comprometedores e passaram a ser mais atentos durante as missas, observando quem estava presente e fazendo discursos não muito diretos. Ceccherini chegou a falar que já se sabia que os padres estrangeiros da Bahia já estavam sendo monitorados.

Os documentos (Figuras 13 e 16) encontrados no Arquivo Nacional que citam a vigilância sobre Paulo Tonucci estão datados até 1989, são relatórios tanto por parte do SNI quanto a Agência de Inteligência do Rio de Janeiro da Secretaria de Inteligência da Aeronáutica, Ministério da Aeronáutica.

010922/89

CONFIDENCIAL

01200
01/08 02

ESTRANGEIROS MILITANTES OU SIMPATIZANTES DE ORGANIZAÇÕES IDEOLÓGICAS, OU ATIVISTA DE ESQUERDA NOS ESTADOS DA BAHIA E DE SERGIPE.

Nos Estados da BAHIA e de SERGIPE existe um número representativo de estrangeiros, militando ou colaborando com organizações ideológicas que atuam nestes Estados. Até a presente data foram identificados os seguintes estrangeiros atuando em partidos políticos ideológicos radicais:

a. BAHIA

(80214190)
- FRANCISCO JAVIER ULPIANO ALFAYA RODRIGUES, filho de Fernando Alfaya Burla e Maria Emma Rodrigues, DLN 31 Jul 56. Militante do Partido Comunista do Brasil (PC do B/BA), eleito Vereador de SALVADOR/BA, pelo partido, em Nov 88;

- HANS ERIK HOLGREN, filho de Erik Holmgren e Inga Holmgren, DLN 18 Abr 50 - SUIÇA. Simpatizante do PC do B/BA, foi o responsável pela criação do Centro de Estudos e Saúde Pública (CESP), entidade de frente do PC do B/BA que recebe apoio financeiro de entidades européias;

- ELLA MARIANNE ELISABET EYRE, filha de Karl Erik Larsson e Ella Larsson, DLN 05 Nov 31 - SUIÇA. Simpatizante do PC do B/BA, juntamente com HANS HOLGREN fundou o CESP;

(81288813)
- MARIA CARMELA TALLUTO, filha de Vincenzo Talluto e Anna Maria Rossi, DLN 16 Jul 49 - ITÁLIA. Simpatizante do PC do B/BA;

(80753002)
- DIEGO GONZALO DE HITA, filho de Carlos Armando Hita e María Magdalena Dussel de Hita, DLN 23 Fev 59 - ARGENTINA. Possui visto permanente RNE nº W692.448-1, residente na Av. Beira Mar, 183 - Aptº 101 - Itapagipe - SALVADOR/

Z1: RLC

CONFIDENCIAL

H/FH3/00012/120/825/280989

Figura 13: ASV_ACE_10922_82 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

CONFIDENCIAL

02/08

03

- BA. Militante do PC do B/BA; (80452939)
- EMMA MARINA MARIA RITA ALPAYA RODRIGUES, filha de Fernando Alfaya Burla e Maria Emma Rodrigues, DLN 12 Fev 58 - ESPANHA. Possui visto permanente RNE nº W681.458-9, residente na rua Marechal Floriano 47 - Aptº 101 - Canela - SALVADOR/BA. Militante do PC do B/BA;
 - ANGEL GABRIEL VIVALLO PINARE, SDQ, chileno, simpatizante do PC do B/BA;
 - DOLORES FERNANDES FERNANDEZ, SDQ, espanhola, simpatizante do PC do B/BA;
 - SIMONE CESARE COSTA, SDQ, peruana, simpatizante do PC do B/BA;
 - JULIA CESARE COSTA, SDQ, peruana, simpatizante do PC do B/BA;
 - OSCAR ROJAS SENZANO, filho de Celestino Rojas Guardia e Eva Senzano Hinojosa, DLN 09 Jun 52 - BOLÍVIA. Possui visto permanente RNE nº W034618-X, residente na rua Aínorés, 821 "A", Aptº 101 - Rio Vermelho - SALVADOR/BA. Simpatizante do PC do B/BA;
 - MARGARITA BALBINO DA SILVEIRA, SDQ, SUÍÇA, ex-militante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8/BA);
 - CARLOS MOREIRA VILANUEVA, filho de Manuel Hermínio Moreira e Lúcia Vilanueva Baqueiro, DLN 03 Mar 48 - RIVIEVEDRA/ESPANHA. Militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB/BA); (81592103)
 - FRANCESCO DE MASI, filho de Luigi de Masi e Enricheta Viccard, DLN 28 Ago 43 - GALLUCCIO/ITÁLIA. Mecânico Industrial. Ex-militante do MR-8/BA; (80303770)
 - PAOLO MARIA TONUCCI, filho de Bruno Tonucci e Amélia Maratori, DLN 04 Mai 39 - FANO/ITÁLIA. Religioso, ativista de esquerda, tendo ligações com o PC do B/BA;
 - SÉRGIO MERLINI, filho de Ermanno Merlini e Dina Merlini, DLN 13 Mar 36 - ITÁLIA. Possui visto permanen

CONFIDENCIAL

Figura 14: ASV_ACE_10922_82 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

ORIG. 23/03-07

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA
SECRETARIA DE INTELIGÊNCIA DA AERONÁUTICA

INFORME Nº 0110/89/220/235/AGINT-RJ



DATA 06 JUL 89
ASSUNTO ESTRANGEIROS MILITANTES/COLABORADORES DE OC's
NO BRASIL.

REFERÊNCIA +++
ORIGEM AGINT-RJ
AVALIAÇÃO 2
ÁREA +++
PAIS +++
DIFUSÃO ANTERIOR ... +++
DIFUSÃO AC/SNI-CIE-CIM-CI/DPF-ARJ/SNI-A2/COMAR-1,2,3,
ANEXO +++ 4,5,6 e 7-SECINT

PROV. N.º 1684, 2.ª de 1989 EMI 87
Data de Entrada 24.1.07.1.89

22/29-07

I. Esta AI vem compilando, ao longo do tempo, uma relação de estrangeiros que militam ou, de algum modo, colaboram com Organizações Comunistas brasileiras, no Brasil ou no exterior.

II. Consoante as "normas" inerentes ao "Internacionalismo Proletário" que fazem com que subsista no Movimento Comunista Internacional (MCI) a mútua ajuda entre as OC's dos diversos países, a relação em causa adquire importância por permitir aos OOI, principalmente, proceder a integração inversa, isto é, visualizar a facilitação de contatos no exterior aos militantes brasileiros, propiciados por esses estrangeiros aqui abrigados no seio de OC's brasileiras.

III. Devido à dinâmica inerente ao próprio Movimento Comunista, é provável que alguns desses elementos, ora incluídos como militantes, simpatizantes ou colaboradores de determinada OC, não mais estejam, no presente, inseridos nessa OC; o registro de vinculação passada, entretanto, é correto.

IV. A relação é a seguinte:

<u>NOMES</u>	<u>NACIONALIDADE</u>	<u>OC</u>	<u>PAÍS</u> <u>UF</u>
001. JOSÉ FRANCISCO DANILU DE GUALUPE CORREA FLETES	NICARÁGUA	PCdoB	SC

- cont -

CONFIDENCIAL

Figura 15: BR_AN_BSB_VAZ_091_0038/89 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

VAZ.91.38, p. 6/7

CONFIDENCIAL

F106



(Continuação do INFE Nº 0110/89/220/235/AGINT-RJ.

085.	ALÍCIA SUZANA LISCHINSKY	ARGENTINA	MR-8	SP
086.	GLADYS DE SOUZA SANCHES FLORIANI (casada com DIMAS FLORIANO BACHER-PCBR/PR)	URUGUAI	PCBR	PR
087.	MELIANA HERRERAS DE SOROTIUK	CHILE	PCBR	PR
088.	EMÍLIA RIBEIRO GONÇALVES	PORTUGAL	PCBR	SP
089.	PEDRO GUILHERME HERMANS (padre)	HOLANDA	PRC	PA
090.	OSVALDO AUGUSTO REZENDE JUNIOR: ex-Frei Dominicano; ex-ALN; em 1982, era representante do Setor de Imprensa e Propaganda do MR-8 em PARIS/FRANÇA.			
091.	SALERMO MICHEL	FRANÇA	PRC	PA/FRANÇA
092.	JOHN PAUL MACDONALD	EUA(?)	PRC	CE
093.	MANOEL DE ARAUJO COUTO (ex-Padre)	ANGOLA	PRC	CE
094.	ROBERTO DOMENICO LAJOLO	ITÁLIA	PRC	SP
095.	FAUSTO FURNARI	ITÁLIA	PRC	SP
096.	DIMITRIUS PAPPOU	GRÉCIA	PRC	SP/PE
097.	THADDEUS JUDE SCANLON (ex-Padre)	ESCÓCIA	PRC	PA
098.	DOROTHY MAE STANG (Irmã)	?	PCdoB	PA
099.	SAVINO MOMBELLI (Padre)	ITÁLIA	PCdoB	PA
100.	PETER MCCARTHY (Padre)	IRLANDA	PCdoB	PA
101.	JEAN PAUL FRANÇOIS RUBEUX (Padre)	FRANÇA	PCdoB	PA
102.	JOHANNES MARIA VAN DOREN (Padre)	HOLANDA	PCdoB	PA
103.	JOHANNES ANTONIUS BEUKEBOON (Padre)	HOLANDA	PCdoB	PA
104.	BERNARDO HOYOS MONTOYA (Padre)	COLÔMBIA	PCdoB	PA
105.	AURELIO LONGA PEREZ (Padre)	ESPAÑA	PCdoB	PR/SP
106.	PAOLO MARIA TONUCCI (Padre)	ITÁLIA	PCdoB	BA
107.	SERGIO MERLINI (Padre)	ITÁLIA	PCdoB	BA

CONFIDENCIAL

- cont -

Figura 16: BR_AN_BSB_VAZ_091_0038/89 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.


A vigilância perdurava mesmo depois de 1985 com o governo de José Sarney. Apesar de oficialmente o Brasil se encontrar em período de redemocratização, órgãos repressores e de vigilância ainda estavam em operação. Não se sabe por quanto tempo estes órgãos se

mantiveram ativos ou se realmente foram extintos ou ganharam outra roupagem. De qualquer modo estes documentos mostram que o Estado de exceção não se findou com a instauração de um governo civil. O foco destes documentos eram a movimentação de organizações políticas consideradas comunistas e, também, a movimentação de sacerdotes que atuavam na formação política das comunidades e auxiliavam estas organizações. Entretanto foi encontrado no Arquivo Nacional outro documento com outro enfoque: a movimentação dos padres e leigos italianos no Brasil.

ATENÇÃO O original deste documento (com 02 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

CONFIDENCIAL

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA RIO DE JANEIRO
ENCAMINHAMENTO Nº 324 / 430 / ARJ / 84.



DATA : 29 OUT 84.
 ASSUNTO : ATUAÇÃO DE RELIGIOSOS ITALIANOS NO BRASIL.
 ORIGEM :
 DIFUSÃO ANT. :
 DIFUSÃO : AC/SNI. 22-06. (PARA IMPLANTAR NO BANCO DE DADOS).
 ANEXO : LISTA DE RELIGIOSOS ITALIANOS.

1 - Recomenda-se em anexo lista de nomes de religiosos italianos com seus respectivos endereços (localidade, cidade e Estado da União) localizados no país e ligados ou não a entidades brasileiras que objetivam instruir, ensinar e subvencionar em parte, movimentos populares que desenvolvam ações que visam alternativas para a sociedade brasileira.

2 - Como exemplos destas entidades podemos citar: INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS (IBASE) que se liga a estes religiosos através de sua funcionária CATHERINE LAMBELET - Rua Vicente de Souza nº 29 - BOTAFOGO - RIO DE JANEIRO/RJ; COMITÊ EPISCOPAL ITALIANO PARA AMÉRICA LATINA (CEIAL) através das seguintes IRMÃS : ANNA GRAZIA BRESSAN - Rua Cardeal Pequeno nº 248 - BROTAS - SALVADOR/BA, EUGENIA CONVERSANO e FAUSTA CARETTO - CP. 512-SALVADOR/BA, CÂNDIDA SIGNORA - CASA DAS IRMÃS - IBOTIRAMA/BA e ALBERTA ZOTTI - BAIRO SÃO JOSÉ - CAJAZEIRAS/PB; CENTRO ECUMÊNICO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO (CEDI); FEDERAÇÃO DOS ÓRGÃOS PARA ASSISTÊNCIA SOCIAL E EDUCACIONAL (FASE); CENTRO PASTORAL VERGUEIRO (CPV); COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (OPT); MOVIMENTO LEIGO PARA AMÉRICA LATINA (MLAL) e diversos centros, associações e movimentos ligados à DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS.

3 - Alguns destes religiosos italianos estão profundamente envolvidos com estes movimentos, principalmente e em maior número, aqueles em

CONFIDENCIAL

Figura 17: ARJ_ACE_11401_84 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

CONFIDENCIAL

3118

(CONTINUAÇÃO DO ENC. Nº 324/430/ARJ/84 - Pgs. 2)



que o MLAL esteja empenhado em naqueles nos quais mine a participação desses religiosos. Objetivando facilitar a compreensão da lista em foco, procuramos através de ~~listas~~ identificar em categorias os elementos constantes na mesma, verbi gratia:

* CATEGORIAS:

GI - GRUPO ITALIANO

P - PADRES

VM - VOLUNTÁRIOS FILIADOS AO MLAL (LEIGOS)

V - VOLUNTÁRIOS NÃO FILIADOS AO MLAL (LEIGOS)

* Nos elementos em que o item "Observação" está em branco deve-se entender que não foi possível a obtenção de dados sobre as atividades dos mesmos.

* O presente ENC. procura completar os seguintes documentos de informação:

INPÃO Nº 10/43/ARJ/84 de 23 FEV

INFE Nº 265/43/ARJ/84 de 03 OUT

OBSERVAÇÃO:

OS NOMES CONSTANTES DA LISTA DE RELIGIOSOS ITALIANOS QUE COMPÕEM O ANEXO DEVEM SER RELACIONADOS PARA FINS DE RECUPERAÇÃO.

TODA E QUALQUER PESSOA QUE TOMAR
CONHECIMENTO DE ASSUNTO SIGILOSO FICA,
AUTOMATICAMENTE, RESPONSÁVEL PELA
MANUTENÇÃO DE SEU SIGILO.
(ART. 12 D. LEI Nº 79069/77 - (RSAS))

CONFIDENCIAL

DMF/82

GRÁFICA IMPRITO

Figura 18: ARJ_ACE_11401_84 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

ESTADO: BAHIA					OBS
Nº	NOME	CATEGORIA	ENDEREÇO		
25	RICCARDO CAMELLINI	GIP	CASA PAROQUIAL-DAMA GRANDE CEP 44.620		
26	GIACOMO ALBERICI	GIP	IDEM		
27	PIERLUIGI CHERELLI	GIP	CASA PAROQUIAL-IBRICA-CEP 44.900		
28	ANTONIO DAVOLI	GIP	IDEM		
29	PAOLO MARIA TONUCCI	GIP	CP.13 - CAMAÇARI-CEP 42.800		ELEMENTO LIGADO A MO CDB'S-CEDI-IBASP-FAS
30	RENZO ROSSI	GIP	CP.497-CAPELINHA S.CAETANO-SALVA DOR - CEP 40.000		IDEM
31	GIULIO MATTEUZZI	GIP	IDEM		IDEM
32	SERGIO MERLINI	GIP	IDEM		IDEM
33	CARLO DALLOSPEDALE	GIP	CP.10 - R.OTAVIO SANTOS 668 - VI TÓZIA DA CONQUISTA - CEP 45.100		IDEM
34	DANIELE PICCOLI	GIP	IDEM		IDEM
35	BRUNO BALDACCI	GIP	VELIA CASA DO DISPO-ILICUS CEP 45.660		
36	MARIA LUIZA GUARATO	GIPM	CASA PAROQUIAL-PALMAS DE MONTE ALTO - CEP 46.460		ELEMENTO LIGADO A MO CDB'S-CEDI-IBASP-FAS

Figura 19: ARJ_ACE_11401_84 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

PA	ME	CATEGORIA	ENDEREÇO	OBS
		GIP	CASA PAROQUIAL-OVANAMBI CEP 46.430	ELEMENTO LIGADO A MOVIMENTOS POPULARES CEB'S-CEDIAL-IBASE-CPV-CEDI-CPT-PAISE ETC.
	NON	GIP	IDEM	IDEM
	ONDEL	GIP	IDEM	IDEM
	TTIA	GIP	CASA PAROQUIAL-RIACHO DE SANTANA CEP 46.470	IDEM
	ON	GIP	CASA PAROQUIAL-VALENTE-CEP 46.890	IDEM
	LIN	GIP	IDEM	IDEM
	CAPOZI	GIP	CASA PAROQUIAL-S. CONÇALDO DOS CAM POS - CEP 44.330	
	SSALI	GIP	CASA PAROQUIAL-QUEBRADAS CEP 46.860	ELEMENTO LIGADO A MOVIMENTOS POPULARES CEB'S-CEDI-IBASE-PAISE-CPT-CPV-CEDIAL- ETC
	MIGLIO	GIP	CP 412 - AV. GETÚLIO VARGAS 1010 PAULO APOSSO - CEP 48.600	IDEM
	USATI	GIP	IDEM	IDEM
	TTIA	GIP	IDEM	IDEM
	LINI		CASA PAROQUIAL-ANDARAÍ-CEP 46.870	

Figura 20: ARJ_ACE_11401_84 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

Neste documento (Figuras 17 a 20) foram elencados padres e leigos italianos que tinham comprometimento com movimentos sociais. Quanto às ligações de Paulo com movimentos sociais, eis o que se sabe: a sua atuação em CEB's, através do Grupo de Evangelização da Periferia; e a sua proximidade com a Comissão Pastoral da Terra – CPT, devido a Comissão de Justiça e Paz – CJP. Quanto aos outros movimentos citados no documento não se tem maiores informações a respeito, não se sabe se essas ligações realmente procederam.

A relação de padres e leigos focava na movimentação dos italianos na Bahia e em Sergipe, não se pode dizer se isso se repetiu em outros estados, o que se pode afirmar é que entre os padres e leigos estrangeiros os italianos eram em maior número. Teresa Dantas em sua entrevista havia citado a “Casa dos Italianos” situada na Ribeira onde aconteciam encontros dos jovens da Fazenda Grande. Ela também comentou sobre os encontros anuais dos italianos no qual Paulo era um dos organizadores. Isto significa que havia uma forte interação entre os padres e leigos italianos. Essa relação entre os italianos do interior com os da capital, talvez tenha sido importante para se manterem informados sobre os avanços e retrocessos dos movimentos sociais e compartilharem notícias sobre as ações dos órgãos de repressão.

A rede de contatos entre os italianos permitiu que Paulo circulasse em diferentes cidades. Teresa Dantas chegou a comentar que Paulo viajava para Bom Jesus da Lapa, Vitória da Conquista através destas relações com outros italianos. Essa rede de contatos de italianos, dentre outras que se entrelaçava com esta, permitiu a Paulo ter trabalhos de colaboração com os jesuítas no CEAS, por exemplo, e também abriu portas para ele interagir com grupos de outro estado. As relações não giravam apenas entorno da nacionalidade, havia também a ligação com a Igreja e, também com a discussão e prática da Teologia da Libertação.

O monitoramento se manteve durante muitos anos sobre Paulo, apesar disso ele continuou a atuar no cenário político. Além da Escola 1º de Maio e o Grupo de Evangelização da Periferia, Paulo esteve presente e atuante com os moradores da Baixa do Marotinho. Durante todo o processo de expulsão da ocupação em 1976, Paulo não só se fez presente como auxiliou na mobilização e na intermediação entre o movimento Baixa do Marotinho, o Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela e o Abade Dom Timóteo. Estes tentaram interceder junto ao prefeito de Salvador, Jorge Hage, e ao governador Roberto Santos. Ainda assim o movimento foi expulso, no entanto dias depois o governo do estado firmou concessões de terras aos ocupantes, que mais tarde passaram chamar a localidade como Novo Marotinho.

Paulo acompanhou o movimento durante todo processo e continuou próximo da comunidade mesmo depois que os ocupantes se fixaram no Novo Marotinho. Os ocupantes moravam em uma região bem distante da paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, mas, mesmo assim, Paulo continuou a frequentar a comunidade. Ele chegou a conseguir donativos, segundo Gino Taparelli, através de uma instituição canadense para reconstrução de 200 casas em esquema de mutirão.

O Marotinho foi um importante movimento que marcou a vida de Paulo, principalmente porque daí em diante ele passou a se envolver mais diretamente nas discussões

e mobilizações sobre o déficit habitacional, sobre as ocupações em Salvador, sobre o custo de vida e outras dificuldades da cidade e do país. Paulo passou a se aproximar, cada vez mais, das associações de bairros e também, de diversos outros movimentos sociais, como sindicatos e associações profissionais. Essa aproximação entre associações de bairros, movimentos de luta pela moradia e organizações profissionais veio a se chamar Trabalho Conjunto. A mobilização, inicialmente, começou somente com profissionais liberais que participaram da Semana de Urbanismo organizado pelo Instituto de Arquitetos da Bahia – IAB. Segundo Maria Gonzalez (1997), doze institutos aderiram a esta junção, que passou a ser chamada de Convênio Cultural de Profissionais Liberais. Este convênio tinha a colaboração do setor estudantil e do setor progressista da Igreja.

A inserção das associações de bairros nas reuniões do Convênio Cultural de Profissionais Liberais, que mais tarde passou a se chamar Trabalho Conjunto, não só fortaleceu essa mobilização como também trouxe outro olhar sobre os problemas sociais e suas reivindicações. Este coletivo resolveu criar uma Comissão Provisória, que organizava as reuniões e coordenava as ações deliberadas. Foi nesta etapa de junção que Paulo passou a participar e ser uma figura presente nas reuniões do movimento. Por conta disto que os órgãos de repressão registraram a sua participação e colaboração na impressão de panfletos e na divulgação das atividades do Trabalho Conjunto. Tudo indica que, provavelmente, estes materiais eram realmente rodados em Fazenda Grande, já que havia outros boletins clandestinos rodando lá também.

Além da atuação de Paulo no Trabalho Conjunto, há indícios de que ele também veio a colaborar com o Movimento Contra Carestia (MCC). O MCC surgiu em 1978, um pouco depois da organização do Trabalho Conjunto.

O recém-criado Movimento Contra a Carestia (MCC). Originário de outra organização que reunia algumas associações de bairro, esse movimento surgiu para lutar contra as dificuldades advindas da política econômica vigente no Brasil. A inflação era o principal problema que afetava a população, com uma constante alta nos preços e, conseqüentemente, elevação do custo de vida. (BRASIL, 2008, p.48-49)

E mais:

Do Trabalho Conjunto de Bairros, uma entidade que aglutinava dezenas de Associações de Bairros em Salvador, surgiu o embrião do MCC, em 1978, como resposta a uma campanha nacional pedindo o congelamento dos preços dos produtos alimentícios. Na época, o Trabalho Conjunto realizou uma pesquisa em Salvador, constatando que as principais reclamações da população que se concentravam em torno de problemas de saúde, baixos salários, falta de infra-estrutura (água, esgoto etc.) e

principalmente transportes. Por divergências internas e dificuldades diante do “baixo nível de organização popular em Salvador”, o trabalho conjunto foi desarticulado, mas algumas pessoas – como o vigilante Laurentino Alves e a médica Jane Vasconcelos, que participavam anteriormente da Comissão (embrião do MCC) decidem continuar o trabalho da mesma, e assumem como uma das bandeiras do movimento a luta contra o aumento das tarifas de ônibus. (JORNAL MOVIMENTO, 20/08/81).

Como Trabalho Conjunto e o MCC tiveram uma relação intrínseca e Paulo estava atuando nessas associações e se aproximando de associações de bairros, possivelmente, ele também veio a colaborar com o MCC. Isso é possível pois Gilmar Azevedo, que trabalhou com ele na Comissão de Justiça e Paz, comentou em sua entrevista que já tinha ouvido falar a respeito dele durante o MCC.

Nesse período eu conheci o trabalho de Paulo Tonucci. Ouvi falar sobre Paulo Tonucci, né?! Porque a Jane Vasconcelos, que era vereadora, e tinha outros vereadores desse grupo, era um grupo de vereadores muito atuante do PC do B. Então a gente começou a ouvir falar nesse cara, nesse padre revolucionário, esse cara diferente, que já tinha feito um trabalho lá no Marotinho contra uma empresa, família Schindler, uma coisa mais ou menos assim. (Gilmar Azevedo, entrevista realizada no dia 28/09/2013)

Outro documento que aponta sua colaboração no MCC é o relatório de “Antecedentes – Paulo Maria Tonucci” do SNI/ASV, onde se afirma que em 22 de setembro de 1980, Paulo esteve presente em uma reunião incitando a comunidade do Novo Marotinho a participar ativamente do MCC. Apesar de haver apenas indícios de sua colaboração, pode-se dizer que, ao participar do Trabalho Conjunto e auxiliar alguns movimentos de luta pela moradia, ele acabou por diretamente ou indiretamente na organização de movimentos populares na cidade do Salvador.

Paulo também mantinha relações com grupos clandestinos. Renzo Rossi chegou a comentar que ele e Paulo permitiam que a AP realizasse reuniões na casa deles no Alto do Peru. Paulo também interagiu com o PC do B, muito por conta do envolvimento deste nos movimentos de luta pela moradia, principalmente no processo de construção da Federação das Associações de Bairros de Salvador e, também, por causa do Trabalho Conjunto. Paulo também mantinha contato e auxiliava perseguidos políticos os exemplos que se teve conhecimento foram: Paulo Cassis, que pertencia a AP, e o casal Wagner, Beth Wagner e Jaques Wagner, que eram do PC do B, estes últimos chegaram a morar alguns anos em Fazenda Grande.

Paulo também teve uma relação muito próxima com CEAS coordenado pelos jesuítas. Segundo Délia e Renzo Rossi, ele chegou a publicar o artigo “Drama do Marotinho” no número 45, no ano de 1976, no “Cadernos do CEAS”, na época do Movimento Baixa do Marotinho. No entanto este artigo não foi assinado, por questão de proteção em relação à repressão do governo. A relação Paulo e o CEAS ia muito mais além, havia colaboração conjunta entre o CEAS e CJP, coordenada por Paulo. Além da colaboração entre Paulo Tonucci e Cláudio Perani no Grupo Moisés.

Além do trabalho que ele desenvolvia com os movimentos sociais, Paulo, no final dos anos de 1970, resolveu colaborar com a Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina – CEHILA, auxiliando na construção de livros com uma linguagem mais acessível para segmentos populares, por isso essa seção era chamada CEHILA-Popular. Paulo foi um grande animador deste projeto, chegando a publicar vários livros retratando a história sobre a ótica dos vencidos. Ele publicou livros como *Os maias*, *Os incas*, *Os povos selvagens*, e o livro *Protagonistas e testemunhos da conquista* com a parceria de Eduardo Hoornaert.

Em 1982, Paulo não satisfeito com os vários projetos envolvido, resolveu se debruçar sobre uma nova empreitada: Comissão de Justiça e Paz – CJP. A comissão foi criada no arcebispado de dom Avelar Brandão Vilela, com o objetivo de assessorar os movimentos rurais e urbanos de Salvador, Região Metropolitana e Recôncavo Baiano. O conselho da comissão era composto por pessoas de classe média alta, por intelectuais, professores universitários e representantes da Igreja como Paulo e o Abade dom Timóteo. Paulo além de ser conselheiro, ele desempenhava também a função de coordenador, intermediando a relação dos conselheiros e os membros que trabalhavam na CJP e mediava também as discussões da CJP com o arcebispo dom Avelar.

Diversos movimentos ao longo dos anos de 1980 foram assessorados pela CJP, desde a ocupação do Bairro da Paz (também chamada na época de Malvinas) a *ribeirinhos e beradeiros* da barragem Pedra do Cavalo. A assessoria era no âmbito jurídico e social, promovendo também formação política e social entre os membros dos movimentos. A comissão juntamente com o trabalho de assessoria do CEAS foram muito importantes para auxiliar na organização dos movimentos sociais. Naquela época, Salvador e Região Metropolitana vivenciava grande crescimento populacional e, portanto, transformação e ocupação espacial. Diante disso a CJP e o CEAS, cada um com uma função ou área, desempenharam papéis muito importantes entre os movimentos de luta pela moradia.

Nesta mesma época da CJP, Paulo resolveu também se envolver no Movimento Familiar Cristão. Seu intuito era envolver outros segmentos sociais que participavam do

Movimento para colaborarem socialmente e politicamente com a população de baixa renda. Seu comprometimento com o movimento foi tão forte que ele chegou a ser Assistente Espiritual Diocesano da Diocese de Salvador.

Outra empreitada que Paulo resolveu abraçar em 1981 foi a sua ida para Camaçari ao assumir como pároco na paróquia São Thomaz de Cantuária. A sua decisão de partir foi aceita com relutância, principalmente, por Renzo que argumentou em sua entrevista que a presença de Paulo na Nossa Senhora de Guadalupe era muito importante. No entanto, Giovanni Tonucci, seu irmão, relatou que:

-Agora eu tenho 42 anos, se eu não mudo agora, não mudarei mais. Ainda sou capaz, é importante me renovar.

Então fazer esta mudança era muito estimulante para ele (Paulo). Era um lugar diferente, que era providencial, porque Fazenda Grande que era uma favela, um bairro brasileiro, e foi para uma cidadezinha que crescia de modo descontrolado. Apesar disso havia uma pequena comunidade rural, Cachoeirinha, Barra de Pojuca, Monte Gordo e outros lugares, que eram muito diferentes de Camaçari. Camaçari tinha o Polo Petroquímico, muita gente chegava para trabalhar, gente que vinha de fora, mas havia comunidade local, agricultores, totalmente diversa da que crescia em Camaçari. Isso permitiu a Paulo a respirar muito esta situação, porque havia uma variedade.

Em 1982, eu tinha ido para Camaçari para me encontrar com Paulo. Ele me acompanhou para darmos uma volta em Camaçari, em certo ponto estávamos fora da cidade e paramos e ele:

- Olha como é bela a vista.

Paulo que olha a vista, eu não pensava que isso fosse possível. Porque ele era sempre ocupado. Mas Paulo tinha aprendido a olhar o entorno. Era belo, tinha belas flores. (...) Essa mudança permitiu ele crescer muito na capacidade de guiar, de reagir. Camaçari ajudou muito ele e ele ajudou muito Camaçari. (Giovanni Tonucci, entrevista realizada no dia 03/03/2016)

De acordo com Giovanni, Paulo estava procurando novas experiências, novos desafios para se renovar e não se acomodar. Essa mudança para Camaçari provocou transformações no comportamento de Paulo, ele passou a contemplar em volta e isso foi importante para o seu crescimento como guia espiritual, incidindo no seu trabalho. Essa procura pela renovação, por novos desafios, vinha envolta com o objetivo de desenvolver trabalhos com setores operários.

Segundo Renzo, para Paulo faltava experimentar como era o trabalho junto com setor operário. Camaçari como era uma cidade que ainda estava se adaptando com a implantação do Polo Petroquímico, ela se tornou um ambiente propício para o que Paulo desejava experimentar enquanto pároco, enquanto um defensor de uma prática religiosa inserida na realidade social da comunidade.

Paulo ao chegar a Camaçari optou em ter relações com os movimentos sociais locais assim como ele fazia em Salvador. A contratação do advogado Carlos Freitas foi um exemplo disso:

O meu trabalho, o contrato era muito claro.

– Eu (Paulo) estou precisando de um advogado para acompanhar os movimentos sociais de Camaçari que não tem condições de contratar advogado. Então para isso eu pago dez salários mínimos. Eu estou negociando com agências financiadoras estrangeiras para poder financiar este contrato.

Eu (Carlos Freitas) acho que era Misereor. Com um tempo eu tive um pequeno envolvimento com o projeto Ágata Smeralda. Gianni Bôscoli era militante deste projeto. (Carlos Eduardo Soares de Freitas, entrevista realizada no dia 05/07/2013)

Ele trabalhou para paróquia de Camaçari a convite de Paulo, que tinha como intuito colaborar com movimentos sociais locais oferecendo assessoria jurídica. Carlos disse ainda que o trabalho era realizado numa sala reservada dentro da Casa Paroquial. Paulo também atuou na Campanha contra o Benzeno em Camaçari entre os anos de 1990 e 1991. Essa campanha denunciava a intoxicação ocupacional pelo benzeno, neste período a assessoria jurídica foi muito importante.

Devido a sua interação com os movimentos sociais, Paulo também manteve relações com os partidos políticos a exemplo do Partido dos Trabalhadores – PT, colaborando com Jaques Wagner, que na época estava se consolidando como liderança sindical no polo. Ele também começou a ter proximidade com Luiz Caetano, quando ainda não tinha se tornado prefeito de Camaçari. Caetano começou a atuar no cenário político de Camaçari primeiramente pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB, depois passou para o Partido Comunista do Brasil - PC do B e, enfim, ele se filiou ao PT.

Ele (Paulo) se ligava com outras forças, na campanha de Caetano para prefeito. Ele estava no palanque de Caetano, mas ele disse:

- O melhor candidato é você, mas nós vamos cobrar de você depois de eleito. Nós estamos aqui, vamos te apoiar, mas vamos cobrar de você. (Fala de Paulo segundo Teresa)

Ele expressava o que ele acreditava, o que ele achava certo, mas ele também levantava as condições. (Teresa Dantas, entrevista realizada no dia 06/12/2013)

Essa fala de Teresa Dantas mostra que Paulo fazia campanha para alguns candidatos, mas sua fidelidade não estava com este candidato, mas com as propostas defendidas por ele,

caso o candidato não cumprisse ele cobraria sem meio termo. A lealdade de Paulo era com a comunidade e seus direitos.

Além desse trabalho com os movimentos sociais e aproximação com algumas pessoas ligadas a partidos, Paulo também planejou e trabalhou na edificação da Igreja Matriz São Tomaz Cantuária, contando com a colaboração de um grupo de artistas para construção dos vitrais.

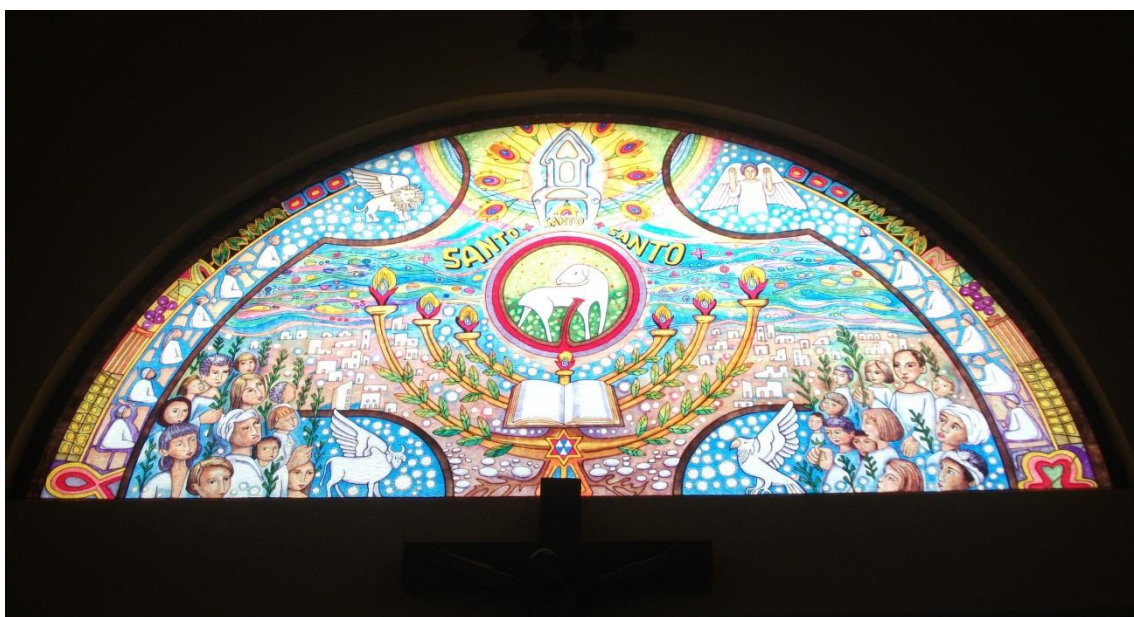


Figura 21: Arco do Altar da Igreja Matriz São Tomaz Cantuária do dia 27 de abril de 2015.

Um destes artistas foi Carlos Passos, que produziu o arco do altar da Igreja (Figura 21). O vitral é muito colorido, a povo cristão é apresentado dentro da sua heterogeneidade étnico/racial. Neste arco há presença de diversos símbolos religiosos: a estrela de Davi, a menorá – candelabro de sete lâmpadas, o carneiro, os quatros viventes retratado no livro de Ezequiel o homem, a águia, o leão e o boi.



Figura 22: Arco sobre a saída principal da Igreja Matriz São Tomaz Cantuária do dia 27 de abril de 2015.

O Arco da saída principal (Figura 22) da Igreja retrata Moisés e os dez mandamentos, a ressurreição de Jesus Cristo, procissão de Ramos, o Espírito Santo e as bandeiras de luta que foram levantadas muitas vezes por Paulo no seu envolvimento com os movimentos sociais: vida, solidariedade, terra, escola, trabalho, cidadania, justiça, paz, água e segurança. Esse vitral também é bastante colorido transmitindo muita animação e conectado com os movimentos sociais. Não se tem a confirmação de que Carlos Passos também foi autor deste arco, mas devido as semelhanças dos traços dos personagens, a escolha do entorno também similar com o primeiro arco, tudo indica que seja do mesmo autor.



Figura 23: Arco sobre uma das saídas laterais. Igreja Matriz São Tomaz Cantuária do dia 27 de abril de 2015

Este vitral (Figura 23), do mesmo modo também pode vir a ser de Carlos Passos mostra contradição da sociedade: um menino abandonado em meio a tantas casas e prédios, sendo acolhido pela Bíblia, considerada a palavra de Deus, e o Espírito Santo. Poderia se argumentar que esta imagem fala das contradições sociais e o acolhimento do Evangelho por meio da Teologia da Libertação com a presença do Espírito Santo. Pode se notar nestes arcos da Igreja a presença da perspectiva da Teologia da Libertação seja na representação do menino abandonado, seja na representação da comunidade hasteando as bandeiras de luta.

Os vitrais laterais (Figura 24) da Igreja retratam a cultura e a natureza do Brasil.



Figura 24: Vitrais laterais da Igreja Matriz São Tomaz Cantuária do dia 27 de abril de 2015.

Nestes vitrais vemos a cultura e sua diversidade: a índia com um bebê, a capoeira, as baianas e um artista com seu violão. Talvez fosse não só uma expressão do artista, que não foi identificado, mas também uma demonstração da participação de Paulo exaltando a cultura do Brasil com presença divina expressada pela luz do sol.



Figura 25: Vitrais laterais da Igreja Matriz São Tomaz Cantuária do dia 27 de abril de 2015.

Já nestes vitrais laterais (Figura 25) se observa, além da presença divina através do sol, a retratação da natureza seria também uma expressão da presença divina.



Figura 26: Vitrais laterais da Igreja Matriz São Tomaz Cantuária do dia 27 de abril de 2015.

Do mesmo modo a presença divina é demonstrada com a simbolização do sol abençoando os animais e sua reprodução tanto os domésticos quanto os silvestres. Além disso, a caatinga é retratada com a presença de um grande cacto juntamente com terrenos cultivados e com o plantio de palma. Já a floresta amazônica e atlântica são retratadas nestes vitrais por serem o habitat da onça pintada, a suçuarana, e macacos pendurados nas árvores.

Carlos Passos além de ter feito o arco ele fez dois grandes vitrais no altar que ficam ao lado de Jesus Cristo crucificado: um retrata a imagem de São Tomaz da Cantuária o padroeiro da cidade; o outro é uma homenagem a Paulo e a comunidade.



Figura 27: Vitral do altar da Igreja Matriz São Tomaz Cantuária do dia 27 de abril de 2015.

No vitral (Figura 27) pode-se observar: a retratação das favelas através das casas coladas umas as outras, envolta por escadarias; o sertão representado por um grande cacto; a simbolização das frutas e plantas típicas como caju, bananeiras, cacau e coqueiros; elementos tipicamente brasileiros e do nordeste. Nota-se também o Polo Petroquímico característica de Camaçari e Paulo ministrando a Santa Ceia com a comunidade, tendo ao fundo um cartaz:

justiça, solidariedade e mística. Fechando o vitral pode se ver uma pipa içada ao fundo, representando uma das brincadeiras muito comuns entre as crianças, que, de acordo com Teresa Dantas, nos cursos de catecismo empinar pipa era algo que fazia parte.

Durante toda década de 1980, Paulo estava totalmente dedicado às atividades em Camaçari e em Salvador – na CJP e no Movimento Familiar Cristão. Já no início dos anos de 1990, Paulo teve outro grande desafio para enfrentar. Entre 1992 a 1993, Paulo descobriu que estava com câncer na cabeça. Seguindo conselho de amigos, Eliane Azevedo, médica e conselheira da CJP, e Roberto Ansuini, médico de Fano-Itália, ele optou em ir para Itália fazer tratamento para combater o câncer.

Alguns amigos relataram que ele resistia em seguir para Itália, preferia continuar no Brasil, mas como Salvador não tinha os recursos necessários para o tratamento de câncer e a opção de se dirigir a São Paulo seria muito dispendiosa. Paulo e Délia optaram em seguir para Itália, onde havia amigos e familiares que podiam acolhê-los. Durante todo o tratamento, Délia Bonisegna, sua companheira de vida, permaneceu ao seu lado.

Segundo falas de amigos, Paulo enfrentou com muita serenidade, confiança na vida e fé em Deus, o tratamento do câncer. Na última vez que ele veio para o Brasil, em 1994, ele estava se sentindo bem melhor, o tratamento estava tendo uma resposta positiva. Teresa Dantas chegou a comentar que ele estava resistente em voltar para Itália, desejava ficar no Brasil para finalizar o tratamento. Infelizmente, ao retornar para dar continuidade ao tratamento, o câncer voltou a se desenvolver sem maiores chances de combatê-lo. Em 9 de outubro de 1994, Paulo veio a falecer em Fano.



Figura 28: Túmulo de Paulo Maria Tonucci na cidade de Fano-Itália. Foto do dia 19/02/2014.

Todos os anos, quando Délia Bonisegna vai para Itália, ela visita o túmulo e deposita além de flores as fitinhas do Senhor do Bonfim, uma maneira de aproximar Paulo da terra que ele tanto amou, a Bahia. Após a morte de Paulo, Délia Bonisegna junto com outros amigos resolveu fundar, em agosto de 1999, a Associação Paulo Tonucci - APITO. O nome APITO veio não apenas como a junção das iniciais do nome da associação, mas também para simbolizar um instrumento sonoro usado para chamar atenção. Segundo Délia, o trabalho de Paulo também tinha este intuito, chamar atenção, alertar as pessoas para os seus direitos, lutar pela sua cidadania.

A associação funciona até hoje, o seu objetivo é a “formação integral da população menos assistida e marginalizada de Camaçari, dando prioridade às mulheres, jovens e crianças.” (Site apito.org.br. Acesso em 19 de abril de 2016.) As atividades desenvolvidas na Associação são de perspectiva educacional, sociocultural, incluindo a formação profissional e o desenvolvimento da cidadania. A APITO está envolvida em diferentes projetos: acompanhamento com as famílias de baixa renda, escola de educação infantil, projeto de educação artística e profissionalizante para jovens e adultos, projeto de complementação do ensino médio.

A APITO foi criada para dar continuidade ao trabalho de Paulo, oferecendo a comunidade ferramentas que pudessem proporcionar o seu desenvolvimento por si mesmo. No entanto não deixa de ser também uma forma de conservar a memória de Paulo. Essa preocupação talvez seja uma maneira de reconhecer a ele o que não foi oferecido em vida, o pertencimento de nacionalidade e o reconhecimento do seu trabalho na Bahia.

Nos anos de 1982 e 1986, Paulo fez o pedido de nacionalidade por duas vezes e todas elas foram negadas. As justificativas da negativa para o ano de 1986 foram as seguintes:

COMUNICADO DO SNI CONTRA-INDICANDO NATURALIZAÇÃO.

1. O Dep HARDILDO LIMA (PC do B/BA) fez crítica ao SNI, em pronunciamento feito ontem, dia 14 Mai 86, no pequeno expediente (pinge-fogo) da Câmara dos Deputados e, ainda, no horário destinado à Comunicação de Liderança. Em ambas as oportunidades, o parlamentar abordou o problema da naturalização do Padre PAULO MARIA TONUCCI, Pároco de CAMAÇARI, em SALVADOR(BA), tentada 2 (duas) vezes. Na primeira, ainda no Regime Militar, simplesmente indeferida e, agora, na segunda, em plena Nova República, sofrendo retardamento de decisão por interferência do SNI.

2. Contou que com a saída do Ministro FERNANDO LYRA, da Justiça, e com sua substituição pelo Ministro PAULO BROSSARD, a resolução final favorável, que já estava pronta para receber a assinatura do Ministro, foi juntado um estranho comunicado do SNI, dizendo, sem qualquer explicação complementar, que não se comendava a dita naturalização.

3. Acrescentou que esse modo de proceder e a utilização de critérios políticos para julgar pedidos de naturalização eram o que existiam na Ditadura Militar, e que é completamente intolerável que o SNI esteja pretendendo domesticar, de novo, os Ministérios e a vida dos brasileiros.

4. Alertou, ao final, o povo brasileiro, as autoridades democráticas da Nova República, os amigos da Igreja Católica, os políticos baianos, o Prefeito e o povo de CAMAÇARI(BA) "para a necessidade de lutarmos juntos pela naturalização do Padre PAULO e contra a intromissão do SNI nas deliberações ministeriais brasileiras".

5. PAULO MARIA TONUCCI possui, nesta AC/SNI, os seguintes registros:

- Natural da ITÁLIA, religioso, DLM 04 Mai 39, filho de BRUNO TONUCCI e AMELIA MURATORI.
- PAULO MARIA TONUCCI, é vigário de CAMAÇARI/BA.
- Ingressou no BRASIL, no dia 29 Out 65, sendo admitido no território nacional em caráter permanente.
- Em Mar 76, Esteve na favela do MARTINHO/BA, por

ZI: SIM.

Figura 29: AC_ACE_58206_86 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

ocasião da execução do mandato judicial de despejo, incitando os invasores ao não acatamento da determinação, dificultando, dessa forma, a ação das autoridades.

Em 13 Abr 79, esteve presente na manifestação planejada e executada pelo Trabalho Conjunto de Bairros de SALVADOR/BA, de caráter contestatório ao regime.

- Em 22 Set 80, durante a reunião do Movimento contra a carestia (MCC), em NOVO MARTINHO/BA, concitou os moradores da referida localidade para que participassem ativamente do Movimento Contra Carestia.

- Em 02 Abr 81, PAULO MARIA TONUCCI, recebeu do Movimento "Ação Contra a Fome e a Doença no Mundo" - "Misericórdia" da Alemanha, a quantia de Cr\$ 10.050.976,00 (dez milhões cinqüenta e oito mil novecentos e setenta e seis cruzeiros), quantia esta destinada a realização de um programa de promoção às Comunidades Eclesiais de Base e de educação popular na periferia de SALVADOR/BA.

- Em 28 Abr 81, foi eleito membro da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de SALVADOR/BA, onde sugeriu, de início, uma atuação efetiva da Comissão no problema sócio-econômico de SALVADOR/BA onde seria abrangida a problemática do custo de vida e do desemprego.

- Em Abr 84, desenvolvia campanha de conscientização política do povo brasileiro, trabalho este totalmente alheio à missão precípua da Igreja.

- É ligado ao Centro de Intercâmbio de Pesquisas e Estudos Econômicos e Sociais - "CIPES", que é uma entidade criada e orientada por grupo dissidente do PC do B (Ala Pomar).

- É o responsável por uma gráfica localizada na Fazenda Grande, que imprimia panfletos para o Trabalho Conjunto de SALVADOR - (TC SAL).

- PAULO MARIA TONUCCI, é padre progressista, simpatizante do Partido Comunista do BRASIL (PC do B).

- Sua atenção está voltada, principalmente, para a doutrinação de católicos, inculcando uma ideologia esquerdista.

- Está sempre envolvido em questões relativas a invasões de terras na Capital baiana, já tendo sido, inclusive, ouvido na Polícia Federal por seus envolvidos nas questões fundiárias.

Figura 30: AC_ACE_58206_86 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

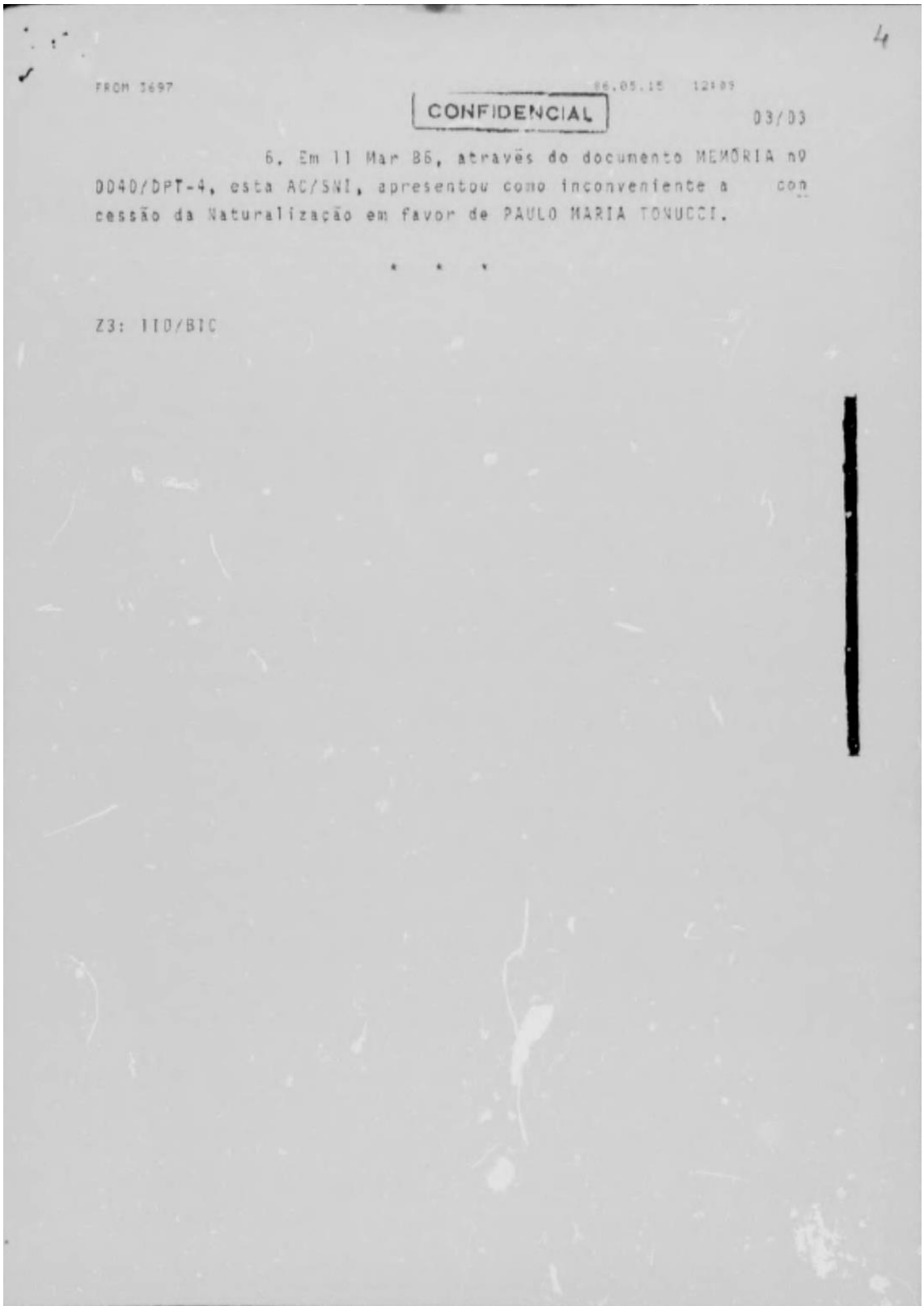


Figura 31: AC_ACE_58206_86 - Arquivo Nacional Coordenação Regional no Distrito Federal. Data 23 de dezembro de 2014.

Estes foram um dos documentos (Figuras 29 a 31) encontrados no Arquivo Nacional a respeito do pedido de naturalização. A justificativa da negativa era devido ao seu

envolvimento com movimentos sociais e, por conta disto, foi categorizado como padre progressista, simpatizante do PC do B.

Diante da negação de naturalização, a Câmara de Vereadores concedeu a Paulo o Título de Cidadão de Salvador, esta atitude foi uma espécie de pedido de desculpas em relação a postura do Governo Federal. Ao receber o título, Paulo aproveitou e expressou o seu desagrado, o seu sentimento de baiano e reafirmou continuar na oposição, criticando, esclarecendo e orientando o povo para conquista dos seus direitos.

DISCURSO em ocasião do recebimento do TÍTULO DE CIDADÃO de SALVADOR

É com muita emoção que recebo nesta noite o título de cidadão da cidade de Salvador.

Agradeço vocês, senhores vereadores, e vocês que vieram até aqui para participar comigo desta alegria

No mês de novembro de 1965 cheguei em Salvador, respondendo ao apelo de Cristo e comecei a ficar fascinado por esta cidade cheia de beleza e de mistérios que ainda perduram, apesar de todas as tentativas de seus administradores no sentido de desvirtuar a paisagem e a arte colonial.

Cheguei aqui e devagar devagar comecei a entrosar-me com o povo da periferia, convivendo com seus dramas, problemas, alegrias.

Descobri um povo com grandes potencialidades de humanidade, de cultura, que dificilmente podem ser definidas a não ser com a palavra que caracteriza tudo isso e que para nós é motivo de orgulho: SER BAIANO.

Nesta cidade mora um povo acolhedor, que apesar do racismo da cultura dominante, soube fazer a síntese das três raças, das três culturas: a índia, a negra, a europeia

Nesta cidade mora um povo lutador, continuando a revolta dos malês, de Dona Zeferina, mulher negra, líder do quilombo do Urubu, da Sociedade Protetora dos Desvalidos.

Convivi com este povo. Vim para transmitir a mensagem de Cristo, a mensagem do amor, mas devo reconhecer que recebi muito mais porque este povo já vive a mensagem de Cristo no seu misticismo, na sua religiosidade, nas suas crenças...

Apreendi a beleza da amizade, do acolhimento, da família... Deixei uma família na Itália, ganhei uma família muito maior aqui. Em muitas de suas casas eu me sinto como em minha própria casa: para mim vocês são meus irmãos, meus pais, minhas mães...

Convivi com este povo e tive a honra de participar de suas lutas.

E se, neste momento estamos aqui reunidos não é só para festejar um estrangeiro que se sente baiano e que se torna cidadão dessa terra, a nossa presença aqui é sinal de protesto.

Protesto contra o SNI, contra a polícia política.

Quando em 1982, no tempo da abertura democrática lenta, gradual, progressiva, recebi a resposta negativa ao meu pedido de naturalização, dava para entender que a abertura ainda era muito tímida. Quando, neste ano, já na vigência da Nova República, recebi o segundo veto ao renovado pedido de naturalização, ficou claro que a democracia ainda é só uma palavra e o chamado entulho autoritário permanece firme em Brasília.

Um dos motivos para não conceder-me a naturalização foi o apoio que dei aos 'invasores' do Marotinho. Minha participação na época foi de apoio, não de incentivo.

As famílias do Marotinho ocuparam a área entre Fazenda Grande e São Caetano, incentivadas não por um padre, mas pela miséria, pelos baixos salários, pela especulação imobiliária, finalmente pela política do governo. Se no Marotinho houve incentivadores da invasão, estes foram as autoridades que provocaram e continuam provocando o êxodo rural e não dão condições mínimas de vida à grande massa de moradores das cidades. Apoiei as famílias do Marotinho não movido por motivos ou ideologias políticas, mas pela minha fé em Cristo, porque sou cristão e porque sou padre.

Na Bíblia está clara a opção de Deus pelos pobres. Na Bíblia, pela palavra dos profetas, Deus declara: "Ai de vós, que juntais casa a casa, e que acrescentais campo a campo até que não haja mais lugar e que sejais os únicos proprietários da terra" (Is. 5,8)

No Evangelho de Mateus, Cristo diz: "... tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era peregrino e me acolhestes..." (Mt. 25,35ss), hoje poderíamos acrescentar: estava sem casa, sem emprego, sem transporte, sem educação, sem garantias políticas, sem garantias de emprego, e vocês o que fizeram?...

Pois, "todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizestes" (Mt. 25,40).

O apoio ao povo do Marotinho, aos desabrigados das chuvas, às lutas contra a carestia, para uma verdadeira democracia foi e é consequência da fé no Cristo presente no irmão, resposta ao desafio que a cada dia recebemos do rosto de Cristo, desfigurado no rosto dos marginalizados na periferia das cidades, que passam fome, enquanto olham o luxo dos ricos; desfigurado no rosto dos subempregados e desempregados, despedidos do trabalho pelas empresas, que visam o lucro antes de tudo e não se importam com os trabalhadores e suas famílias. Rosto de Cristo desfigurado nos rostos dos jovens frustrados sobretudo no interior e nos bairros periféricos das cidades, que estão sem vez na escola e no emprego. Rosto de Cristo desfigurado nos rostos dos velhos, cada dia mais numerosos, marginalizados pela sociedade do progresso porque eles não produzem mais e assim não servem mais.

Rosto de Cristo desfigurado nos rostos das mulheres consideradas inferiores ao homem, marginalizadas, desempregadas ou ganhando menos do que o homem no mesmo trabalho, obrigadas a se prostituir para poder sobreviver, simplesmente consideradas objeto de prazer.

Rosto de Cristo desfigurado nos rostos dos índios, os poucos que restam, vivendo em situação desumana e ainda expulsos de suas terras. Rostos de negros marginalizados, em vida desumana, que podem ser considerados os mais pobres entre os pobres.

Rosto de Cristo desfigurado nos rostos de posseiros expulsos de suas terras por parte dos grandes proprietários que querem aumentar seus latifúndios; rostos de camponeses que não têm terra, que vendem seu trabalho por nada; rostos de operários, quase sempre com salários baixos, impedidos de se organizar em defesa de seus direitos.

O compromisso pela justiça, a favor dos direitos humanos, contra a opressão, a exploração, a corrupção, é consequência do nosso cristianismo, da nossa fé.

Outro motivo para não receber o diploma de cidadão brasileiro foi a elaboração de um boletim das comunidades, considerado subversivo.

Durante todos os anos que passei em Salvador, trabalhando nas comunidades de Fazenda Grande, Fonte do Capim, Marotinho e outras áreas vizinhas, procurei favorecer a conscientização e a organização independente do povo.

Cristo outrora abriu os olhos dos cegos, hoje nós temos a obrigação de ajudar as pessoas a enxergar sua situação, a perguntar-se sobre o porque isto está acontecendo, a organizar-se de maneira independente para defender seus legítimos interesses. Também essa atividade, genuinamente cristã, chamou a atenção das autoridades, pois é muito mais fácil dominar um povo quando é ignorante, quando não enxerga sua dignidade, quando não conhece seus direitos, e por isso não sabe se defender.

Essa atividade continua chamando a atenção, hoje como ontem, porque as autoridades podem mudar de pessoas e de coloração política, mas não mudam suas atitudes autoritaristas.

Os interesses pessoais, de grupos ou de partidos, fazem com que o povo seja considerado massa de manobra para realizar a revolução que uma elite de intelectuais planejou. É muito fácil e comum decidir

num gabinete ou numa célula de partido o que é melhor para o povo, mas é muito difícil trabalhar para que cresça a consciência, para que seja o povo a assumir sua direção. É muito fácil usar chavões e continuar oprimindo o povo.

Dois mil anos atrás, uma moça da Galileia dizia: "Deus derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes" (Lc. 1,52). É um desafio lançado a todos nós cristãos de sempre lutarmos para que essas palavras se tornem realidade, e para que nunca aconteça que os que estavam na oposição, oprimidos, um dia se tornem, na situação, opressores de seus irmãos.

O desafio que nós recebemos impulsiona cada um de nós a nunca ficarmos satisfeitos com as coisas que estão por aí. É normal que nós cristãos estejamos sempre na oposição, pois o projeto que temos, o Reino de Deus, supera sempre as várias realizações.

Estamos com vocês, na oposição, mas o dia em que vocês no poder com autoritarismo, podem ter certeza que os combateremos, porque essa é a nossa colaboração, uma colaboração cristã, que não pode nunca ser identificada com este ou aquele partido, com esta ou aquela corrente ou tendência.

Agradeço a concessão do título de cidadão soteropolitano, que muito me honra, e aproveito do momento para mim tão importante, para afirmar que dedico esse título a tantos lutadores anônimos que com seu sangue, seu suor, estão construindo uma sociedade nova.

Este título pertence a eles.

Quero só mencionar dois amigos: Eugênio Alberto Lyra Silva, advogado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Maria da Vitória, assassinado no dia 22 de setembro de 1977, por grileiros a mando de fazendeiros da região, por sua atuação em favor dos pequenos.

E Alcebiades Ferreira Couto, líder do Marotinho, que no início do ano passado foi barbaramente espancado e baleado pela polícia, e até agora se encontra imobilizado na cama. Esse crime também continua impune.

A esses dois meus amigos e irmãos, e a tantas vítimas do autoritarismo, da violência, da corrupção, dedico este título que me é concedido.

Diante deles e diante de vocês, irmãos de Fazenda Grande, da Fonte do Capim, do Marotinho, em Salvador, e de vocês irmãos de Camaçari, que estão aqui presentes, renovo meu compromisso com a justiça.

Não estou arrependido por tudo que fiz a favor do povo. Tendo a oportunidade farei o mesmo, queiram ou não queiram o SNI e as autoridades.

Continuarei a estar na verdadeira oposição, criticando, esclarecendo e orientando, para que as nossas cidades possam tornar-se cidades de homens livres, onde os cidadãos sejam sujeitos de sua história e autores de seu próprio futuro.

Muito obrigado

Paulo Maria Tonucci

Salvador, 04.06.1986

35

Figura 33: Discurso em ocasião do recebimento do Título de Cidadão de Salvador

No discurso (Figura 32 e 33) ele continuou firme nos seus ideais, nos seus objetivos, apesar do desapontamento em relação a negativa do pedido de naturalização:

Ele ficou muito decepcionado, ele tinha uma grande vontade de se identificar com o Brasil. Ele me dizia sempre:

-Eu sou sempre um estrangeiro, sou um estrangeiro na Itália e sou um estrangeiro no Brasil. [...]

Não é que ele queria um passaporte brasileiro, ele sentiu muito porque gostaria de fazer parte de um povo. (Giovanni Tonucci, entrevista realizada no dia 27/02/2014)

Paulo ficou muito desapontado com a negativa do seu pedido de nacionalidade. Ele se sentia pertencer ao Brasil e gostaria de não ser mais visto como estrangeiro, como o de fora, mas como igual aos outros, um brasileiro por escolha.

CAPÍTULO II

O VATICANO E A AMÉRICA LATINA: A IGREJA E A PERIFERIA

Discorrer sobre Paulo Tonucci é falar também da Igreja, mas como abordar sobre um padre italiano que veio trabalhar no Brasil? Aliás, Tonucci foi um dentre vários europeus que vieram para América Latina. Buscar compreender o porquê Paulo se tornou missionário, saiu de Fano a procura de novos desafios, para pregar e auxiliar na universalização do catolicismo, não é o suficiente, torna-se necessário analisar a relação da Igreja, a partir do Vaticano, com a América Latina.

Não basta olhar apenas o indivíduo como se houvesse tão-somente a vontade de Tonucci em se tornar um missionário, em conhecer e desbravar um continente até então desconhecido para sua pessoa. Mas sobre esses questionamentos não há como obter respostas precisas, pode-se dizer, apenas, que Paulo Tonucci foi ao Brasil com o compromisso de fortalecer o trabalho sacerdotal e expandir o catolicismo no continente. Já a vontade institucional deve ser analisada verificando quais interesses respaldavam e legitimavam o trabalho missionário, ou até estimulavam os anseios em se tornarem missionários. Neste capítulo se pretende discutir os interesses da Igreja, assim como as atitudes do Vaticano para consumação destes e os desdobramentos na América Latina.

OS OLHARES DO VATICANO PARA A AMÉRICA

A Igreja Católica constrói seu trabalho se consubstanciando com a fé, algo que se encontra no universo da superestrutura, mas ela desenvolve outros interesses tendo a fé como base de legitimação. Interesses estes que vão desde o compromisso tradicional de salvação universal, relação e disputa com outras igrejas, até a organização, maximização, manutenção dos seus interesses, assim como preservar a própria instituição. A Igreja é uma instituição de lastro cultural e, por isso, sua atuação está susceptível a concepções e práticas culturais, sociais e políticas. O seu caráter institucional não a torna imune de perspectivas e práticas que podem redimensionar a sua visão de organização, autopreservação e manutenção dos seus interesses.

Segundo Weber, denomina-se “*instituição* uma associação cuja ordem estatuída se impõe, com (relativa) eficácia, a toda ação com determinadas características que tenha lugar dentro de determinado âmbito de vigência.” (Weber, 1999, p.32). Ou seja, seguindo esse raciocínio, a Igreja Católica é uma associação muito abrangente que busca impor as ordens vigentes às pessoas associadas ou não, mas tendo eficácia relativa, já que essas ações são concebidas com características onde tenha âmbito de validade. Desta forma, a ação institucional está concatenada com o momento histórico, mas também cultural, social e político.

Analisar a Igreja Católica dentro desta perspectiva é ficar atento aos desafios e contratempos, tanto histórico, social, cultural e políticos, mas também observar a sua estrutura organizativa do ponto de vista internacional. A Igreja Católica, durante o século XIX, buscou rever suas ações frente aos movimentos anticlericais após a Revolução Francesa. O pensamento ultramontano (romanização) procurou reafirmar a autoridade do Vaticano sobre as Igrejas nacionais, enfatizava a vivência de uma fé interiorizada, pessoal e individual, e de extrema obediência às orientações do clero (Wernet, 2005).

Assim, o Vaticano passou a ter grande poder de intervenção, fortalecendo ou desestimulando diferentes teologias e práticas pastorais. Esse processo se reverberou frente à nomeação dos cargos hierárquicos, que são meios sonantes onde se propagam o desenvolvimento de concepções teológicas e práticas de evangelização da ordem central vigente. Isso significa que os nomeados episcopais podem desestimular, ou melhor, tentar conter concepções diversas à referência de Roma.

Pode-se dizer que os bispos desempenham importante papel, por serem os líderes formais de suas dioceses locais e, assim, o Vaticano através dos seus núncios apostólicos, seus representantes, detém grande peso no processo de nomeação dos bispos.

Através de um processo seletivo de encorajamento ou de desencorajamento às mudanças, Roma exerceu grande influência sobre o desenvolvimento da Igreja brasileira durante 1916-1985. No Brasil, o modelo de Igreja da neocristandade foi diretamente encorajada por Roma, assim como as cautelosas reformas de 1950. As inovações entre o final da década de 50 e o término da década de 70 teriam sido impensáveis fora do contexto dos papados mais progressistas na história recente da Igreja. (Mainwaring, 2004, p.31)

Mainwaring, talvez nesse trecho de sua obra, carrega um pouco na tinta ao enfatizar o quanto Roma, ou melhor, o Vaticano, detinha seu peso sobre as mudanças que transcorreram na Igreja. Com isso não quer dizer que não tenha em parte razão, no entanto o próprio

Mainwaring, ao longo do seu trabalho, aponta que as transformações da Igreja brasileira estavam muito concatenadas também ao processo histórico, político e social a qual a sociedade vivenciava. O Vaticano era personagem importante no cenário de atuação da Igreja, contracenava com personagens externos à instituição, mas também com personagens internos - grupos, ordens – que refletiam sobre as orientações e suas práticas.

As inovações ocorridas entre o final da década de 50 e o término da década de 70 não se deram apenas como decorrência de papados progressistas⁵, já havia registros de teólogos, bispos e movimentos que já reclamavam por determinadas mudanças como, por exemplo, maior participação dos leigos, a defesa dos oprimidos e contra as injustiças e abusos sociais. Isso acena que nem todas as mudanças foram provocadas de cima para baixo, o que demonstra que o ultramontanismo não atuou de maneira magistral.

A romanização se aprofundava a depender dos objetivos basilares do Vaticano. Determinadas Igrejas nacionais ou certos continentes eram vistos com grande distanciamento por parte do Vaticano, por mais que este estivesse preocupado em retomar o espaço perdido com as mudanças modernas, como a laicização das proclamações das repúblicas.

Também a nível eclesiástico, a América representava uma periferia longe e desconhecida para os responsáveis do aparato central da igreja católica. Muitos manuais de história da igreja e diversas publicações eclesiásticas, até o fim da Primeira Guerra Mundial, dedicavam algumas poucas histórias do catolicismo ibero-americano e em linhas despreziosas. Não pode se esquecer de que até Gregório XVI, quando a Santa Sé falava de América, entendia se referir a América Hispânica, de modo indistinto do Brasil ao Canadá. (Bella, 2006, p.182, tradução minha)

Neste trecho Giana La Bella demonstra que, por mais que a Igreja católica estivesse preocupada com a romanização desde o século XIX, a América e mais precisamente a América Latina só passou a ganhar notoriedade no papado de Pio XII (1939-1958). Demonstrando que, por mais que a Igreja católica latino-americana começasse a ganhar atenção do Vaticano no século XIX, essa relação não se aconteceu de maneira absoluta no continente.

A atenção começou a ser mais cuidadosa devido não apenas pelo processo de ocupar e de disputar espaço por conta do fim do patronato e da laicização da proclamação da república, mas também porque havia uma preocupação da influência soviética e a difusão dos ideais comunistas nos países latino-americanos a partir dos anos 1930 do século XX. Giana La Bella

⁵ Papados progressistas: Papado de João XXIII (nov./1958 a jun./1963) e Papado de Paulo VI (jun./1963 a ago./1978).

(2006, p. 184) relata, ainda, que Pio XII é um dos papas contemporâneos que mais escreveu mensagens endereçadas a América: mais de 34, entre declarações, cartas e discursos.

Outro exemplo dessa preocupação está na constituição do Conselho Episcopal Latino Americano e a instituição da Pontifícia Comissão para América Latina, estas foram ações de contrapartida de Pio XII para conter a influência comunista. Giana La Bella afirma que o papado de Pio XII estava preocupado com os desafios provenientes do terceiro mundo, onde a situação política caminhava do colonialismo para independência nacional (África e Ásia). O Vaticano temia que o processo de descolonização alinhasse os movimentos dos países a uma opção antiocidental.

Um dos problemas que mais assombrava os superiores vaticanos era o crescimento da influência soviética no terceiro mundo e a difusão da ideologia e do ideal comunista em tantos países da América Latina. “A Civilização Católica”, revista autoral da Companhia de Jesus, publicou nos primeiros anos uma série de artigos de preocupações e alarmes, assinado por Fiorello Cavalli, o especialista latino-americano do grupo dos escritores e consultor de monsenhor Casaroli, em mérito aos graves problemas políticos, culturais e religiosos que comprometia a estabilidade do continente inteiro. (Bella, 2006, p. 183-184)⁶

Em relação a América Latina a apreensão do Vaticano era a influência soviética e a influência de ideais comunistas. Esta preocupação se advinha em função dos relatos e análises de membros e ordens frente às transformações que o continente latino-americano vivenciava nas décadas de 1940 e 1950.

Como já foi dito, a Igreja católica, desde o século XIX, vinha buscando aumentar seu poder de intervenção na sociedade, numa espécie de contraofensiva ao iluminismo e o racionalismo do século XVIII. A Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII, em 1891, propôs compatibilizar os objetivos da Igreja com o mundo moderno, ou seja, uma recristianização da sociedade e do Estado através do laicado e de instituições ligadas ou fortemente influenciadas pela Igreja.

Leão XIII ao propor a abertura da hierarquia eclesiástica às liberdades políticas modernas buscava um meio de assegurar a orientação e estimular a formação progressiva de organizações encarregadas de enquadrar a vida cotidiana dos católicos dentro da perspectiva de recristianização não apenas das consciências, mas também das estruturas sociais (Brighenti, 2014). Dentro desta perspectiva que a Ação Católica se institucionaliza dentro da Igreja, com mandato e controle de hierarquia.

⁶ Agostino Casaroli foi um importante representante do Vaticano nas ações dentro da América Latina durante os anos 1960 até os anos 1990.

Ação Católica representa a reação contra a intensa apostasia de amplas massas, isto é, contra a superação de massa da concepção religiosa do mundo. Não é mais a Igreja que estabelece o terreno e os meios da luta; ao contrário, ela deve aceitar o terreno que é imposto pelos adversários ou pela indiferença e servir-se de armas tomadas de empréstimo ao arsenal de seus adversários (a organização política de massa). (Gramsci, 2001, p.152)

Segundo Gramsci, a Igreja católica passou a usar arsenais seculares para ter poder de influência dentro da sociedade. A Ação Católica surgiu dentro desta perspectiva de atuar e minimamente intervir não só educacionalmente, como politicamente e socialmente. Seria o que podemos chamar de reação frente à secularização da sociedade. De acordo com Gramsci, a ação católica foi uma reação com o intuito de disputar, retomar a posição enquanto uma força ideológica de peso no âmbito social e político, buscando hegemonizar as relações na sociedade civil, recaindo assim sobre o fundamento moral e intelectual do Estado.

No pontificado de Pio XI (1922-1939), a Ação Católica foi reendossada, tomando como parâmetro a Ação Católica da Juventude Francesa fundada em 1886. “O Papa conclama os leigos do mundo inteiro a integrarem as fileiras da Ação Católica, exercendo de modo oficial e organizado, o apostolado no mundo contemporâneo” (Brighenti, 2014). A Ação Católica teve como referenciais, ainda, a “Juventude Católica Italiana” (J.C.I.), no entanto, segundo Brighenti, a Associação Católica da Juventude Francesa, fundada em 1866, teve grande peso no modelo de Ação Católica institucionalizada, por promover engajamento social tendo como diretriz a encíclica *Rerum Novarum*.

Igreja católica brasileira atuou justamente dentro desta perspectiva, modernizou suas estruturas institucionais, conseguiu manter-se como forte polo na educação, mantendo um diálogo privilegiado com o Estado, principalmente com o governo Vargas. Segundo Mainwaring (2004), desde o final do século XIX esses processos de adaptações institucionais já se apresentavam, com o objetivo de enfrentar os desafios de existir numa república secular.

O modelo de neocristandade no Brasil ganhou força a partir de 1916, foi quando Arcebispo Dom Sebastião Leme, da Arquidiocese de Olinda publicou a *Carta Pastoral Saudando a sua Archidiocese*. O documento discutia as dificuldades econômicas, sociais e políticas, implicava também a ausência de um compromisso religioso da população, conclamava a todos à organizarem um movimento de recatolização da população e das instituições do país (Azzi, 1994).

O Vaticano encorajou os esforços da Igreja Brasileira para fortalecer a presença da Igreja na sociedade, especialmente durante o papado de Pio XI (1922-1939), cuja visão da Igreja e da política aproximava-se a de Dom

Sebastião Leme. Sob Pio XI, os movimentos da Ação Católica tornaram-se peças-chave dentro da Igreja. (Mainwaring, 2004, p.43)

Os Círculos Operários, a Juventude Universitária Católica, a Juventude Estudantil Católica, a Ação Católica Brasileira foram movimentos que marcaram forte presença católica nas instituições e no Estado. Como já foi dito, a Ação Católica partia do princípio de cristianizar a sociedade e esse modelo perdurou no Brasil até o final da década de 1950 (Azzi, 1994 e Mainwaring, 2004). Naquele momento, diversos movimentos populares, juntamente com esses movimentos católicos, passaram a questionar o posicionamento da Igreja frente aos problemas sociais.

O Vaticano e seus líderes locais por mais que se propusessem a controlar e a centralizar os parâmetros a serem seguidos, essa grande associação está amalgamada às diferentes interpretações das diretrizes e suas aplicabilidades, assim como as diversas realidades históricas, tanto vividas pelos membros que compõe esta instituição, quanto os que fazem parte sem serem integrantes internos.

O vivenciar incidiu sobre as diretrizes da instituição, trazendo questionamentos e reivindicando novas revisões. Desta maneira, não basta se debruçar para compreender o processo de centralização da instituição, às vezes é importante buscar compreender quais são as motivações de determinados segmentos sociais que se reuniram junto a esta instituição, que, por vezes, agiu indo de encontro aos interesses destes próprios segmentos.

É um pouco nessa linha que E. P. Thompson (2012) analisou os seguidores da Igreja metodista na Inglaterra durante o fim do século XVIII e início do século XIX. Ele evidenciou que esta instituição, na aplicação da sua doutrina, acabava disciplinando os trabalhadores e os desestimulando a reivindicarem melhores condições de trabalho e de remuneração, beneficiando, de certo modo, os proprietários de indústrias e, apesar disso, essa instituição conquistava adeptos entre os exploradores e os explorados.

A partir desses estudos Thompson buscou entender como isso se sucedia entre os operários e identificou o seguinte: a Igreja possuía uma forte vida comunitária, estava presente em lugares, muitas vezes, distantes; a participação dos operários na Igreja metodista lhes conferia perante a sociedade um *status* de sobriedade, de castidade ou de piedade; e se observou que a Igreja Metodista ganhou grande expansão no período entre guerras por ser

uma religião que enfatizava a outra vida, ou seja, seria o quiliasma⁷ dos derrotados e dos desesperados durante as Guerras Napoleônicas.

O interessante disso tudo é que apesar da forte rejeição da Igreja metodista aos movimentos dos operários, Thompson encontrou muitos trabalhadores metodistas e pregadores locais como ativistas dentro das diferentes tendências políticas da classe operária. Muitos destes se destacaram enquanto oradores e organizadores, conservando a confiança de suas comunidades, mesmo após a expulsão da Igreja metodista.

Em períodos de miséria ou de tensão política crescente, toda a “hostilidade reprimida” na mente dos trabalhadores metodistas podia irromper, e, com a rapidez de uma campanha de revivificação, as ideias jacobinas ou radicais podiam espalhar-se “como o fogo no tojo”. (...) Nenhuma ideologia é inteiramente absorvida por seus partidários: na prática, ela multiplica-se de diversas maneiras, sob o julgamento dos impulsos e da experiência. (Thompson, 2012, pp. 349-350)

Como o próprio Thompson afirma, apesar da forte rejeição da Igreja metodista em relação aos movimentos operários, o caráter disciplinado da instituição, desempenhou importante papel na formação dos ativistas, que se tornaram organizadores e oradores, muitas vezes, em decorrência da própria experiência vivida na Igreja. As diretrizes engendradas nesta instituição foram absorvidas e aplicadas de diferentes maneiras, ou seja, por mais que ocorresse o estímulo ao não confronto com os proprietários das indústrias, o processo de assimilação e aplicação das diretrizes se sucediam de diferentes maneiras e influenciadas por diversos fatores, sejam estes pessoais ou coletivos.

Partindo desta análise pode-se observar que a Igreja católica ao buscar rever suas ações frente à secularização do mundo contemporâneo, não perdendo de vista seus objetivos enquanto instituição, definiu novas diretrizes (a partir de Leão XIII) a serem trilhadas e retomadas por Pio XI e XII. No entanto, isso não significou que estas ações e diretrizes fossem assimiladas e operadas do mesmo modo como inicialmente foram formuladas. Afinal “o julgamento dos impulsos e da experiência” tiveram efeitos diversos sobre essa tentativa de mudança da Igreja católica no final da década de 1950.

A preocupação dos sacerdotes nas práticas pastorais, o crescimento dos movimentos populares, os acontecimentos políticos e sociais no Brasil e no restante da América Latina, a exemplo de Cuba, assim como o papado de João XXIII e o Concílio Vaticano II repercutiram de diferentes maneiras entre os sacerdotes, bispos e leigos. O fortalecimento dos movimentos

⁷ Quiliasma: Doutrina segundo a qual os predestinados, depois do Julgamento Final, ficariam ainda mil anos na Terra, no gozo das maiores delícias.

populares, principalmente o rural, exerceu grande repercussão sobre a reavaliação da missão da Igreja.

Apesar do alinhamento da Igreja católica junto aos governos Vargas e Kubitscheck durante os anos 50, frente ao Plano de Valorização Econômica da Amazônia e do Vale do São Francisco, ou junto ao trabalho da criação da SUDENE, ou firmando convênios com o Governo ligado ao Movimento de Educação de Base – MEB, todas essas experiências e esse confronto com a realidade trouxeram diversas reflexões sobre as ações e a missão da Igreja. Enquanto a direção da Igreja empenhava-se seguir um curso reformista, em forte cooperação com o Estado, parte de suas bases, os que se encontravam próximos aos camponeses, passavam a perceber que muitos impasses eram intransponíveis dentro destas ações reformistas.

José Oscar Beozzo (1993) relata que a passagem de muitos líderes e quadros da Juventude Universitária Católica (JUC), vindos da cidade e da pequena burguesia, para os trabalhos de Igreja, em especial para o Movimento de Educação de Base e de sindicalização rural, se chocaram com uma realidade muito adversa ao que estavam habituados, a exemplo da miséria, da fome e da opressão que os trabalhadores rurais eram submetidos.

A encíclica *Mater et Magistra* (1961) estimulou o que já se encontrava em curso no Brasil, vivenciada pelos leigos e sacerdotes que se encontravam engajados nos trabalhos da Ação Católica, principalmente os ligados ao campo, onde viviam os conflitos de terra e o êxodo rural.

Na verdade, a encíclica de João XXIII deu vigoroso impulso à linha de compromisso social da Igreja do Brasil e, de modo particular, ao seu crescente engajamento nas questões relativas à reforma agrária, à sindicalização rural e à educação de base no campo.

Gostaríamos de assinalar como a herança de João XXIII, na *Mater et Magistra*, foi sendo aprofundada e levada adiante na Igreja do Brasil, cada vez com mais liberdade e partindo mais e mais das condições concretas da realidade brasileira e das necessidades e exigências de justiça e parte do movimento popular no campo. (Beozzo, 1993, p.51)

A encíclica de João XXIII - *Mater et Magistra* - em que trata longamente sobre a questão agrária, é considerada por Beozzo, como a Carta Magna da agricultura dentre os documentos pontifícios. Por abordar sobre a “modernização” do campo, pedindo revisão na valorização do trabalhador para diminuição do êxodo rural; ratifica a propriedade privada desde que tenha uma função essencialmente social; e uma melhor distribuição da propriedade privada.

Samuel Silva Gotay (1985), no entanto, ressalta que a encíclica *Pacem in terris* provocou grande repercussão na América Latina por tocar em pontos cruciais que alavancaram os movimentos sociais coordenados pelas organizações católicas. João XXIII destacou os direitos humanos:

E, ao nos dispormos a tratar dos direitos do homem, advertimos, de início, que o ser humano tem direito à existência, à integridade física, aos recursos correspondentes a um digno padrão de vida: tais são especialmente o alimento, o vestuário, a moradia, o repouso, a assistência sanitária, os serviços sociais indispensáveis. (*Pacem in terris* n.11)

Isso sinalizava que a Igreja, a partir de então, lutaria pela transformação, pelos direitos humanos, contestando as estruturas de exploração. Esta encíclica ainda apontava “os sinais dos tempos”: a ascensão socioeconômica dos trabalhadores, o ingresso da mulher na vida pública, o fim do colonialismo, questionando a autoridade que se opusesse aos direitos humanos.

A contribuição mais radical nesta encíclica estava nas “recomendações pastorais”, pois João XXIII acabou rompendo com os papas anteriores no momento em que avaliou a relação entre cristãos e marxistas.

Pode, por conseguinte, acontecer que encontros de ordem prática, considerados até agora inúteis para ambos os lados, sejam hoje, ou possam vir a ser amanhã, verdadeiramente frutuosa. Decidir se já chegou tal momento ou não, e estabelecer em que modos e graus se hão de conjugar esforços na demanda de objetivos econômicos, sociais, culturais, políticos, que se revelem desejáveis e úteis para o bem comum, são problemas que só pode resolver a virtude da prudência, moderadora de todas as virtudes que regem a vida individual e social. No que se refere aos católicos, compete tal decisão, em primeiro lugar, aos que revestem cargos de responsabilidade nos setores específicos da convivência em que tais problemas ocorrem, sempre, contudo, de acordo com os princípios do direito natural, com a doutrina social da Igreja e as diretrizes da autoridade eclesiástica. (*Pacem in terris*, n.159)

A encíclica aponta que, apesar das diferenças filosóficas, os marxistas tinham muito a colaborar no âmbito político e social. Além disso, deixava livre para os cristãos, que detinham cargos ou responsabilidades na comunidade, em decidir quando, o modo e a intensidade do aproveitamento destes contatos (Gotay, 1985). Tais posições constituíam-se em algo que provocou conflitos internos entre a base da Igreja e a hierarquia que resistiu tais ordenamentos, temendo perder o controle dos caminhos a serem trilhados pelas organizações da instituição.

O historiador Samuel Gotay ressalta que apesar destes avanços presentes na encíclica, João XXIII assumiu uma posição conciliadora em relação à revolução e à violência. A encíclica destaca “A salvação e a justiça encontram-se não na revolução, mas na evolução bem planejada.”, ou seja, demonstra estar de acordo com a transformação por melhores condições, em defesa dos direitos humanos, na libertação das mulheres, do fim do colonialismo, mas com parcimônia e planejamento. Apesar dessa cautela, a encíclica *Pacem in terris* abriu espaço para que grupos religiosos de determinados países encontrassem meios para que seus anseios começassem a fazer eco junto a Igreja.

A salvação e a justiça encontram-se não na revolução, mas na evolução bem planejada. A violência nunca fez outra coisa senão destruir, não edificar; acender paixões, não aplacá-las. Acumulando ódios e ruínas, não só não conseguiu reconciliar os contendores, mas até levou homens e partidos à dura necessidade de reconstruir lentamente. (*Pacem in terris*, n.159)

A encíclica para América estava voltada para o conflito em torno de Cuba e a garantia de sua relutância frente à revolução. No Brasil, essa encíclica provocou grande repercussão, pois chegou num momento de grande luta interna na Igreja brasileira, de forte instabilidade social e econômica frente ao processo de deslegitimação que o governo Jango estava sofrendo. *Pacem in terris* intensificou os debates que já ocorriam na América Latina sobre o agir frente s injustiças

Um parêntese para João XXIII

João XXIII foi um papa de quem não se esperava muito, pois era uma figura que não se depositava grandes ações e consequências imediatas, no entanto deixou portas entreabertas que nenhum outro papado havia sequer tocado. Pouco se sabia de Angelo Giuseppe Roncalli, mas Hannah Arendt (2008) em um capítulo do seu livro “Homens em tempos sombrios” apresenta um pouco o João XXIII que não deixou de ser o Roncalli.

Arendt relata que apesar de Roncalli não ter sido um cardeal muito conhecido havia histórias que corriam de boca em boca e ajudam a entender melhor o porquê ninguém o conhecia e o porquê ele surpreendeu tanto. Ela fala dos conflitos entre ele e os órgãos centrais da administração eclesiástica na Bulgária, dos impasses vividos com Roma por contestar, de modo pontual, as relações da Igreja católica com o embaixador alemão durante a Segunda

Guerra Mundial. Esses conflitos foram vividos de maneira velada sem grande repercussão, talvez por isso ele não chamasse atenção do mundo católico.

Hannah Arendt deu a entender que ele foi galgando a hierarquia católica pouco a pouco sem chamariz. Em parte talvez ela tenha razão, tanto que a escolha do seu nome pelos cardeais decorreu por conta de não chegarem a um acordo no interior do conclave. O próprio Roncalli era ciente de que não seria escolhido pelos cardeais, no seu diário, ele escreve que eles o viam como “um papa provisório e transitório”. Apesar de subestimarem seu poder de iniciativa, ele detinha consciência das suas ações:

Esqueceram que “ser manso e humilde [...] não é a mesma coisa que ser fraco e complacente”, como uma vez anotou Roncalli. (...) Desde o início de seu pontificado no outono de 1958, todo o mundo, e não apenas os católicos, passou a observá-lo pelas razões que ele mesmo enumerou: em primeiro lugar, por ter “aceitado com simplicidade a honra e o encargo”, depois de ter sempre tido “o máximo cuidado [...] em evitar qualquer coisa que pudesse atrair a atenção sobre mim”. Em segundo, por ter “sido capaz de [...] efetivar imediatamente certas ideias que eram [...] perfeitamente simples, mas com efeitos de longo alcance e plenas de responsabilidade para o futuro”. (Arendt, 2008, p. 69).

João XXIII estava ciente da repercussão das suas ações frente às encíclicas e o concílio. Por mais que as encíclicas *Mater et Magistra* e *Pacem in terris* pudessem ser abraçadas por diferentes segmentos sociais e grupos religiosos, com interesses contrários, no entanto abriram o debate. Provocou reflexões em meio às realidades locais, além de convocar e co-responsabilizar os leigos frente às análises e ações.

A encíclica *Pacem in terris* deixada por João XXIII criticou a ordem capitalista, reivindicou a dignidade humana, além de ter reiterado a importância do laicato. Beozzo (1993) relata que a encíclica passou a ser o ponto de apoio dos leigos frente aos conflitos que surgiram com a hierarquia em decorrência do agravamento de posições divergentes diante dos problemas de ordem econômica, social e política. A crescente colaboração entre os militantes de Ação Católica e organizações de esquerda no meio estudantil, na sindicalização rural e na classe operária, o comprometimento das bases com estes movimentos sociais não era bem visto pela hierarquia da Igreja católica (Beozzo, 1993, p.69).

A comissão central do Conselho Nacional de Bispos do Brasil – CNBB, em 30 de abril de 1963, aprovou e divulgou um documento em que relatou sua preocupação com a condição humana, retomando a encíclica, mas também enfatizou que as soluções marxistas não eram menos desumanizantes. O documento rejeitava o reformismo paliativo ou um totalitarismo estatal e indicava uma transformação social para dignidade de vida e dentro de uma dimensão humana e de dignidade de vida.

“Os encontros em vários setores da ordem temporal entre católicos e pessoas que não têm fé em Cristo, ou têm-na de modo errôneo, podem ser para esta ocasião ou estímulo de chegarem à verdade” (*Pacem in Terris*) Para isto, ensina-nos o santo padre, os cristãos devem ser de tal modo coerentes que não desçam a compromissos de religião e moral permanecendo fielmente ligados a seus pastores, mantendo-os informados de suas atividades e obedientes à sua orientação. (A COMISSÃO CENTRAL da CNBB, 30 de abril de 1963; apud Beozzo, 1993, pp. 68-69)

A preocupação da CNBB estava na colaboração dos laicatos com os movimentos e partidos de esquerda e sua grande autonomia em relação à hierarquia. Baseado na *Pacem in terris* foi que os laicos fizeram valer sua responsabilidade na convivência com os problemas, o engajamento com a vida temporal permitiu julgar os contatos que cabiam diante do compromisso de transformação social em busca da dignidade e humanização. Foi a partir desta co-responsabilidade e o não concordar com as orientações e relações políticas estabelecidas pela hierarquia que o processo de divisão interna da Igreja católica começou a se intensificar.

DO CONCÍLIO A AMÉRICA – MEDELLÍN A PUEBLA

O Vaticano II era um evento europeu, dominado por bispos e teólogos europeus e dirigido principalmente à Igreja europeia. Curiosamente, no entanto, as reformas do Concílio conduziram a mudanças que foram mais significativas em alguns países da América Latina do que na própria Europa. Maior participação de leigos, justiça social, maior sentido de comunidade, maior co-responsabilidade dentro da Igreja e relações de maior proximidade entre o clero e o povo exigiam na América Latina mudança maior do que na Europa. (Mainwaring, 2004, p. 63)

A legitimação dos teólogos e bispos europeus era hegemônico no Concílio Vaticano II, no entanto, o reconhecimento de determinadas reivindicações se tornaram a abertura para a conquista e fortificação de novos espaços, reinterpretações e anexações de novas perspectivas de leitura e prática. O grande encontro foi orquestrado pelos europeus, mas os sons latino-americanos é que ecoaram além do concílio.

Mainwaring (2004) afirma que as encíclicas apostólicas e o Vaticano II incorporaram e legitimaram tendências que já existiam, defendidas por teólogos e bispos e movimentos que já trabalhavam pela mudança na Igreja. O autor relata a crescente autonomia das Igrejas nacionais nas duas décadas posteriores ao Concílio, sendo que ele afirma que a mudança latino-americana começou na base, mas só ganhou eco após a legitimidade da cúpula romana. Ele talvez tenha razão, mas vale salientar que a legitimidade não foi dada, ela foi reconhecida, ou seja, precisou-se buscar novos adeptos e força, provocando desequilíbrio e tensão, cobrando ou exigindo ser vista, ser analisada, para assim ser aceita como tal.

As efetivas conquistas, entre limites e tensões, foram: a missão social da Igreja; enfatizou-se a importância do laicato dentro da instituição, motivando responsabilidades entre estes; a co-responsabilidade entre o papa e os bispos, ou entre padres e leigos dentro da Igreja; desenvolveu-se a noção de Igreja como o povo de Deus; valorizou-se o diálogo ecumênico; e modificou-se a liturgia de modo a torná-la mais acessível. Sucederam outras modificações sendo que estas tiveram repercussões diretas na Igreja Latino-americana.

Como já foi dito, a América Latina ganhou evidência já no papado de Pio XII, mas isso não se deu apenas pelo grande número de mensagens endereçadas ao continente, mas também pelo fato de iniciar uma forte campanha para encaminharem sacerdotes por conta da falta destes no continente latino-americano.

Salientamos que no papado de Pio XII havia uma forte preocupação pela ausência de homens da Igreja para combaterem a cultura laica, o crescimento do protestantismo e a ideologia comunista. Isto se iniciou em 1955 com a carta apostólica *Ad Ecclesiam Christi* que trazia as análises sobre o que acontecia com catolicismo sul-americano e quais providências deveriam ser tomadas. Essa campanha foi só o começo, o papa João XXIII conduziu vinte três mensagens aos episcopados: norte-americano, canadense, alemão, italiano, francês, suíço, espanhol e belga para estimular a colaboração com a América Latina, não apenas com recursos financeiros, mas, também, humanos (Bella, 2006, 188-191).

O envio de missionários tinha como intuito fortalecer a Igreja no continente latino-americano e esse processo se iniciou antes mesmo do Concílio e se perpetuou durante o papado de João XXIII. Diante disso como se deve analisar o envio e o trabalho destes missionários à América Latina? De que maneira o trabalho missionário influenciou e/ou foi influenciado sobre o desenvolver de uma nova práxis teológica? Diante destes questionamentos o trabalho de Nicola Gasbarro ao analisar o trabalho missionário a partir das condições histórico-culturais, ajuda a compreender melhor os sistemas de relações e de valores vividos pelos missionários.

A consciência teológica-cristã compõe os sistemas de valores dos enviados da Igreja, mas ao imergirem no universo das missões, apreendem novas relações:

A reproblemática do universalismo teológico do cristianismo em termos de generalização antropológica ajuda a compreender também este humanitarismo “desacralizado” como um produto cultural da amplitude progressiva do conceito de religião, que é a primeira exigência concreta que os missionários vivem em modo radical: não é por acaso que frequentemente são forçados das diversas dinâmicas culturais a abrir um confronto seja com as hierarquias da Igreja institucional, seja com ortodoxias da teologia tradicional. (Gasbarro, 2009, 13-14, minha tradução)

A vida cotidiana “com o outro”, segundo o autor, não permite distinções sofisticadas entre teologia e antropologia, mas obriga a repensar as relações entre as civilizações para inseri-las na perspectiva cristã da salvação. Gasbarro, ao dialogar com Norbert Elias, afirma que o “processo de civilização” atravessa uma longa relação entre os códigos culturais da religião com da civilização e que esse processo relacional chega num momento de confronto com as posições ortodoxas da hierarquia cristã.

Para Gasbarro, a generalização civil conseguiu, de certa maneira, incluir as diferenças religiosas e mantê-las de qualquer modo compatíveis, mas esse processo exigiu uma nova ortoprática cultural e como consequência missionária (2009, p. 27).

Religião e civilização, ortodoxia da Igreja e ortoprática da vida social, santos e corpos, sinais do sublime e do mundano, fés diversas e idolatrias de cada tipo, hegemonia do senso e subordinações culturais convivem em um tipo de “dupla” do corpo social: somente aqui a força sacramental do ritual tem condições de impor uma conciliação do possível e do pensável, um compromisso para viver nas contradições cotidianas das diversidades radicais. [...] a ideologia prática dos missionários é substancialmente esta: a generalização intercultural da ordem cristã do mundo, que implica um processo de generalização da civilização de cada diversidade, e os riscos sociais e simbólicos de uma aculturação dispersiva da ortodoxia religiosa, até a implosão de sua cosmologia cultural. (Gasbarro, 2009, p.29, minha tradução)

A relação entre religião e civilização compuseram a ortoprática missionária e, segundo Gasbarro, abraçavam uma lógica de generalização intercultural da ordem cristã, pertencente ao encontro de um processo geral de civilização. Os missionários se propuseram a praticarem tal generalização em prol da lógica de disseminação de uma perspectiva cristã, mesmo que esta seja uma aculturação dispersiva. Essa ortoprática missionária foi abraçada pelos missionários que vieram para América Latina antes, durante e depois o concílio Vaticano II? Pode-se dizer que havia uma preocupação na formação desses missionários, vide a encíclica

de João XXIII *Princeps Pastorum*, onde ele incentivava aos missionários a fazerem uma “formação intelectual que trate das necessidades reais e da mentalidade de cada povo”. O concílio Vaticano II também se voltou para a atividade missionária ao fazer um decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária (Lanternari, 1972, p.132). Paulo, como foi comentado no capítulo 1, participou do curso da Comissão Episcopal italiana pela América Latina – curso preparatório para os sacerdotes que estavam destinados a missão latino-americana. Estas atividades fizeram parte também do papado Paulo VI.

A formação destes missionários se deu em meio a discussão sobre qual seria procedimento destes religiosos frente à América. Vittorio Lanternari, no seu livro publicado em 1972, trata desta discussão sobre a postura da Igreja e a política de adaptação ou repressão frente ao cenário político e social. Havia segmentos dentro da Igreja que defendiam que a instituição deveria se portar com uma atitude mais intervencionista. No entanto, havia setores que reclamavam a importância da consciência dos problemas do mundo contemporâneo, e que nem eles mesmos haviam plenas condições de distinguir problemas temporais dos espirituais.

Diante destes impasses e dificuldades, se perpetuou a ideia de que se é muito mais valoroso o juízo de uma autocrítica construtiva e fecunda do que uma postura repressiva.

Também o cardeal C. Costantini reconhece que um maior senso de “respeito” das formas culturais se exige, próprio para uma melhor eficácia do trabalho evangelizador. O novo orientação das missões se deve fundar sobre três constatações: 1) a emancipação política dos países das missões; 2) o desenvolvimento das Igrejas autônomas; 3) a importância do patrimônio cultural e ético das diversas nações. (Lanternari, 1972, p. 137, minha tradução)

Lanternari relata que tais avaliações sobre a ação missionária era considerada muito renovadora e a depender de qual segmento ou grupo religioso avaliava tais orientações poderiam ser consideradas muito revolucionárias (1972, p. 133-135). Interessante observar que tais impasses compuseram a formação missionária, assim como a pressão por mudanças dentro da Igreja, que vinha de outrora e que se recapitulava e ganhando legitimação pouco a pouco, seja nas encíclicas de João XXIII, ou no concílio Vaticano II, ou no papado de Paulo VI.

No meio desse emaranhado de acontecimentos internos que muitos missionários se defrontaram. Tiveram que conhecer e enfrentar, ainda, os diversos cenários políticos, socioeconômicos e culturais nas suas missões. A partir daí que a escolha por determinadas práticas se delineavam mais próximas a algumas correntes teológicas.

Um legado do Concílio Vaticano II que repercutiu entre os missionários e suas práticas foi a comissão “Justiça e Paz” - CJP. Esta comissão foi criada no papado de Paulo VI, em 1967, no entanto foi na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, a quarta das constituições do Concílio Vaticano II, onde já se indicava importante a criação de um órgão com o objetivo de estimular os católicos para se debater e buscar o desenvolvimento das regiões desprovidas de dignidade e justiça social.

Neste escopo que a comissão foi criada, voltava-se para questões econômicas e as condições de desenvolvimento entre as nações pobres e ricas. Dentro deste propósito que Paulo, em 1982, compôs no arcebispado de Dom Avelar Brandão Vilela a Comissão de Justiça e Paz de Salvador tendo como objetivo assessorar os movimentos rurais e urbanos de Salvador, Região Metropolitana e Recôncavo Baiano. A comissão criou comissões nacionais em diversos países. Segundo Dussel (1981), em 1971 já havia em cada 90 países uma comissão nacional. A CJP se tornou um importante celeiro de contatos com a CEPAL⁸ – Comissão Econômica para a América Latina e Caribe - para compreensão dos problemas relacionados ao subdesenvolvimento econômico dos países latino-americanos, não deixando de acompanhar os movimentos sociais e envolvendo diversos membros da Igreja, desde sacerdotes até bispos.

Logo depois do concílio, em 1968, aconteceu a II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín, que envolveu diversos bispos e arcebispos, sacerdotes e leigos. Segundo Dussel, Medellín foi o ápice da convergência de diversos movimentos que aconteciam na América Latina.

Tudo começou na IX Reunião do CELAM em Roma, de 23 de setembro a 16 de novembro de 1965, quando Mons. Larraín propôs aproveitar melhor o Congresso Eucarístico Internacional que se realizaria em Bogotá, em 1968. Todavia, os fatos imediatamente preparatórios foram: O encontro episcopal sobre a presença da Igreja no mundo universitário na América Latina, realizado em Buga (Colômbia) em fevereiro de 1967. Em segundo lugar, o I Encontro episcopal latino-americano da pastoral de conjunto de Baños (Equador), de 5 a 11 de junho de 1966. O I Encontro pastoral missionária na América Latina em Melgar (Colômbia), de 20 a 27 de abril de 1968. E, por fim, o Encontro de presidentes de comissões episcopais de Ação Social em Itapoan (Brasil), de 12 a 19 de maio do mesmo ano. Em todo este caminho produziu-se um enorme amadurecimento teológico, teologia já latino-americana e a partir do fato da descoberta da dependência do capitalismo internacional e da opressão das classes dentro das estruturas nacionais. (Dussel, 1981, p. 70)

⁸ A CEPAL, a partir de 1966, se tornou um centro de excelência com o papel de contribuir com os Estados-membro na análise dos processos de desenvolvimento, formulando e avaliando políticas públicas, além de prestação de serviços no setor de informação especializada.

Dussel aponta os diversos encontros, congressos de pastorais, de missionários e ele afirma que estes eventos foram a primeira gestação da conferência de Medellín. Ele tem razão em elencar a importância destes acontecimentos para o desenvolvimento do amadurecimento teológico latino-americano, afinal as sedimentações de pensamentos, de práticas se dão em processo de discussões, compartilhamento de experiências, troca de informações e estudos. Todavia é preciso apontar também os acontecimentos externos que tiveram repercussões diretas nos caminhos e discussões da Igreja Latino-americana como um todo e que, de certa maneira, colaboraram indiretamente para a formulação das conclusões finais de Medellín.

Isso quer dizer que não se pode enfatizar apenas os processos internos da Igreja, pois ele não é imune ao que se sucede em volta dele. Quando Michel Lowy (2000) aponta que a gênese do *cristianismo da libertação*⁹ seria uma combinação de mudanças internas e externas à Igreja, segundo ele, essas transformações se iniciaram na década de 1950, que vieram ganhando base em direção ao centro da instituição.

O movimento que transcorreu extra muro da Igreja incidiu na instituição e ecoou externamente. Um exemplo que mostra bem esse processo é a transformação que a Igreja do Brasil vivenciou, partindo, por exemplo, da trajetória da Ação Católica nos anos de 1960, onde inicialmente com a encíclica *Pacem in terris* (1963) de João XXIII, deu maiores liberdades para os leigos diante a hierarquia, o que provocou conflitos.

A reforma universitária, a reforma agrária, a sindicalização rural, os programas de alfabetização, de cultura popular e educação de base, todas estas atividades envolveram a Juventude Operária Católica, a Juventude Estudantil Católica, Juventude Universitária Católica e as equipes do Movimento Educativo de Base e a equipe do Movimento de Cultura Popular. Processualmente a Ação Católica passou a se opor a hierarquia da Igreja o que levou a se tornar Ação Popular – organização cristã de esquerda que abraçou a luta revolucionária.

Com o advento do golpe militar em 1964 no Brasil, somado a todo processo de envolvimento social que as bases da Igreja vinham vivenciando, juntamente com os reflexos da Revolução Cubana, a industrialização do continente sob a hegemonia do capital internacional, o surgimento de movimentos guerrilheiros, o padre guerrilheiro Camilo Torres na Colômbia, repercutiram na Igreja brasileira frente às discussões e conclusões da II Conferência Geral de Medellín.

⁹ Cristianismo da libertação é um conceito desenvolvido por Lowy onde ele aponta que surgiu um movimento muitos anos da nova teologia e, segundo ele, como muitos dos ativistas não são teólogos, esta nomenclatura seria o mais adequado. Ele defende também que não usa o termo “Igreja dos Pobres” por acreditar que é um movimento que vai além dos limites da Igreja como instituição. (Lowy, 2000, p. 57)

A conferência enfatizou o caráter político e sócioeconômico como grande gerador de injustiças, promovendo tensões que vão contra a paz. A conferência defendeu a criação de uma ordem social em prol dos pobres e oprimidos, denunciando as injustiças, mesmo que advinda das nações mais poderosas; defendeu também educação libertadora; quanto aos leigos ela se colocou a favor da criação de novas instituições a partir de experiências diversas, enfatizando que o trabalho dos leigos teria melhor resultado se atuasse em equipes ou comunidades (Dussel, 1981).

A II Conferência de Medellín foi um grande momento episcopal para América Latina¹⁰. As discussões e o uso das análises marxistas trouxeram outra visão e contribuição para as análises socioeconômicas e políticas, exigindo novas posturas e ações da Igreja e seus membros diante dos cenários que se defrontavam. Um dos posicionamentos, muito debatido e que ganhou muita força, foi a importância das comunidades de base e o envolvimento e crescimento tanto político como religioso dos membros.

Medellín se tornou um espaço onde se esboçava os primeiros sinais de uma prática e teológica que estava se formando e amadurecendo em diferentes países, em diversas situações e conflitos, mas que havia muito elementos convergentes. Em Medellín, a Igreja, oficiosamente, legitimou o que já se encontrava em início de curso, mas vale destacar que esta conferência não se tornou apenas um importante espaço de reconhecimento, mas também de troca de informações, conhecimentos e saberes.

Entretanto, vale destacar que apesar do Papa Paulo VI compartilhar do desafio da libertação para evangelização, seu discurso durante a conferência de Medellín se colocou mais para ponderação, ressaltando que devia se opor as injustiças, mas sem recorrer a violência. Segundo Beozzo, Paulo VI sublinhou os riscos da Igreja em estar muito “comprometida com a libertação e reduzir seu projeto às dimensões simplesmente temporais, fechando-se numa visão exclusivamente antropocêntrica (EN32s)” (1993, p. 238).

A Igreja latino-americana persistiu no caminho desenhado em Medellín, principalmente a voltada para o desenvolvimento das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs. As CEBs inicialmente estavam mais voltadas para a vida interna da Igreja, para os aspectos religiosos e espirituais. O desenrolar das mudanças, internas e externas, vividas pelos sacerdotes e leigos, a relação das CEBs com a Igreja começou a mudar, passou a envolver milhões de pessoas, e o seu cerne continuou a ser a pregação do evangelho, mas desta vez voltado e engajado na realidade local, regional e nacional. “Articulação fé e vida, entre

¹⁰ Beozzo (1994); Lowy (2000); Mainwaring (2004); Gotay (1985); Dussel (1981).

Palavra de Deus e luta popular, entre celebração litúrgica e celebração da vida diária, as CEBs participam maiormente dos núcleos populares de luta reivindicativa,” (Libanio, 1987, p. 77)

A aceitação ou envolvimento político variava muito de uma CEB a outra, isso dependia do nível de organização, do aprofundamento do localismo, apesar disso as CEBs tinham sua contribuição direta ou indiretamente nos movimentos populares e isso se deu muito em função da proximidade com teólogos da libertação e militantes marxistas. O Grupo de Evangelização da Periferia de Salvador foi um bom exemplo de que as paróquias que faziam parte do grupo muitas vezes eram por conta da proximidade do pároco com TdL.

As CEBs foram espaços muito importantes posteriormente para organização da resistência na Nicarágua, por exemplo, onde havia também os Delegados da Palavra, que eram lideranças leigas que ministravam sacramentos nas áreas não servidas por sacerdotes, cursos de alfabetização; forneciam informações sobre saúde e agricultura; e promovia debates sobre problemas locais embasados em textos da Bíblia (Lowy, 2000).

Em El Salvador não foi diferente, as equipes missionárias de padres (a maioria jesuítas) foram fundamentais para organização das CEBs que mais tarde se tornaram importantes nichos de formação para uma religião revolucionária e depois alguns cristãos abraçaram à política de resistência revolucionária (Lowy, 2000).

A CEB reforçava a consciência de base nas lutas reivindicativas, muitas delas eram locais, outras mais abrangentes como – denúncia da violação dos direitos humanos, luta contra a carestia, luta por moradia, luta por terra, dentre outras, de certa forma semeava o clima de libertação e igualdade. Mas sem abandonar o lado eclesial, contando com a presença dos agentes pastorais, e ainda com a realização das celebrações sacramentais como procissões, vias-sacras, rosários, peregrinações, festas do padroeiro e outras, que eram organizadas, celebradas e vividas intensamente pelas CEBs. Délia Bonisegna que o Grupos de Evangelização da Periferia confeccionava materiais voltados para atividades eclesiais como a Novena de Natal ou a Campanha da Fraternidade por exemplo.

A metodologia dos círculos bíblicos, o método – ver, julgar e agir – associada à noção de rever a vida e ação, influência de J. Cardijn¹¹ e da Juventude Agrária francesa, foi uma prática que foi abraçada pela Ação Católica e depois assimiladas pelas CEBs. Somado a esses

¹¹ Joseph Léon Cardijn (1882-1967), cardeal belga, filho de uma família operária, sua forte interação com esse setor provocou repercussões. No início dos anos de 1920, ele organizou a Juventude Operária Católica – JOC, com intuito de desenvolver um movimento religioso entre os jovens trabalhadores. Em 1925, o Papa Pio XI reconheceu que a JOC como movimento oficial da Igreja, depois da Bélgica esse movimento ganhou toda Europa. Esse movimento chegou no Brasil nos de 1930. (MATTOS, 2008)

métodos teve a influência de Jacques Maritain¹² com sua perspectiva de “ideal histórico concreto” – que propôs uma ação temporal dos cristãos na esfera secular permitindo certa autonomia. Tal concepção teve grande peso para novas análises e posturas da Ação Católica do Brasil que também influenciou as CEBs e a teologia que se formava na América Latina (Brighenti, 2014).

A Teologia da Libertação - TdL – durante os anos de 1960, ganhou reconhecimento oficial na II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín, adquirindo mais dimensão e densidade ao longo dos anos de 1970 e 1980. Mas como definir a TdL? Essa é uma questão de difícil resposta. Poderíamos dizer que é o povo oprimido como sujeito histórico buscando sua libertação, não apenas do pecado, mas uma libertação histórica (econômica, política e cultural).

A fé cristã visa diretamente à libertação derradeira e à liberdade dos filhos de Deus no Reino, mas inclui também as libertações históricas como forma de antecipação e concretização da libertação última, só possível no termo da história em Deus. (Boff, 2010, p. 35)

Já João Batista Libanio elenca outros elementos e tenta desconstruir definições reducionistas ou críticas.

Seria uma teoria da prática transformadora com sabor cristão e que exerceria maior sedução sobre os cristãos. Ela seria em última instância, a justificativa teórica para cristãos comprometidos com o processo revolucionário com a finalidade da derrocada do capitalismo. (Libanio, 1987, p. 42)

Libanio também aponta os elementos que aproxima a TdL das teorias marxistas que a faz ser uma teologia engendrada em perspectivas também política e socioeconômica: 1) a interpretação de mundo que parte do oprimido; 2) a análise da história como um todo; 3) análise volta para prática e revolução; 4) o caráter utópico – a visão de um mundo igual pra todos; 5) o caráter de denúncia das explorações vivenciada numa sociedade em luta de classes. Além desses elementos, Libanio argumenta que:

A TdL processa uma releitura interpretativa das Escrituras cristãs, provocada pelo encontro com a prática histórica libertadora. O grito ético, o interesse pastoral, a ação social não são suficientes para explicar toda a tarefa a que se propõe a TdL, mas somente um de seus interesses. A TdL é mais que uma teologia moral, que uma teologia pastoral e que o ensino social, pois repensa todo o dogma cristão à luz de nova perspectiva e não somente se restringe ao agir moral do cristão, nem à atuação da Igreja no mundo, nem a orientações

¹² Jacques Maritain (1882-1973), filósofo francês, desenvolveu estudos sobre a democracia cristã, que passou a ter grande repercussão no Brasil a partir da década de 1960.

doutrinais e critérios de ação no campo social. (...) Só chegamos à objetividade, à racionalidade e à inteligibilidade de uma realidade, rasgando o véu dos mitos pela força penetrante da razão. (LIBANIO, 1987, p. 44-47)

Libanio argumenta, ainda, que a TdL constrói sua teoria através da prática, seria, portanto, uma prática histórica dos oprimidos para uma interpretação de todo o conjunto da fé, para isso se utiliza do conhecimento teórico-científico para alcançar uma realidade inteligível.

Lowy (2000), por sua vez, afirma que esta nova prática começou a dar seus primeiros sinais da periferia para o centro, isto porque, para ele os movimentos laicos, padres estrangeiros e ordens religiosas que se encontravam a margem da instituição catalisaram essa renovação. Esta linha de raciocínio se explica pelo forte envolvimento e engajamento de ordens religiosas e padres estrangeiros como vanguarda na nova prática e teológica. Lowy reitera que “as ordens religiosas – um total de 157.000 pessoas em toda América Latina, em sua maioria mulheres - são o grupo que mais participa das novas pastorais sociais e que mais cria comunidades de base.” (2000, p. 73).

A autonomia das ordens dentro da Igreja e a forte formação intelectual, interagindo com o mundo acadêmico secular, seriam elementos basilares para compreender o forte engajamento das ordens. Registra-se, também, a participação de padres estrangeiros diocesanos, muitos vindos da Espanha, França, Itália, América do Norte, muitos deles foram encaminhados para regiões remotas ou muito pobres, onde não havia dioceses tradicionais.

O confronto com realidades de vida tão diversas ao dos seus países de origem, segundo Lowy, provocou em vários religiosos uma decisão de “conversão moral e religiosa ao movimento de libertação dos pobres” (2000, p.75). Sejam cleros de ordens ou diocesanos, todos estes vieram com um empenho missionário, vieram com a missão em portar e pregar o cristianismo católico. A diversidade e a intensidade do trabalho missionário se deram de modo diverso, dependendo do contexto do país latino-americano, dependendo do engajamento, da autonomia, do aprofundamento de estudos e do livre arbítrio do clero tanto no aspecto individual como coletivo em propor mudanças, aplicá-las e compartilhá-las.

Como está se tratando do trabalho missionário, seria importante relembrar que esta diretriz política da Igreja católica já resultou em muitos debates e questionamentos sobre os processos de fusão de culturas. Inclusive já foi comentado anteriormente, numa citação de Lanternari, sobre os conflitos internos da instituição em relação às quais posturas missionárias deveriam ser adotadas para serem aplicadas nesta nova leva missionária.

Quando Gasbarro enfatiza que os missionários acabavam por adotar uma ortoprática que “conduz em um sentido a generalização do modelo epistemológico da civilização como

um subcódigo da religião” (2009, p.30), ele reafirma que esta “generalização produz uma desnaturalização de todas as gentes” (2009, p.30). No entanto deve-se pensar não apenas isso, mas o que tem além dessa estratégica dos missionários.

A importância *ainda-não* é estratégica para os missionários: não somente delinea a possibilidade, **a direção e o senso de um desenvolvimento histórico da civilização, mas, sobretudo inseri e incarna na história dos homens a prospectiva da salvação cristão.** (...) O código cultural prioritário e hierárquico mantém sempre a *religião*, mas a *civilização* é mais que um simples instrumento de conversão: a prioridade e a hierarquia neste caso mantém mais ortodoxia dos princípios teológicos que a ortoprática dos missionários, no momento sobre o campo é verdadeiramente difícil estabelecer onde terminaram os acomodamentos culturais e /o começaram os “compromissos (GASBARRO, 2009, p. 30-31, Grifo meu, Minha tradução)

Esta análise de Gasbarro aponta que, por mais que fosse um risco doutrinário, essa atitude de generalização intercultural cristã, tinha como objetivo estratégico inserir na história do homem a perspectiva da salvação cristã. No caso dos missionários do século XX, pode-se observar uma busca da formação político-social das CEBs e das pessoas que não estavam diretamente vinculadas, talvez fosse uma tentativa de formação de uma sociedade civil sob a forte influência direta da religião e/ou Igreja.

O trabalho missionário, dentro desta perspectiva de inculcar a salvação cristã, procurava provocar a atualização de tais comunidades do ponto de vista social, político e cultural. A missão dentro desta perspectiva não era como mero instrumento para inserir a religião, pois a compreensão crítica social era um dos alicerces para salvação cristã. Afinal era preciso o convencimento, o comprometimento, o engajamento das pessoas para que juntamente houvesse a disseminação das ideias, da moral e da ética cristã.

O trabalho missionário talvez buscasse a formação de uma sociedade civil, no sentido gramsciano, por compreender as relações de força e vislumbrar a sociedade civil “no sentido de hegemonia política e cultural de um grupo social sobre toda a sociedade, como conteúdo ético do Estado” (Gramsci, in Bobbio, 1999, p. 56). Ou seja, através da sociedade civil pode-se intervir nas instituições que regulamentam as relações econômicas, ou seja:

“não é a estrutura econômica que determina diretamente a ação política, mas sim a interpretação que se tem dela e das chamadas leis que governam o seu movimento” (...) A superestrutura é o momento da catarse, ou seja, o momento em que a necessidade se resolve em liberdade, esta entendida hegelianamente como consciência da necessidade. E tal transformação ocorre por obra do momento ético-político. A necessidade entendida como conjunto das condições materiais que caracterizam uma determinada situação histórica é assimilada ao passado histórico, também ele considerado

como parte da estrutura. Tanto o passado histórico quanto as relações sociais existentes constituem as condições objetivas, cujo reconhecimento é obra do sujeito histórico ativo, que Gramsci identifica com a vontade coletiva: só através do reconhecimento das condições objetivas é que o sujeito ativo se torna livre e se põe em condições de poder transformar a realidade. (BOBBIO, 1999, p. 59)

Segundo a interpretação de Bobbio sobre Gramsci, através da superestrutura que se torna possível a ação política incidir sobre a estrutura. Através da consciência, da interpretação da estrutura econômica que se pode planejar, desenvolver ideologias, estruturas ideológicas e difundi-las – por meio de diversos meios de comunicação. A sociedade civil seria um importante espaço para a disputa político-econômica e também sociocultural. Tendo consciência disso os missionários talvez buscassem a formação de uma camada da sociedade, de modo que viesse a disputar as relações de força de maneira mais efetiva, ou seja, superar as condições estruturais através da consciência da necessidade como meio de liberdade.

Tais atitudes, no entanto, não foram bem absorvidas pelo Vaticano o que provocou certo descontentamento no âmbito doutrinal entre os missionários e a hierarquia. Alguns segmentos da Igreja apontavam para a ausência de precisão do peso da doutrina teológica defronte a uma prática que se referenciava também em teoria científica de perspectiva utópica, mas de base teórica fundamentalmente materialista. Gerando, assim, certos questionamentos sobre a fragilidade de se permanecer no limiar entre o temporal e o atemporal.

Para o Vaticano o afincamento da Igreja em assuntos que não tratem diretamente da religião seria entrar demasiadamente no universo temporal. Paulo VI, durante os anos de 1970, apresentou, como já citado anteriormente, certo descontentamento quanto aos rumos que estava trilhando América Latina, mas pode se dizer que ele manteve a política de autonomia iniciada por João XXIII e firmada no Concílio Vaticano II. No entanto, esse cenário começou a mudar a partir da III Conferência Episcopal Latino-americana em Puebla, 1979, com o novo papa João Paulo II.

De acordo com Mainwaring, setores mais conservadores já haviam tentado barrar certos avanços galgados pela Igreja na América Latina, no entanto não surtia grande efeito na maior parte das igrejas. Uma das tentativas de conter os avanços da Teologia da Libertação foi a eleição de Alfonso López Trujillo para secretário geral do Conselho Episcopal Latino-americano – CELAM, em 1972. Mainwaring afirma que Trujillo e outros conservadores passaram a usar a linguagem e a noção da libertação, mas enfatizando os aspectos espirituais e retirando os aspectos políticos, tornando como tema central a libertação do pecado. Eles

argumentavam que a Teologia da Libertação havia reduzido a fé à política, transformando a Igreja em uma organização política, que ameaçava a unidade da instituição.

A III Conferência Episcopal Latino-americana, em Puebla, tornou-se o primeiro passo mais contundente vindo do Vaticano expressando a sua desaprovação e a reação diante dos caminhos que estavam sendo trilhados pela Igreja Latino-americana. Para Mainwaring, foi uma tentativa de domesticar a teologia da libertação, ele afirma que reverteram muitos temas de Medellín, diminuindo o peso das análises estruturais e da injustiça social nos documentos de trabalho do secretariado do CELAM. Tendo como condição de participação uma seleção bem criteriosa sobre quais teólogos e cientistas sociais iriam assistir à conferência.

As inflexões dos setores mais conservadores diante da Teologia da Libertação se fizeram de maneira mais assertiva frente ao que se sucedia na América Latina foi com a vinda de João Paulo II ao Brasil em 1980. Beozzo afirma que o papa tratava a Teologia da Libertação de modo esquivo, não fazendo nenhuma observação diretamente, afirmando a importância da Igreja ser dos pobres, reafirmando que a instituição estava na luta pela verdade e justiça, mas sem fazer maiores comentários ou aprofundamentos a respeito. Após sua vinda, o papa encaminhou uma carta endereçada aos bispos brasileiros em dezembro de 1980, em que dizia: sobre o caráter essencialmente religioso da missão da Igreja; convocou à vigilância pastoral e doutrinal objetivando defender os fiéis; convocando a todos manter e reforçar a unidade; refutando a promoção de leigos ao presbiterado e enfatizando a preparação adequada dos futuros presbíteros; e convocando a privilegiar temas que tratassem da vida interna da Igreja. A carta não proferia críticas diretas a Teologia da Libertação, mas havia um tom em particular crítico a alguns encaminhamentos adotados pela Igreja do Brasil e por chamarem a atenção sobre a missão da Igreja (Beozzo, 1993).

As atividades políticas dos jesuítas na América Latina chamaram a atenção do papa João Paulo II, que convocou a Ordem para um encontro em fevereiro de 1982, onde determinou algumas posturas. Em março do mesmo ano, a congregação Vaticana divulgou um documento em que proibia o envolvimento do clero em associações políticas ou sindicatos. Pode-se dizer que tais medidas procuravam “deter o controle do rebanho” (Mainwaring, 2004, p.273-274).

Além do Brasil, havia Nicarágua, onde as relações com o Vaticano se tornaram bastante difíceis. O envolvimento de leigos e padres católicos junto a Frente Sandinista de Libertação Nacional – FSLN nos anos de 1970, e a participação de diversos leigos e padres no governo sandinista a exemplo: os irmãos Cardenal, onde Ernesto se tornou Ministro da Cultura em 1979, Fernando (jesuíta) Ministro da Educação em 1984; teve ainda Miguel

d'Escoto que foi Ministro das Relações Exteriores de 1979 a 1990, dentre outros como o franciscano Edgar Parrales, que foi Ministro do Bem-Estar Social e muitos leigos católicos (Lowy, 2000).

Inicialmente a Igreja da Nicarágua estabelecia um diálogo com o governo Sandinista, depois de 1980 os bispos começaram a se opor ao regime e a Igreja Popular – seria os seguidores e adeptos da prática ligada a Teologia da Libertação –, pois alegavam que afetava a autonomia da Igreja e que acabavam reduzindo a Igreja à política. Em 1982, o papa João Paulo II enviou uma carta pastoral condenando a Igreja popular e, entre 1984 a 1985, tomou medidas disciplinares contra os quatro padres que faziam parte do governo (Mainwaring, 2004).

Depois da Nicarágua, o Vaticano se voltou novamente para o Brasil, desta vez os trabalhos de Boff foram alvo de averiguações, culminando com a chamada de Leonardo Boff, em 1984, para defender suas publicações. O Vaticano condenou Boff, em 1985, por silêncio indeterminado. Clodovis Boff, irmão de Leonardo Boff e, também, teólogo da Teologia da Libertação, em 1984, sofreu retaliação por parte do Vaticano, pois foi proibido de lecionar em Roma.

No mesmo ano de 1984, o então cardeal Joseph Ratzinger produziu um documento onde fazia duras críticas a Teologia da Libertação e o papa João Paulo II também na sua viagem ao Caribe condenou os elementos marxistas na Teologia da Libertação. Ou seja, o período de maior autonomia da Igreja Latino-americana adquirido em outros papados começou a ser refreado.

Outra ação do Vaticano para refrear a Igreja Popular foi o controle das nomeações episcopais. Geralmente Roma aceitava as recomendações da nunciação apostólica e, durante os anos de 1980, as indicações dos novos bispos eram de setores, prioritariamente, críticos ou contrários a Teologia da Libertação. Exemplo disto foi a substituição de dom Hélder Câmara, na Arquidiocese Olinda e Recife, por um crítico da Igreja Popular - Dom José Cardoso Sobrinho. O mesmo ocorreu com a não nomeação de dom Ivo Lorscheider como arcebispo de Porto Alegre e vários outros casos. Essa renovação da hierarquia priorizando setores mais conservadores acabou conseguindo conter a expansão da Teologia da Libertação na Igreja, provocando enfraquecimento ou ressignificação dos trabalhos desenvolvidos pela Igreja popular, a exemplo das CEBs que foram em alguns casos desfeitas pouco a pouco ou foram conduzidas dentro de moldes diversos aos que foi concebida inicialmente.

Uma das preocupações que afligia o Vaticano e o papado de João Paulo II diante da Teologia da Libertação era quebra de unidade da Igreja católica, buscando um universalismo

que ultrapassasse o poder centralizador do Vaticano. Diante de tamanha autonomia, de constante revisão das posturas que o momento histórico interno e externo cobrava da Igreja Popular, ela passou também a procurar rever determinadas ações que provocavam desenlaces na prática pastoral embasada na Teologia da Libertação.

Claúdio Perani, jesuíta, que teve papel muito importante no Centro de Ação Social – CEAS - durante a ditadura militar, escreveu diversos artigos publicados nos Cadernos do CEAS¹³, um destes, publicado em 1981, relata sobre preocupações em relação aos caminhos que estavam sendo trilhados pelas CEBs. Um dos questionamentos era a análise de alguns encaminhamentos que instrumentalizavam a Igreja na defesa dos direitos humanos ou instrumentalização das CEBs para uma visão mais política e menos evangélica. Estes questionamentos vinham de um defensor e praticante da Igreja dos pobres, mas que fazia ponderações sobre as direções que precisavam ser reavaliados.

Tais questões demonstram que o rio da Teologia da Libertação e da Igreja dos pobres não transcorria em uma correnteza forte e direta para o mar. Havia sinuosidades que enfraqueciam a correnteza, surgiram diversos obstáculos, muitos impostos pela centralização do Vaticano, outros pelo momento histórico, outros pelas relações externas, como sindicatos, movimentos sociais e partidos. No entanto o rio continuou a seguir seu curso, mas agora esse é um assunto para outras páginas.

¹³ Revista do Centro de Ação Social – órgão mantido pela Congregação dos Jesuítas.

CAPÍTULO III: SERÁ POR UMA LÍNGUA BÁRBARA QUE A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO FALARÁ A POUCOS*



Figura 34: HENFIL, Fradim de Libertação. Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 5-10. **

Não só Henfil satirizou a Teologia da Libertação – TdL, ela também recorreu aos desenhos, balões, sátiras, História em Quadrinhos – HQ para compartilhar seus pensamentos e conquistar novos adeptos. “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla” foi um quadrinho que tratou sobre a Igreja Católica na América Latina e suas tensões logo após Puebla. Essa HQ é de autoria do padre Paulo Tonucci e antes de se introduzir na sua análise, se falará um pouco sobre o autor da obra.

QUEM FOI TONUCCI?

Paulo Tonucci nasceu em 4 de maio de 1939, em Fano, uma cidade litorânea do nordeste da Itália. Fez o seminário na mesma cidade e, por muita insistência de sua parte, passou a integrar o projeto missionário da Igreja. Em 1965, com 26 anos, foi encaminhado para o Brasil. Seus planos iniciais, antes de sair da Europa, segundo amigos, era ir para Argentina, mas acabou sendo encaminhado para Bahia, e aqui ficou até 1993, quando retornou para Itália para tratar de um câncer no cérebro e de lá se foi em 1994.

* Parafraseando “Será por gente que balbucia, será numa língua bárbara que o Senhor falará a este povo.” (Jer. 28,11)

Tonucci e o Padre Renzo Rossi foram encaminhados juntos para tomarem posse da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, localizada nas proximidades do Largo do Tanque, no bairro do Alto do Peru. A paróquia abrangia outros bairros como Fazenda Grande, São Caetano e Capelinha de São Caetano, todos na periferia da capital baiana. Diante do trabalho a ser desenvolvido, eles dividiram as áreas de atuação: Renzo ficou responsável pela área do Alto do Peru e Capelinha de São Caetano — esta última se expandia até a Baixa do Marotinho¹⁴ e Bom Juá. Tonucci se incumbiu de organizar grupos comunitários na Fazenda Grande, onde começava a ser construída a Capela de Vila Natal¹⁵, feita à base de taipa. Essa divisão de trabalho perdurou até 1970. Com a chegada de Pe. Sergio Merlini, os religiosos fizeram uma nova divisão: Merlini passou a cuidar do Alto do Peru, que era a Igreja matriz da paróquia; Renzo ficou com Capelinha de São Caetano; e Tonucci assumiu, definitivamente, Fazenda Grande.

Pe. Paulo se aproximou dos jesuítas e concomitantemente do Centro de Ação Social – CEAS, organizado por eles. Chegou a trabalhar com Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, também com a Comissão para Estudo da História da Igreja na América Latina e no Caribe – CEHILA, além de incentivar a organização de diversos movimentos sociais tanto em Salvador, quanto em Camaçari, onde trabalhou de 1981 até 1993.

“ABRIR LAS PUERTAS A UM NUEVO MUNDO: PUEBLA”

A HQ tem como título “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla” (tendo como capa uma porta com diversos ferrolhos fechados. Segundo o autor, o quadrinho foi elaborado com o intuito de lembrar os dias passados em La Ceja – Colômbia, e registrar as críticas que ele e mais ou menos outros 30 participantes, fizeram ao longo do curso de formação de Comunicadores de Puebla, mas que não foram incorporadas ao relatório do curso. Este foi realizado alguns meses depois da Conferência do Conselho Episcopal Latino Americano – CELAM em Puebla (1979) – México, e contou com a participação de 120 pessoas, entre padres, bispos e leigos.

¹⁴ Sobre Baixa do Marotinho ver: LIMA, Gisele *Movimento Baixa do Marotinho: A luta pela moradia em Salvador (1974-1976)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação de História, UFBA, 2009.

¹⁵ A Capela de Vila Natal foi fundada com o nome de João XXIII, por Pe. Paulo Tonucci. Hoje essa capela se chama Natividade do Menino Jesus.

REPRODUÇÃO E PÚBLICO ALVO DA HQ.

A HQ foi confeccionada de modo bem artesanal, assim como outras HQs feitas por Paulo. Este quadrinho foi feito em papel A4, a sua encadernação foi feita com grampos, tendo textos e frases de abertura de página datilografados e ainda uma pequena colagem em composição com alguns desenhos. O material está todo em preto e branco, e possui 30 páginas.

Segundo depoimento de Délia Boninsegna¹⁶, a HQ foi reproduzida em mimeógrafo e distribuída apenas entre amigos e que muitos destes eram favoráveis à Teologia da Libertação. O material não era para grande público, talvez tenha sido concebido para discussão entre amigos/parceiros que debatiam sobre as ações internas da Igreja frente à expansão dos praticantes e adeptos da TdL. Esse material mostra a visão crítica, irônica e muitas vezes revoltante de Paulo em relação às interpretações e ações dos segmentos conservadores da Igreja frente à TdL. Pelo fato de não ser para grande público, o material apresenta um discurso ferrenho sem a filtragem de reproduzir a imagem de uma Igreja única, que ameniza os dissídios internos.

Os estilos dos quadrinhos usados por Tonucci se apresentaram de forma variada. Ele, inicialmente, apresentou desenhos em páginas inteiras, tendo apenas frases ou pequenos parágrafos introdutórios. Em outro momento ele exibiu quadrinhos divididos apenas por linhas, ou segmentado por uma sequência de diferentes desenhos retratando tempos sequenciados; ele utilizou também a sequência numérica ao lado de cada novo desenho sem linhas divisórias.

O quadrinho ou vinheta seria a representação, através de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes. A apreensão desse momento é essencial para compreender uma determinada ação ou acontecimento, ou seja, seria a representação de “um espaço e de um tempo da ação narrada” (Ramos, 2010). Como ele utilizou diferentes formas de apresentação do quadrinho, isso não só ratifica o que Délia havia dito que ele colecionava quadrinhos, como também expressa a influência de diferentes cartunistas, desde Quino, a Ziraldo e Henfil. Seus quadrinhos eram recheados de gracejos e frases ou jogos de imagens irônicas. Outro indício que expressa a influência de Henfil era o uso do balão-zero (a ausência de balões-fala): as falas eram indicadas com ou sem apêndice.

¹⁶ Leiga que veio da Itália para o Brasil para desenvolver trabalhos voluntários. Desenvolveu seu trabalho quando conheceu Paulo no bairro de Fazenda Grande. Tornou-se sua companheira até a sua morte.

Os seus desenhos não tinham muita preocupação em detalhar o espaço onde transcorriam as ações, a característica peculiar de Tonucci foi se ater aos detalhes dos personagens, caracterizá-los, tornando as feições bem expressivas, fazendo a história bem viva, mesmo dentro de um papel branco sem cores e sem maiores detalhamentos do entorno.

O QUE FALA A HQ?

Após a apresentação, os quadrinhos começam falando sobre a situação da Colômbia e a primeira impressão que Tonucci teve ao chegar em Bogotá.

Nos dias 14 de maio a 14 de julho, o CELAM organizou em La Ceja, cidade a 30 Km de Medellín, um curso sobre Puebla.
A finalidade deste primeiro curso sobre Puebla era preparar aqueles que iriam transmitir em todos os países da América Latina a interpretação oficial - isto é da presidência do CELAM - do documento final.
De todos os países da América Latina - com exceção de Cuba, Haiti, Santo Domingos - chegaram a La Ceja os futuros transmissores de Puebla.
O primeiro impacto para quem chega ao aeroporto de Bogotá é a presença maciça de policiais armados de metralhadoras (ou "metralleta" como dizem em castellano).
Se você pergunta porque tanta arma, lhe respondem que é para defender os cidadãos dos ladrões particularmente presentes nestas bandas.



2

Figura 35: Página 2 do quadrinho “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla” de Paulo Tonucci.

No desenho (Figura 35) ele é bem irônico ao inserir uma placa de hospitalidade no aeroporto que diz “Colombia os saluda! Pais libre y Democratico. Reino propio de los derechos humanos!!!”, cercada por policiais. Ao verificar o desenho observa-se que os policias estão sem rostos, apenas com feições cerradas, armados de metralhadora, simbolizando a repressão genérica presente, segundo Tonucci: “Se você pergunta por

que tanta arma, lhe respondem que é para defender os cidadãos dos ladrões particularmente presentes nestas bandas.”

Indiretamente ele questiona: como pode um país que se proclama livre, democrático e cumpridor dos direitos humanos necessitar, apesar de tudo, de um forte aparato repressor em um dos portais de entrada da capital? Que sociedade tão livre e democrática é essa que existem ladrões altamente perigosos a ponto de se exigir a presença de um grande número de policiais armados de metralhadoras no aeroporto? Ao ver a imagem conclui-se que algo de contraditório existe.

A Colômbia viveu um longo período sob a ditadura de Rojas Pinilla (1952-1974), após esse tempo o país passou a ser governado por uma Frente Nacional, formada por líderes civis e militares. Essa frente tinha como acordo manter o comando do governo sob uma espécie de revezamento entre os partidos Liberal e Conservador, mantendo a autonomia da segurança interna com os militares, não sendo afetada por disputas partidárias.

Nas negociações que resultariam no governo da Frente Nacional (1957-1974), os líderes civis enfatizaram a importância de que os líderes militares ficassem afastados dos assuntos políticos e de Estado. Em compensação, os militares reivindicaram maior autonomia na condução dos assuntos de segurança interna, para que a racionalidade de suas operações não fosse comprometida pelos reveses da disputa partidária (BUSHNELL, 1993, p. 35).

(...) (os militares) polarizavam cada vez mais a sociedade, reforçando seu papel na demarcação da fronteira entre a competição política convencional e a subversão. Em 1980, mais de 8 mil colombianos estavam presos por motivos políticos – a maioria sendo julgada em tribunais militares. Durante esse período, houve um crescimento significativo dos desaparecimentos forçados e das alegações de torturas cometidas por oficiais militares relatadas pelas organizações de direitos humanos (AVILÉS, 2006, p. 42).

Os anos 1980 foram marcados por uma gradativa subordinação dos militares à autoridade civil. Após o Estatuto de Segurança de Turbay Ayala (1978-1982), considerado por historiadores como Avilés (2006) e Palacios (2006) como o auge da repressão política na Colômbia, o governo de Belisário Betancur assumiu uma plataforma reformista.

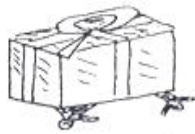
Prerrogativas das quais os militares gozavam até os anos 1970, como treinar e armar civis e patrulhas de autodefesa, além de julgar civis em cortes militares, foram revogadas por decisões judiciais e por decretos presidenciais. Contudo, o controle militar sobre o Ministério da Defesa, as agências de inteligência e a justiça militar foi mantido (AVILÉS, 2006, p. 47). (DARIO, 2010, p. 614)

Durante o curso em La Ceja, a Colômbia estava sendo comandado pelo presidente Julio Cesar Turbay Ayala (1978-1982) e vivia o auge da repressão política, ampliando o militarismo das forças civis.

Tonucci, após o desenho, fez um pequeno texto expondo a sua análise sobre o momento político pelo qual passava a Colômbia. Ele relata que a estrutura do curso em La Ceja impedia certo convívio social, sem acesso a biblioteca, tendo apenas contato com um jornal onde estava hospedado. Mesmo assim afirma que ele e outros conseguiram compreender o que se passava na Colômbia, onde a hegemonia do capital financeiro e das multinacionais estavam bem presentes e atuantes no país.

Prossegue ainda afirmando que havia um pequeno grupo de famílias que impunha seus interesses na política nacional. Apresenta dados de desemprego, dos índices de abstenção na votação, do crescente movimento reivindicativo de massas e destaca a presença da guerrilha, dando exemplo do M-19, argumentando inclusive que o estado de sítio era institucionalizado, apresentando em um dos desenhos o mapa da Colômbia sangrando ao ser perfurado por baionetas na boca de metralhadoras.

Após expor suas impressões e análises sobre a Colômbia, Paulo segue expondo suas críticas sobre o modelo e os objetivos do curso:



Muitos estavam com medo de receber um pacote. O medo tornou-se real. Para o curso não tinham sido convidados os teólogos da Libertação. Nosso papel deveria ser só de assistir às aulas e trabalhar em equipe sobre o que os professores transmitiam. Não seria aproveitada a experiência que cada um de nós carregava. Algum de nós teve um sonho.

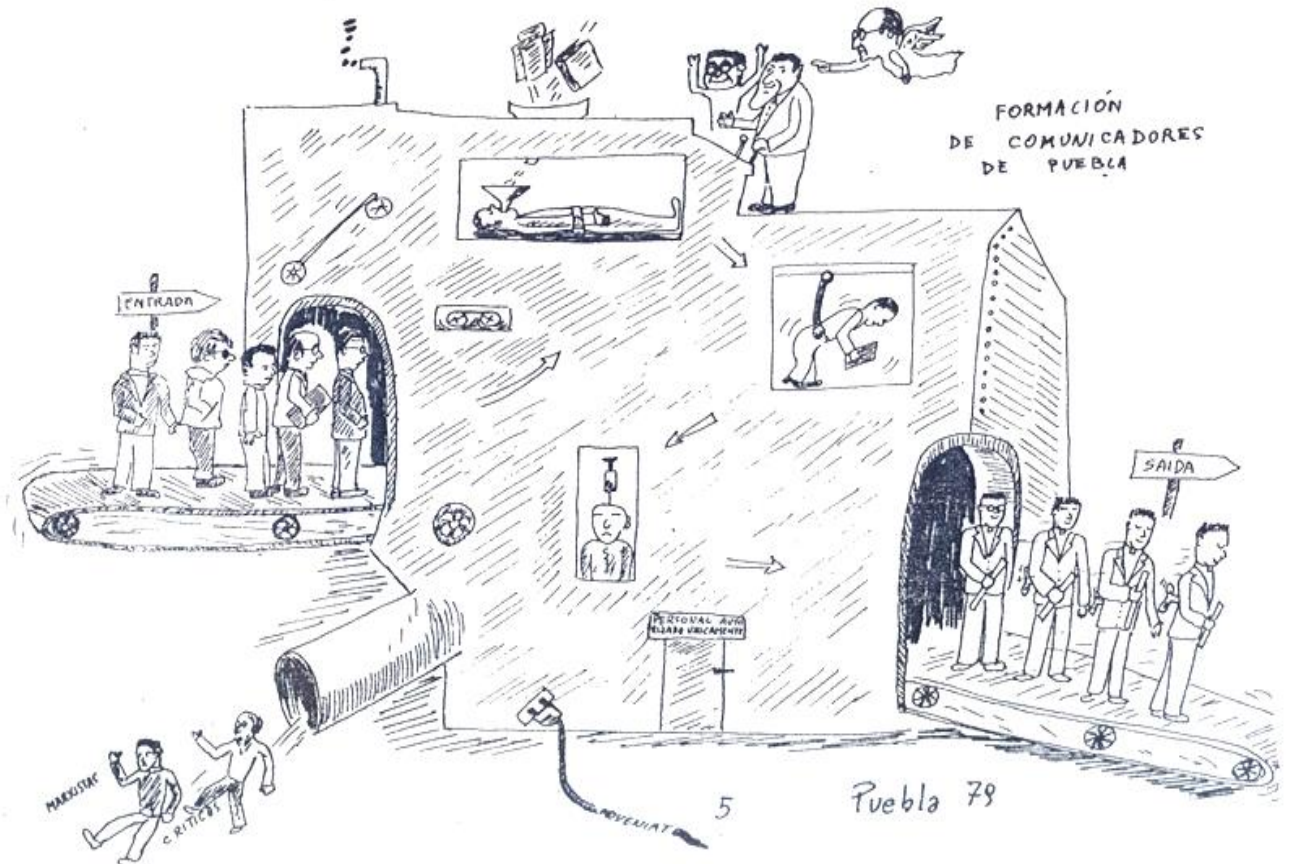


Figura 36: Página 5 do quadrinho “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla” de Paulo Tonucci.

Esse quadro (Figura 36) retrata o processo de formação dos comunicadores de Puebla, fazendo uma analogia a uma máquina produtora de clérigos movidos a corda. Nessa comparação os religiosos entram com suas diferenças, com suas personalidades e são encaminhados para departamentos nos quais são obrigados a “engolir” e a ler apenas os escritos definidos pelo curso, sendo diretamente dopados pelo cérebro.

Como toda máquina tem descarte na sua produção, Tonucci coloca os marxistas e críticos como produtos descartados pelo curso. E quem manuseava tudo isso era monsenhor Lozano, inspirado por Lopez Trujillo. Toda a energia que mantinha a máquina ligada era a financiadora Adveniat. Ao final, Tonucci questiona o leitor se tudo seria “sonho ou realidade”.

Sendo sonho ou realidade, o desenho é bastante questionador e ousado, principalmente pelo fato do autor ser um padre

A MÁQUINA DE PADRES: ORIGEM E CONVERGÊNCIAS.

Paulo era um sacerdote irrequieto, que estava constantemente atuando socialmente e talvez por conta disso no desenho anterior ele é tão crítico e duro sobre o processo de homogeneização e exclusão no qual se dava o processo de formação do curso de La Ceja.

Antes de comentarmos sobre o seu conteúdo seria importante abordarmos um pouco sobre o desenho da máquina de padres feito por Paulo em 1979. Em meio à entrevista com Francesco Tonucci, irmão de Paulo, o entrevistado e a entrevistadora se surpreenderam ao descobrir que o desenho na verdade era uma imitação da obra do seu irmão, vide o desenho publicado em 1970 – “La macchina della scuola”(Figura 37):

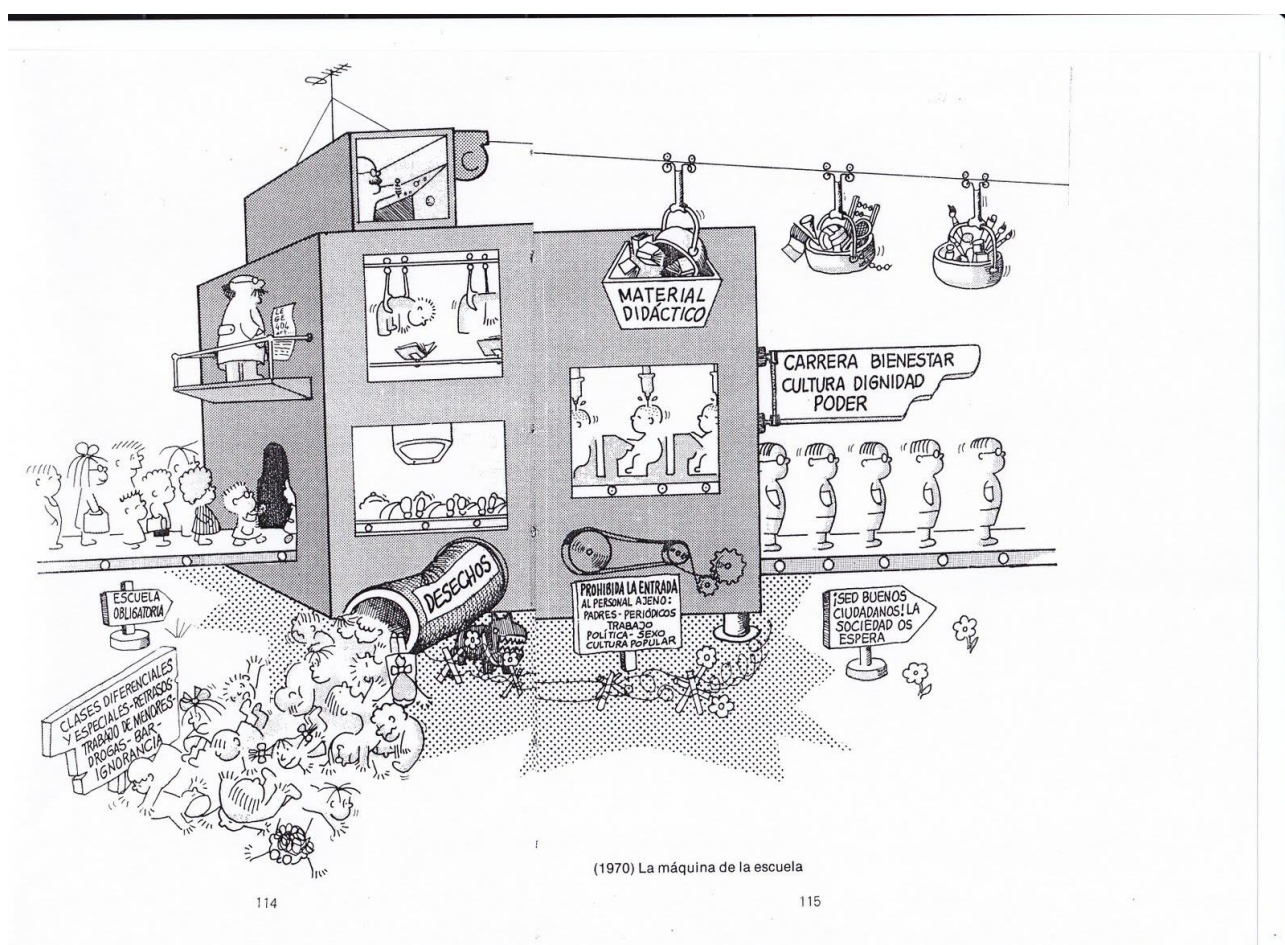


Figura 37: "La macchina della scuola" de Francesco Tonucci (1970).

Após essa descoberta, Francesco manifestou grande satisfação em descobrir que seu irmão mais velho o teve como referência sobre alguns aspectos. Diante disso, ele relatou a sua reflexão sobre a escolha do seu irmão em reproduzir esse desenho, como também ele explica suas motivações para esta criação e tenta encontrar similitudes na escolha do seu irmão para produção.

Eu não tinha pensado, pensei hoje a primeira vez, que, pelo menos a mim parece muito interessante. Nem mesmo eu fazia HQ, eu sempre desenhei, sempre pintei coisas muito sérias. Eu faço retratos, faço paisagens, faço figuras de estúdio. Eu sempre tive um forte interesse pela arte sacra (...). Na minha experiência artística não tinha a HQ, o que me parecia muito banal. Por isso a HQ se tornou pra mim um meio de me expressar. Em 1968, no período da revolução cultural de 1968, quando todos e eu também acompanhei, procuramos uma forma mais direta para se comunicar com as pessoas. Eu estudava os problemas da escola, dava indicação como devia ser uma escola adaptada às crianças e não aos professores. Mas os professores não conheciam o meu estudo. Porque os meus estudos eram publicados em livros e revistas que os professores não liam, tinha uma espécie de problema de comunicação. Neste momento no qual todo mundo procurava um canal de comunicação, eu coloquei pra fora esta personagem (Frado) para traduzir as coisas que eu estudava e nas imagens simples, imediata por trás da HQ. (...)

Qual é a surpresa que eu tive hoje refletindo o contexto dessas coisas? Provavelmente, Paulo fez o mesmo percurso, eu imagino que ele tinha o mesmo problema como meu - de se comunicar com o mundo da escola seja com o professor, seja com os pais sobre os problemas de educação. Paulo, provavelmente, tinha o mesmo problema de se comunicar com os paroquiais ou com os brasileiros que provavelmente não liam os livros, ou porque liam pouco, ou porque não liam livros. Como aqui na Itália pouquíssimas pessoas leem livros. E ele queria contar a história, sempre a história do Brasil, ou a história da Igreja, ou explicar as encíclicas sociais da Igreja às pessoas da sua paróquia - pessoas humildes. Então provavelmente, ele também deve ter pensado de utilizar a HQ como canal, pode ser que nesta situação ele teve exemplo de mim, ele pode ter pensado: se ele pode fazer, eu também posso. Ele fez do seu jeito, não fez imitando o meu desenho, felizmente, mas inventando ao seu modo. Ele não tinha habilidades gráficas, basta olhar os seus desenhos, são muito ingênuos. Ele não conhecia a figura humana, por exemplo, seus personagens não eram construídos seguindo as regras da estrutura do corpo, etc, a ele não interessava isso. Seu objetivo era obter um feedback, uma relação com os seus, e com isto se consegue muito bem, são muito eficazes estes pontos de vistas. Eu descobri com você que ele utilizou o meu desenho, muito conhecido na Itália, porque é um dos desenhos que continua ainda bastante emblemático "La macchina della scuola". Eu nunca tinha visto o desenho que ele tinha feito da máquina de padres, da construção dos padres. (Francesco Tonucci, entrevista realizada no dia 14/02/2014)

Ele relatou também que seu interesse pela HQ se iniciou quando este teve a necessidade em abrir um novo meio de diálogo entre ele e seu público alvo, talvez realmente Paulo tenha percorrido o mesmo caminho e a escolha dos quadrinhos se tornou um importante meio para o despertar de interesse não apenas dos paroquianos, com também dos jovens, público ao qual Paulo tinha uma atenção especial, segundo algumas paroquianas – Maria da Conceição, Maria Bonfim e Marivalda.

Em meio ao intervalo da entrevista com Francesco, se comentou sobre o quanto o desenho faz recordar de um trecho do filme “The Wall” com a música “Another Brick in the Wall”, produzido sobre o álbum de mesmo nome da banda de rock britânica Pink Floyd¹⁷. A música e o filme criticam o rígido sistema educacional; um dos trechos mais famosos do filme é o momento no qual alguns estudantes são encaminhados dentro de uma esteira de uma fábrica para uma máquina moedora, onde cada um deles sem rosto é transformado em carne moída, homogênea. Francesco comentou que outras pessoas já haviam feito essa comparação, no entanto ele descarta qualquer tipo de cópia, considerando apenas grande similitude.

Francesco Tonucci comenta que em meio a Revolução de 1968, ele e muitos outros procuraram meios mais diretos para se comunicar com as pessoas. O ano de 1968 foi um período de grande efusão, tendo manifestações em diferentes países. Como exemplo temos o Movimento de Maio de 1968 com os protestos estudantis dos franceses, tendo em seguida a declaração de greve geral na França. Não só os franceses se encontravam com o sangue a flor da pele. Prova disso é a Primavera de Praga (a Tchecoslováquia passou a vivenciar manifestações nas ruas e construir propostas reformistas para transição democrática, o que depois foi duramente reprimido pelo Pacto de Varsóvia) e as manifestações estudantis na Alemanha e Itália (estudantes italianos acusavam o Partido Comunista Italiano de se aliarem com a burguesia, aderiram assim à violência revolucionária com a fundação das Brigadas Vermelhas, chegando a sequestrar e matar o primeiro-ministro Aldo Moro em 1978). Também houve manifestações nas Américas, como as manifestações dos estadunidenses contra a guerra do Vietnã, o protesto pela morte do estudante Edson Luís e a passeata dos Cem Mil no Brasil, e o fortalecimento dos movimentos feministas e negro.

Em meio a essa efusão de reivindicações, de novas ideias, de difusão destas, tudo isso talvez explique a semelhança do modo de abordagem sobre o processo de homogeneização feito inicialmente por Francesco, seguido por Paulo, e que faz recordar a produção de Roger Waters. Tanto os dois desenhos como a música/filme criticam o processo coercitivo, manipulador, modelador e homogeneizador do sistema de formação.

A conjunção desses três autores se deu não apenas por estarem vivendo a efusão do ano de 1968 e anos posteriores, mas também por suas vivências, seja na Itália ou na

¹⁷ O álbum “The Wall” foi lançado no ano de 1979 e o filme no ano de 1982. Roger Waters foi o autor da música, assim como também foi o mentor do filme.

Inglaterra, passando pela grande tensão da Guerra Fria, como no Brasil, vivenciando a repressão do sistema ditatorial. Além da coincidência de serem europeus (dois deles irmãos e italianos e o outro inglês), os três sentiram os rescaldos da Segunda Guerra Mundial, tendo repercussões diversas em cada um, mas não tão dissonantes. Francesco e Roger Waters reclamavam da opressão da homogeneização sobre as crianças, o primeiro enquanto estudioso¹⁸ do assunto e o outro enquanto vítima da opressão vivida quando criança no internato que estudava. Quanto a Paulo, ele junto a outros padres viviam experiências particulares em cada canto da América Latina, que os faziam conceber interpretações teológica, social e política destoantes das de Roma e que, portanto, eram consideradas desvirtuantes, ou a depender heréticas. Em suma, pode-se dizer que a circularidade cultural reclamava entre os três, apesar da diversidade espacial.

Importante dizer que pós-1968 os quadrinhos no Brasil vivenciaram diretamente as metamorfoses das manifestações artísticas e culturais. A produção das HQs se multiplicaram e se expressaram de diferentes maneiras desde *Crítica a Realidade* ao *Experimentalismo* – que casava quadrinhos com poemas ou vice-versa. Trabalhos dos cartunistas Jaguar, Ziraldo, Fortuna e Henfil se detiveram em penetrar no momento político do Brasil, desenvolvendo fortes e contundentes críticas. Henfil se destacou neste período com suas tiras do *Zeferino* ou os quadrinhos dos *Fradinhos*. Os quadrinhos publicados em jornais e revistas passaram a ser um importante veículo de crítica à realidade política e econômica do Brasil. As HQs tornaram-se uma linguagem muito usada nos movimentos sociais, partidos e nos grupos cristãos. Paulo Tonucci assim como outros adotaram esta linguagem para se aproximar de setores populares

MAS SIM, O QUE FALA A HQ?

Voltando então ao conteúdo da HQ, após a máquina de padres, Tonucci retrata sobre o que era necessário para se tornar bispo e que o curso era mais um mérito para carreira para quem havia tais pretensões (Figura 38). Ele elenca três elementos básicos para se tornar bispo: 1º Boas relações com as autoridades – e no caso retratado seria com os militares; 2º Fidelidade à hierarquia – respeitando veementemente o Papa; e o 3º Celibato aparente – mulheres era algo proibido.

¹⁸ Não se sabe se há outras motivações para a exploração do assunto por parte de Francesco Tonucci, o que é de conhecimento é o seu longo estudo e dedicação na temática Educação.

Tinha sido montada uma máquina para formar os comunicadores de Puebla. Na entrada cada um carregava sua personalidade, seu jeito, sua formação, na saída todos deveriam ser iguais e com a corda... Pelo tubo da descarga seriam expulsos os críticos e os marxistas. Mons. Lozano, inspirado pelo Lopez Trujillo manobrava a terrível máquina. Essa máquina estava sendo alimentada pelo dinheiro da Adveniat.

Sonho ou realidade?

E nós como reagimos?

Havia entre nós muitos que pareciam mais preocupados com a carreira. Fazer o curso significaria ter mais méritos para chegar a ser bispo.

Vocês sabem o que precisa para se tornar bispo?



Figura 38: Página 6 do quadrinho “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla” de Paulo Tonucci.

A perspectiva de Paulo, ao citar como um dos elementos básicos para se tornar bispo ter uma boa relação com as autoridades militares, não estava de todo errada. Afinal, essa lógica de aproximação e cooperação entre a Igreja e o Estado já era atuante no Brasil desde os anos de 1930 com Getúlio Vargas e teve prosseguimento nos governos seguintes até os primeiros anos da Ditadura Militar. Essa colaboração entre estas instituições sofreu algumas rachaduras ao longo da ditadura, mas não necessariamente a total ruptura segundo Kenneth P. Serbin (2001, p. 82-83).

Serbin cita o nome de diversos bispos que colaboravam nas relações Estado e Forças Armadas com a Igreja, desde dom Agnelo Rossi, dom Eugênio Sales, dom Avelar Brandão Vilela, a dom Paulo Evaristo Arns e dom Hélder Câmara. A maioria dos bispos apoiou o golpe de estado. Alguns, inicialmente, optaram por aguardar.

De forma significativa, alguns bispos assumiram uma atitude neutra, defendendo uma posição de esperar-para-ver. O interessante é

que esse último grupo incluía progressistas como dom Hélder, que alimentava a esperança de que a reforma social poderia avançar sob o novo governo. Embora sem ganhar total confiança deles, dom Hélder manteve a cordialidade com os líderes militares e no começo absteve-se de criticá-los publicamente. “Não é preciso mais ter medo. Foi vencido o perigo comunista”, ele disse a Castello Branco. “agora temos que nos unir a partir para um desenvolvimento com justiça, nesse nosso imenso país.” (SERBIN, 2001, p. 104)

Ou seja, a lógica de colaboração entre estas grandes instituições era essencial para manutenção da Igreja e para fins políticos e sociais do Estado. Dentre os objetivos em comum havia a luta contra o comunismo, elemento que coadunou estas duas grandes instituições no Brasil.

Paulo apontou também a importância ao respeito à hierarquia para galgar ascensão dentro da estrutura clerical, ou seja, respeitar/seguir as regras ditadas pelo Vaticano. Outro ponto colocado era o celibato e sua obrigatoriedade.

O Vaticano II criou grandes expectativas mas também muita incerteza na Igreja. Depois de tanta mudança, o que significa agora ser católico? Os padres simbolizaram a crise de identidade. Exigia-se que a mentalidade deles saltasse, de repente, do século XVI para o XX, mas o Vaticano não ajudava muito a esclarecer seu novo papel. Pesquisas e estudos detalhados de sociólogos também não ajudavam muito. Alguns clérigos abriram sua alma a psicanalistas. Outros buscaram criar uma vida pastoral socialmente mais relevante, vivendo entre os pobres e resistindo à ditadura. Muitos esperavam o desenvolvimento de uma Igreja mais democrática e o fim do celibato obrigatório. Mostrando os limites do diálogo, o Vaticano se recusou a abrir mão desses dois últimos pontos. Como consequência, dezenas de milhares de religiosos, em várias partes do mundo, deixaram o ministério. Somente no Brasil, quase 2 mil padres deixaram a batina entre 1967 e 1976, fazendo com que o total de padres em 1977 caísse para abaixo dos costumeiros 13 mil. A Igreja perdeu algumas de suas melhores cabeças. Para os bispos, essa era uma situação dolorosa, que golpeava a capacidade de comandar seu clero, guiar seu rebanho e mostrar uma face segura aos militantes. (SERBIN, 2001, p. 101-102)

Paulo e outros sacerdotes passaram a questionar justamente os pré-requisitos usados para seleção na ascensão hierárquica, onde o que valia era a subordinação do clérigo aos pensamentos e políticas ditados pelo Vaticano, não tendo assim uma seleção democrática. Outro ponto questionado era até que ponto era legítimo a obrigatoriedade do celibato tendo em vista que a Igreja sabia que o cumprimento desta exigência era só aparente.

Na página seguinte da HQ Paulo aponta Alfonso Lopez Trujillo como um exemplo deste tipo de ascensão na carreira eclesiástica: se tornou bispo auxiliar da

Arquidiocese de Bogotá em 1970, secretário-geral do Conselho Episcopal Latino-Americano – CELAM em 1971 e, depois, promovido, em 1979, a Arcebispo da Arquidiocese de Medellín; mais tarde, em 1983, se tornou um cardeal. Toda essa progressão foi em tempos em que havia uma política de nomeações para os maiores cargos, aqueles que coadunavam com as diretrizes políticas do Vaticano. Iraneidson Costa explica melhor tal política:

a hegemonia deste grupo (bloco integrista¹⁹) foi assegurada por uma cuidadosa política de nomeações de arcebispos e cardeais²⁰, somente alçando a posições de cúpula os bispos de confiança, bem como pelo esvaziamento e deslegitimação teológica das conferências episcopais em geral, mediante a interferência direta da Cúria romana nos assuntos internos das Igrejas particulares (2007, p. 31)

A política do grupo dominante em nomear para arcebispos e cardeais membros que não fossem considerados progressistas tinha como objetivo o enfraquecimento, por dentro da hierarquia da Igreja, da expansão da Teologia da Libertação. Como o curso de formação dos comunicadores de Puebla estava sendo orientado por dom Alfonso Lopez Trujillo, homem de confiança do Papa, deduz-se que este fazia parte de um “pacote” de desmobilização em torno dos pensamentos abertos a uma nova cultura e prática cristã.

Paulo Tonucci, em 1979, já tinha 17 anos de prática sacerdotal, sendo 14 anos no Brasil. Pode-se dizer então que era um sacerdote experiente, ou seja, já possuía conhecimento das relações de forças internas da Igreja e sabia que Alfonso Lopez Trujillo, como Secretário Geral do CELAM nomeado pelo grupo dominante do Vaticano, era o organizador e mentor do curso de La Ceja. Por que então Paulo foi convidado e participou deste curso?

Provavelmente a sua participação no curso foi devido ao interesse em se aprofundar no conteúdo debatido em Puebla e também por ser o coordenador da Equipe de Evangelização da Periferia, equipe esta que envolvia diversas comunidades eclesiais de base da periferia de Salvador. Tanto que após La Ceja, Paulo junto com a Equipe publicou um livro chamado “Puebla a caminho do povo” pela Editora Todos Irmãos, em

¹⁹ Bloco integrista composto pelo Papa João Paulo II, a burocracia romana, os arcebispos e bispos ditos conservadores e o movimentos espiritualistas (Opus Dei, Focolares, Cursilhos, comunhão e Libertação, Legionários de Cristo, etc.), que defendem como exemplar a cristandade medieval. Vide em Costa, 2007, p.30.

²⁰ “Em menos de vinte anos, João Paulo II renovou substancialmente o episcopado, nomeando mais de dois terços dos 4.500 bispos em atividade no fim do século XX. Também no caso particular da Igreja brasileira ele imprimiu sua marca de maneira significativa: ao morrer, cinco dos oito cardeais e mais da metade dos bispos haviam sido nomeados por ele.” Idem, p. 31.

1979. O objetivo do livro era traduzir o documento oficial da III Conferência do Episcopado latino-americano em uma linguagem mais acessível para o trabalho pastoral, apresentando roteiros que auxiliassem nos debates com as comunidades. Inclusive, essa publicação teve o incentivo e um texto de abertura do Cardeal dom Avelar Brandão Vilela.

O material apresentou um capítulo chamado “A nossa realidade” que fala sobre agricultores sendo expulsos por latifundiários; fala da exploração vivida por camponeses e operários; da marginalização da periferia; enfatiza as disparidades das estruturas econômicas, sociais e políticas; e fala da atuação da mídia e do Estado em favor dos interesses das empresas multinacionais. Em outro capítulo, mais a frente, se discutiu “Evangelização e Libertação” – sobre a importância da libertação total do homem tanto dos pecados como também da miséria e da opressão. “Evangelização e política” foi outro tema debatido no livro, enfatizando que a atividade política não é politicagem, não significa se afastar da Igreja ou de Deus, mas evangelizar a política para que esta sirva a todos os homens. Os temas desenvolvidos no livro seguiram a estrutura do documento final da III Conferência de Puebla, mas com uma linguagem mais simples e com quadrinhos e desenhos que fazem composição com os textos.

O livro da Equipe de Evangelização da Periferia é muito parecido com a publicação de Frei Betto “Puebla para o povo” da Editora Vozes, de 1979. Ambos os materiais possuem estruturas similares além do mesmo escopo. Logo após Puebla, os clérigos, a exemplo de Tonucci e Frei Betto, que trabalhavam junto às Comunidades Eclesiais de Base, providenciaram produzir materiais, roteiros que auxiliassem nas discussões das resoluções de Puebla com as bases. A linguagem abraçada era não coloquial, como também se usou a linguagem quadrinística.

Paulo Tonucci foi para o curso de La Ceja com o objetivo de discutir o documento final de Puebla para depois compartilhar com as bases. O curso, segundo seu ponto de vista, seguiu uma linha muito ofensiva e desqualificativa das perspectivas fundamentadas na Teologia da Libertação, o que pode ter ido além que ele esperava. Talvez diante disso, ele resolveu construir a HQ “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla”: um modo de extravasar suas críticas e insatisfações perante o que foi debatido no curso, e ao mesmo tempo expor que Puebla seria abertura do que se tentava cerrar. Talvez por isso a HQ foi disponibilizada entre as pessoas mais próximas e mais cientes das amarras internas da Igreja. Ou seja, não se tinha interesse em expor as fissuras

internas, mas incentivar um olhar sobre Puebla, a exemplo do livro “Puebla a caminho do povo” muito diverso do que o curso de La Ceja propôs difundir.

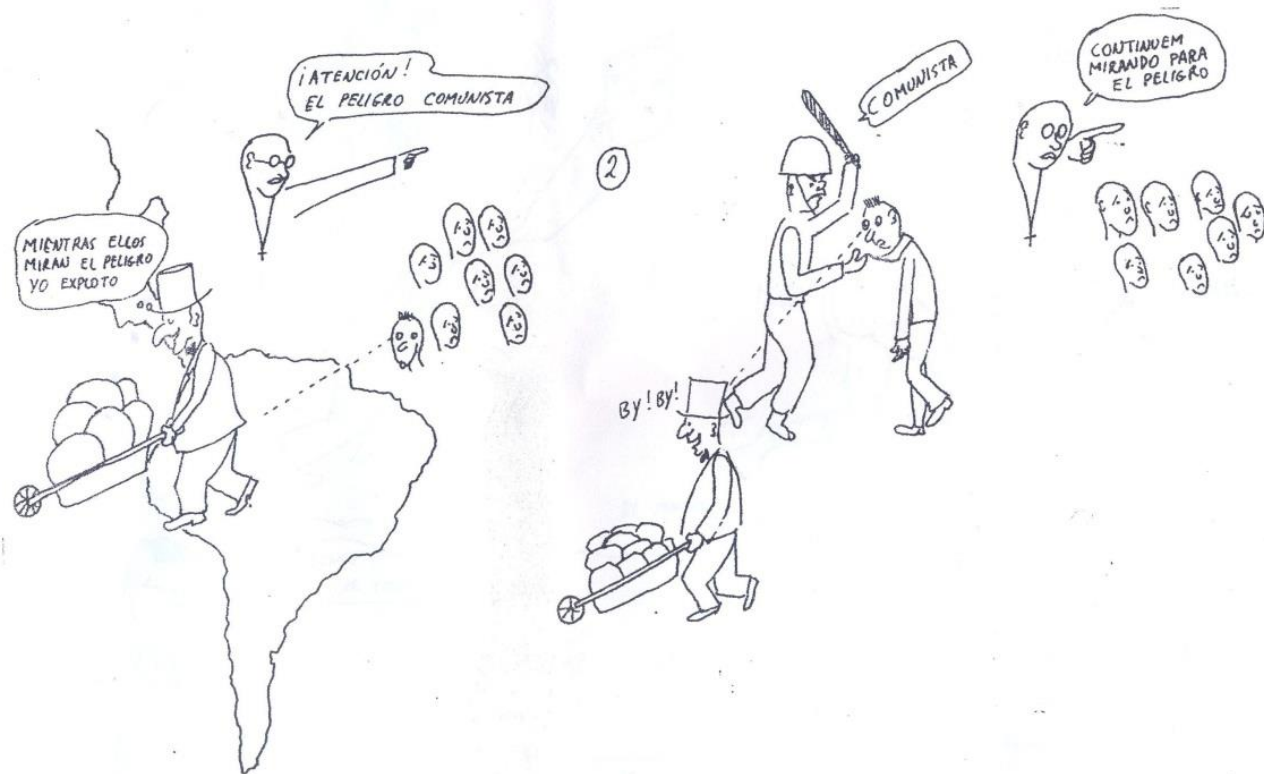
Ao longo do curso, as palavras mais repetidas, segundo Tonucci, eram marxismo, comunismo e luta de classes. Esta perspectiva ofensiva e desqualificativa não tinha o intuito de debatê-las, e sim combatê-las. Das páginas 8 a 13, o autor da HQ desfiou, ironicamente, a batalha que os palestrantes fizeram ao tratar o comunismo e o marxismo como algo condenável para concepção cristã. Nestes desenhos, Trujillo sempre está presente enfatizando os males do marxismo. Dentre estas páginas, surge o Tio Sam²¹ - a escolha do personagem foi devido ao papel hegemônico dos Estados Unidos no continente, como também a sua atuação junto às ditaduras que irromperam no mesmo. Ao longo do quadrinho ele cita a situação de Nicarágua e a intervenção do Tio Sam, como fala também da contribuição deste em Puebla – México. Tio Sam aparece nas páginas 8, 12 e 13: na primeira (Figura 39) ele aparece andando sobre a América Latina empurrando um carrinho de mão carregado de sacos e dizendo – “Enquanto eles miram o perigo eu exploro”, “Tchau! Tchau!”; neste mesmo quadro Tonucci mostra uma das pessoas que não mirava o perigo comunista, sendo apontada por Trujillo e depois sendo reprimida e chamada de comunista ao ver o Tio Sam partindo.

²¹ Neste quadrinho, o personagem com cartola, gravata-borboleta e nariz adunco é identificado na página 24 como Tio Sam. Em outros quadrinhos de Paulo Tonucci, há um personagem de nariz adunco, com cartola, e gravata comum que não é identificado ou associado diretamente como Tio Sam. Este personagem será discutido mais a frente.

M A R X I S M O foi a palavra mais usada no curso.

para combatê-lo, naturalmente

O perigo comunista teve uma presença marcante em todas as palestras.



8

Figura 39: Página 8 do quadrinho “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla” de Paulo Tonucci.

Na página 12 (Figura 40) o assunto é sobre o termo “luta de classes”:

Tudo é bom para combater a "luta de classe".....



12

Figura 40: Página 12 do quadrinho "Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla" de Paulo Tonucci.

Trujillo aparece se contrapondo à luta de classes e reconhece a existência de influências externas que difundem ideologias espúrias de luta. No entanto, um clérigo, não especificado, o contesta ao apresentar Tio Sam montado nas suas costas e afirma que "Se não luto continuo sendo escravo". Trujillo rebate "Meu filho, não podes... tu não debes lutar, debes colaborar. Deus não quer violência". No último quadro, Jesus na cruz diz: "Eu nunca disse isso".

Na página 13 (Figura 41), Tio Sam aparece como financiador de Puebla. Novamente, Trujillo explica que o segredo de Puebla é o combate ao marxismo e ao capitalismo, propondo então uma terceira via - o humanismo cristão. No último quadro, Trujillo estaria derramando água benta em Tio Sam e este estaria fazendo doações ao mesmo.

Vocês querem conhecer o segredo de Puebla?
O nosso amigo, Mons. Lopez Trujillo está às ordens....



13

Figura 41: Página 13 do quadrinho “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla” de Paulo Tonucci.

Nesses três quadros, segundo Tonucci, por mais que a Igreja diga que se opõe ao capitalismo e proponha a terceira via - o Humanismo Cristão, no entanto ela ainda se mantém próxima ao Tio Sam. A posição de combatividade ao capitalismo se torna dúbia, por conta de receber financiamento do sistema opressor e, ao mesmo tempo, não enfrentar a exploração e opressão vivida pelos subalternos de modo mais contundente. Ou seja, é como se todo esse discurso de se opor ao capitalismo e comunismo fosse uma teatralização, transparecendo que os inimigos reais para a cúpula dirigente são o comunismo e o marxismo.

A perspectiva anticomunista já é comungada na Igreja há muito tempo. No entanto o que a Igreja Latino-americana vivenciava era muito diverso, a guinada à esquerda de parte do clero se tornou motivo de preocupação e exigindo a atuação mais firme do Vaticano para propagação dos ideais anticomunistas. Por mais que houvesse rejeição às práticas da ditadura militar por parte de setores mais conservadores tanto da

Igreja Latino-Americana quanto do Vaticano, eles não chegavam a abraçar ideais mais à esquerda.

Ao analisar toda a HQ e principalmente essas três páginas, pode-se notar que o autor constrói um enredo como se o grupo mais conservador trabalhasse em sintonia orquestrada com os interesses do autoritarismo e capitalismo. Talvez Tonucci não estivesse completamente equivocado. Como já foi dito, Kenneth Serbin (2001) apresentou ao longo da sua pesquisa que determinados bispos questionavam as práticas de tortura e do abuso de poder, no entanto continuavam a apoiar a ditadura militar. Alguns bispos chegaram até tentar dissuadir a opinião internacional sobre o desrespeito aos direitos humanos no Brasil.

Apesar de haver sintonia entre alguns segmentos da Igreja frente às arbitrariedades cometidas no Brasil, havia bispos que inicialmente, com objetivo anticomunista e de certo modo fortalecimento do capitalismo, não se opuseram a ditadura, abraçando uma posição mais moderada. Ao longo do processo estes bispos mudaram de postura, chegando a denunciar internacionalmente as atrocidades cometidas pela ditadura militar. Segmentos conservadores se mantiveram apoiando ditadura, mas os conflitos internos da Igreja já não eram tão orquestrados para se afirmar que a instituição Igreja estava às ordens do Tio Sam.

A repressão agravou as tensões entre os católicos ultraconservadores e os progressistas, mas, no conjunto, levou a Igreja a cerrar fileiras em sua própria defesa e na de outras vítimas do regime. No final dos anos 60, alguns bispos começaram a denunciar a tortura e a violência, bem como as políticas econômicas profundamente desiguais do governo. (SERBIN, 2001, p.106)

Além da atuação dos bispos, vale destacar o importante papel dos sacerdotes e das freiras, o baixo clero, que atuavam juntamente com as comunidades, tendo um papel fundamental para construção e consolidação de uma posição teológica e política resistente frente à repressão do Estado.

Como o grupo dominante, de acordo com Tonucci, estava disputando em prol do anticomunismo em conluio com o Tio Sam, Paulo também carregou na tinta ao fazer críticas ao grupo hegemônico, disputando posições na luta interna da Igreja Latino-americana.

Essa disputa se encontrava em campo já há algum tempo. Em meio a avanços e retenções no papado de Paulo VI, algumas retenções detiveram frutos na gestão do papado de João Paulo II.

Contudo, para ser justo com o pontificado de João Paulo II, recentemente encerrado, registremos que a aurora desse processo de “desmonte eclesiástico” lhe foi anterior, pelo menos no contexto latino-americano. Basta ver a imposição, por parte da Cúria romana de Paulo VI, do já nosso conhecido Alfonso Trujillo (então Bispo de Bogotá) para o decisivo cargo de secretário geral do Celam em 1972, de onde ajudaria a desconstruir nos seus dez anos à frente do mais importante organismo católico latino-americano aquilo que esta mesma Igreja havia avançado nos dez anos anteriores.

(...)

Vejam os uma pequena mostra da virulência dos ataques encetados a partir do eixo Medellín-Bogotá de restauração católica: nos anos anteriores à realização da Conferência de Puebla (inicialmente prevista para outubro de 1978, mas adiada em razão da morte de Paulo VI e, logo em seguida, de João Paulo I), o Celam e o CEDIAI²² promoveram uma série de encontros com bispos e teólogos do continente, do Rio de Janeiro a San José, do México a San Juan, com farta distribuição de material (livros, cartilhas etc.), como forma de divulgar uma teologia ortodoxa e denunciar os desvios doutrinários. No encontro realizado na capital porto-riquenha, por exemplo, depois da análise de conjuntura eclesial do continente, perguntou-se aos bispos presentes: “Conheceu o Sr, em sua Diocese ou País sacerdotes que, partindo do amor para com os pobres, optaram pelo socialismo marxista?”. E mais: “Que pensa o Sr. da frase de Lênin: ‘Nas condições da sociedade capitalista moderna, a luta de classe levará os operários cristãos ao comunismo e ao ateísmo cem vezes melhor do que uma pregação atéia pura e simples?’”. (COSTA, 2007, pp.33-34)

Iraneidson Costa comenta também que os jesuítas do CEAS publicaram um artigo no Caderno do CEAS em 1977²³, onde denunciavam a existência de um plano repressivo que articulava segmentos da hierarquia da Igreja, de governos ditatoriais e empresariados junto com a atuação do governo americano. Ou seja, o curso em La Ceja foi apenas mais uma atuação de diversas outras com intuito desmobilizar o clero em torno da TdL.

No Brasil, a disputa interna católica começou a fragilizar as articulações entre a Igreja e o governo. Padres, freis, freiras passaram a ser investigados, presos, interrogados, torturados e até mortos. A campanha anticomunista e combativa à TdL dentro da Igreja estava sendo encampada pelo Estado ditatorial, mas de maneira muito mais radical. Serbin apresenta documentos do Dops-GB²⁴ onde o governo expressa grande desconfiança com a Igreja, chegando ao extremismo do anticomunismo. Alguns

²² CEDIAI - Centro de Estudos para o Desenvolvimento e Integração da América Latina

²³ “A perseguição contra a Igreja Popular na América Latina”, Cadernos do CEAS, 47: 66-71, Salvador, Centro de Estudos e Ação Social, jan.-fev., 1977

²⁴ Dops-GB – Departamento de Ordem Política e Social da Guanabara (Guanabara foi a denominação política da cidade do Rio de Janeiro de 1960 a 1975)

segmentos católicos passaram a ser considerados como alvo de interesse do movimento comunista internacional, segundo o delegado Heitor Corrêa Maurano. Chegando ao ponto de serem tratados como traidores. A perspectiva do anticomunismo tomou tamanha proporções que havia clérigos delatores, que colaboravam com as investigações do governo, dando maiores informações sobre a movimentação de dom Hélder Câmara por exemplo (2001, pp. 113-114).

Dentro deste processo de conter a expansão da TdL, o grupo hegemônico buscou contestar certas interpretações. A exemplo disso Paulo discorre como era tratado o termo “Libertação” no curso (Figura 42).

O importante é que todos compreendam o que é verdadeiramente evangelização. Evangelização é libertação.... Mas que tipo de libertação?



Figura 42: Página 21 do quadrinho “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla” de Paulo Tonucci.

Paulo retrata Trujillo e o seu grupo como se tivessem feito um acordo com Tio Sam, ao desfazer de ideias de luta de classe e de incentivar a submissão do povo pobre. O quadro começa do seguinte modo: “O importante é que todos compreendam o que é

verdadeiramente evangelização. Evangelização é libertação.... Mas que tipo de libertação?”. No primeiro quadrinho: Tio Sam está montado sobre um homem, com uma fisionomia de sofrimento, Trujillo discursa que evangelizar é libertação; no segundo: o homem, já com o rosto de felicidade e força, se levanta e derruba Tio Sam que se queixa; no terceiro e quarto: o clérigo argumenta que a libertação não é isso e que não se deve ter luta de classe; no quinto e no último: o homem novamente se curva, com o semblante de humilhação, e ouve palavras do Tio Sam e de Trujillo afirmando que esta sim é a verdadeira colaboração, comunhão e participação. Ao final, Trujillo ressalta ao Tio Sam que “não use chicote e que não deve se esquecer do leite para as crianças”. De acordo com esta página, a prática religiosa defendida por Trujillo e outros tinha como intuito desviar as pessoas para não se atentarem ao processo de luta de classes, a repressão e a exploração capitalista. Como se o grupo hegemônico estivesse propondo criticar o sistema, mas ao mesmo tempo negociar e trazer algumas benesses não enfrentando a opressão e a exploração.

Tonucci também se preocupou em destacar os discursos proferidos por Trujillo e outros onde se mostravam críticos a presença de multinacionais nos países latino-americanos, ou até mesmo a doutrina de segurança nacional, se colocando tão autônomos como os adeptos da TdL (Figura 43). No entanto, sob o olhar de Tonucci, eram críticas que não iam a fundo ao teor dos problemas. Podendo assim ser considerada uma tática política, pois se colocavam como críticos ao capitalismo. Entretanto não chegavam a abraçar o marxismo ou a luta de classes, se opondo a TdL por abraçar ideologias, análises políticas-sociais que, supostamente, são contrárias a Igreja e ao catolicismo.

Para conservar uma certa independência frente às pressões externas da esquerda, precisa-se de muito jeito.
 Vejam só, uma simples tradução pode resolver situações melindrosas como a do nº 549 do Documento.

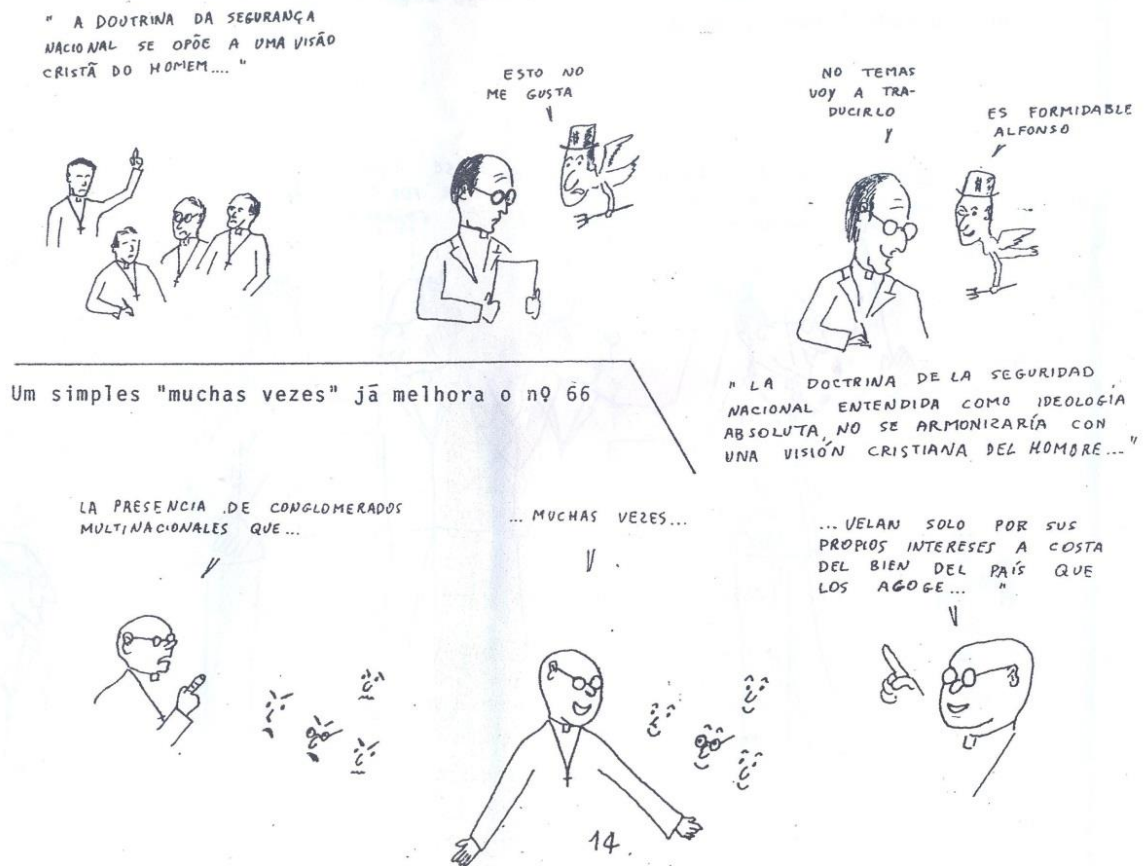
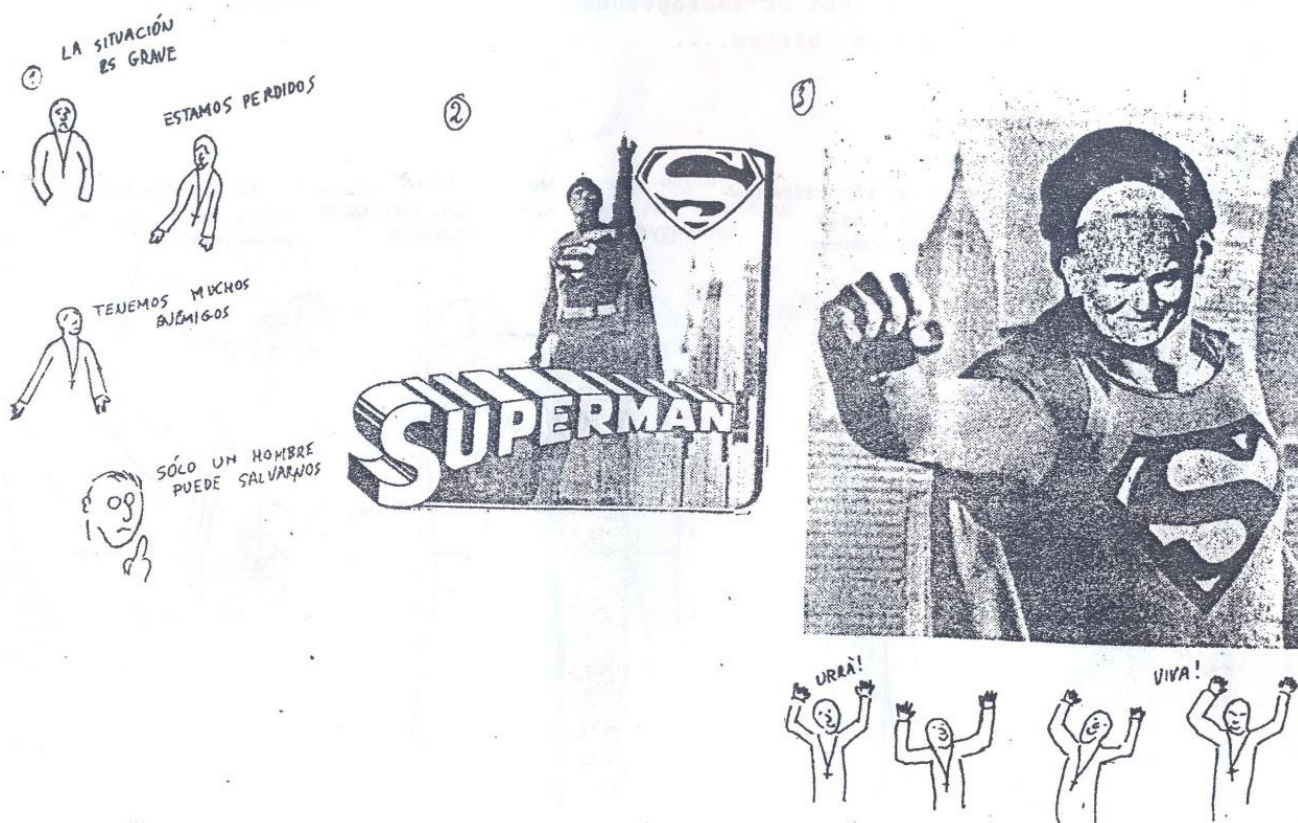


Figura 43: Página 14 do quadrinho "Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla" de Paulo Tonucci.

A solução para todos os problemas era o Super-Homem dos cristãos – João Paulo II, onde foi retratado com uma colagem do super-herói com o rosto do papa (Figura 44).

Para tanto nós precisamos de autênticos heróis.



16

Figura 44: Página 16 do quadrinho “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla” de Paulo Tonucci.

No curso de La Ceja, Paulo destacou a importância dada a João Paulo II. O destaque não era apenas por ele ser o atual papa, era também por ser um dos articuladores e membro do grupo “integrarista” do Vaticano. A gestão do pontífice trabalhou na centralização da Igreja, atuando fortemente para contenção da disseminação do pensamento de aceitação de uma nova cultura, de um catolicismo concatenado com o mundo moderno (Costa, 2007, p.30).

Na esteira desse catolicismo concatenado com mundo moderno que Paulo Tonucci resolveu construir uma HQ que contasse os dias vividos em La Ceja. Esse quadrinho foi um de muitos outros que ele desenvolveu para dialogar com as CEBs, com os movimentos de bairro e nos trabalhos eclesiais. Esse quadrinho, como já foi dito, não teve grande circulação. O que parece é que esta HQ é como se fosse uma espécie de pequeno artigo satírico, onde ele pudesse compartilhar com seus parceiros o modus operandi do grupo dominante do Vaticano frente à TdL. Apesar disso, ele afirma que ainda persistiram:

Apesar de toda estrutura montada, apesar dos pacotes e das máquinas para a formação de “intérpretes autênticos” de Puebla, o curso deu-nos oportunidades de um verdadeiro encontro, com troca de informação.

Descobrimos que, apesar dos Kloppenburg, Lopez Trujillo, Guaraccino e Lozano, há muitos na América Latina que estão comprometidos com uma verdadeira libertação.

A luta do povo de Nicarágua animou nossa esperança de que conseguiremos construir novo céu e nova terra.

Por tudo isso – apesar das intenções – a todo o pessoal do CELAM o nosso muito obrigado. (TONUCCI, p.29)

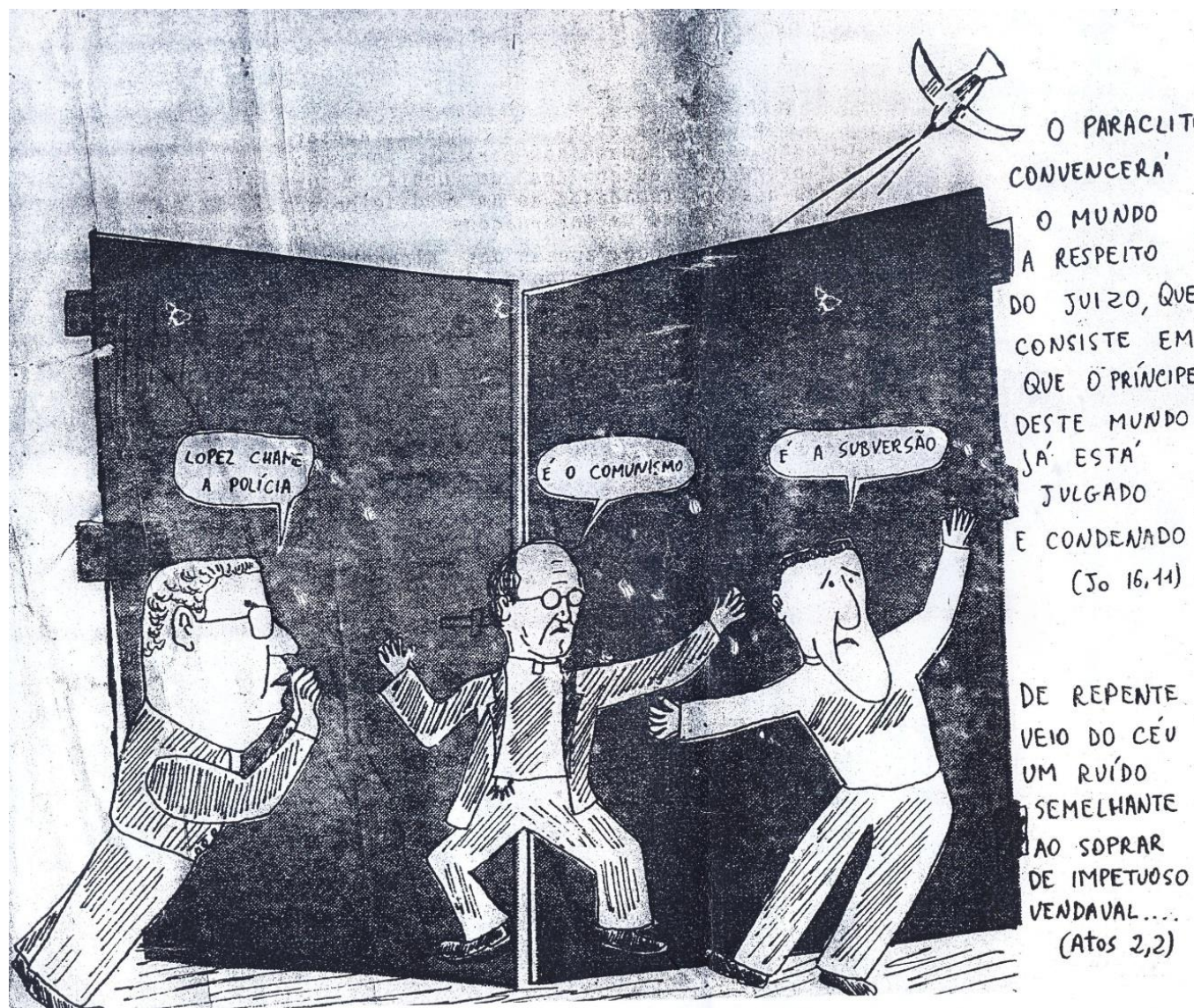


Figura 45: Página 30 do quadrinho “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla” de Paulo Tonucci.

Com o entusiasmo com a experiência da Nicarágua – a Revolução Sandinista “tinha se tornado um poderoso exemplo que inspirou toda uma geração de militantes cristãos.” (LOWY, 2000, p. 204), Tonucci finaliza a HQ com a imagem (Figura 45) do

“Espírito Santo” forçando abrir as portas de Puebla para um novo mundo. Ou seja, metaforicamente, Puebla não ficaria cerrada para uma nova perspectiva de mundo.

Assim como os sandinistas vivenciaram muitas experiências pós 1979, o mesmo pode se dizer das portas de Puebla. Os ventos da “libertação” de um novo mundo não cessaram, mas foram perdendo espaço e força, muito em função da política cautelosa adotada pelo Vaticano desde Paulo VI até João Paulo II. Após João Paulo II “fechar as portas” de Puebla e Bento XVI tentar “trancá-las”, a eleição do papa Francisco veio como novos ventos, trazendo novas expectativas e o ressurgimento de antigas perspectivas. Tal assunto merece ser analisado, buscando charges e cartuns espalhados em jornais e revistas desde a dinamarquesa Jyllands-Postena a Charlie Hebdo. A “língua bárbara”, ainda hoje, chama muita atenção, provoca muita ira, comoção, manifestações e profundas reflexões.

Apesar da barbaridade de hoje em dia, é preciso voltar para as ideias revolucionárias que inspiraram Paulo Tonucci e sua “língua bárbara” em meio aos grupos de evangelização, escola profissional e movimentos urbanos.

CAPÍTULO IV

PAULO TONUCCI E SEUS QUADRINHOS



Figura 46: Capa da História em Quadrinhos "Que seja de todos o que Deus criou para todos", autor Paulo Tonucci, 1979.

A luta entre o polvo e uma gente de armas em punho. De um lado, um grande polvo de cartola que através de cada tentáculo toma para si a cidade, se apossa de grandes sacas de dinheiro, se apodera e devasta onde já foi verde e envenena onde ainda havia vida; do outro lado, o avançar de um homem que segura uma “espada”, que talvez possa ser um facão, seguido por uma mulher com sua criança, um operário negro com seu capacete e um homem de chapéu de palha com os pés no chão portando uma enxada.

A Luta: Polvo x Pobres

O desenho é a capa da história em quadrinhos – HQ - que tem como título “Que seja de todos o que Deus criou para todos”. Essa HQ foi elaborada por Paulo Tonucci para desenvolver o tema da Campanha da Fraternidade – CF - de 1979: “Por um mundo mais humano” e o seu lema era “Preserve o que é de todos”.

A Campanha é realizada até hoje e tem como objetivo incitar o debate e a solidariedade dos católicos e não católicos em relação a um problema concreto que envolve toda sociedade brasileira, procurando novos caminhos para solução. Todo ano é escolhido um tema, que trata sobre um problema da sociedade, e um lema, que aponta uma direção de transformação.

Até hoje, a Igreja confecciona os seus materiais tratando sobre o tema e lema da CF. Mesmo assim Tonucci fazia questão de construir suas HQs, relacionando o tema do ano com as situações cotidianas ou atuais da paróquia. Ele também buscava construir desenhos que trouxesse algumas representações comumente já usadas no meio quadrinístico como, por exemplo, a cartola usada pelo polvo.

Este tipo de chapéu era um paramento muito usado no século XIX pelos burgueses. A cartola está presente em histórias em quadrinhos, charges e tirinhas desde o início do século XX. Um exemplo disto é o personagem “Pop”, do cartunista John Millar Watt, que passou a publicar, em 1921, no Daily Sketch - jornal inglês. “Pop” era um típico burguês do século XIX que se caracterizava pela sua grande barriga e sua vestimenta. Outro personagem que recorreu à representação da cartola é o famoso “Tio Patinhas” da Walt Disney, lançado em 1947, que, segundo seus criadores, nasceu em 1867 e se tornou um velho rico que morava numa grande mansão.

O polvo de cartola representa muito além de um mero burguês, talvez a intenção do autor seja retratá-lo não apenas como representante da classe abastada do sistema capitalista. A escolha de um animal com diversos braços possa vir significar a presença do capitalismo em diversos espaços. Se reverberando não apenas no âmbito econômico, mas também social e cultural representado pelos espaços urbanos e rurais, com a poluição e o desmatamento. Além dos diversos braços, o autor utiliza a característica do polvo em ejetar tinta para se despistar diante de qualquer ameaça. No quadrinho o polvo estaria mais que se despistando, estaria reprimindo ou detendo as pessoas frente ao conflito, assim como poluindo o lago e matando os peixes.

Na luta contra o polvo burguês ou capitalismo polvo estão o camponês, mulher e criança de pés no chão, um operário e um homem de espada ou facão em punho, parecendo ser uma liderança, todos estes personagens representando os mais pobres. Neste confronto o polvo jorra um líquido sobre essas pessoas e, ao mesmo tempo, enlaça ou tenta enlaçar pelo pé o homem que parece ser o líder. Desta situação abre-se diversas interpretações, desde a simulação de um mero conflito até a possibilidade do enlace representar a

cooptação do líder. Mas diante da diversidade de interpretações é preferível se apreender a ideia da complexidade da luta.

A representação dos mais pobres, por parte de Paulo, foi uma escolha que parte da concepção da Teologia da Libertação e também da Conferência de Puebla dos Bispos Latino-Americanos (1979), que deteve como cerne a opção preferencial pelos pobres e a solidariedade com sua luta pela autolibertação. A preferência pelos pobres não é algo novo da TdL, faz parte da tradição da Igreja, aliás remonta às origens do cristianismo. O diferencial está na defesa e no incentivo a autolibertação, rompendo com a lógica assistencialista e substituindo-a com a solidariedade, com a luta dos pobres por auto-emancipação, convergindo com a concepção marxista sobre a emancipação dos trabalhadores. O uso da categoria pobre pode parecer muito vago, impreciso, mas busca abranger não apenas as classes exploradas, mas um universo de excluídos do ponto de vista racial, étnico, moral e cultural (LOWY, 2000, p.123-124).

Dentro desta linha de combate à exclusão, Paulo buscou retratar a autolibertação dos pobres ao confrontar o grande polvo, ou melhor, o capitalismo e a classe burguesa, que através dos seus braços vai tomando cidades, campos, extinguindo o verde e a vida, se apossando de tudo. A luta dos homens e mulheres contra o grande animal, contra a desumanização da exploração e do explorador.

A escolha dessa capa no início deste capítulo não foi aleatória. Ela simboliza sinteticamente a luta de classes, a importância da união, a opção pelos pobres, elementos que estão presentes na maioria dos quadrinhos de Tonucci. A discussão adiante será sobre as representações usadas nas HQs, os assuntos debatidos, os roteiros e objetivos destes quadrinhos, assim como o porquê ele optou pelos quadrinhos e desenhos como ferramenta de trabalho.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS DE PAULO TONUCCI

A HQ do desenho acima não teve grande difusão, não foi publicado por uma editora, mas era um tipo de trabalho constantemente desenvolvido nas CEBs, alguns eram mais elaborados outros menos. Paulo Tonucci não foi o primeiro a se debruçar na construção desses materiais. Como ele mesmo relata em um artigo, as publicações populares já vinham sendo desenvolvidas já algum tempo.

As publicações (boletins, folhetos mais ligados à conscientização política, outros mais ligados à religião...) acompanham as classes populares,

sobretudo o povo do interior e das periferias das grandes e médias cidades. É difícil dizer quando começaram essas publicações. Podemos indicar a data de 69/70, depois de Medellín, período de grande efervescência, animação a nível eclesial e político em nossa América Latina, num contexto de grande repressão.

O que implica, de um lado o multiplicar-se das iniciativas, na maioria das vezes, não articuladas entre si, e de outro a técnica utilizada (sinal de pobreza, mas também indicadora dos tempos da censura). (TONUCCI, Paulo. “história para o povo, com o povo”, in: Expression Popular de História de la Iglesia en America Latina. (1984))

Não há como datar o nascimento dessas publicações populares, pode-se dizer que, realmente, iniciou-se no começo de 1970 e que ganharam muitos clérigos e CEBs. A produção desses materiais, muitas vezes não articulados, tinham como intuito reforçar a vida comunitária, fortalecer os laços e apresentar o processo de dominação e exploração dos grupos dominantes (Veiga, 2009, p.5).

Paulo levantava questionamentos sobre a linguagem: como falar com pessoas tão simples e muitas vezes analfabetas? Ele se preocupava também em tratar da história, ou seja, despertar o interesse das pessoas em analisar o passado para auxiliar na análise do presente. A proposta então era dialogar com estas pessoas, conviver com elas, compreender e debater o cotidiano destas. Além de Paulo conviver cotidianamente no bairro Fazenda Grande e adjacências, havia também o Grupo de Evangelização da Periferia e os CEBs, espaços onde ele debatia e dialogava com esse povo mais simples que ele buscava se chegar.

Procuramos superar essas dificuldades com o diálogo, a convivência no meio do povo, e apresentando, debatendo os textos, as frases com as pessoas do bairro, explicando o conteúdo e pedindo com que palavras podíamos apresentar aos outros esse conteúdo. Foi e continua sendo um trabalho demorado, que requer bastante desprendimento, humildade e capacidade de escuta.

Falando em linguagem, incluímos o desenho. O desenho, como a palavra, a escrita, deve estar a serviço da transmissão.

O importante não é que o desenho seja bonito, mas que seja expressivo daquilo que queremos transmitir. Às vezes, nas histórias em quadrinhos os personagens são caracterizados, o que pode provocar uma reação no leitor. Não podemos caricaturar um lavrador, um índio, um pobre, um negro... Quem lê deve sentir-se envolvido, identificando-se. Muitas vezes um desenho fala mais que muitas palavras... (TONUCCI, Paulo. “História para o povo, com o povo”, in: Expression Popular de História de la Iglesia em America Latina, (1984), p. 4)

Como o próprio Paulo disse: o importante não está na beleza do desenho, no domínio da técnica, mas na mensagem, no alcance do objetivo. Quando Tonucci enfatiza

que o leitor deve estar envolvido, deve se identificar, a sua preocupação é o reconhecimento, reconhecer sua realidade na historinha relatada. Os desenhos não precisavam ser muito elaborados, contanto que mantivessem as caricaturas, a criatividade, e que tudo isso estivesse voltado para temas reais. Os desenhos de Paulo Tonucci não desenvolviam ícones “realistas”²⁵, a sua arte tinha um caráter mais cartunizado, ou seja, desenhos que se aproximavam da figura humana e cenários da cidade ou campo. Como, por exemplo, a sequência abaixo:

²⁵ Realista: são ícones trabalhados buscando maior proximidade possível da realidade; preocupação com sombras, terceira dimensão, sendo voltado para os detalhes tanto dos personagens quanto do cenário.



Figura 47: Página 18 da História em Quadrinhos "Que seja de todos o que Deus criou para todos", autor Paulo Tonucci, 1979.

Neste desenho, pode-se notar um cenário em branco, os personagens e suas ações não possuem um cunho “realista”, são ícones que retratam situações que não podem ser praticadas, a exemplo da máquina de moer pessoas transformando em dinheiro, ou o mapa da América Latina em que os homens de cartola aspiram todo seu dinheiro. São ícones que recorrem a metáforas, o uso de desenhos simples, sem grande domínio da técnica, evidenciando que o objetivo maior do autor não era a estética, mas a transmissão da mensagem.

Outra preocupação de Paulo era a importância dos leitores se sentirem identificados ou envolvidos, exemplo disso era o cuidado na construção dos personagens dos desenhos. Retornando a figura 46, a capa onde consta o polvo, nota-se que os personagens estão identificados com suas indumentárias cotidianas de trabalho ou do dia a dia. A mulher é apresentada com um lenço na cabeça, um acessório muito usado entre as mulheres durante a década de 1970, enquanto o operário usa um capacete de segurança usado em obras, além do agricultor que está com sua enxada, roupas gastas e pés descalços.

O grupo dominante também era retratado com esse olhar mais apurado. Referências existentes no meio literário e quadrinístico do Brasil embasaram Paulo para construção do personagem latifundiário. Continuando na HQ da CF de 1979, Paulo para discutir sobre o processo de expulsão dos pequenos agricultores, ele retratou os latifundiários da seguinte forma:



Figura 48: Páginas 6 e 7 da História em Quadrinhos "Que seja de todos o que Deus criou para todos", autor Paulo Tonucci, 1979.

O latifundiário é representado como um homem barrigudo de bigode que usa botas, possuindo ainda um lenço amarrado no pescoço e uma arma na cintura. Ao seu lado, um capanga com uma espingarda e um chapéu de couro de abas curtas e dobradas para cima. O ícone do grande proprietário de terras estava embasado nas referências coronelistas do

final do século XIX e primeira metade do XX, onde os grandes fazendeiros se tornavam coronéis - oficiais civis integrantes da Guarda Nacional²⁶ no período imperial. Estes coronéis centralizavam, no seu município ou região, os poderes político e judiciário local. A propriedade de terra se constituía o elemento fundamental para o coronelismo (LEAL, 2012). Este ícone seria a reprodução da representação social e cultural do Brasil em relação a estes latifundiários.

Quanto ao outro proprietário de terras apresentado, pode ser chamado de grileiro e este, diferentemente do coronel, estava vestido de gravata e paletó, surgindo do nada com escrituras registradas, alegando ser proprietário das terras. O uso dessas vestimentas representa que sua origem vem de outras segmentações sociais e econômicas, recorrendo a outros métodos e relações para garantir os seus interesses.

Esse cuidado de Paulo em diferir os grandes proprietários de terras tinha como intuito demonstrar as diferentes origens destes. O primeiro advindo de suas raízes coronelistas, já o segundo advindo das relações burocráticas com realização de fraudes documentais. Não deixando de dizer que ambos são violentos e criminosos.

Esse olhar cuidadoso sobre esta distinção adveio do processo de convivência de Paulo com a população, ouvindo suas experiências. Ele viveu durante muitos anos na paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, que reunia diversos bairros (São Caetano, Alto da Capelinha, Bom Juá, Baixa do Marotinho, Fazenda Grande do Retiro, dentre outros) pobres da capital. Esses bairros foram se formando principalmente por famílias que vieram de cidades do interior ou que saíram do meio rural para cidade grande. A movimentação dessas pessoas era influenciada devido aos investimentos do Estado na modernização e industrialização das grandes cidades e suas metrópoles (LIMA, 2009).

No final dos anos de 1960 e ao longo de toda década de 1970, Paulo acompanhou de perto todo esse processo de êxodo rural e migração do interior para capital baiana, ele ouvia os relatos destas pessoas constantemente. Uma experiência na qual Paulo viveu de perto que o instigou a fazer quadrinhos como o “Diário do Marotinho” e textos foi a luta do Movimento Baixa do Marotinho pela não expulsão, esta batalha ele participou de perto. Há relatos de ocupantes que narram o acompanhamento constante de Paulo tanto durante a resistência, quanto após a expulsão e a conquista dos lotes. A sua atuação junto à comunidade foi tão significativa que os moradores dedicaram uma homenagem póstuma na praça principal do bairro Novo Marotinho (LIMA, 2009).

²⁶ Guarda Nacional - milícia imperial criada em 1831 - aos grandes proprietários de terras e escravos selou a aliança entre o poder público e os interesses privados desses mandachucas. LEAL, 2012.

Além do Marotinho, Paulo conheceu vários outros bairros e as condições precárias que estas pessoas viviam. Diante disso ele se preocupou em retratá-las em seus quadrinhos para que estas se identificassem e assim tivessem maior interesse nas suas historinhas, abrindo assim um canal de diálogo com elas.

Voltando a representação do latifundiário-coronel, o autor recorre a um tipo de estereótipo construído socialmente e culturalmente encontrado na literatura e pinturas. Segundo Umberto Eco (1984, pp153-199), os personagens que seguem uma padronização estética e ideológica garantem reconhecimento pelo leitor, mas também expressa o condicionamento específico do discurso definido pelas relações de força tanto política, social, histórica quanto econômica e cultural, a exemplo do latifundiário e o pequeno agricultor.

Um personagem que constantemente aparece nos desenhos de Paulo é um homem de nariz adunco com uma cartola, paletó e gravata. A cartola está associada a um acessório burguês; o nariz aquilino poderia retomar a representação antissemita onde são associados às características de avareza e agiotagem (CARNEIRO, 2004). Essa associação possui raízes na Idade Média e nos discursos e empreitadas da Igreja Católica (LE GOFF, 2007).



Figura 49: Página 18 da História em Quadrinhos "Que seja de todos o que Deus criou para todos", autor Paulo Tonucci, 1979.



Figura 50: Página 20 da História em Quadrinhos "Que seja de todos o que Deus criou para todos", autor Paulo Tonucci, 1979.

O homem de cartola e nariz adunco surge em cenas usurpando o continente, carregando sacos de dinheiro, roubando terras, explorando trabalhadores, provocando desmatamento e promovendo a corrupção, são cenas que enfatizam a sovinice, a ganância e a usura. Na HQ, já debatida, “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla”, há também a presença de um personagem muito parecido com o citado, no entanto, Paulo o nomeia como Tio Sam e o diferencia por usar uma gravata-borboleta. Essa sutil distinção foi por conta do tema abordado na HQ que envolvia a atuação hegemônica dos Estados Unidos na América Latina²⁷. Enquanto que em outras historinhas não havia este enfoque específico, podendo assim atribuir essa representação à classe burguesa.

A opção de Tonucci por esta representação não se atribui apenas por uma escolha individual, pode-se dizer que possui laços, seja do ponto de vista do compartilhamento social e cultural da Itália e do catolicismo, como também das leituras quadrinísticas e

²⁷ A tensão internacional entre os Estados Unidos e União Soviética – Guerra Fria - potencializou a justificativa ideológica para os golpes militares latino-americanos sob a tutela dos EUA. Que passou a tratar a América Latina como “política interna”, por ser a região mais próxima merecedora de maior atenção fazendo parte de um plano de estratégia de defesa continental. Toda esta estratégia política estadunidense fazia parte do que se chama Doutrina Monroe – “América para o americanos” – projeto político internacional de controle continental. Ver: COGGIOLA, Osvaldo. Governos Militares na América Latina. São Paulo: Contexto, 2001.

cinematográficas. Sobre isto pode se encontrar pequenos exemplos da maneira como o capitalismo e os judeus são retratados, seja nos romances, quadrinhos, seja nos filmes.

No romance, por exemplo, do inglês Charles Dickens, *Oliver Twist* (1838), e suas adaptações ao cinema, o personagem judeu Fagin, um dos líderes dos ladrões, é retratado tendo um nariz adunco e usando cartola. Esta obra é citada por conta do grande sucesso que teve no século XIX e pelas diversas produções fílmicas baseadas neste trabalho ao longo do século XX, o que demonstra o processo de construção e replicação do signo de um homem de nariz adunco com cartola.

Pode-se ver também outro exemplo num cartum onde reproduz a cartola e o nariz aquilino, publicado em um semanal italiano chamado *L'asino* em Milão, no ano de 1923:



Figura 51: L'unico rimedio. In: *L'asino*: settimanale illustrato, 1923, n. 14, p. 8. Desenhista: Galantara, Gabriele. Site do Sistema Bibliotecário Ateneu, da Università degli Studi di Milano. Disponível: <http://opac.unimi.it/SebinaOpac/Opac?action=search&thNomeDo>

Este cartum apresenta um menino vestido de vermelho usando um gorro puxando uma corrente presa ao pescoço da representação do "capitalismo internacional". Este capitalismo é retratado como um homem enorme, gordo, com cartola, nariz adunco e com

garras. A fala do garoto é: “Para evitar os conflitos internacionais não há um remédio: a não ser este.”.

Segundo Moacyr Cirne, a semiótica permite problematizar e compreender além da estética dos quadrinhos, “tendo por base leituras materialistas fundadas no social e no imaginário formal que alimentam estruturalmente o seu universo sógnico” (2000, p. 29). Pode-se dizer que Tonucci ao optar retratar o capitalismo, a classe burguesa, a lógica de exploração e acúmulo de capital utilizando um personagem de nariz adunco e cartola, essa escolha talvez tenha sido engendrada não apenas pela circularidade cultural e social da Itália, mas também europeia ou até mesmo ocidental, por conta das produções artísticas dos quadrinhos e filmicas advindas dos Estados Unidos. Esta linha de raciocínio também pode ser feita ao analisar o desenho do latifundiário acompanhado pelo seu capanga.

Já se sabe que as HQs de Tonucci buscavam retratar problemas enfrentados no dia a dia pelos fiéis de sua paróquia e grupos de evangelização. Temas como êxodo rural, dificuldade de acesso à educação, a saúde, ao emprego, ao transporte, à habitação, poluição, além do descaso do Estado frente à miséria vivida por muitos eram temas do cotidiano dos paroquianos. As relações conflituosas e de exploração entre latifundiários, empresários, políticos com os trabalhadores como as relatadas na HQ "Que seja de todos o que Deus criou para todos" da CF de 1979 eram acontecimentos frequentes entre os membros das CEBs. Além do êxodo rural vivido por muitas famílias da periferia de Salvador, havia também as condições precárias de vida destas. Paulo acompanhou de perto o Movimento do Marotinho como também participou das reuniões e organização do movimento Trabalho Conjunto (LIMA, 2009). Ou seja, Paulo não só retratava o dia a dia dos membros da sua paróquia como também tratava da luta constante na qual ele também participava.

Ele também tratou nos seus quadrinhos sobre a poluição e o desmatamento desenfreado. Saindo um pouco do âmbito de Salvador, Tonucci percorreu sobre a poluição do rio Subaé, em Santo Amaro, por uma fábrica de chumbo.



Figura 52: Páginas 16 e 17 da História em Quadrinhos "Que seja de todos o que Deus criou para todos", autor Paulo Tonucci, 1979.

Este exemplo mostra que ele não perdia uma oportunidade em incitar o debate sobre os conflitos de interesses entre a classe subalterna versus a classe dominante e as lutas que deveriam ser travadas.

A campanha o Ano Internacional da Criança (1979), iniciada pela Unicef²⁸ e abraçada pela Rede Globo, também foi um tema dos seus quadrinhos.

²⁸ Fundo das Nações Unidas para Infância.

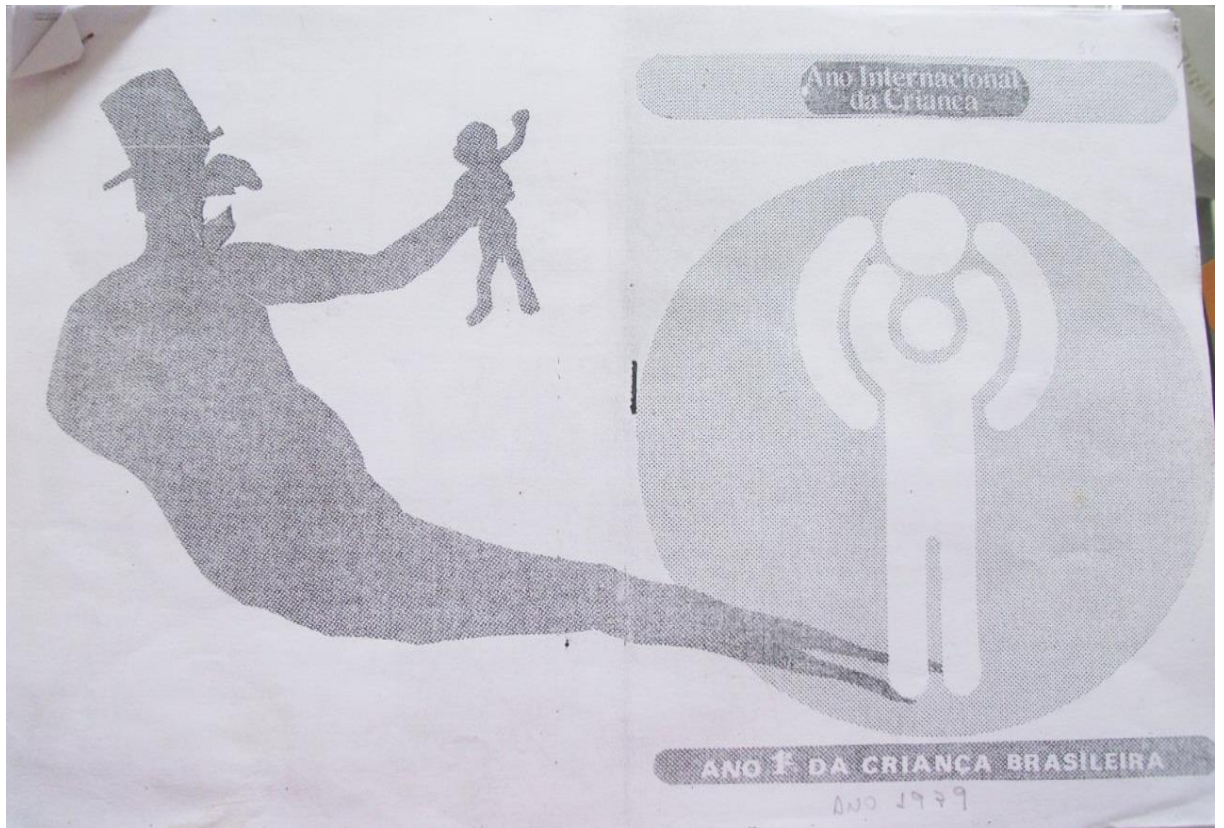


Figura 53: Capa da História em Quadrinho Ano 1º da Criança Brasileira, autor Paulo Tonucci, 1979.

Segundo Paulo, a campanha alegava que estava se arrecadando dinheiro para projetos sociais em benefício das crianças, mas, para ele, estava na verdade usurpando o dinheiro recolhido. Na capa desse quadrinho, ele reproduz o símbolo da campanha e tem como sombra, novamente, o personagem burguês estrangulando uma criança.

Ao longo da HQ, ele apresentou dados sobre as condições paupérrimas que viviam as crianças argumentando que isso se sucedia porque os pais ganhavam pouco e por isso não possuíam melhor qualidade de vida. Ele ainda acrescentou que o Estado era o grande culpado por tal situação; por investir pouco na saúde, na educação e na habitação. Além disso, ele apontou a concentração de riqueza e a atuação política do Estado onde beneficiava alguns e explorava outros mantendo o grande número de pobres e ratificando o *status quo*. O debate engendrado na sua HQ aponta os conflitos sociais e de classe:



Figura 54: Página 16 da História em Quadrinho Ano 1º da Criança Brasileira, autor Paulo Tonucci, 1979.

Na figura 54 se observa, através de diferentes personagens, o processo de convencimento para deslegitimação da campanha da Unicef. Em seguida pode-se ver a figura de um militar de bigode, temendo o perigo da mobilização social, ao lado de um homem de paletó e gravata, que pode ser de um político ou um empresário, que confessa que a campanha era uma manobra. Finalmente, o personagem burguês, de cartola e nariz aquilino, distraíndo um homem comum com a placa “Ano da Criança” enquanto retira dinheiro do seu bolso. Paulo construiu um diálogo debatendo sobre a importância em desconfiar dessas campanhas de caridade feitas por grupos dominantes e ao mesmo tempo

coloca personagens que representam estes grupos confessando os seus temores e seus interesses por trás desta campanha. Isto é, conduz os leitores a uma visão de que os objetivos reais não estão expostos, e sim obscuros.

Assim como os grupos dominantes estavam em campanha em prol dos seus interesses, Paulo e outros sacerdotes, freiras, leigos, organizações políticas e partidárias também tinham seus interesses e não era apenas a conscientização dos subalternos. Os projetos políticos e sociais destes grupos de esquerda tinham suas proximidades e suas distâncias, de qualquer maneira eles tinham em comum a importância do embate na luta de classes e a retomada da democracia.

Nos diversos quadrinhos de Paulo Tonucci, a luta de classes era um assunto quase sempre presente. Seja o êxodo rural, a grilagem, o desmatamento, a poluição, seja uma campanha da Unicef, a luta de classes quase sempre transpassava nestas problemáticas. Paulo enfatizou e reafirmou diversas vezes sobre as ofensivas das classes abastadas e sobre a exploração dos subalternos. O lema da maioria de seus quadrinhos estaria na importância da união, da atuação em conjunto enquanto comunidade, e da conscientização da condição social para poder se contrapor à classe dominante.

ALÉM DOS DESENHOS

A preocupação com os pobres é algo que já faz parte da tradição da Igreja e da sua origem cristã. O debate da luta de classes dentro da Igreja se configurou como ponto crucial por trazer não só outra perspectiva de interpretação política, social, econômica e cultural, como também religiosa. Este debate trouxe outro modo de lidar com a opção preferencial pelos pobres. É nessa interface que Paulo Tonucci, em seu livro “Teologia da Libertação, o que é?” (1986), enfatizou a preocupação com os pobres e ao mesmo tempo disse que esta opção estava engendrada numa lógica de luta de classes. Daí a luta de classes se tornou um assunto transversal em seus quadrinhos.

- condenar como antievangélica a extrema pobreza que existe em nosso continente e denunciar tudo aquilo e todos aqueles que produzem essa pobreza;
- para acabar com a pobreza e, assim, criar um mundo mais justo e mais fraterno;
- apoiar as aspirações dos operários e agricultores que querem ser tratados como homens livres responsáveis, e participar nas decisões que dizem respeito à sua vida e ao seu futuro;
- defender o direito dos operários e agricultores de criar livremente organizações para defender e promover seus interesses;

- promover e respeitar os valores dos índios e dos negros. (TONUCCI, 1986, p. 15)

Como falar da pobreza, e não falar das contradições econômicas e sociais? Como falar da superação da exploração, e não comentar dos exploradores e suas ferramentas de subjugação? Como apontar alternativas, sem estimular a organização e conscientização coletiva? Talvez foi diante destas questões e diante dos compromissos listados acima que Paulo debatia e instigava em quase todos os assuntos à importância da conscientização da luta de classes.

Lowy (2000) afirma que a descoberta da análise marxista pelos cristãos progressistas se iniciou ao se defrontarem com a pobreza da América Latina. Pode-se dizer que em parte há razão nesta vertente, no entanto a pobreza não era, necessariamente, uma novidade. O próprio Lowy cita Joseph Ratzinger²⁹ por ele argumentar que o cenário cético - pós duas grandes guerras, a persistência de governos ditatoriais latino-americanos, a insegurança persistente de uma Guerra Fria - criou um vazio no mundo ocidental. Ratzinger tem razão ao dizer que após tudo isso, as análises marxistas, a construção de uma utopia alternativa, se tornou uma grande promessa perante um cenário de prostração. O panorama de pós-guerra juntamente com a Guerra Fria foi solo fértil para procura e/ou surgimento de novas alternativas sobre a humanidade, sobre a vida, sobre as relações políticas, culturais e sociais. E foi com tudo isso na bagagem que Paulo embarcou em Salvador.

Em meio ao cenário de desalento na Europa e na América, muitos religiosos junto a leigos e ateus foram conhecer um pouco melhor velhos pensamentos para reconstrução de antigas utopias de justiça, liberdade e fraternidade. Dentre os crentes, muitos encontraram nas análises marxistas elementos e valores que compartilhavam: a valorização da vida comunitária; a defesa do universalismo – defesa de doutrinas e instituições na totalidade da humanidade, acima de grupos raciais/étnicos e países; rejeição a algumas práticas do capitalismo e do liberalismo econômico; e defender de um futuro justo, livre onde haveria paz, fraternidade para toda humanidade.

Não dá para saber ao certo como ou o que mais pesou nesta aproximação dos cristãos com as análises marxistas, se foi o combate ao ceticismo ou a conjuntura histórica

²⁹ Foi prefeito da Congregação da Doutrina da Fé no período em que Leonardo Boff foi suspenso de suas funções editoriais, proibido de lecionar e de fazer declarações públicas por um ano, por conta do seu livro *Igreja, Carisma e Poder*. Ratzinger se tornou um grande opositor da Teologia da Libertação. Michael Lowy cita Joseph Ratzinger por conta do artigo “Les consequences fondamentales d’une option marxiste”, in: *Theologies de la liberation*, p.122-130.

da América que comoveu muitos sacerdotes. O que se pode dizer é que Paulo Tonucci e muitos outros estavam convencidos de que para se construir uma sociedade justa significava estar consciente e ativamente envolvido na luta de classes que se encontrava no dia a dia. Foi imbuído desta perspectiva que Paulo passou a discutir com a comunidade sobre luta de classes, evangelho, política, movimento social, tudo dentro do prisma da teologia da libertação e tendo como meio os seus quadrinhos. Nem mesmo a História do Brasil e a condição da mulher escaparam dos balões e rabiscos dele.

Paulo tinha grande preocupação com o processo formativo dos setores populares. Em seu artigo “História para o povo, com o povo” (1984), ele diz que o povo não tinha conhecimento da sua história:

2. POR QUE ELABORAR PUBLICAÇÕES POPULARES DE HISTÓRIA?

a) Porque o povo não conhece a sua história. Reparámos que o nosso povo parece um povo sem memória. (...)

b) A grande maioria do nosso povo ignora sua verdadeira história. O ensino oficial apresenta uma história que se notabiliza por estar a serviço do sistema e pela sua superficialidade. (...)

c) E, na realidade, tradicionalmente, a história é objeto privilegiado e exclusivo das classes dirigentes, porque são os ricos, os poderosos que deixam abundante material-fonte de história (...)

d) Diante dessa situação, diante desse modo de contar história, nós tentamos reagir. Estávamos e estamos convencidos de que o conhecimento do passado, das mudanças e rupturas que aconteceram, fundamenta a possibilidade e a necessidade de novas rupturas e novas mudanças. Pois “se é verdade que a história universal é a cadeia dos esforços que os homens realizaram para se libertarem dos privilégios, dos prejuízos e das idolatrias, não dá para compreender porque o proletariado, que quer constituir-se em novo anel desta cadeia, não deveria aprender como, porque e por quem foi precedido e aproveitar deste conhecimento para sua vantagem” (A. Gramsci). (TONUCCI, 1984, pp. 2-3)³⁰

Por acreditar que o povo não conhecia sua história, Paulo com ajuda de outras pessoas em meio às comunidades eclesiais de base da periferia resolveu publicar tiras sobre a História do Brasil no Boletim “O Mensageiro” da Arquidiocese no ano de 1977. Nestas tiras, ele valorizou a luta e resistência do Quilombo dos Palmares, assim como destacou a importância da memória de Zumbi para os negros; enfatizou também a desmitificação dos bandeirantes como heróis, apontando como assassinos de milhares de

³⁰ TONUCCI, Paulo. “História para o povo, com o povo”. In: Expression Popular de História de la Iglesia en America Latina, 1984.

indígenas. Este trabalho inicial ganhou mais densidade, tornando-se três cadernos que foram publicados em 1981 pela Editora Vozes.

“O estudo do passado está, então, a serviço do presente, do futuro. Para as forças populares em luta pela libertação nacional e social, o passado é então um objeto político, um tema de luta.”³¹. Paulo acreditava que o conhecimento da história dos oprimidos era fundamental para o processo de conscientização, organização e mobilização – “A história é também lugar de uma ruptura, a ocasião de afirmar que deve começar um mundo que seja qualitativamente novo.”³². O conhecimento histórico estaria diretamente relacionado ao posicionamento político para análise e construção histórica, isto quer dizer que seria preciso romper com a falsa neutralidade do sujeito, colaborando com a formação de uma perspectiva que confrontasse a visão do Estado e dos segmentos sociais dirigentes e abastados da sociedade. Indo assim de encontro à análise positivista, onde os acontecimentos eram averiguados com base na produção documental do Estado, que de certa maneira direcionava a construção histórica pautada apenas nas leis e ordens sociais vigentes, não procurando compreender movimentos e situações que rompiam ou confrontavam o *status quo* (REIS, 2006). Mas por outro lado, as análises marxistas da história enfatizavam a visão das lutas classes, a ruptura. Por sua vez, Paulo reivindicava que além da perspectiva de ruptura era preciso mais, ir em busca da “história vista de baixo”, que passou a ser crucial e fortemente presente nos quadrinhos. Segundo ele, não bastava fazer HQ discutindo sobre problemas atuais, era preciso reagir contra a história das classes dirigentes.

Sua preocupação com a história partilhava da seguinte ideia: “Uma história a partir dos oprimidos é algo novo! Não deve só traduzir em linguagem popular os conceitos difíceis. Uma história a partir dos oprimidos e em favor dos oprimidos deve ter critérios diferentes.”. Para ele não poderia ser construída dentro dos parâmetros da história oficial, suas referências para fugir desse padrão eram: Gramsci, Mao Tsé Tung, Jean Chesneaux.

Nos seus materiais ele não chega a comentar ou fazer menções a historiadores da época que já promoviam esse debate, como, por exemplo, E. P. Thompson e seu artigo “A história vista de baixo”, publicado a primeira vez em 1966, chegando ao Brasil a partir da década de 1970³³; ou os estudos do italiano Carlo Ginzburg sobre a micro-história, a

³¹ TONUCCI, Paulo. *Recuperação Histórica da Memória Popular*, 1984, p. 1.

³² *Ibidem*. p. 1.

³³ Ver artigo: NEGRO, Antonio Luigi. E.P. Thompson no Brasil: recepção e usos. *Crítica Marxista*, São Paulo, n. 39, p. 151-161, 2014.

exemplo do livro “O queijo e os vermes”, publicado na Itália em 1976 e dez anos depois no Brasil.

O fato de Paulo não fazer referência a estes historiadores ou outros não significa seguramente que ele não conhecia tal discussão acadêmica. Até então o que se sabe é que ele tocou neste assunto em um período onde tal debate começava se expandir, tanto que seus primeiros quadrinhos sobre a História do Brasil começaram em 1976, momento pelo qual:

A conjuntura formada tanto com a derrota da esquerda armada quanto com a transparente – e hercúlea – força e criatividade do povo comum (ou da gente trabalhadora) dissolveu a segurança daqueles que estavam certos de que “só os marxistas possuíam a verdadeira receita para transformação da sociedade” (THOMPSON, 2004^a, p. 216). (apud. NEGRO, 2014, p.153)

A insurgência dos movimentos populares ganhou eco, incitando Paulo e outros a quererem conhecer melhor essas “pessoas comuns” a se interessarem na sua formação política. A busca pelos “de baixo” se expandiu em diferentes frentes, seja no âmbito acadêmico, seja nas organizações de esquerdas, seja no meio religioso, uma influenciando a outra de diferentes maneiras e graus. A história dos “comuns” se tornou uma ferramenta para concepção de novos olhares, de luta e libertação, e para Paulo, como líder religioso, a história adquiriu outra perspectiva. De acordo com Paulo, estudar o passado está:

a serviço do presente, do futuro. Para as forças populares em luta pela libertação nacional e social, o passado é então objeto político, um tema de luta. A classe capaz de entender imediatamente a história é a classe popular. Entende-a porque a vive. Espera a história. Quer sair de uma situação, tem o dinamismo histórico escrito na sua vida. A história é também lugar de uma ruptura, a ocasião de afirmar que deve começar um mundo que seja qualitativamente novo. (TONUCCI, Paulo. *Recuperação Histórica da Memória Popular*, 1984, p. 1)

A sua ideia de ajudar a população subalterna na libertação espiritual e também material, direciona sua visão para história como uma ferramenta para a conscientização destas “pessoas comuns” sobre a luta de classes, focando assim a história como um espaço de ruptura. Em meio a esse projeto de libertação, Paulo não se vê apenas como um líder religioso de uma comunidade, ou formador político.

4) Intelectuais orgânicos

É aqui que entra o nosso papel de educadores, de intelectuais orgânicos.

Nós queremos com o nosso trabalho permitir às classes subalternas recuperar, elaborar e divulgar uma concepção de mundo organicamente vinculada aos seus interesses e não continuar a ser instrumento ideológico empregado pelas classes dominantes para a conquista ou manutenção de sua hegemonia. (TONUCCI, Paulo. *Recuperação Histórica da Memória Popular*, 1984, p. 2)

Para Paulo a sua função e de muitos outros perante as classes subalternas eram a de intelectuais orgânicos, uma espécie de “funcionários das superestruturas” (GRAMSCI, 2001). São considerados, segundo Gramsci, os corresponsáveis na elaboração da ideologia de classe, fornecendo assim consciência de seu papel, transformando esta ideologia numa visão de mundo. Deste modo, estaria sob a responsabilidade destes intelectuais orgânicos em formar politicamente, socialmente as classes subalternas para formação de uma classe homogênea e coesa para o confronto e rompimento do bloco histórico da classe dominante. Embalado por essa perspectiva de formação espiritual e política dos segmentos subalternos Paulo comenta:

Convivi com este povo. Vim para transmitir a mensagem de Cristo, a mensagem do amor, mas devo reconhecer que recebi muito mais porque este povo já vive a mensagem de Cristo no seu misticismo, na sua religiosidade, nas suas crenças...

Aprendi a beleza da amizade, do acolhimento, da família... Deixei uma família na Itália, ganhei uma família muito maior aqui. Em muitas de suas casas eu me sinto como em minha própria casa: para mim vocês são meus irmãos, meus pais, minhas mães...

Convivi com este povo e tive a honra de participar de suas lutas. (TONUCCI, Discurso em ocasião do recebimento do Título de Cidadão de Salvador, 1986)

Essa convivência tão próxima com as classes subalternas permitiu perceber o que E. P. Thompson identificou como “tenacidade da autopreservação” e a conservação de valores como a “espontaneidade, capacidade para a diversão e lealdade mútua –, apesar das pressões inibidoras” (THOMPSON, 1987, p. 61-62)³⁴. Paulo não apenas relata esses valores de acolhimento, de solidariedade no seu discurso e textos³⁵ como também os expõe nos seus quadrinhos. Apesar de identificar esses elementos, ele acrescenta a necessidade de uma elaboração de mundo mais profunda e contundente por parte das classes subalternas e que diante disto seu papel como educador era auxiliar esse segmento social.

³⁴ Ver também artigo: NEGRO, Antonio Luigi. E.P. Thompson no Brasil: recepção e usos. *Crítica Marxista*, São Paulo, n. 39, 2014, p. 153.

³⁵ Paulo Tonucci reitera a solidariedade e acolhimento das classes subalternas quando faz textos abordando sobre as dificuldades vividas pelas famílias que foram desalojadas do bairro Baixa do Marotinho. Ver: LIMA, Gisele Oliveira de. *Movimento Baixa do Marotinho: a luta pela moradia em Salvador (1974-1976)*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas: Salvador, 2009.

Conclamando para si o papel de intelectual orgânico corresponsável pela construção da ideologia de classe, atuando para o povo, mas de certa maneira em “nome dele” também. Objetivo não era apenas dialogar com as pessoas que faziam parte da sua paróquia, das CEBs, ou dos grupos de movimentos populares, havia o papel de formação ideológica para ruptura social, política e econômica. O rompimento social, político e econômico norteava suas ações, no entanto isso não significava que tal objetivo era plenamente compartilhado por essas pessoas e esses movimentos populares.

Os ideais de revolução não necessariamente eram vislumbrados pelas pessoas as quais Paulo trabalhava. Um bom exemplo disso é o Movimento do Marotinho, não foi encontrado nenhum documento ou entrevistado que manifestasse perspectivas revolucionárias. Quando questionados a Alcebíades e sua esposa Carmosina, um dos líderes da associação do bairro Marotinho, sobre as intenções do movimento, eles responderam em entrevista que o movimento tinha como objetivo a conquista da moradia, não tendo nenhuma outra intenção política ou até mesmo revolucionária (LIMA, 2009).

Do mesmo modo que havia muitos membros da paróquia de Fazenda Grande que se aproximavam das discussões e atividades trazidas por Paulo, no entanto não se tornavam totalmente comprometidos com perspectivas de transformações econômico-sociais. Tanto os moradores do Novo Marotinho quanto a paróquia Fazenda Grande eram comunidades que viviam diversas influências e construíam suas próprias concepções. A consciência destes se deu dentro do seu próprio empenho de interpretar e significar o contexto e o momento no qual estavam inseridos.

Isso não significa que não havia pessoas que compartilhavam com Paulo tais ideais. Alguns exemplos são: Tereza Dantas, Délia Bonisegna, Gino Taparelli e outras pessoas que participaram na construção de projetos e atividades que almejavam a formação educacional, profissional e social com fim de transformação.

Os projetos e as atividades iniciadas por Paulo tinham o reconhecimento de vários moradores do Novo Marotinho, assim como no bairro Fazenda Grande. Muitos entrevistados enfatizaram a importância destes projetos junto aos movimentos de bairro. Alguns relataram que mudaram sua visão de mundo devido às discussões suscitadas por Paulo, outros comentaram a importância dele na formação profissional³⁶. O seu papel

³⁶ Entrevistadas: Marivalda Ferreira dos Santos e Maria da Conceição relataram mudança de visão de mundo por conta dos debates e atividades trazidas por Paulo. Já moradora do Novo Marotinho Edna Pedreira relatou a ajuda de Paulo na sua formação profissional, entrevista realizada 14/09/2008.

como um grande incentivador, instigador na mobilização e questionamentos sobre a realidade surtiu efeitos junto às pessoas. Mas Paulo queria mais que isso:

Nós queremos com o nosso trabalho permitir às classes subalternas recuperar, elaborar e divulgar uma concepção de mundo organicamente vinculada aos seus interesses e não continuar a ser instrumento ideológico empregado pelas classes dominantes para a conquista ou manutenção de sua hegemonia. (TONUCCI, Paulo. *Recuperação Histórica da Memória Popular*, 1984, p. 2)

Paulo tinha a projeção para um “despertar da consciência social”, era visão de um homem estudado onde vislumbrava que estas pessoas não tinham ainda ferramentas para superar conjuntamente e alcançar outras etapas de combate da luta de classes. Segundo seu ponto de vista a formação de uma consciência de classe era uma etapa necessária para se buscar a superação dos problemas econômicos e sociais.

Mas essa ideia dele de se colocar como formador ideológico não está correlacionada apenas com a perspectiva gramsciana, há também a visão sacerdotal engendrada nesta concepção de guia, de pastor espiritual. Como a concepção teológica de Paulo era forjada dentro de uma visão de que a transformação para o Reino de Deus se dava na terra e que o homem tinha papel fundamental na sua construção, o seu papel como pastor, como formador não estava embasado apenas na transformação estrutural e superestrutural, mas também espiritual.

Como o próprio Paulo reconhece que veio para o Brasil “para transmitir a mensagem de Cristo” (TONUCCI, 1986), que sua vinda para cá tinha o propósito de transmitir, de ensinar sobre a mensagem do Evangelho, sua função era de um educador, de um intelectual que possui um conhecimento especializado. Daí, pode-se dizer também que os sacerdotes são “capacitados por seu saber específico, sua doutrina fixamente regulada e sua qualificação profissional” (WEBER, 1999, p.294), estão, normalmente, voltados para “o culto e os problemas da orientação prática das almas” (WEBER, 1999, p.295). Paulo veio ao Brasil com a expectativa de estar portando a transformação e quando chegou aqui observou que era necessário muito mais, que era preciso transpor não só os obstáculos de crença, mas também estruturais e superestruturais.

Diante do confronto com uma realidade social e econômica miserável, do ceticismo e do individualismo tão crescente, para Tonucci e muitos outros religiosos e leigos, a prática cristã havia se tornado a luta pela construção de um mundo mais justo e mais fraterno dentro de uma reflexão de fé, mas também na realização concreta da fé e da

salvação. A partir daí, para Tonucci, era preciso ser além de um sacerdote, era preciso ser um intelectual orgânico compromissado com a formação das “pessoas comuns”.

O compromisso político nasce da própria reflexão da fé que exige mudança. Mesmo quando se fazem análises sobre os mecanismos da opressão, nunca está ausente a fé, como horizonte de compreensão, como mística poderosa para a ação e como ponto de chegada de todo agir humano. A comunidade não se transforma numa célula política. Ela é aquilo que é: lugar de reflexão da fé e de sua celebração. Ao mesmo tempo, porém, é o lugar onde se ajuízam eticamente, à luz de Deus, as situações humanas. A comunidade cristã e a comunidade política não são dois espaços fechados, mas abertos, por onde circula o cristão: na comunidade cristã, este celebra e alimenta sua fé; aí ele ouve a palavra de Deus, que o envia para o compromisso para com seus irmãos; na comunidade política, age e atua ao lado de outros, realizando concretamente a fé e a salvação; aqui ele escuta a voz de Deus, que o chama a expressar-se na comunidade cristã. Tanto um espaço quanto o outro vêm recobertos pela realidade do Reino de Deus, que se realiza, embora sob signos diferentes, num e noutro espaço. (BOFF, 2010, pp. 35-36)

Para a Teologia da Libertação – TdL - o político e a fé se inter cruzam, trabalham em instâncias diferentes, mas as suas consonâncias se dão por perfilharem a utopia de um ideal que se expressa na mesma realidade do Reino de Deus. Pode-se supor que fé é o amálgama da ação em comunidade no analisar concreto do olhar político, onde a luta é pela reflexão e realização da libertação para o Reino de Deus.



Figura 55: Tira do Boletim "O Mensageiro" - "Salvador uma Arquidiocese com 300 anos", n. 8, autor Paulo Tonucci, 03/10/1976.

Nesta tira, Tonucci enfatiza que a fé e o Evangelho são os instrumentos capazes de fortalecer os homens: “bem aventurados os mansos porque herdarão a terra”, a mansidão nos quadrinhos não significa passividade, mas o reconhecimento das fraquezas, das capacidades, do respeito à diversidade, para que se dê conta de que a fraqueza está em estar só. A união seria a força - “a comunidade cristã pode significar a porta de entrada (do ponto de vista do povo) para a política como engajamento e prática buscando o bem comum e a justiça social.” (Boff, 2010, p. 244). O cerne principal da TdL é compreender o Evangelho e praticá-lo dentro da vida como um todo, buscando conquistar o Reino de Deus na Terra, onde a utopia da salvação e da libertação divina possa ser vivenciada no mundo.

O sacerdote/intelectual orgânico se baseia, dentro da perspectiva de Tonucci, numa prática cristã além-muros da Igreja, se ocupando também da política, da justiça, pois estas fazem parte do mundo terreno.

Tomar a sério a política, nos seus diversos níveis, local, regional, nacional e mundial, é afirmar o dever do homem, de todos os homens de reconhecerem a realidade concreta e o valor da liberdade de escolha que

lhes é proporcionada, para procurarem realizar juntos o bem da cidade, da nação e da humanidade. A política é uma maneira exigente - se bem que não seja a única - de viver o compromisso cristão, ao serviço dos outros. Sem resolver todos os problemas, naturalmente, a mesma política esforça-se por fornecer soluções, para as relações dos homens entre si. (Encíclica *Octogesima Adveniens* - OA, n° 46)

A política é aquela que denuncia a corrupção e a violação da dignidade humana, a que corrobora com a justiça e com o bem comum de todos, a que promove a liberdade e a igualdade, além do direito da participação das pessoas e grupos. Diante disto, de acordo com Boff (2010, p.71), a Igreja ao anunciar o Evangelho, ela anuncia a política que deriva dele, portanto a política constitui parte de sua missão e essência, assim como a justiça. Como não há neutralidade na política e a Igreja não pode se omitir diante da exploração do povo, ou seja, ela deve escolher entre a mudança da direção para maior participação social ou pela manutenção da ordem.

A escolha de Paulo em atuar como intelectual orgânico, abraçando conceitos e teorias que muitas vezes criticavam ou desmereciam a instituição da qual ele fazia parte, não era uma opção fácil. Apesar dele mesmo formular críticas a Igreja e, diversas vezes, ter práticas que infringiam o que era definido pela hierarquia eclesiástica, mas ainda assim ele continuava não só sendo padre, como ainda pertencia, no sentido de identidade, a Igreja. Apesar de discordar com muitos posicionamentos da Igreja, ainda assim ele tinha certos cuidados ao expressar suas divergências.

Um bom exemplo desse zelo foi quando ele restringiu a publicação da sua HQ “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla”, neste material, como já foi dito no capítulo anterior, onde ele desferiu suas críticas à política de contenção de Roma em relação à expansão da TdL, ele se apresentou bem radical nas suas críticas, não poupando o uso do sarcasmo. No entanto essa publicação não foi aberta para as comunidades a qual ele trabalha, teve acesso a esse material apenas amigos, que, provavelmente, sabiam das dificuldades e dos conflitos interno da Igreja. Isto demonstra que apesar da sua discordância em diversas ações tomadas pela Igreja, ele não saía “aos quatro ventos” expondo os seus pensamentos. Esse cuidado possa ser para não agravar a imagem descompassada que a instituição estava vivendo, ou talvez porque ele não quisesse trazer restrições internas para o seu trabalho. Ou porque não queria chamar mais ainda atenção das autoridades do Estado, já que setores hegemônicos da Igreja, por um bom tempo, coadunavam com as posições políticas e autoritárias do Estado (SERBIN, 2001).

Por mais que houvesse críticas de Paulo em relação aos caminhos trilhados pela Igreja do Brasil, ou pelas ações do Vaticano em relação a América Latina, ele buscava disputar internamente as tensões existentes e ao mesmo tempo sem entrar em confronto explícito, afinal ele pertencia a Igreja. Um exemplo interessante é quando Paulo em suas tiras da “História do Brasil” retratou a importância dos jesuítas no papel de proteção aos índios.



Figura 56: Tira do Boletim "O Mensageiro" - "História do Brasil" nº 29, autor Paulo Tonucci, 1977.

Não há nenhum questionamento sobre os ensinamentos da cultura europeia para os indígenas, enfatizando apenas os aprendizados tidos com os jesuítas. Ele destaca apenas o fato dos índios terem um refúgio, um lugar de proteção assegurado pelos jesuítas e a Igreja. De certo modo valoriza a aproximação dos jesuítas com os indígenas não trazendo à tona as relações conflituosas que surgiram nesse encontro. Não há uma discussão sobre a fusão de símbolos e crenças religiosas, assim como também não se debate sobre a ambivalência desses homens “dilacerados pelo colonialismo, e sua identidade era fluida como a própria colonização” (VAINFAS, 1995, p. 158) repleta de conflitos em meio essa circularidade cultural.



Figura 57: Tira do Boletim "O Mensageiro" - "História do Brasil" nº 30, autor Paulo Tonucci, 1977.

Nesta última tira sobre os índios, ele finaliza argumentando que o Estado em defesa dos seus interesses, dos latifundiários e dos traficantes de escravos decidiu tomar as terras e expulsar os jesuítas – os protetores dos índios. Novamente ele não questiona sobre essa relação entre os jesuítas e os indígenas. O que ficou enfatizado era a atuação autoritária genocida do Estado perante os indígenas, como se os próprios jesuítas, a Igreja, não tivessem colaborado na colonização, ou melhor, na tomada de posse e morte de aldeias e indígenas.

O que se vê é uma valorização da atuação da Igreja sendo solidária e apoiando os índios que estavam sendo perseguidos e oprimidos. Paulo nesta situação se apropria da discussão teórica de luta de classes, colocando os latifundiários e o Estado versus os índios, e ao mesmo tempo apresenta a Igreja como um personagem neutro. Nesta situação o intelectual orgânico das classes subalternas estava mais para intelectual orgânico da Igreja Católica. Aqui ele buscou apresentar uma imagem de solidariedade, pregação do

Evangelho por parte da Igreja, não sendo crítico sobre essas ações frente às diferentes culturas das comunidades indígenas.

O olhar crítico e voraz de Paulo em relação a não neutralidade da Igreja frente à TdL não coube nas relações com as comunidades indígenas no período colonial. O que significa que apesar dos desacordos que ele tinha com a hierarquia eclesiástica, isto não significava infringir ou desestabilizar a instituição católica. Paulo como intelectual orgânico/sacerdote teria como projeto a TdL e a sua aplicabilidade dentre as classes subalternas disputando assim internamente a Igreja Católica. O seu papel era também pleitear os trilhos da sua instituição, dentro desta perspectiva não cabia extravasar publicamente suas discordâncias. E o cenário de disputa não estava apenas nos encontros entre os bispos ou na CNBB, por exemplo, mas na aplicabilidade da TdL e na conquista de novos seguidores, ganhando força, tanto do ponto de vista político perante a sociedade como também dentro da Igreja.

Pode se dizer que esse tipo de atitude também está presente em outras tiras e HQs feita por ele como as publicações do Grupo Evangelização da Periferia. Esses materiais não fazem nenhuma análise crítica a respeito das posições públicas da Igreja do Brasil frente à ditadura militar. Os materiais não tocam neste assunto espinhoso e delicado sobre a instituição, em compensação destacam o papel das Comunidades Eclesiais de Base e a importância da Igreja Católica como sustentáculo e a sua amplitude. A exceção é a HQ “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla” analisada no capítulo anterior, mas que inclusive só foi compartilhada entre amigos.

O que foi dito não é de se espantar, afinal Paulo Tonucci era um padre. A importância em se destacar isso é que quando ele se colocava como intelectual orgânico, que pensava e produzia materiais com o propósito de formação política da classe subalterna, dentro deste objetivo havia o projeto teológico e ideológico da TdL, e dentro desta perspectiva a Igreja possuía papel crucial. Portanto, ao olhar para Paulo é preciso enxergar um intelectual que pensa em prol da classe subalterna, mas que continua sendo um intelectual orgânico da Igreja Católica.

Os quadrinhos de Paulo fazem parte de um projeto de formação religiosa, social e política, esta foi uma importante ferramenta utilizada por ele tanto em CEBs quanto em movimentos populares de bairro. Atingindo diferentes gerações e ao mesmo tempo tendo grande aceitabilidade. As HQs falam muito além dos temas cotidianos, falam do olhar cultura de Paulo, da perspectiva política e social e sua estratégia de ação na sociedade e na Igreja.

CAPÍTULO V

OS OLHARES PARA O ALTAR

“Meu tio sempre me avisou: não durma perto da estrada que as poeiras irão sujar seus sonhos. E aconteceu. Mas eu, nem se acredita, eu sempre gostei de poeira porque me traz ilusão dos caminhos que não conheço.”
(Mia Couto, 2014, p. 135)

Cada memória um olhar, um mundo, uma convicção, uma conclusão, e cada qual tendo suas lembranças em acerto com seu imaginário. As diferentes memórias de Paulo Tonucci, não dirão quem foi ele, apenas são indícios do que ele deixou nas pessoas que o conheceram. Da mesma maneira, este trabalho não tem a pretensão de dizer quem ele foi, mas apenas discutir esse mundo de laços, trabalhos, escolhas, ações, crenças e políticas que Paulo e diversas pessoas compartilharam juntas.

Para adentrar nesse mundo particular, foi visitado não apenas as casas de dezenas de pessoas, mas também suas lembranças, suas alegrias, suas lágrimas, suas saudades. Apesar de muitas consonâncias entre si, cada uma deixava suas marcas nas lembranças guardadas sobre Paulo. Os caminhos destas lembranças se repetem como se estivessem sido traçados, noutras os caminhos são repletos de receios em dizer tudo o que se pensa. Esses encontros, muitas vezes marcados, e desencontros de recordações dão o tom da multiplicidade como Paulo foi visto, concebido, ou criado. Talvez não seja apropriado usar a palavra desencontro de recordação, mas um ou mais tons destoam de outras recordações que se encontram mais pontuadas e tracejadas. Isso não significa que há erros ou acertos, apenas memórias diferentes, umas enfáticas e outras empoeiradas pelo tempo.

SOB O MESMO SOL DIVERSOS CÉUS SE ABREM PARA CADA JANELA

Cada janela visitada apontou para outras janelas, um círculo de pessoas que se conheciam diretamente, ou muitas vezes indiretamente, e que indicavam quais destas seria melhor para entrevistar. O céu que se abria sobre essas janelas focava uma estrela, e esta iluminava outras estrelas, outros planetas e satélites. Diante disso foi preciso deliberar o que se queria explorar dentro destas entrevistas, e definir quais estrelas, satélites, planetas ou cometas seriam mirados e esquadrihados.

Nas entrevistas as pessoas eram ouvidas buscando saber como conheceram Paulo e como se desenvolvia as relações nos núcleos de trabalho. Obviamente, que teve entrevistados que o núcleo de relação não se construiu dentro de projetos ou trabalhos, as relações surgiam por empatia ou por parentesco. Não quer dizer que as relações dentro dos projetos ou trabalhos não havia empatia, mas existiam objetivos convergentes que norteavam os encontros e por consequência as memórias.

Entre as moradoras de Fazenda Grande, Paulo era citado com grande admiração pelo fato de estar bem próximo à comunidade, por demonstrar uma preocupação com a formação social e política da paróquia. Já entre os membros da CJP e militantes políticos, eles recordaram a capacidade de Paulo de se relacionar com pessoas de diferentes segmentos sociais.

Alguns entrevistados no decorrer dos seus relatos faziam questão de comentar momentos descontraídos para, justamente, mostrar que Paulo não estava preso àquela representação de sobriedade conjugada ao sacerdote. Ele tinha seus momentos descontraídos de contar piada, de tomar sua cachaça antes do almoço, de andar com sandálias rasteiras e sua capanga ao lado, ou almoçar na casa dos paroquianos quebrando formalidades.

Representações e “fatos” não existem em esferas isoladas. As representações se utilizam dos fatos e alegam que *são* fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem. (PORTELLI, 2006, p. 111)

Dado a convergência da subjetividade de cada um, esses olhares vinham envolvidos de acordo com o grau de intimidade que se tinha com Paulo. As moradoras de Fazenda Grande, os membros da CJP falavam de Paulo sempre lembrando que era um sacerdote diferente, ou seja, o olhar sobre ele vinha de outra referência, de uma representação que acabava se confrontando com os “fatos” vividos com Paulo.

Muito dos entrevistados foi indicado por Délia Bonisegna, ela repassou os telefones de muitos amigos de Paulo, dentre eles o de Teresa Dantas que intermediou o de Marivalda dos Santos. E esta chamou Maria da Conceição, Maria Bonfim e Norma Lúcia para falarem sobre Paulo. Já os contatos de Beth Wagner e Jaques Wagner foram conseguidos através de pesquisa na internet. Devido ao universo muito grande de pessoas conhecidas, ou que trabalharam com Paulo, foi preciso fazer uma seleção de quais nomes seriam importante entrevistar. Os pontos definidos para seleção foram:

- Moradores de Fazenda Grande;
- Membros da Comissão de Justiça e Paz;
- Militantes políticos que atuaram em Fazenda Grande;

Várias pessoas foram entrevistadas, no entanto algumas entrevistas não foram aproveitadas por repetir muitos temas e situações citadas. Os entrevistados selecionados foram:

Moradoras de Fazenda Grande

- Maria Conceição da Silva;
- Marivalda Ferreira dos Santos;
- Maria Bonfim Reis Cerqueira;
- Norma Lúcia;

Membros da Comissão de Justiça e Paz

- Maria Ubajareida Frota de Carvalho;
- Lêda Lessa;
- Gilmar Azevedo Santos;

Militantes Políticos que moraram em Fazenda Grande

- Elizabeth Maria Souto Wagner – conhecida como Beth Wagner;
- Jaques Wagner;

As moradoras de Fazenda Grande foram as únicas que se conseguiu contatar, já os membros da Comissão de Justiça Paz foram selecionados por representar um membro da coordenação e os outros dois por fazerem o trabalho de campo. Quanto aos militantes políticos, Délia apenas nos citou estes dois, como não se teve acesso a outras fontes que fornecessem nomes de militantes que moraram por um tempo em Fazenda Grande, foram entrevistados apenas Beth Wagner e Jaques Wagner.

Délia além de ter permitido o acesso aos documentos de Paulo, ela foi a principal porta de contatos com pessoas que fizeram parte da vida de Paulo. No entanto nem todos os contatos foram efetivados por não fazerem parte dos pontos definidos como norteadores para aproveitamento das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas com um pequeno roteiro de perguntas que iam sendo colocadas para o entrevistado, com o transcorrer da entrevista se formulava outras perguntas e no final da entrevista sempre se solicitava alguma situação vivida com Paulo

ou característica marcante dele. Essa solicitação tinha como intuito conhecer o lado subjetivo deixado ou provocado por Paulo nas pessoas. Nem todos os entrevistados atenderam a solicitação, já outros responderam e colocaram as características pessoais dele como, por exemplo, a radicalidade das suas posições frente ao seu trabalho e sua vida, o seu lado descontraído, simples e alegre. A interseção da sua simplicidade com a seriedade do seu compromisso com o trabalho político social são elementos constantes nas recordações.

Moradoras de Fazenda Grande

Maria da Conceição da Silva – moradora do bairro de Fazenda Grande – possui uma pequena banca no Mercado Modelo, em Salvador, e foi em meio ao seu trabalho que foi realizada a sua entrevista. Ela iniciou a entrevista dizendo que apesar do trabalho tomar muito seu tempo, ela continua atuando no trabalho comunitário que segunda ela:

é evangelizar nas famílias, nos bairros. Muito voltada também para realidade porque eu sempre estive numa Paróquia que os padres eram muito comprometidos. Foi logo depois do Encontro de Medellín e Puebla que os padres deram um salto, a Igreja Católica deu um salto para atingir mais as pessoas da periferia, as pessoas do bairro. (Maria da Conceição da Silva, entrevista realizada no dia 18/08/2014)

Logo depois desta explanação, ela explicou como se deu o seu envolvimento com a Igreja: após uma perda de visão dos três aos seis anos de idade, ela passou a frequentar mais a Igreja Católica e se apegar a Nossa Senhora das Graças. Foi a partir daí que ela, desde então, trabalha para comunidade paroquial.

Ao pedir que comentasse sobre Paulo, ela iniciou a conversa relatando que “Paulo era simplesmente politizado.” Houve uma situação que chamou sua atenção: foi quando a Paróquia de Fazenda Grande usava os folhetos distribuídos pela Igreja. Em uma reunião Paulo comentou que tais folhetos não possuíam conteúdos da realidade, diante disto ele propôs fazer um grupo para que a própria paróquia confeccionasse os folhetos tendo como base a realidade do bairro. Ela comenta que “Nossa paróquia era muito viva, por causa principalmente de Pe. Paulo. Porque ele se engajou muito nessa mudança daquela Igreja fechada para uma Igreja mais aberta, mais ligada a realidade.”

Quando questionada sobre como os amigos, vizinhos, pessoas do bairro viam esse comportamento politizado de Paulo ela comentou que:

Todo mundo gostava, porque não era..., ele não falava de política assim. Ele não era de um partido, mas ele sempre mostrou que o povo tem que se unir, que o povo tem que conhecer a sua história, a sua história também política para poder se posicionar na vida. Como é que você pode lutar, se você não conhece? E nem sabe dizer o porquê está lutando. (Maria da Conceição da Silva, entrevista realizada no dia 18/08/2014)

Diante deste comentário Maria da Conceição deixa explícito que Paulo era politizado, comprometido com a formação política das pessoas, enfatizando a importância do conhecimento histórico e político para luta cotidiana. E, ao mesmo tempo, ela destaca que ele não tinha envolvimento partidário. Interessante observar esta diferenciação, pois nota-se uma preocupação de desassociar Paulo às disputas partidárias, tanto que ela afirma que Paulo nunca chegou a fazer campanha para algum candidato, ele apenas enfatizava a importância em se conhecer os candidatos para assim decidir qual a melhor opção para eles.

Ele (Paulo) fazia sempre encontros com catequistas. Por causa de Puebla as Igrejas saíam pros bairros, pras casas, pras famílias para uma evangelização. Não no intuito de trazer o povo para Igreja, mas fazer o povo conhecer – Você mora aqui? , Aqui tem problema? , O que podemos fazer? , Como a gente pode se organizar para mudar essa situação? . Ele era muito querido nesse sentido, porque ele não era um cara político [...] não era político partidário. Ele era político dentro da realidade dentro do sacerdócio dele. (Maria da Conceição da Silva, entrevista realizada no dia 18/08/2014)

Ela novamente afirma a preocupação de Paulo com a formação política das pessoas, o caracterizando como um político ao tratar da realidade, mas dentro do âmbito do seu sacerdócio. Maria da Conceição também relata que Paulo era praticamente o fundador do Centro de Evangelização da Periferia de Salvador. De acordo com ela era um lugar onde reunia todos os padres para planejar os trabalhos das comunidades. Esse centro não ficava centralizado na mão da Arquidiocese, as reuniões aconteciam na Igreja da Penha, na Ribeira, em Salvador. Foi neste espaço que Paulo expandiu seu trabalho com os quadrinhos, pois muitas pessoas trabalharam com ele na tipografia desse centro.

A partir das reuniões com os padres no centro, resolveram então fazer um grupo de reunião também para os leigos, para assim poderem participar mais diretamente do Centro de Evangelização da Periferia. Segundo Maria da Conceição, era outro espaço de preparação dos leigos, os quais trabalhavam na base.

Todo trabalho lá (no Centro), todo o aprendizado, formação que a gente pegava, tudo era feito pra voltar para comunidade. Por isso que a gente, eu,

Marivalda, tem outra pessoa da Igreja São Paulo, tem outras pessoas que depois se juntou, que se juntou a Paulo. E que também pegaram toda essa consciência mais aberta. Quer dizer de uma Igreja mais com o povo do que uma Igreja só no altar. (Maria da Conceição da Silva, entrevista realizada no dia 18/08/2014)

Ao destacar a ideia de uma Igreja mais aberta, voltada mais para o povo inclui também o papel mais atuante e presente dos leigos junto a Igreja, junto aos padres, junto a Paróquia e como consequência junto à evangelização. Maria da Conceição em sua entrevista destaca a transformação vivida pela Igreja após Medellín e Puebla, demonstrando o quanto foi reforçada e consolidada a formação tomada nessas reuniões do Centro de Evangelização da Periferia de Salvador. O conteúdo das conferências de Medellín e Puebla eram discutidos na paróquia.

Mas não só de formação religiosa e política que se sucedia os encontros com Paulo Tonucci. Maria da Conceição disse que ele era muito do povo, ele era muito agradável com todas as pessoas idosas, crianças, ele tratava todos do mesmo jeito. Desta forma ele conseguia a simpatia de muitos, todos tinham grande prazer em recebê-lo em casa. Ela comenta isto em meio um grande sorriso de satisfação pela recordação. Ela diz que ele era muito simples, andava de chinelo, de calça jeans. Segunda ela, ele sempre deixou que os leigos que estavam na frente dos encontros comesçassem, depois, normalmente, pedíamos que ele desse uma palavra.

As missas eram normalmente abertas, com grande participação dos paroquianos. Ela relata sobre a relevância da chegada desses padres italianos (Paulo Tonucci, Renzo Rossi, e Sérgio Merlini) em comparação ao padre atual da Igreja Vila Natal.

Eu sempre digo que o seminário dá formação aos padres para serem servidos. Eu acho que tem muitos padres que são mais para serem servidos do que para servir. A gente sabe da realidade dessa Igreja também, né? É preferível ficar louvando ao Senhor do que meter a mão na massa como dizia Paulo, né? (Maria da Conceição da Silva, entrevista realizada no dia 18/08/2014)

Nessa fala, Maria da Conceição reivindica uma Igreja mais aberta, uma Igreja onde os padres sejam mais próximos, que estejam realmente dispostos a servir a comunidade, auxiliando na formação seja religiosa, política, ou social. Diante disso, ela espera uma experiência mais próxima ao que foi vivida em Fazenda Grande após as conferências de Medellín e Puebla. Esse debate de Igreja aberta era algo debatido e praticado pelos estudiosos e praticantes da Teologia da Libertação na Igreja.

Ela chega a afirmar que Paulo reivindicava uma Igreja aberta, onde a comunidade participasse de todas as atividades da paróquia. No entanto ela ressalva que apesar disso ele também era de impor os encontros, ou então ele organizava tudo. Segundo ela, ele fazia isso esperando o retorno da comunidade em se prontificar na participação de todas as atividades realizadas para melhoria de todos, e que isto não poderia ser tarefa do pároco apenas.

Foram entrevistadas também Marivalda Ferreira dos Santos, Maria Bonfim Reis Cerqueira e Norma Lúcia. Elas foram entrevistadas conjuntamente, pois demonstraram pouca disponibilidade de tempo e não apresentaram receios em realizar as entrevistas conjuntamente. A entrevista coletiva mostrou pontos positivos pelo fato de uma ajudar a outra a lembrar de situações e outros personagens que atuaram na época. Apesar disso deve se considerar que a entrevistada Marivalda, que mobilizou as vizinhas e cedeu a sua casa para realização do encontro, de certa maneira monopolizou a entrevista. No entanto, vale ressaltar que ela detinha também maior convívio com Paulo por conta de ter trabalhado na Escola 1º de Maio.

Marivalda iniciou a entrevista comentando a sua primeira recordação de Paulo quando no começo ele ainda andava de batina e de bicicleta no bairro de Fazenda Grande, segundo ela, ele chamava muito atenção de todos. Depois, ela remeteu a comentários similares feito por Maria da Conceição, quando enfatizava o quanto ele tratava todos bem, tinha amizade com as pessoas idosas, chamando de “namorada” todas as senhoras idosas.

Recordou também a opção dele em fazer as refeições com as famílias da comunidade, fazendo revezamento ao longo das refeições do dia. Ela comentou que isso o aproximou muito da comunidade. Essa preocupação de Paulo em estar sempre próximo da comunidade se constatava não apenas nos revezamento de refeições, mas também no seu olhar social para as mínimas coisas que poderiam ser modificadas e, até, melhoradas. Um exemplo disso foi a campanha do filtro:

Ele não se preocupava somente com a parte religiosa, mas com a parte humana das pessoas, com a parte social. Eu lembro que ele criou a campanha do filtro. Porque ninguém tinha filtro dentro de casa. As crianças tomavam água da torneira, as pessoas não tinham condições naquela época (um filtro). Então ele incentivava as comunidades a fazer tipo um caixa, aonde as pessoas iam dando aquele dinheirinho pra juntar e tal. E cada um tirava o seu filtro, acho que cada mês uma pessoa tirava um filtro. Até isso

ele se preocupava com a saúde das crianças. (Marivalda Ferreira dos Santos, entrevista realizada no dia 19/08/2014)

Além da campanha do filtro, Marivalda também recordou que Paulo teve a iniciativa da criação de um posto médico no bairro, que até hoje existe, mas agora está sob a administração da prefeitura. Ela não soube relatar como era a administração deste posto antes da municipalização.

Ela relatou também dos encontros realizados por Paulo, estes encontros muitas vezes não eram abertos, segundo Marivalda, tinha-se o cuidado em saber com quem estava falando ou lidando. Nestes encontros Paulo sempre refletia sobre a conjuntura da época. Ela disse que havia um folheto que tratava sobre o sistema, onde se discutia sobre a política da época, a situação do Brasil, o governo militar, a concentração de renda, a não participação da população na esfera política. Tudo isso tendo como decorrência o aprofundamento da pobreza e dependência do Brasil com a economia internacional, principalmente americana.

Ela fez questão de enfatizar que ela não sabia sobre o apoio de Paulo e Renzo junto aos movimentos de resistência a ditadura, ela ainda relatou que começou a ter conhecimento disto depois que ouviu sobre o trabalho de Renzo junto aos presos políticos. Ela comentou que Paulo era um sacerdote muito engajado em atividades sociais e discussões políticas que, muitas vezes, não eram bem vistas pela repressão. Um exemplo disto foi o seguinte acontecimento:

Tenho uma prima que trabalha na Secretaria de Segurança Pública. Desde aquela época, ela é advogada. Engraçado, quando ela era estudante, ela fez estágio na Escola 1º de Maio. Aí, Pe. Paulo pagava e tudo, ela passou um bom tempo aí, e tal, fazendo esse trabalho. Aí, ela foi trabalhar lá (Secretaria de Segurança Pública), aí o chefe dela pediu que ela observasse esses padres. Que ela se infiltrasse nos grupos pra ver o que é que falavam e fazer os relatórios e passar pra ele. A mãe dela é cunhada e comadre da minha mãe, aí chegou aqui em casa, aí eu ouvi a conversa da mãe dela falando: as meninas estão lá, o chefe dela pediu para fazer um trabalho na Igreja. Elas vão dia de sábado no grupo e fica lá porque o chefe dela pediu para ouvir o que os padres falam e fazem e escrever um relatório pra levar. Eu disse: eles têm que saber disso, não posso ficar calada. É minha parenta, tudo bem, mas... Aí fui lá e falei com ele (Pe. Paulo). Ele chegou e falou com Pe. Renzo. Eles pegaram ela lá, também não falou quem foi que falou, não disse a ela. Eles proibiram ela de ir no grupo. (Marivalda Ferreira dos Santos, entrevista realizada no dia 19/08/2014)

Esse acontecimento mostra como se dava o processo de infiltração dos setores de repressão em grupos tidos como suspeitos e, ao mesmo tempo, mostra a relação de

confiança dos paroquianos com os párocos. Marivalda relatou, anteriormente, que na época não tinha consciência de que Paulo e Renzo colaboravam juntos aos movimentos de resistência a ditadura. No entanto, em uma situação como esta relatada provocaria no mínimo suspeita sobre o trabalho dos padres. Talvez tenha chamado sua atenção, mas a relação de fidelidade e confiança perante a atuação dos sacerdotes na comunidade fez com que ela relevasse sobre o interesse da Secretaria de Segurança Pública e resolvesse entregar sua prima para Paulo. O fato de não ter plena ciência de que Renzo e Paulo trabalhavam além das discussões sobre o sistema ou no desenvolvimento de atividades sociais não a impediu de escolher em protegê-los. Daí pode-se dizer que isso se dá por conta do trabalho, da participação e da relação de confiança que Paulo e Renzo construíram dentro da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe.

A situação relatada não foi a única pela qual Marivalda passou, ela relatou também que chegou a trabalhar na Igreja Católica Natividade do Menino Jesus com um protestante metodista, ele participava das discussões e comungava com eles. Depois de muitos anos ela veio saber quem era realmente este rapaz.

Teve um rapaz. Você lembra de Zé Carlos? (Perguntando para Maria Bonfim) Trabalhou com a gente. A gente não sabia... Quer dizer, ele apareceu de repente. Zé Carlos era um branquinho, baixinho, ele era até da Igreja Metodista, mas ele trabalhava com a gente, participava das discussões, entendeu? E comungava com a gente também. Aí, Zé Carlos passou muito tempo aqui. Agora ninguém sabia nada da vida dele. Ele passou... aí criou uma associação. Eu trabalhei junto com ele. A gente ia, onde tinha uma invasão a gente ia lá dar apoio. (...) Era uma associação de bairro criada dentro da Igreja. (...) Era uma associação de bairro da Fazenda Grande. Teve outras associações, mas foi criada uma associação nessa época com esse rapaz. Aí esse rapaz foi embora, ele se aborreceu, foi até com Délia que ele se aborreceu e foi embora. Quando tem mais ou menos uns sete anos ou cinco anos ele apareceu aqui. Hoje ele mora em Brasília. Aí foi que ele veio me dizer quem era ele. Ele era uma pessoa perseguida pela ditadura. Olha o risco que eu corri também, né?! Eu andava com ele pra baixo e pra cima sem saber quem era. (...) Ele veio pra aqui, acho que justamente por isso saiu da onde ele morava, que eu não sei onde era, veio pra cá. Aí ele se infiltrou no trabalho da Igreja, porque aí acho que todo mundo conhecia que ele era protestante metodista. Então ele estava na Igreja católica e tal, disfarçando. E hoje ele mora em Brasília. (...) O nome dele verdadeiro é Paulo Cassis. Ele veio dar o nome dele agora quando ele veio. (...) Ele trabalha no Congresso Nacional hoje, ele casou e disse que a mulher dele é bem católica. (Marivalda Ferreira dos Santos, entrevista realizada no dia 19/08/2014)

Esta situação é um exemplo que a paróquia Nossa Senhora de Guadalupe era mais que um espaço onde Tonucci, Renzo e, mais tarde, Merlini, faziam apenas discussões sobre o Evangelho e a realidade do bairro. Marivalda destaca que ninguém sabia da origem

de Paulo Cassis, mas que, mesmo assim, ele foi acolhido pela comunidade, a ponto de que mesmo todos sabendo que ele era metodista, ainda assim, comungava com todos sem maiores problemas. Provavelmente, este acolhimento acontecia por conta da intermediação dos sacerdotes. Paulo Cassis foi acolhido pela comunidade por atuar na associação de bairro criada dentro da Igreja para acompanhar as comunidades de ocupação. A paróquia Nossa Senhora de Guadalupe não era apenas um refúgio aos perseguidos políticos, mas também um espaço de mobilização popular.

Após pesquisa na internet sobre Paulo Cassis foi encontrado um blog de Dulcinea Ramos Cassis, onde ela relata que tinha vários irmãos e um deles se chamava Paulo Cassis, falecido em 2005. De acordo com seu blog ele foi um militante político durante a ditadura militar e, por conta disto, ele ficou anos vivendo clandestinamente.

Após contato por e-mail, Dulcinea confirmou as informações dadas no seu blog e ainda acrescentou que Paulo Cassis era metodista e que havia se casado com uma católica no período da clandestinidade no Maranhão. Quando questionada sobre a possível passagem do seu irmão pela Bahia durante a ditadura militar, ela não soube nos informar. Diante disto mediou contato com seu irmão, Luis Carlos Ramos Cassis, que confirmou a presença de seu irmão na Bahia, acrescentando ainda Sergipe e Maranhão. Contudo ele não tinha maiores informações sobre essa temporada na Bahia durante a ditadura militar.

Após sucintas pesquisas no arquivo digital “Brasil Nunca Mais”, foram encontradas as seguintes informações sobre Paulo Sérgio Ramos Cassis nos processos judiciais: era metodista; cursava engenharia na Universidade de Brasília – UNB; passou a integrar a Ação Popular – AP, como assessor estudantil em 1967; foi condenado por pichação e organização política subversiva; estava foragido; e militou junto com Honestino Guimarães na UNB nos anos de 1967 e 1968. De acordo com Dulcinea Ramos Cassis, ele só retornou a Brasília após a anistia em 1979.³⁷

Diante da pesquisa feita sobre Paulo Cassis, ele pelo visto fazia parte da AP. Como não foi feito maior levantamento a respeito da sua trajetória política, então não há como afirmar se ele ainda pertencia a AP no período em que ele se encontrava na Bahia. De qualquer forma a própria Marivalda relatou que havia presença de pessoas do PC do B ou PCB, ela não soube precisar.

³⁷ São necessárias maiores apurações e pesquisas sobre o pertencimento de Paulo Cassis a AP, a sua condenação e a sua militância junto a Honestino Guimarães – presidente da Federação dos Estudantes Universitários de Brasília (FEUB) em 1968, presidente da UNE em 1970 a 1971 e desaparecido em 1973 e que somente em 2013 foi reconhecida sua morte por consequência das torturas vividas por parte dos militares.

Naquele tempo também vinha pessoas que não se identificavam. Entendeu? Eu lembro mesmo que tinha um grupo que a gente participava, eu, mano, Maninho, Madalena. Entendeu? Era aquele grupo Alerta. Vinha um senhor que eu nunca soube o nome desse senhor. Que naquele tempo não podia nem dizer o nome, sabia? A coisa era tão difícil que não podia dizer o nome. E ele sempre fazia as reflexões junto com a gente sobre a situação da época. Mas eu acho que ele era do PC do B esse homem, porque ele fazia também... ele trouxe uma vez o manifesto do partido comunista. Eu acho que ele era do PC do B ou do PCB, alguma coisa desse tipo, entendeu? Ninguém perguntava o nome nem nada, se tratava como companheiro (comentário feito com um pequeno sorriso). (...) As reuniões aconteciam na Igreja, porque não podia em outro lugar porque ficava visado. Porque o pessoal da ditadura estava sempre... viu?! (Marivalda Ferreira dos Santos, entrevista realizada no dia 19/08/2014)

Pode-se observar que havia uma movimentação de militantes de organizações políticas dentro da Igreja na paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, seja atuando dentro de associações de bairro, seja em grupos de discussões. Marivalda não soube precisar de qual organização política pertencia esse senhor que participava de um grupo chamado Alerta, mas se pode notar que não foi apenas Paulo Cassis que frequentou a Igreja e perambulou nas ruas da Fazenda Grande por exemplo.

Marivalda comentou também que esses debates sobre a realidade da época eram feitos também na Escola 1º de Maio. A escola tinha formação profissional de marceneiro e eletricitista, mas também havia aula de matemática, português e, também, da situação política da época. Segundo ela, ele fazia questão de que as pessoas entendessem, soubessem sobre o que estava acontecendo. Ela chegou a ser funcionária da escola durante seis meses.

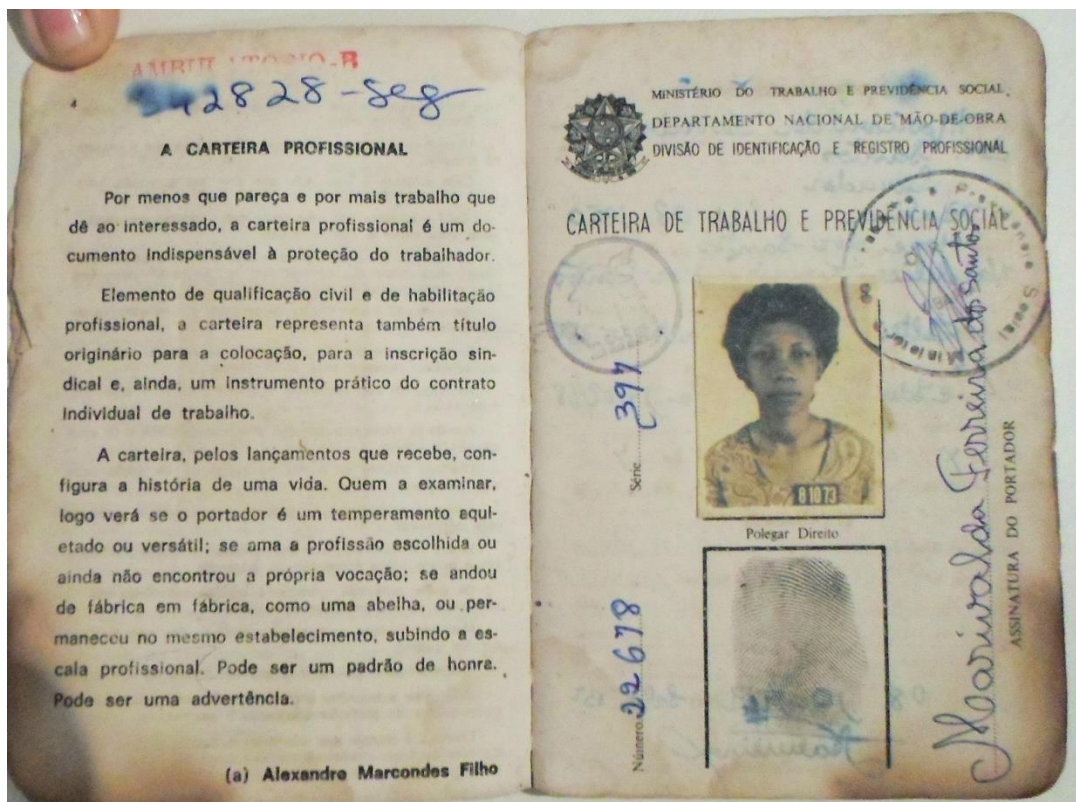


Figura 58: Carteira de trabalho de Marivalda Ferreira dos Santos.

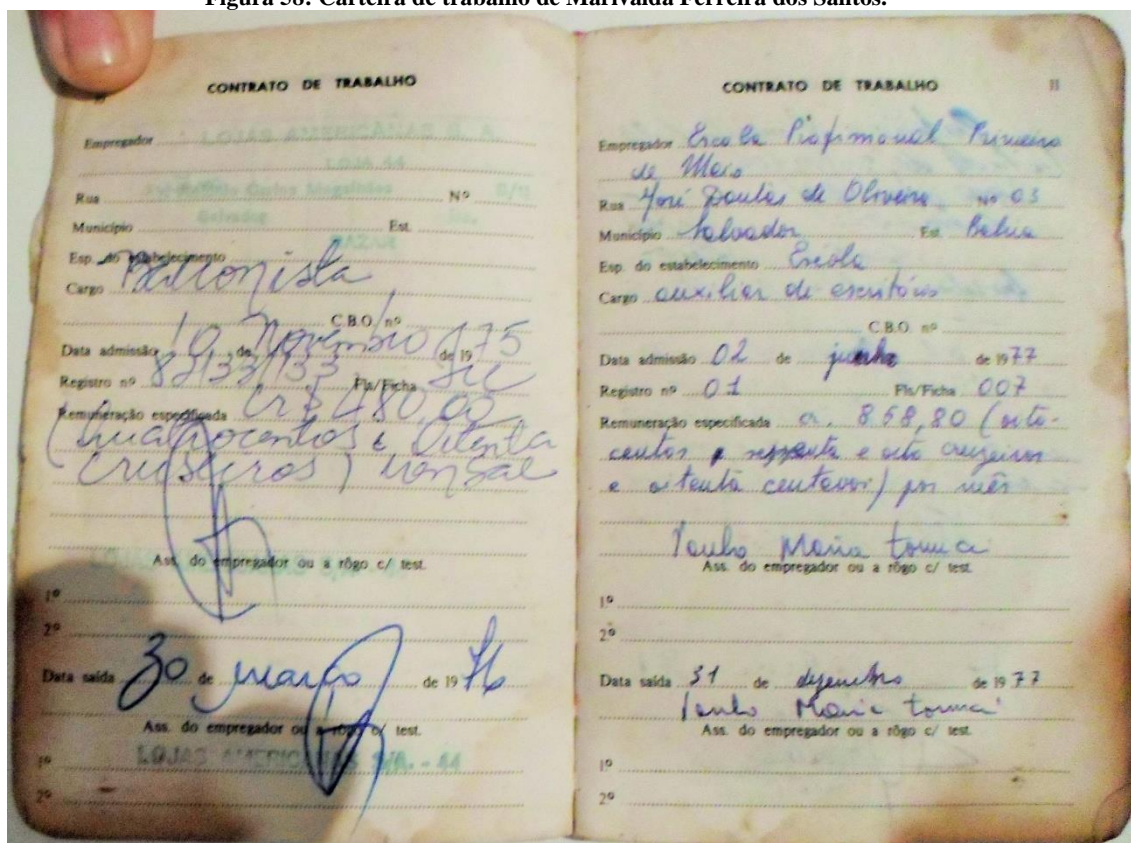


Figura 59: Registro de Marivalda como funcionária da Escola 1º de Maio assinado por Paulo Tonucci.

Já os relatos de Maria Bonfim Reis Cerqueira e de Norma Lúcia Nascimento de Sousa enfatizam a relação de Paulo Tonucci com a comunidade. Maria Bonfim comenta que ele envolveu todos da comunidade na construção da Igreja Vila Natal. A primeira base foi de taipa, tempos depois foi feita a construção de bloco. Ele chegou a morar no quartinho no fundo da Igreja.

Maria Bonfim também recordou que Tonucci gostava muito da mãe dela, chamando-a de “namorada”. Esse modo carinhoso de tratar as senhoras mais velhas marcou não apenas Maria Bonfim como também Maria da Conceição. Essa proximidade de Paulo com a comunidade era significativa, Norma Lúcia também fez um comentário a respeito:

Ele fez o batizado da minha filha mais velha. Meu marido convidou ele para almoçar conosco. Eu falei: Oxente, Geraldo! Você acha que ele vem pra cá? (Ele respondeu) Oxente, eu duvido que ele não venha. Ele apareceu de bicicleta, ele e Délia. Além deles, foi também o padre João, o seu irmão, foram os três. Ele gostava das coisas muito simples e não queria que ninguém servisse. [...] A gente se sentia bem a vontade com ele. (Norma Lúcia Nascimento de Sousa, entrevista realizada n dia 19/08/2014)

A presença de Paulo na casa das pessoas, seja para uma festa de batizado, seja para realizar suas refeições ou o modo carinhoso de se reportar às senhoras mais velhas não só o aproximava às comunidades como também construía uma relação de confiança, o que permitia a Paulo promover debates sobre a realidade nacional, de intermediar a presença de estranhos na comunidade sem provocar rejeição.



Figura 60: As moradoras de Fazenda Grande - da esquerda à direita: Marivalda, Maria Bonfim e Norma Lúcia.

Maria Bonfim, Norma Lúcia e Marivalda não deixaram de expor que Paulo Tonucci também era muito trabalhador e muito exigente, portanto, ficava zangado quando as atividades não eram cumpridas. Elas enfatizaram que ele era muito calmo e tranquilo e, por isso, surpreendia quando ficava irritado. Ao mesmo tempo, elas enfatizam que ele era muito simpático com todos e que fazia questão em ouvir a opinião de todos. Essa fala das moradoras de Fazenda Grande mostra uma visão não romantizada a respeito de Paulo Tonucci, pois reconhecem e identificam a importância do seu trabalho sem que isso interfira na sua perspectiva de que ele era um homem comum que também tinha seus momentos de mau humor.

Alguns membros da Comissão de Justiça e Paz

Além das moradoras de Fazenda Grande foram entrevistados também três membros que trabalharam com Paulo Tonucci na Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador - CJP, dentre eles são: Maria Ubajareida Frota de Carvalho, mais conhecida como Bajinha, Lêda Lessa e Gilmar Azevedo Santos.

Bajinha é assistente social e atualmente trabalha no Centro de Ação Social, coordenado pelos jesuítas. Antes de relatar como conheceu o trabalho de Paulo, ela frisou a importância que tiveram diversos sacerdotes na prática da Teologia da Libertação e seus

trabalhos sociais e políticos no cenário da época, assim como também falou um pouco da sua trajetória até conhecer Paulo.

Eu participava de duas Eclesiais de Base, participava uma aqui (Federação) e outra em Plataforma, onde é a Ilha de São João. A gente se reunia, a gente dialogava, refletia sobre conjuntura. A gente fazia ações mais sociais nas comunidades. A gente, obviamente, praticava a religião juntos e etc. A gente, enfim, ajudava no que era possível. Mas, naquele período, minha cabeça era de forma nenhuma aberta pra uma concessão de movimento social, onde a gente pudesse, realmente, juntar elementos, juntar pessoas, juntar forças, isso não estava estruturado de forma nenhuma na minha cabeça. Eu achava, inclusive, que esse era um processo revolucionário, altamente revolucionário e que naquela época era muito difícil a gente mudar (...) Eu fazia parte desses grupos, eles refletiam, dialogavam muito na Teologia da Libertação, a gente refletia muito sobre a Teologia da Libertação. Mas era dentro de uma perspectiva, que depois eu vim ver que a Teologia da Libertação tinha uma conexão muito grande com aquilo que a gente chamava de socialismo, era mais revolucionário, depois que eu fui ver. Naquela época, eu trabalhava muito essa questão da realidade mesmo com essa dedicação e com carisma mesmo, junto ao povo. Aquilo que a gente chamava de viver o carisma de Jesus Cristo, de estar junto ao povo e tal. Quando houve esse movimento, eu me articulei com alguns grupos que trabalhavam muito as questões partidárias e tinha uma ação via partido político. Então juntou o que eu aprendi nas comunidades eclesiais de base, o que eu vivi, o que eu sabia de Teologia da Libertação com essa questão mais política apartidária. Aí, Marx entrou na minha vida. Aí, eu comecei a fazer toda essa viagem que eu nunca havia feito. Foi neste período que eu conheci Paulo, foi exatamente neste período que eu conheci Paulo. Paulo Tonucci, Renzo, principalmente Paulo Tonucci e Renzo, eles formavam... Cláudio Perani, aqui do CEAS, Manuel Andrés Matos, que era outro grande revolucionário, padre jesuíta. Quem mais? Enfim, tinha alguns bons padres, Sérgio Merlini, lá do Alto do Peru. Aquele padre é ... de Plataforma, como é o nome dele? Eu me esqueci. Ele está até hoje lá, um super sujeito. Vou me lembrar logo. Padre Oliveira também, que você conheceu, ele é de Periperi, ele sempre atuou lá. Então essas pessoas formavam aquilo que a gente chamava da Igreja ao lado do povo, junto com o povo, no meio do povo. Era a Igreja das Comunidades de Base, era Igreja dos movimentos sociais, etc e tal. Quando eu conheci Paulo em 82, ele fazia parte de um grupo chamado Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador. Essa Comissão de Justiça e Paz era um grupo de católicos, ligados a Igreja Católica. A Comissão de Justiça e Paz era efetivamente do organograma da Igreja. Ela não era nada, nenhuma alternativa fora da Igreja era de dentro da Igreja. Tinha a Comissão Brasileira de Justiça e Paz e a Comissão do Vaticano de Justiça e Paz. Então elas eram organizadas dessa forma regional, a Brasileira e a Romana. (Maria Ubajareida, entrevista realizada no dia 22/01/2013)

Bajinha na sua entrevista conta como foi o seu primeiro contato com as comunidades eclesiais de base e também sua interação com grupos partidários. Ela informou que tinha dificuldade em assimilar a ideia de uma atuação junto aos movimentos

sociais frente ao cenário político da época. Sua perspectiva começou a mudar quando começou a articular as questões políticas partidárias com seu conhecimento sobre a Teologia da Libertação e sua experiência nas comunidades eclesiais de base. Foi neste momento que ela conheceu Paulo, ela cita também outros sacerdotes que também foram importantes para a prática da Teologia da Libertação, para o viver da Igreja do povo. Esse relato demonstra que Bajinha buscou uma prática religiosa, mas, também, procurou práticas políticas. Dentro desta busca ela apontou um coletivo de padres que trilhavam esse caminho.

A Comissão de Justiça e Paz fazia parte do programa de atuação da Igreja, ela estava diretamente ligada a Arquidiocese de Salvador e, portanto, ao cardeal Dom Avelar Brandão Vilela. Todas as suas reuniões forneciam informações e reflexões ao Cardeal que muitas vezes as transformavam em pronunciamentos. Bajinha contou que ao começar a trabalhar na CJP, ela se impressionou com as pautas das reuniões dos conselheiros da comissão, pois tratavam, muitas vezes, sobre as ocupações urbanas e a repressão do Estado, assim como a questão sindical. Em meio aos conflitos que se sucediam na sociedade a CJP atuava como mediadora e também solicitava do Cardeal para que ele se colocasse como um intercessor entre o governador do Estado e o movimento sindical e os movimentos de bairro para assim tentar conter atitudes mais violentas e encontrar um acordo entre ambos. No entanto, essa experiência de requerer a ajuda do cardeal em meio aos conflitos sociais foi vivenciada alguns anos antes da criação da CJP³⁸ em Salvador.

Um dos exemplos foi a intercessão do Cardeal D. Avelar e o Abade D. Timóteo no Movimento Baixa do Marotinho, que aconteceu em 1976. Paulo Tonucci e Renzo Rossi acompanharam o movimento desde a sua formação e isso foi muito importante, porque através destes, o Abade e o Cardeal tentaram mediar um acordo para solucionar a falta de moradia dos moradores do Marotinho (LIMA, 2009). Para Bajinha, Paulo:

facilitava os canais de chegada até D. Avelar Brandão, né? E o governador, por ser um governador conservador, de direita, enfim, ouvia muito a Igreja. Porque, óbvio, que nesse regime autoritário, a Igreja, e aquele que está no governo, eles fazem uma aliança muito forte. E Dom Avelar, você sabe, nunca foi considerado um bispo de esquerda. Então, ele tinha, ele era um conservador e ele se articulava muito bem com esses partidos também conservadores. Mas aqui e ali por uma questão mesmo, talvez, de humanidade etc e tal. Ele se posicionava a favor dos mais pobres e Paulo sabia como conversar com ele. (Maria Ubajareida, entrevista realizada no dia 22/01/2013)

³⁸ Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador foi criada em 1982. Disponível em: <<http://cjpsalvador.blogspot.com.br/2007/08/quem-somos-ns.html>> Acesso em 20 de agosto de 2015.

Provavelmente, esta vivência e o trabalho de Paulo na Escola 1º de Maio e no Grupo de Evangelização da Periferia contribuíram para que ele se tornasse um dos fundadores membros da CJP em 1982. No entanto essa aproximação de Paulo com D. Avelar nem sempre era tranquila, Bajinha diz ter presenciado alguns momentos de tensão política onde se evidenciava as visões opostas de ambos. Apesar disso, eles mantinham o respeito, o que permitia a continuidade do trabalho. Paulo tinha um forte interesse no trabalho da CJP, por acreditar na criação de um canal e um espaço onde pudesse trabalhar e mediar politicamente e socialmente em favor da população mais carente.

Outra coisa que chamou a atenção de Bajinha foi a origem dos membros-conselheiros que deram formação a CJP, muitos deles eram de realidades muito distante às dela, tendo a presença de reitor de universidade, doutores e pessoas que ela apenas conhecia em colunas sociais, além de religiosos de renome como Dom Timóteo. Ela comenta ainda que mesmo sendo uma comissão composta por grandes personalidades, e com alguns participantes muito mais velhos que Paulo, mesmo assim ele detinha respeito de todos os membros. Isso ela atribui à capacidade de Paulo em transitar entre diferentes grupos, desde a classe média alta, intelectuais, professores universitários até a população mais pobre.

Na CJP Paulo atuava como articulador, já nas comunidades populares ele atuava não só como articulador, mas impulsionador para realização de tarefas e mobilização. E ele tinha grande aceitação nestes diferentes espaços.

Um dia ele me chamou para ir no, deixa eu ver seu eu me lembro, no Alto do Peru, lá na paróquia de Sérgio Merlini. E aí, quando eu cheguei lá, foi aí que eu vim conhecer mesmo Paulo. Aquela pessoa do povo mesmo, aquela pessoa que dialogava, italiano (tom enfático) que dialogava com o povo pobre, com o povo que, sabe? De uma maneira que o povo todo entendia ele. Paulo estava dando uma aula sobre, estava fazendo uma formação sobre história do Brasil. Eu achei aquilo magnífico (tom enfático), um italiano falando sobre o Brasil. Falando daquela forma apaixonada como ele falava. Achava isso fantástico. (Maria Ubajareida, entrevista realizada no dia 22/01/2013)

Ela enfatiza a capacidade dele de interlocução com a população mais pobre e, ao mesmo tempo, o envolvimento e engajamento na formação destes. O interesse dele nos estudos sobre a história do Brasil acabou rendendo histórias em quadrinhos e um livro de quadrinhos como já se sabe.

No período de atuação na CJP, Paulo já estava trabalhando em Camaçari, mas não deixava de trabalhar em Salvador, principalmente acompanhando as atividades da comissão. A CJP, segundo Bajinha, acompanhou diversos movimentos, dentre eles o movimento do Bairro da Paz, onde passou a atuar na mediação dos conflitos do bairro, dando assessoria jurídica, trabalhando com a comunidade, debatendo sobre a violência, educação, saúde, saneamento básico e vários outros temas. Além do Bairro da Paz, a comissão acompanhou a ocupação onde se encontra hoje o Parque Costa Azul, as ocupações dos Novos Alagados, trabalhando conjuntamente com Vera Lazzarotto e seu marido, Lázaro Lazzarotto, colaborando na fundação das três escolas da Sociedade 1º de Maio.

Bajinha também recordou do apoio da CJP junto aos *ribeirinhos* e *beradeiros* que estavam sendo retirados para construção da barragem Pedra do Cavalo. Esse trabalho foi desenvolvido em colaboração com a Comissão Pastoral da Terra – CPT e com a Comissão Evangélica dos Direitos da Terra – CEDITER³⁹.

Os trabalhos feitos pela CJP nas comunidades, de acordo com Ubajareida, foram realizados com diversas parcerias. Além das parcerias citadas acima, ela comenta também sobre os trabalhos em conjunto com o CEAS, tendo negociação para o desenvolvimento dos trabalhos e havendo divisões de tarefas em determinados bairros ou ocupações. Ela exemplifica que a CJP, muitas vezes, ficava responsável pela parte de mobilização e organização das pessoas, o CEAS ficava incumbido pela parte da formação política. Inclusive, Ubajareida disse que normalmente a comissão não entrava em uma comunidade sozinha.

Tinha também os religiosos inseridos nessas comunidades, que era o nosso ponto de apoio. Então era muito difícil que dentro de uma comunidade dessa não tivesse um grupo de religiosos, seja masculino ou feminino. (...) Em Saramandaia, nós tínhamos lá uma comunidade de religiosos masculino e feminino, a irmã Paula e o padre Geraldo, ele era um irlandês e ela, não me lembro, acho que era italiana. Irmã Paula e o padre Geraldo era nosso ponto de apoio. (...) Tínhamos todo esse apoio, por exemplo: nós íamos fazer um seminário de formação política. A gente ia fazer uma reunião sobre melhorias para o bairro, políticas públicas, desenhar o mapa de demandas do bairro. A gente chamava planejamento estratégico local, então (...) a gente juntava todas as lideranças ali. A gente passava um dia fazendo o planejamento. Então

³⁹ Ver mais a respeito sobre o trabalho da CPT e CEDITER: Guimarães, Rosemeire Maria Antonieta Motta. Ética, política e conflitos socioambientais às margens do baixo Paraguaçu. Tese de doutorado – Universidade Federal de Sergipe, 2015; e Brito, Charlene José de. Da assistência à resistência: ecumenismo presbiteriano, mendicância e luta pela terra na Bahia. (1968-1990). Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em História – Universidade Estadual de Feira de Santana. 2013.

essas irmãs, essas pessoas inseridas lá, elas convocavam lideranças, elas preparavam um lanche, organizava o local onde a gente ia fazer. O CEAS entrava com análise de conjuntura, a gente entrava com a metodologia de desenho, um mapa de demandas. (...) A gente tinha uma parceria (com a Faculdade de Arquitetura e Engenharia Civil), eles nos ajudavam no projeto arquitetônico. Normalmente, um dos estagiários deles ia lá para poder fazer os desenhos, para poder fazer a marcação com piquete. Às vezes, eles instruía a comunidade de como seria melhor fazer se era de adobe ou de tijolo mesmo, enfim. (...) A gente fazia essas articulações. (Maria Ubajareida, entrevista realizada no dia 22/01/2013)

Maria Ubajareida citou o importante papel realizado pelos religiosos presentes nestes grupos sociais, e mencionou também a colaboração das faculdades de arquitetura e engenharia civil da Universidade Federal da Bahia e os institutos da Universidade do Estado da Bahia para formulação de projetos tanto de casas populares, como também de espaços coletivos.

Diante dessas experiências relatadas pode-se observar o quanto a atuação da CJP teve um papel importante nas comunidades de bairro para seu desenvolvimento e mobilização no âmbito político e social. Paulo Tonucci além de articulador e conselheiro nas ações da comissão, inicialmente teve um papel importante como mediador financeiro junto às entidades estrangeiras. A arrecadação dos fundos permitia a manutenção e realização das atividades da CJP. Como a comissão, ao longo dos anos, foi tendo resultados positivos e se tornando um espaço de referência pela sua atuação nas comunidades, isso permitiu que as relações junto a entidades internacionais passassem a ser realizadas diretamente sem mais a interlocução de Paulo. Um dos exemplos citados por Bajinha foram os subsídios advindos do Conselho Mundial de Igrejas, que veio não através de Paulo, mas dos resultados e dos projetos construídos pela CJP.

Quando Bajinha foi questionada sobre quem era Paulo e se o considerava radical quanto a sua posição política, ela respondeu que “era um homem que não tinha medo de ser gente. Sabe? Com defeitos e qualidades.”. Ela acrescentou que não o considerava radical em nada sobre sua posição política, a única radicalidade que ela enxergava nele era o projeto de vida: “O que ele escolheu estava escolhido. Ele era padre, padre mesmo, e ele estava a serviço do povo. Isso era a radicalidade da vida dele.”. Essa fala de Bajinha tem a ver um pouco com a fala de Maria Conceição quando diz que Paulo trabalhava junto com a comunidade, que ele, Renzo e outros que praticavam as experiências de Puebla e Medellín eram padres a serviço da comunidade e não sacerdotes a serem servidos por ela. O interessante deste ponto é que as duas mulheres, apesar de viverem em ambientes distintos,

perceberam que Paulo era um padre a serviço do povo e esta opção estava presente tanto no dia a dia da Paróquia como nas atividades da CJP.

Lêda Lessa foi outro membro da CJP. A entrevista discorre sobre as atividades da comissão assim como a atuação de Paulo na entidade. Inicialmente, Lêda comenta como era a organização e a divisão de trabalhos na CJP em duas equipes: urbana e rural.

Primeiro lugar equipe urbana com Bajinha, Luzivanda e Alan, como advogado, amigo nosso, inclusive está em Brasília. E decidiu-se que o trabalho precisava ser ampliado. Porque assim como havia muitos problemas nas ocupações urbanas, a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese se voltou para assessorar esse trabalho com as comunidades urbanas de Salvador, centrando em algumas áreas aonde o conflito com a terra com a própria ocupação estava muito gritante. Então essa parte da periferia ferroviária: Alto da Terezinha, a parte do Alagados; depois aqui na Pituba, onde hoje é a Magalhães Neto, a Comissão de Justiça e Paz acompanhou aquela expulsão muito violenta. (Lêda Lessa, entrevista realizada no dia 01/07/2013)

Assim como Bajinha cita o trabalho da CJP na área rural, Lêda Lessa também relata que quando chegou na Comissão já havia uma divisão de áreas de atuação, entre urbana e rural. Lêda especificou que o trabalho rural da Comissão estava mais centrado nos movimentos rurais próximos de Salvador.

Ao ser questionada sobre a função de Paulo na CJP, ela o chama de “eminência parda” por ser importante na conexão entre a Igreja e os movimentos sociais.

Paulo era uma autoridade na CJP, ele era um grande articulador, ele fazia essa ligação entre a Igreja e o movimento social. Todos os projetos passavam por ele, e ele era uma figura central. “Eminência parda”, eu me lembrei (o termo que definia melhor ele, em meio a sorrisos), ele só não era pardo, porque ele era muito assumido, digamos assim. O papel dele... Engraçado, falando agora, eu fico vendo essas coisas assim. Ele era aquela figura que estava ali. O trabalho cotidiano, da ida para as comunidades, obviamente não era o propósito dele. Ele não podia estar na reunião, na assembleia do sindicato com a gente nos fins de semana. Era a gente que fazia esse trabalho, Bajinha (Ubajareida) e Lucivanda pegavam o carro, iam com Alan lá para periferia, onde o pau estava quebrando, na periferia ferroviária. Paulo não acompanhava o dia-a-dia, havia duas equipes de trabalho remunerado. A gente era contratada, paga, carteira assinada, era um trabalho. Era muito trabalho que tínhamos. Mas se precisássemos assim, (ele estava lá para colaborar). E ao mesmo tempo toda semana a gente tinha reunião com a presença dele e de outros membros. (Lêda Lessa, entrevista realizada no dia 01/07/2013)

Ela o descreve na CJP, como conselheiro e articulador, e que se houvesse necessidade de ir para os bairros falar com as comunidades ou mediar conflitos ele estava presente. Ela enfatizou a jovialidade, o espírito jovem e alegre de Paulo, o que atraía muitos jovens para trabalhar junto a ele. Destacou a sua capacidade de se articular e de se relacionar com diferentes pessoas, de diferentes lugares ou condição social, evidenciou que o trato social dele era muito apurado, o que permitia ter contato com diferentes pessoas trazendo esta gente para fazer as coisas funcionarem, ou melhor, fazer as coisas acontecerem.

Ela citou também sobre o papel de Paulo em angariar fundos no exterior, menciona sobre a Misereor⁴⁰, como uma das fundações financiadoras intermediada por ele, mas complementa que não tinha muito conhecimento a respeito desse setor, que se encontrava mais sobre a responsabilidade de Bajinha. Ela ainda acrescentou que Paulo era um homem muito pragmático, objetivo, não tinha muita paciência para muitas delongas, e que isso impulsionava o trabalho. Apesar disso, reitera que ele não era um homem intranquilo, era um homem de ouvir, mas também não se refutava em dizer o que pensava. Próximo do final da entrevista ela o define como um “humanista e cristão”.

Outra pessoa que também se disponibilizou para entrevista e que pertenceu a CJP foi Gilmar de Azevedo Santos. Ao iniciar a entrevista, ele relatou que antes mesmo de conhecer Paulo, já tinha ouvido falar dele e do seu trabalho em Fazenda Grande.

Eu lembro que teve o seguinte: teve uma manifestação contra o aumento, contra a carestia. Eu sei que terminou numa greve de ônibus, houve um “Quebra-Quebra” em Salvador. (...) foi início (década 1980). O prefeito era Mário Kertész, governador era ACM Neto (governador ACM). Recordo porque tivemos um embate muito forte aqui. Nós tivemos uma manifestação da inauguração do viaduto do Aquidabã e que terminou com a morte de um estudante por nome Eliotério, me lembro que morava, acho que era na Liberdade. Ele não era nem estudante do movimento, acho que era um trabalhador. Eu sei o seguinte, então. Nesse período eu conheci o trabalho de Paulo Tonucci, conheci falar sobre Paulo Tonucci, né?! Porque a Jane Vasconcelos, que era vereadora, e tinha outros vereadores desse grupo, era um grupo de vereadores muito atuante do PC do B. Então a gente começou a ouvir falar nesse cara, nesse padre revolucionário, esse cara diferente, que já tinha feito um trabalho lá no Marotinho contra uma empresa, família Schindler, uma coisa mais ou menos assim. (...) Então a partir deste momento começamos a saber quem era esse cara. Eu não tinha nenhum envolvimento diretamente com

⁴⁰ MISEREOR: Obra episcopal da Igreja Católica da Alemanha que auxilia projetos sociais desenvolvidos na África, América Latina e Ásia. Disponível em: <<http://www.misereor.org/pt/about-us.html>> Acesso em 14 de outubro de 2015.

a Igreja aqui. Apesar de ter passado uma temporada no seminário lá em Vitória da Conquista. (...) Mas não conhecia ele, ouvia falar do trabalho dele. Porque as relações na época era diferente das de hoje. Como você não tinha muito telefone, as pessoas se comunicavam com muita facilidade, se falava muito sobre esse cara. Tinha ele, tinha outro - Padre Renzo. (...) Tinha outros padres na Arquidiocese, que Dom Avelar era uma figura que você não sabia definir se ele era esquerda ou se ele era um cara... mas era uma pessoa assim que sempre dava apoio a todo movimento. (Gilmar de Azevedo Santos, entrevista realizada no dia 28/09/2013)

O comentário de Gilmar Santos chama atenção pelo fato do trabalho de Paulo em Fazenda Grande ser mencionado entre militantes, destacando que Gilmar nesta época era militante do PC do B. Segundo ele, Paulo era visto como um padre revolucionário, um padre diferente, e o caso do Movimento da Baixa do Marotinho estava associado ao seu trabalho no bairro. Além de Paulo, ele cita também Renzo Rossi como atuante. Não há como saber se essa associação entre Paulo e o Marotinho tenha sido decorrência dos comentários dos militantes, ou foi decorrência do contato que Gilmar teve com Paulo e colegas de trabalho na CJP. O que se pode dizer é que Gilmar Santos associa o movimento contra a carestia, a greve de ônibus, a manifestação do Quebra-quebra – que aconteceu em 1981 – ao momento em que ele ouviu falar de Paulo. Esta associação se dá pela atuação de Paulo numa época marcada por formações de associações de bairros, de articulações de movimentos sociais juntamente com partidos políticos que saíram da clandestinidade, após o fim do bipartidarismo em 1979, fazendo parte do cenário político nacional. Além da atuação de Paulo junto ao Trabalho Conjunto, que marcou presença nos acontecimentos prévios ao Quebra-quebra (Edemir Brasil Ferreira, 2009).

Após esse comentário, ele descreveu Paulo e o retrata como um homem sereno, que não se exaltava; se vestia de maneira simples: usava sandália franciscana, com uma bolsa do lado, repleta de livros. E, segundo Gilmar, ele era sempre atencioso.

Ele era um cara que me surpreendeu quando eu conheci, pelo trabalho que ele já desenvolvia, pela força do trabalho que ele já vinha desenvolvendo e a forma como ele dava com esses bairros mais difíceis, da periferia. Eu achava que fosse encontrar um cara que fosse – “Vamos chutar o pau da barraca”. Não, ele era diferente. Ele era o cara que fazia a guerra com a palavra da paz. (Gilmar de Azevedo Santos, entrevista realizada no dia 28/09/2013)

Gilmar se surpreendeu ao conhecer Paulo e sua simplicidade, ao se deparar com a força do seu trabalho, principalmente nas comunidades mais carentes. O interessante da sua fala é que ele retrata Paulo como o homem que fazia a guerra cultivando a palavra da

paz. Ele ainda acrescentou que Paulo era duro quando era preciso e não se refutava em dizer o que pensava.

Gilmar, assim como Bajinha e Lêda, também descreve Paulo como um conselheiro dentro da CJP, destacando a participação e presença nas reuniões toda semana, assim como principal interlocutor com D. Avelar e ainda como arrecadador de fundos para CJP, reafirmando o que Bajinha e Lêda já haviam dito.

Ao final da entrevista, ele evidencia o acolhimento, o companheirismo e desprendimento de Paulo, assim como o tratamento igualitário sem distinção. A sua recordação era a capacidade de Paulo em ser tranquilo sem ser passivo, atuante e duro quando era preciso sem perder a serenidade que fazia parte da sua personalidade.

Militantes políticos que moraram em Fazenda Grande.

Foram entrevistados também dois militantes políticos que trabalharam na Escola 1º de Maio e moraram em Fazenda Grande: Elizabeth Maria Souto Wagner, mais conhecida como Beth Wagner, e seu então marido Jaques Wagner. Ambos eram militantes do PC do B e depois foram ao PT. Por volta de 1974 a 1975, eles se mudaram para Fazenda Grande onde conheceram Tonucci.

Beth Wagner iniciou sua entrevista relatando que estava sofrendo perseguição da ditadura e por causa disso saiu do Rio de Janeiro acompanhada de Wagner e outro militante chamado Agenor. Do Rio foram para Belo Horizonte na esperança que as coisas se acalmassem para retornarem ao Rio. Depois de certo tempo, viram que não seria possível e decidiram sair de Minas e ir para São Paulo para trabalharem como operários para sair daquela situação de aparelho⁴¹.

Essa escolha tinha como intuito reencontrar algum contato com o partido e com a militância política. Em 1974, decidiram vir para Bahia mesmo sem conhecer ninguém e, por conta disto, não fizeram contato com nenhum ambiente político inicialmente. Ela relata que foi através de sua irmã, do padre Hugo Paiva e dom Adriano Hypólito⁴² da Igreja em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, que conseguiram contato com padre Andrés do Centro de Ação Social - CEAS e através dele que contataram padre Paulo Tonucci e Renzo Rossi

⁴¹ Aparelho: local – apartamento ou casa – usado como refúgio por uma “célula” (grupo de ativistas) de organização política clandestina. Era o espaço onde se realizava reuniões, guardava materiais de divulgação política, dinheiro e armas.

⁴² Dom Adriano Hypólito (1918-1996) foi bispo auxiliar de Salvador (1963-1966) e depois bispo diocesano de Nova Iguaçu (1966-1994).

Dali do Bairro Soledade nós decidimos nos mudar para Fazenda Grande, exatamente por conta desse contato com padre Paulo. Aí mudamos para Fazenda Grande e passamos a ter uma ação política junto com... Porque esses movimentos da Igreja, aqui, naquele momento, era, eu diria praticamente, a alternativa naquele momento de ditadura militar. Porque os partidos estavam todos proibidos, todo mundo perseguido, grande parte presa. Onde se podia ter militância política? Com a Igreja, ela era o grande desaguadouro para quem quisesse ter uma militância política. E o trabalho que faziam era um trabalho impressionante de base, porque era um trabalho enraizado nas comunidades. Não era... Era Teologia da Libertação mesmo que orientava todo o trabalho daqueles padres, todos eles – padre Sérgio, padre Renzo. Conhecíamos todos eles, porque eles estavam ali pertinho, eles eram de São Caetano, era tudo muito próximo. (Beth Wagner, entrevista realizada no dia 21/11/2013)

Ela comentou sobre a importância dos trabalhos de base da Igreja como um dos poucos ambientes políticos que ainda podia-se conviver principalmente para quem tinha interesse em fazer militância política. Ela enfatizou o trabalho conjunto dos padres Paulo, Renzo e Sérgio, todos atuando tendo a TdL como o norte. Depois ela comenta sobre a Escola 1º de Maio.

Eu lembro que eu dei algumas aulas de matemática, Wagner deu algumas aulas, mas na área técnica mesmo, porque ele já estava trabalhando como operário. Foram formações técnicas que tinham ali e de alfabetização também. Várias ofertas de formação ali mesmo. (...) Ali tinha muita reunião política, de organização, reuniões de tudo. (Beth Wagner, entrevista realizada no dia 21/11/2013)

Ela e Wagner colaboraram com a Escola 1º de maio. No entanto, ela frisa que ali não era apenas um ambiente de ensino técnico-escolar, mas também um ambiente de realização de reuniões políticas, de movimentos tanto da Igreja como também de outros movimentos.

A Escola 1º de Maio era um centro que se rodava material de tudo quanto é lugar. Era um centro de difusão da luta contra a ditadura, sem dúvida nenhuma era. (Beth Wagner, entrevista realizada no dia 21/11/2013)

Ela comenta que a Escola era uma espécie de gráfica clandestina onde se rodava os materiais dos movimentos políticos considerados pela ditadura militar como subversivos. Não é por acaso que as ações de Paulo, Renzo e também Sérgio chamavam a atenção dos órgãos de informação como a Secretaria de Segurança Pública, como foi citado por Marivalda. E também não é por acaso que Gilmar Santos já tinha ouvido falar, através dos militantes do PC do B, sobre o trabalho de Paulo em Fazenda Grande.

Ela comentou também sobre a importância desses espaços de discussões criados pela Igreja nesses trabalhos de base, sendo como uma alternativa aos ambientes de aparelho.

A Igreja foi um ponto de apoio pra todos nós: o CEAS, o D. Timóteo, o padre Paulo. Paulo era um libertário, a abdicação dele... A gente discutia sobre tudo, tinha debate sobre o teor daqueles quadrinhos que o Paulo fazia. A gente discutia o teor daqueles quadrinhos. A gente participava da elaboração, claro que ele desenhava, ele tinha todo talento pra aquilo ali. Mas todos nós participávamos, qual seria a temática, qual o conteúdo a ser colocado. Tudo isso era discutido, foram grandes centros de debates políticos, pra todo mundo, não era só para comunidade popular que tinha ali. Era todo mundo que não tinha onde fazer política e vinha fazer política nesses ambientes. (...) Naturalmente esse ambiente realmente se tornou uma referência para quem militava clandestinamente. Se tornou um ambiente que você podia discutir publicamente, manifestar sua opinião, trocar ideias com o outro sem estar num aparelho – como as pessoas se referiam àqueles locais clandestinos onde havia as reuniões. Então ali (nas reuniões organizadas pela Igreja) você estava exposto, num lugar de circulação mesmo. (Beth Wagner, entrevista realizada no dia 21/11/2013)

Ao longo da entrevista, ela enfatizou a importância dessa conexão criada pela Igreja, a comunidade e os militantes de organizações de esquerdas. Ela apontou que a sua situação, a de Wagner e de Agenor era tentar se reintroduzir na luta política. Esse processo de se inserirem nas atividades das comunidades de base da Igreja foi muito importante por ter sido um espaço de discussões, de ideias para reencontrarem outros militantes, buscarem outros caminhos alternativos de resistência e luta política à repressão e à ditadura.

Nessa fala, ela comenta também sobre o processo de criação dos quadrinhos feitos por Paulo, sobre as discussões temáticas, qual conteúdo deveria ser abordado. De acordo com Beth Wagner, os temas eram debatidos e decididos coletivamente para, depois, Paulo colocá-los em linguagem quadrinística. Não se sabe se essas participações coletivas foram em todos os quadrinhos, no entanto não se pode descartar que talvez tenham havido discussões sobre quais temas poderiam ser contemplados nos diversos quadrinhos feitos por Paulo. Um exemplo disso foi a colaboração de Ubiratan de Castro de Araújo⁴³ na discussão temática sobre a HQ “História do Brasil” feita por Paulo, segundo Délia Bonisegna.

Assim como os outros entrevistados citados anteriormente, Beth Wagner fala sobre a aproximação de Paulo com os jovens.

⁴³ Ubiratan de Castro de Araújo (1948-2013) era doutor em História e professor da Universidade Federal da Bahia.

Ele (Paulo) tinha aproximação imensa com a juventude, ele fazia grupos de jovens ali na Igreja Vila Natal. Tinha vários grupos de jovens. E essas pessoas foram lançadas na vida posteriormente com algum nível, muitas da que eu conheço, com comprometimento social, político. De alguma forma, mesmo que seja mais ou menos, tinha de fato isso. (Beth Wagner, entrevista realizada no dia 21/11/2013)

Ela acrescenta que esses grupos de certo modo colaboraram para o envolvimento social e político destes jovens ao longo de suas vidas. Ela recorda das reuniões que aconteciam no centro paroquial do bairro de Escada⁴⁴.

Aquele centro de Escada era ocupado fim de semana não só por seminários pra discutir determinadas temáticas e ações que seriam feitas, por exemplo, organizar a luta em que estávamos envolvidos. Eram umas coisas muito alegres também: tinha feijoada, sarapatel, cerveja. Era um negócio muito agregador do ponto de vista humano de pertencimento. As pessoas se sentiam numa ágora, num ambiente comum ali. (Beth Wagner, entrevista realizada no dia 21/11/2013)

Não havia apenas a interação para discussões sobre a luta política ou sobre as atividades que deveriam ser realizadas, havia a preocupação em se construir um ambiente de pertencimentos de interação, de ludicidade. Ela relembra que a Escola 1º de Maio, além de ser um espaço de formação ou de reuniões de organização, era também de atividades culturais onde se realizava capoeira, maculelê, apresentação de teatro.

Beth Wagner comenta também sobre o caráter jovial, libertário e também firme de Paulo.

Paulo ainda por cima era uma pessoa afetiva. Isso que você pega da juventude (Paulo), era uma pessoa afetiva, além de libertário, ele não era um cara dogmático. Ele era muito aberto, por isso que ele transitava com muita gente, mas ao mesmo tempo era muito firme. Ele não era uma pessoa de, por exemplo, conciliações com coisas que ele achava que eram inegociáveis. Então ele teve uma posição muito firme naquele período. (Beth Wagner, entrevista realizada no dia 21/11/2013)

Novamente são citadas essas características de firmeza, de opiniões firmes, mas ao mesmo tempo a capacidade de interação com diferentes pessoas. Ela finaliza sua entrevista comentando uma característica de Paulo e o que recorda dele.

Característica de Paulo é esse espírito de luta, de comprometimento público e recheado de tudo isso que eu falei: de generosidade, de capacidade de acolher opiniões das pessoas e uma alegria. Paulo era uma pessoa que contaminava pela alegria. Ele era realmente uma liderança, um motivador, um agregador e com firmeza. O acolhimento dele com a

⁴⁴ Havia também encontros realizados na Paróquia de Escada, por isso ela recorda desses seminários.

gente nos abriu tanto espaço. Isso é o que mais me lembro dele. (Beth Wagner, entrevista realizada no dia 21/11/2013)

Ela fecha sua entrevista valorizando a capacidade de liderança de Paulo e a acolhida que ele e outros padres tiveram com eles.

Após a entrevista com Beth Wagner, foi realizado um encontro de vinte minutos com então governador da Bahia Jaques Wagner. Por problemas técnicos, a entrevista não pôde ser gravada, mas foi registrada em próprio punho os pontos principais citados pelo então governador. Pensou-se em solicitar uma nova data para realização da entrevista por conta da falha do instrumento de gravação, mas como a agenda do governador era muito cheia e com grande dificuldade de rearranjar espaço, achou-se mais prudente dar continuidade a entrevista e registrar manualmente as informações fornecidas pelo governador Wagner no dia três de janeiro de 2014.



Figura 61: Registro fotográfico da entrevista realizada com Jaques Wagner no dia 03/01/2014.

Jaques Wagner relatou que chegou a Bahia em 1974, saiu do Rio de Janeiro, por estar sofrendo perseguição política, foi para Belo Horizonte e de lá foi para São Paulo e, depois, seguiu para Salvador tentar emprego no Polo Petroquímico. Diferente de Beth Wagner, Jaques Wagner disse que sua ida para Fazenda Grande foi sem nenhuma

referência de Paulo Tonucci, e reitera que o contato com o CEAS e o movimento de esquerda contra a ditadura se deu através de Tonucci. Ele deixou explícito que a sua vinda para a Bahia não tinha o intuito de buscar nenhuma retomada com organizações clandestinas, ele estava pensando mais nos movimentos de massa.

O fato de Jaques Wagner não apontar uma interlocução de terceiros que os incentivou a ir para Fazenda Grande pode até ser considerada. Pode-se suscitar que houve uma coincidência no encontro dele com Tonucci em Fazenda Grande e diante disto ocasionou a extensão de contatos com CEAS e outros militantes. No entanto, a interlocução entre a irmã de Beth Wagner com padre Hugo Paiva e o bispo dom Adriano Hypólito, como já foi citado, seja a possibilidade mais verossímil. Isto porque a participação do bispo Hypólito torna-se mais peculiar, afinal ele não só foi ordenado como também, durante os anos de 1963 a 1966, ele foi bispo auxiliar de Salvador. O que justifica o contato com Andrés do CEAS para, posteriormente, estender os contatos a Paulo, Renzo e Sérgio por exemplo. Salientando também que a atuação de Hypólito foi marcada pelo combate às injustiças sociais, se tornando um crítico ao governo militar, e, por consequência, ele sofreu perseguições, sendo sequestrado, torturado em 1976 e tendo seu carro bombardeado no ano de 1979⁴⁵.

Frisando que a versão de Beth Wagner não se torna mais plausível apenas pelo histórico de luta de Hypólito, mas também pelo relato em entrevista de um amigo de Paulo, Mário Bartoletti, onde ele conta ter presenciado alguns encontros entre Tonucci e algumas pessoas no Rio de Janeiro. Esta entrevista será vista mais adiante. Mas já se pode deduzir que havia ligações entre grupos religiosos da Bahia com o do Rio de Janeiro, o que justifica a intermediação entre membros da paróquia de Nova Iguaçu com membros do CEAS. De qualquer modo Jaques Wagner, assim como Beth Wagner, frisa que a experiência em Fazenda Grande e com Paulo Tonucci foi como uma ponte entre ele e os movimentos contra a ditadura militar.

Retornando a entrevista de Jaques Wagner, ele recordou também que chegou a dar aula na Escola 1º de Maio. Depois de um certo tempo ele e Beth Wagner se mudaram para o subúrbio ferroviário onde continuaram tendo contato com as comunidades eclesiais de base junto a outros padres. Após alguns anos ele voltou a encontrar Paulo já em Camaçari,

⁴⁵ Informações sobre Adriano Hypólito. Disponível: <<http://www.nytimes.com/1996/08/13/world/bishop-adriano-hypolito-78-ally-of-brazil-s-poor-is-dead.html>> ou <<http://advivo.com.br/blog/louzada/homenagem-a-dom-adriano-hypolito>> Acesso em 20 de outubro de 2015.

chegaram a trabalhar juntos na greve de 1985, quando Tonucci ofereceu a casa paroquial para reunião dos grevistas do Polo Petroquímico.

Após o fim do bipartidarismo e com o processo de transição para redemocratização, segundo Jaques Wagner, cada organização política e militantes autônomos começaram a tomar seu rumo. Ele coloca que foi como um destampar da panela de pressão, cada um foi seguir seus projetos políticos, muitos saíram do guarda-chuva da Igreja para fazer movimento político e talvez partidário.

Foi solicitado que citasse alguma característica marcante de Paulo, Jaques Wagner o definiu como um homem coerente, honesto, intelectual, corajoso fisicamente por conta da doença, apresentando desprendimento. E finaliza o colocando como solidário, mas sem um caráter paternalista, e sim, um formador de pessoas – “Estou do seu lado, mas cada um tem seu caminho.”.

Nota-se que Paulo não apenas refletia a TdL, como tentava colocar em prática no seu dia a dia elementos como o envolvimento com a comunidade, estimulando esta para ser engajada e autônoma. Outra característica pontuada nas falas das moradoras de Fazenda Grande era simplicidade de Paulo, o que de certa maneira provocava admiração não só delas como os colegas de trabalho da CJP como também por parte de Beth Wagner.

O trabalho de Paulo em acolher os perseguidos políticos foi muito importante não só por conta da solidariedade, mas também por incentivar o envolvimento destes em atividades da comunidade como, por exemplo a participação na associação de bairro ou na colaboração dentro da escola 1º de maio.

Como bem destacaram Lêda Lessa e Bajinha, Paulo desempenhou um importante papel de conexão entre diferentes grupos, fazendo com que através deste elo projetos como a escola profissionalizante ou a consolidação da CJP desempenhassem papéis importantes na organização dos movimentos populares e ao mesmo tempo estimulou a comunidade de Fazenda Grande a buscar melhoria na formação profissional. Ou seja, o projeto político de Paulo não era só de resistência a ditadura, mas, principalmente, de transformação social.

CAPÍTULO VI

BRASIL E ITÁLIA: ENTRE AMIGOS

Foram feitas entrevistas com amigos de Paulo, alguns ele conheceu no Brasil e outros ele já tinha cultivado amizade na Itália. As entrevistas foram bastantes frutíferas, cada um relatou suas recordações pessoais, além disso, eles manifestaram satisfação ao saber da pesquisa a respeito de Paulo.

Os amigos comentaram sobre situações arriscadas que Paulo vivenciou ou que ele tinha pedido auxílio. Já outros destacaram o comprometimento dele com a comunidade e com a luta social. Os amigos sejam os do Brasil, ou os da Itália, destacavam o olhar político atrelado ao social-religioso, fora a simplicidade como outro ponto de destaque.

Nas entrevistas realizadas, muitos amigos relatam sobre Paulo como um homem comum sem grande diferença. E alguns chegaram a enfatizar que ele quebrava essa representação de sacerdote pleno de seriedade, que ele era um homem de contar piadas, de fazer sua sesta depois do almoço, de apreciar uma boa aguardente sem receios por ser um padre.

A escolha destes amigos foi muito em função das indicações de Délia Bonisegna, do mesmo modo como foi citado no capítulo anterior (capítulo V). Dentre os amigos do Brasil foram arrolados os sacerdotes que trabalharam com Paulo em Fazenda Grande e os amigos que o acompanharam em projetos e trabalhos. Já os amigos da Itália, todos foram indicados por Délia, por ela ser o principal canal de contato na Itália, excluindo os irmãos e primos de Paulo. Ela indicou os amigos mais próximos de Paulo e também forneceu os contatos deles. Diante disso decidiu-se dividir estes amigos em dois blocos:

- Amigos do Brasil que colaboraram com as ações de Paulo;
- Amigos e parentes da Itália que acompanharam e colaboraram com as ações de Paulo no Brasil.

A divisão ocorreu deste modo, pelo fato de se acreditar que a distância espacial incidiu sobre os diferentes modos como estes amigos visualizavam Paulo. Destes dois blocos serão apresentados os seguintes amigos:

Amigos do Brasil - Renzo Rossi; - Sérgio Merlini; - Gianni Boscolo; - Gino Taparelli; - Teresa Dantas de Menezes; - Délia Bonisegna;

Amigos da Itália - Mário Bartoletti; - Nembo Cassano; - Giovanni Tonucci; Francesco Tonucci.

AMIGOS DO BRASIL

Ao longo dos quase trinta anos que Paulo morou no Brasil, ele fez muitos amigos, muitos brasileiros e outros europeus, muitos deles, inclusive, italianos. Um deles foi padre Renzo Rossi, que, aliás, partiram junto da Itália a caminho do Brasil, mas vieram se conhecer realmente ao longo dos anos na Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe. Além de Renzo, será citado o padre Sérgio Merlini, o professor Gianni Boscolo, o professor Gino Taparelli, além da professora Teresa Dantas e, por fim, sua grande amiga, companheira de vida, Délia Bonisegna. Muitos outros poderiam ser citados, mas achou-se mais prudente se deter em alguns que conviveram com Paulo em diferentes períodos e situações para que as informações não se repetissem.

Padre Renzo Rossi abre esse tópico, não só porque foi um dos primeiros que esteve ao lado de Paulo desde a sua chegada ao Brasil, mas por expressar a todo momento de sua entrevista uma grande admiração e respeito a Paulo. Respeito como sacerdote e grande admiração pela sua personalidade, que, por sinal, ele várias vezes frisou que era muito diversa da sua. “Depois a gente se tornou amigo. Mesmo tendo um temperamento totalmente diferente, até como ideia. Mas o que nos unia era a sinceridade, o relacionamento humano, carinhoso, o desejo de servir os pobres.” (Renzo Rossi, entrevista realizada no dia 28/08/2012)

Ambos chegaram junto ao Brasil pelo navio Frederico Compagnia. Renzo relata que Paulo inicialmente tinha sido escolhido para ir à Argentina, mas não era muito do seu agrado. Como Brasil estava sendo muito mais comentado internacionalmente, Paulo, então, solicitou às autoridades eclesiais para ser encaminhado ao país, e, segundo Renzo, pediu também para acompanhá-lo.

Ele afirma que Paulo tinha uma visão mais aberta que a sua.

A visão inicial, a de Paulo era muito mais aberta que a minha. Eu tinha 40 anos. Eu tinha experiência no meio operário como padre. (...) Foi uma experiência belíssima que me ajudou a pensar no Brasil. Paulo sendo jovem foi uma presa logo, não tinha um passado de padre, dois anos apenas numa paróquia normal. Ele foi pego mais fortemente, um pouco por temperamento, um pouco porque era jovem. Como queria mudar o mundo de um dia para o outro. Ele tinha um pouco de exaltação, no sentido positivo, de enfrentar diretamente os problemas. Eu pensava num sentido mais calmo, no temperamento não, ele era mais calmo que o meu

temperamento. Mas eu pensava que devagar mudava a realidade deste mundo. (Renzo Rossi, entrevista realizada no dia 28/08/2012)

Renzo enfatizou que o fato de Paulo ter chegado muito jovem, com pouca experiência paroquial – Paulo foi vice pároco na diocese de Fano por dois anos depois partiu para o Brasil. Tudo isso foi terreno fértil para que Tonucci tivesse mais entusiasmo para enfrentar os problemas ao contrário dele, que já era um padre mais maduro, que havia uma experiência operária que o tinha feito pensar e agir de maneira mais comedida em relação a perspectiva de transformação. Em outro momento, Renzo comenta que ele teve uma formação mais tradicionalista, enquanto Paulo ao chegar ao Brasil já tinha uma visão mais avançada.

Ao chegarmos aqui, Paulo já era muito avançado na visão. Entrou aqui se mergulhando totalmente na visão do povo e colocando ao lado do povo, mas procurando ser ele mesmo um do povo. (Renzo Rossi, entrevista realizada no dia 28/08/2012)

Renzo comentou também sobre o caráter propositivo de Paulo:

Ele qualquer coisa realizava logo, ia visitar as famílias, os bairros. Ele tinha aquela juventude, aquela vitalidade, o homem que não podia ficar parado esperando que as coisas possam melhorar. Forçar a aurora nascer, no sentido bíblico – criar no povo o desejo de uma liberdade. (...) O povo não podia ficar refém diante da pobreza, mas enfrentar e lutar por um mundo melhor. (Renzo Rossi, 28/08/2012)

Os diversos encontros que tiveram com Dom Hélder Câmara foram muito importante para formação deles, e principalmente a de Paulo. Estes encontros catalisaram o aspecto de iniciativa que Paulo tinha. Foram nesses encontros que ambos passaram a compreender que o povo deveria ser autor do seu próprio caminho e que a eles não deveriam se enxergar como os libertadores. Diante disso, Renzo explica as três etapas dos missionários imbuídos na Teologia da Libertação, etapas estas que Paulo também vivenciou ao longo da sua vivência com o povo.

1º Passo – Nós ajudamos o povo a fazer sua caminhada;

2º Passo – Fazemos juntos a caminhada;

3º Passo – O povo assume plenamente e nós vamos atrás dele e nos dizem o que devemos fazer. (Renzo Rossi, entrevista realizada no dia 28/08/2012)

Renzo colocou que Paulo foi passando por essas etapas e foi amadurecendo o seu modo de ver e agir perante o povo.

Ele sempre preferiu viver no meio do povo, mesmo que tivesse uma casa pequena. “Eu quero viver no meio do povo. No relacionamento direto, no dia a dia posso compreender melhor o povo.” (fala de Paulo) (...) Então, eu era contrário que viesse (a vinda de Paulo para Fazenda Grande), porque Paulo era muito importante. Havia chegado Pe. Sérgio Merlini (na Paróquia) (...), deu a possibilidade a padre Paulo de sair da comunidade, embora eu quisesse que todos ficassem unidos. Porém compreendia Paulo que queria ficar no meio do povo. Fazenda Grande era muito longe. (...) Ele viveu numa casa de taipa. (...) Ele construiu uma capela pequena, a imagem da vida do povo. (Renzo Rossi, entrevista realizada no dia 28/08/2012)

De acordo com Renzo, Paulo fez questão de ir morar em Fazenda Grande, pois estaria mais próximo do povo e vivendo como este. Era o modo de fazer a caminhada junto ao povo, conhecendo o seu dia a dia. Por isso a escolha em fazer as refeições com as famílias da comunidade e de realizar junto com a comunidade a primeira base da Igreja Vila Natal de taipa. Renzo enfatizou que o trabalho de Paulo era muito importante.

A atividade de Paulo não influenciava apenas sua área, mas se estendia a nossa área (a Paróquia era dividida entre Paulo, Renzo e Sérgio). Embora, Paulo tinha mais capacidade de dominar a situação, era um pouco o ideal para nós. Ele tinha uma ideia mais clara como fazer como o povo assumisse a sua própria responsabilidade. Eu mais passivo, apoiava, mas não tinha capacidade de inventar as coisas. Sérgio ao invés, naquela época, Paulo com todas as virtudes dele não era fácil. Ele que mandava, decidia as coisas. Decidia de modo inteligente, tá certo. Mas as vezes houve briga porque ele queria uma coisa e achavam que não era certa. Mas ele tinha uma capacidade de um homem que não fica parado. Na realidade do dia a dia, um olhar sempre para frente. (Renzo Ross, entrevista realizada no dia 28/08/2012)

Renzo relatou que as ideias de Paulo tinham grande influência no grupo, mas não era sempre pacífico. Havia brigas, às vezes Sérgio Merlini e Paulo se desentendiam, porque, segundo Renzo, Paulo tomava as decisões que não eram de comum acordo.

Uma das suas ideias era de não construir Igrejas, mas formar pequenos grupos de atuação nas diversas comunidades.

Paulo celebrava missa numa família, na Fonte do Capim, porque não tinha Igreja (na comunidade). Depois no Calafate foi a mesma coisa, não tinha Igreja. Ele não se preocupava com o povo de construir uma Igreja. Ele fazia encontros dentro de uma casa. A sua escolha não era de massa, era de grupos. Não era um padre aberto a todo mundo, abraçando a todos, não. Abraçava pequenos grupos, porque ele assumisse pouca responsabilidade. (Renzo Rossi, entrevista realizada no dia 28/08/2012)

Renzo argumenta que era uma forma que Paulo optava em distribuir tarefas entre os membros da comunidade. No entanto, Renzo achava complicado, porque às vezes era

necessário ter um espaço de encontro e a Igreja funcionava neste sentido, mas como Paulo não tinha esse foco, as reuniões aconteciam nas casas.

Ele comentou também da relação de dele e de Paulo com membros que pertenceram a Ação Popular - AP e depois foram para o PC do B.

Em 1966, se refugiou uma pessoa procurada pela polícia, que pertencia a AP e logo depois foi para o PC do B. A diferença de posição: Paulo não se preocupava da ideologia das pessoas, eu me preocupava um pouco mais, da parte religiosa, no sentido de dar um sinal da fé. Ele olhava mais o aspecto social: descobri nas pessoas a capacidade de trabalhar para um mundo melhor, um mundo mais justo. E por isso ele se encontrou muito com pessoas, mas não como grupo, mas como pessoas individualmente. (Renzo Rossi, entrevista realizada no dia 28/08/2012)

Ele enfatiza que Paulo se relacionava com os militantes não como membros de um grupo político, mas como pessoas individuais. Ou seja, o foco não estava na sua ideologia em si, mas no seu propósito em trabalhar para promoção de maior liberdade no mundo. Renzo inclusive destaca que Paulo tinha algumas críticas a algumas políticas partidárias. “O povo deve conquistar ele mesmo. Então ele criticava os responsáveis comunistas, porque pensava que eles resolveriam os problemas. Não, o povo mesmo deve resolver os problemas.” (Renzo Rossi, entrevista realizada no dia 28/08/2012).

Renzo apontava que Paulo discordava dessa lógica muito presente entre as organizações políticas, onde a vanguarda detinha a solução e guiaria o povo. Apesar dessa visão divergente, segundo Renzo, militantes, inclusive da AP, tiveram grande influência nas leituras de Paulo.

O grupo Ação Popular, nós tínhamos contato, fazia reunião na nossa casa. (...) Então o primeiro contato com materiais de leitura foi com a AP, depois passou a ter contatos com pessoas do PC do B. (...) Deram a ele instrumento de leitura. Eu, pelo meu temperamento, fiz menos essa leitura. Definitivamente, não por uma escolha que podia se dizer que Pe. Paulo era comunista. Não. Absolutamente não. Porém, ele aceitava o modo de raciocinar. A vivência no meio do povo, ele escutava muito as pessoas. (Renzo Rossi, entrevista realizada no dia 28/08/2012)

Para Renzo, Paulo se identificava com o modo de raciocinar sobre o social, encontrando convergências nas leituras marxistas e suas análises sobre a realidade da população mais pobre. No entanto, Renzo afirma que isso não o enquadrava como um comunista. Pode-se dizer então que era um simpatizante de um pensamento considerado, na época, como de esquerda, ou seja, um homem de esquerda. Renzo, ao longo de sua entrevista, expõe que Paulo era muito preocupado com o povo pobre.

Paulo começou devagar, devagar, com sua visão mais aberta, não de propaganda política, no sentido partidário, mas de uma Igreja que se entrosava totalmente na vida do povo. No problema da pobreza, da solidão, da falta de estradas, da falta d'água, da falta de luz, da falta de casa. Não vivia só, não. Vamos lutar com ele para uma sociedade melhor, por um compromisso maior por parte do governo ou das pessoas. Não fazer com que o povo mesmo não estivesse esperando a ajuda do alto, mas por ele mesmo a querer um direito para essas coisas de bem, necessária - comida, trabalho, que o povo tem. Não é ir ao encontro deles materialmente, mas trabalhar com eles para fazer uma assistência justa. (Renzo Rossi, entrevista realizada no dia 28/08/2012)

Neste momento, Renzo enfocou o olhar social de Paulo. No entanto, ele ressaltou também que este olhar colaborava para ver a Igreja e desenvolver o seu trabalho dentro dela de outro modo. “Padre Paulo sempre teve uma ideia de que a religião tem um valor não apenas para própria fé, para rezar, mas ter um modo para animar o povo. Uma Igreja voltada para o povo e não um povo voltado para Igreja.” (Renzo Rossi, entrevista realizada no dia 28/08/2012).

A visão de uma Igreja a serviço do povo e, portanto, a serviço do seu desenvolvimento social também e não apenas religioso. Por isso então que Paulo era envolvido em várias atividades seja dentro da paróquia ou fora dela, coordenando cursos para os jovens, escola profissionalizante, participando de grupos religiosos que discutiam a realidade política da época. Como já foi dito por outros entrevistados, essa postura de atuar em diferentes *fronts* chamou atenção. Renzo relata a vigilância e as censuras que vivenciavam.

Quando Padre Paulo começou esse compromisso mais com o povo, vinha a polícia a missa aos domingos para ouvir o que nós dizíamos. (...) Fazíamos um panfleto com todo nosso programa, éramos obrigados, um período, a mandar a polícia o texto antes de rodar. E tinha gente que vinha nos escutar o que dizia na Igreja, porque éramos olhados pela polícia. Mas eles não tinham nas mãos elementos concretos para nos prender, mas ameaças de expulsão vieram várias vezes. “Se continuar assim será expulso.” Eu que visitava os presos políticos, Paulo pelo outro lado do grupo era o “chefe político” do nosso grupo. (Renzo Rossi, 28/08/2012)

Assim como Marivalda havia comentado, Renzo também diz sobre a presença da polícia nas missas e que, muitas vezes, não dava para identificar quem era. Ele cita sobre as ameaças de expulsão, mas sem uma real efetivação. Renzo indica que Paulo era considerado o “chefe político” do grupo pelo fato dele estar à frente de diversas tarefas e pensando em novas atividades a serem feitas. No Movimento da Baixa do Marotinho, por

exemplo, Paulo sempre que podia estava na ocupação, fazia o “Diário do Marotinho” e estava sempre presente nas tentativas de negociação com a prefeitura. Após a conquista de lotes no Novo Marotinho, Paulo ainda continuou a frequentar o bairro que era numa outra localidade da cidade, muito distante da paróquia Nossa Senhora de Guadalupe.

Renzo também citou a participação deles no Grupo Moisés, afirmando que este espaço foi muito importante para as discussões tanto políticas, como religiosas, e, também para a sensibilização do clero considerado ainda muito atrasado.

Quando questionado sobre qual motivo Paulo resolveu ir para Camaçari, ele diz o seguinte:

Ele vivia no meio do povo pobre, mas no meio do povo pobre que tinha maior dificuldade de assumir o próprio controle. Para ter uma ideia global sobre a necessidade do povo de viver uma mudança no mundo e na vida do povo, ele precisava da experiência no meio operário, que na paróquia não tinha. Então ele tinha necessidade de completar a sua presença no meio dos pobres. Sair da nossa paróquia e ir para Camaçari. (Renzo Rossi, 28/08/2012)

Então diante disto, Renzo colocou que a busca por Camaçari era com o intuito de Paulo viver uma experiência operária, ter contato mais próximo com grupos de trabalhadores organizados. Na perspectiva de desenvolver uma visão mais ampla sobre as necessidades da população mais pobre e seus diferentes meios de organização e atuação frente ao aspecto de mudança do mundo e da vida das pessoas. Ele finaliza dizendo sobre as escolhas de Paulo e o modo como ele via o relacionamento com o povo e os partidos.

A minha escolha foi de visitar os presos (...) Padre Paulo não, ele foi de estar com o povo para que este saiba caminhar sozinho. Para ele era por natureza, não contra os partidos, mas duvidava que através dos partidos querem mandar. Deve ser o povo a mandar e não símbolo ou várias pessoas que nos ajuda. Relacionamento com ele tinha, mas a título pessoal, não a título de grupo, nunca se relacionava com partidos nem nada. Aliás, se brigava com aquele que entrava nesse assunto. Gente com o povo que ajuda o povo a crescer. Se o povo resolver se juntar ao partido era problema deles, não era problema nosso. Paulo era sempre contrário a esses grupos que domina os outros, que seja religioso, ou que seja político. (Renzo Rossi, 28/08/2012)

Renzo novamente enfatiza sobre a relação pessoal que Paulo tinha com os militantes políticos, mas também complementa que ele rejeitava essa lógica vanguardista. Ao mesmo tempo coloca que a escolha sobre qual caminho o povo deveria trilhar cabia apenas ao povo e competia aos padres auxiliá-lo a crescer. Desta maneira, Renzo fechou

sua entrevista colocando que a liberdade de escolha do povo era a tônica de Paulo, não cabendo ser dominado pelos grupos religiosos, muito menos políticos.

Sérgio Merlini foi um dos padres que trabalhou na paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, ele veio se juntar a Renzo Rossi e Paulo Tonucci. Como já foi dito, a paróquia era muito grande, então eles dividiram as áreas de atuação, mas tendo sempre reuniões para discutirem sobre os trabalhos, projetos e fazerem reflexões. Nesta divisão Merlini ficou responsável pela área do Alto do Peru.

Os contatos humanos com o povo, justamente, foi a força do nosso trabalho. Você imagina que os padres que tomavam conta da paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, era uma pequena igreja no Alto do Peru, nunca moraram no lugar. Padre Sadoc que era o vigário geral naquele tempo (ultimo vigário antes de Renzo chegar) ficava lá na Liberdade. Quer dizer, o pessoal via esse povo como pessoas quase estranhas. Então, o fato de morar no meio do povo, de ter uma casa mais ou menos como eles, isso foi uma das primeiras conquistas no sentido: esses padres que vêm de longe, brancos, vêm da Europa, com todas as mordomias, com todas as possibilidades, eles vêm morar com a gente, eles são um de nós. (Sérgio Merlini, entrevista realizada no dia 05/03/2014)

Ele enfatizou a importância do trabalho de estar junto da comunidade, ver, escutar o que se passava na comunidade, analisar a situação desta a luz do evangelho e decidir conjuntamente com a comunidade o que fazer concretamente. Merlini comentou que todas as decisões eram realizadas não para o povo, mas a partir deles.

Para Sérgio, o trabalho revolucionário de Paulo foi a popularização dos documentos da Igreja através dos quadrinhos, permitindo a conscientização do povo. A partir disso ele comenta sobre os trabalhos que ele, Renzo e Paulo tinham além da paróquia.

Renzo, Paulo e eu, cada um tinha digamos assim, fora do trabalho da paróquia, o seu setor. Renzo presos políticos, rodou a nível nacional, pra cá e pra lá, etc; Paulo mais com esses grupos políticos clandestinos e etc; e eu mais no trabalho da periferia, Trabalho Conjunto. Todos os três tinham em comum o trabalho pastoral todos os três trabalhando nesses três setores. Na prática nesses três setores, a gente não havia grande comunicação entre nós. Paulo era muito ciumento do trabalho dele por motivos de vigilância e etc, não havia possibilidade. Ele não contava muita coisa. Renzo ao mesmo tempo, mais aberto, mas nem tanto. Quer dizer cada um trabalhando por sua conta. Primeiro Paulo se jogou no Trabalho Conjunto, depois soltou na minha mão e eu continuei até que houve em oitenta a redemocratização. Havia contatos de vez em quando entre nós, por exemplo: através de Renzo chegou uma caixa de cigarro - Você guarde essa, um dia uma pessoa que vem do exterior se apresentará a você, com uma caixinha de cigarro igual, esse é o sinal de que você deve acolher essa pessoa - passaram meses, um dia alguém bateu na

minha porta, sem dizer nada e me mostrou. Aí eu fui buscar o outro, mostrei também, ele me abraçou. Era um Tupamaro, Uruguaio. (...) Havia necessidade de alguém em Salvador para receber uma pessoa perseguida, eu nem quis saber para onde ele ia, o que fazia, ele só precisava de alguém para acolhê-lo, para abrir as portas. Então, esses dois sinais: o abraço, o almoço junto, depois ele me contou alguma coisa de onde ele vinha, o que ele tinha feito – Movimento do Tupamaros. Esse exemplo é só para dizer, além do Brasil havia conexões com perseguidos de outros lugares. (...) As casas paroquiais, o Mosteiro de São Bento, se tornaram lugares de acolhida. Na minha casa no Alto do Peru havia três reuniões de oposições sindicais que estavam lá, o carro da polícia olhando quem entrava, quem saía. Era uma casa aberta, aqui eles podiam. Todas as reuniões perigosas eram feitas lá. Decisões incríveis. (Sérgio Merlini, entrevista realizada no dia 05/03/2014)

Merlini disse que não sabia muito sobre a relação de Paulo com grupos clandestinos, mas sabia que existia. Segundo ele, o próprio Paulo não entrava em detalhes muito por conta de medida de segurança aos grupos clandestinos. Merlini chegou a relatar também que a casa paroquial era aberta para receber pessoas perseguidas ou realizar reuniões que eram consideradas subversivas aos olhos da ditadura. A Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe não só recebeu perseguido político do Uruguai, como também o Paulo Cassis da Ação Popular citado por Marivalda no capítulo anterior. Provavelmente, a paróquia deve ter acolhido muitos outros perseguidos políticos. Além disso, foi espaço de reuniões, articulações e troca de informações. Ou seja, a paróquia foi importante espaço de resistência e formação política em prol do combate à ditadura.

Mas essa opção pelo combate à ditadura teve seu preço - a constante vigilância seja policial ou civil:

Havia pessoas que vigiavam a gente até na igreja, nas homilias. Ao invés de falar diretamente, fazíamos diálogo – deixar o povo falar. Fazia uma pergunta durante a missa. A homilia era mais assim, quando a gente via uma pessoa estranha, porque a gente conhecia todo mundo. (...) A partir daquele momento, o discurso era de outro tipo, quer dizer a gente percebia. Mas a gente era constantemente vigiada, eu lembro que a gente tinha colocado cartazes sobre os direitos humanos, direito a casa, direito ao trabalho, etc, e do outro lado foto com a realidade dos nossos bairros. Chegou uma ordem da polícia militar tirar imediatamente os cartazes. Quer dizer, alguém que tinha visto tinha relatado dos nossos boletins da periferia, que era Paulo que fazia, a gente distribuía para os nossos grupos. O Cardeal Dom Avelar foi para o Rio de Janeiro a uma reunião entre cardeais e militares e um deles disse:

-Olha esse é um boletim de uma das suas paróquias - depois de uma semana esse boletim já estava na mesa dos militares no Rio de Janeiro.

-O que o senhor acha?

-Eu não acho nada.

-Olha essa é a Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe.

Quer dizer todo material que a gente distribuía terminava entregando, a gente não sabia quem era. Alguém que estava misturado e que constantemente relatava. E esses boletins deveriam ser submetidos à censura da Polícia Federal. Ele deveria controlar e depois devolver com a aprovação para imprimir. (...) Certos documentos mais secretos, a gente passava, mas recomendava para o pessoal ler e depois devolver ou esconder. Tudo aquilo que a gente tinha no arquivo colocava nos jarros das flores, debaixo da terra, caso a polícia chegasse de um momento para outro estávamos resguardados. Porque podíamos ser presos. (...) A gente rodava de outros grupos também. Inclusive grupos de Igreja de outras dioceses. Para se lembrar que havia grupos abertíssimos, tantíssimos bispos que levaram a frente. Entre as dioceses e vários encontros a gente se comunicava. (Sérgio Merlini, entrevista realizada no dia 05/03/2014)

Merlini colocou o mesmo que Renzo, a vigilância era constante. A investigação da polícia tentava infiltrar pessoas na comunidade paroquial, como por exemplo, do que foi dito por Marivalda. Mas o grupo de padres estava ciente do que acontecia e tentavam driblar essa vigilância não só com a mudança da homilia caso eles percebessem a presença de alguém diferente, mas também ao esconder documentos secretos em vasos de plantas.

Nacionalmente já se tinha monitoramento sobre o que acontecia na paróquia Nossa Senhora de Guadalupe tanto que, no Rio de Janeiro, militares vieram questionar dom Avelar sobre os boletins do Grupo de Evangelização da Periferia. Boletins censurados pela Polícia Federal e que inclusive muitas vezes vinha com uma apresentação feita pelo próprio arcebispo dom Avelar, mesmo assim mantinha a vigilância sobre o que veiculava na paróquia. Esse monitoramento da ditadura tinha o auxílio de civis que muitas vezes entregava os boletins.

Merlini ao ser questionado sobre a radicalidade de Paulo, característica destacada por Renzo, ele diz o seguinte:

Paulo era radical no sentido bom. Por exemplo, ele tinha umas ideias fundamentais: vamos caminhar com o povo, vamos criar líderes com o povo. Algumas vezes (risos), indo contra até a opinião do povo. Vou lhe dizer: na Fazenda Grande, a Igreja estava colocada no sentido, no final da igreja tem o altar e todos os bancos colocados em certa direção. Ele quis colocar o altar no meio para que o povo ficasse ao redor, como uma assembleia. Eles aceitaram, porque era o padre, ele impôs. Porém, o povo não ficou de acordo, tanto que, quando Paulo morreu, imediatamente eles mudaram. (risos) Quer dizer, parecia que era muito democrático. Naquele tempo se fala de religiosidade popular, etc. Na prática, ele fazia como ele queria, não escutando o povo. (...) Sim ele consultava, porém ele levava as coisas como ele queria. No sentido político ele tinha suas ideias radicais. (...) (Sérgio Merlini, entrevista realizada no dia 05/03/2014)

Ele comenta sobre o quanto Paulo levava a sério em caminhar com o povo e incentivá-lo a buscar sua libertação. No entanto, Merlini diz que Paulo acabava impondo

certas decisões que ele as considerava melhor. Ou seja, a apesar de Paulo valorizar a participação da comunidade no caminho para sua própria libertação, ainda assim, ele em certos momentos exercia o poder que detinha o papel de padre, impondo práticas e ideias que ele acreditava que era a melhor opção.

Além das ideias, ele tentou viver sempre aquilo em que ele acreditava. Uma característica – a pobreza. Eu lembro sempre que na Fazenda Grande ele tinha um quatinho, extremamente pobre, não sabia quem fazia comida pra ele. Ele comia em qualquer lugar, quer dizer, até pela atitude externa deu para ver que ele se identificou com o povo. Até na roupa, na maneira de vestir, na maneira de comer, etc. Ele tentou, embora, por exemplo, “quero comer aquilo que o povo come”, ele tinha problemas incríveis no início. Contava Renzo que Paulo tinha problemas de intestino porque comia coisas que não era adaptado, só para dizer: “quero ficar como o povo”. Isso pra mim era uma das características. Não era só um homem que pensava e se identificava com o pobre, mas, um estilo do Papa Francisco, um homem que mostra com os fatos aquilo que ele é. (Sérgio Merlini, entrevista realizada no dia 05/03/2014)

No entanto, o próprio Merlini argumenta que apesar de Paulo ter momentos de imposição, Paulo não era apenas um homem de ideias, mas de práticas. Paulo não só buscava que a população mais pobre buscasse sua autonomia, como ele próprio buscava viver como eles. Buscando viver na pobreza para engrandecer a espiritualidade.

Gianni Boscolo, hoje professor universitário, era padre quando chegou ao Brasil e, por volta de 1980, abandonou o sacerdócio. Gianni trabalhava no interior da Bahia, quando conheceu Paulo ao participar de atividades religiosas em Salvador.

Através de Paulo, Gianni, no ano de 1976, começou a participar de vários encontros que aconteceram no Instituto de Arquitetos do Brasil, seção Bahia – IAB, que discutiam a respeito da urbanização de Salvador e suas ocupações. Foram a partir destes encontros que se formou, em dezembro do mesmo ano, o grupo “Trabalho Conjunto da Cidade do Salvador”, que reunia associações profissionais, artistas, políticos, estudantes egressos das guerrilhas e de partidos políticos de esquerda, membros e leigos de igrejas e representantes de bairros da periferia.⁴⁶

⁴⁶ Ver melhor sobre essa temática no livro de: Espiñeira Gonzalez, Maria Victoria. O Partido, a igreja e o estado nas associações de bairros de Salvador. Salvador: EDUFBA, 1997.

Gianni relatou também que seu envolvimento com os movimentos se intensificou quando recebeu em sua casa um preso político que havia sido trocado por um embaixador. Ele relata que esse ex-presos estava fora do Brasil e retornou com passaporte italiano, no entanto não falava nada de italiano. Diante disso ele recebeu esse ex-presos na sua casa a pedido de Paulo. Ele infelizmente nunca soube do verdadeiro nome deste ex-presos político e também nunca quis saber, esse acontecimento se sucedeu nos anos de 1976 a 1977.

Além deste episódio, Gianni comentou outra situação em que ajudou Paulo por conta da repressão da ditadura militar.

Por volta de 1976 ou 1977, no Rio de Janeiro, estouraram algumas gráficas clandestinas. Numa noite, fui jantar com minha noiva, na época. Fui jantar e encontramos uns amigos aqui em Salvador que estudavam medicina na época. A noiva de um deles falava com um capitão, ela disse até o nome, que ela conhecia e ele (o capitão) disse: Nós sabemos que tem padres que estão fazendo trabalhos subversivos, mas antes ou depois você vai ver que vamos estourar. Isso tudo no jantar, mas depois do jantar que a gente estava conversando, os amigos inclusive conheciam Paulo. Eu peguei um carro, eu tinha um fusquinha na época, e fui na Fazenda Grande. Subi a ladeira e fui na casinha de Paulo. Ele morava junto da Igreja. Ele estava dormindo, já era tarde. Naquela época, não era tão simples assim como hoje.

Cheguei e disse: - Olha estou chegando de um jantar e ouvi esta conversa. Eu não sei o que pode acontecer. Foi hoje que ele falou.

Paulo falou: - Vamos fazer o que?

Eu disse: - Não sei.

Paulo: - Vamos dormir porque agora não podemos fazer nada. Amanhã vamos tomar providências.

Um dia depois, ele (Paulo) falou: - Você não sabe. Toda vez que passava alguém do lado da casa – havia do lado uma descida para favela – ou corria descendo, eu acordava assustado.

A partir daí desmontaram a gráfica, ela era toda em Fazenda Grande, junto da Escola 1º de Maio. E aí, desmontou, colocou a imprensa (...) linotype colocaram em um lugar, a máquina de escrever em outro. Tentaram não ter tudo junto, desmembraram. O trabalho ficou mais complicado, mas foi o jeito, porque se alguém chegasse não encontrava uma gráfica, encontrava elementos de uma gráfica. Eu sei que foi um susto que eu tomei e passei pra ele. (Gianni Boscolo, entrevista realizada no ano de 2013)

Esses episódios não só reafirmam que ao lado da Escola 1º de Maio havia uma gráfica que rodava materiais para o Grupo Evangelização da Periferia, para própria escola, para a paróquia, mas também rodava materiais considerados subversivos para repressão. Além disso, esses episódios também demonstram não só o clima de apreensão por conta da vigilância e repressão, mas também o de solidariedade em se arriscarem em prol de um propósito, seja na recepção de um ex-presos político, ou para alertar seu amigo sobre o risco

que ele corria. Ele mesmo comenta sobre sua amizade e seu envolvimento no movimento de resistência à ditadura.

Eu soube depois. Nesses anos, eu não sabia que ele (Paulo) participava do movimento de “guerrilha” (Gianni fala no sentido de resistência). Ele participava, tinha um codinome. Então, eu não sabia. Ele nunca me falou, nem Délia, que também participava, me falava disso. Só depois... Se você me traz na minha casa um refugiado político, que só saía de noite, porque se saísse de dia era perigoso, podia ser preso, então eu ficava com um pouco de medo. Eu tinha chegado no Brasil, então dizia – Daqui a pouco vão me expulsar também. Você vê que apesar de eu pensar que eu era um guerrilheiro, não era tanto, não tinha tanta característica de destemido. Mas pela amizade eu fazia, me comprometia, trabalhava, e trabalhava junto sempre que podia. (Gianni Boscolo, entrevista realizada no ano de 2013)

Ele identifica em Paulo o comprometimento e o caráter destemido em enfrentar a vigilância e a repressão da ditadura. Ele confessa que ele pensava que era audacioso, mas talvez com passar dos anos ele tenha refletido que o seu lado aguerrido não era tanto assim. De qualquer modo ele associa que a amizade deles lhe estimulava a trabalhar, mesmo tendo ciência do perigo de tal situação. Como dizem os poetas:

Conte comigo meu amigo
se for pra te dar a mão
mas se for pra correr perigo
que seja boa a razão
conte comigo que eu brigo se for esta
a condição. (Canção: Razões. Compositores: Almir Sater/Paulo Simões)

Quando questionado se recordava o nome do refugiado político, ele frisou que não lembrava. Aliás, fazia questão de não saber muito a respeito para não ter muito o que dizer se caso algo acontecesse. Ele contou que o refugiado ficou meses no seu apartamento, permanecendo lá mesmo depois que Gianni foi morar no interior após o seu casamento.

Segundo Gianni, tinha que ter muito cuidado com o que se dizia naquela época, e diante disso muitos padres não se envolveram nos movimentos de resistência. No entanto, ele afirma que Paulo era envolvido com os movimentos.

Camilo Torres era o ideal do padre que se envolvia com o povo para fazer a revolução. Então a gente achava que simplesmente, você vindo para o Brasil era como Camilo Torres. E como eu te disse, quando eu comecei a trabalhar no interior, eu disse: Aqui não dá para fazer nada. Porque se você abri a boca só para dizer – Oh! Atenção e tal! – o pessoal já te dedurava logo. Esse padre é melancia. Ele parece uma coisa, mas dentro é comunista. A ideia, na época, era os comunistas, padre comunista. Ninguém falava, mas se começava falar olha os padres comunistas. Então, era isso aí, o ideal era isso. Só que a maioria dos padres não se

envolveu nos movimentos, MR8, esses movimentos de revolução. E Paulo chegou a se envolver nesses movimentos, mas não pela luta armada. Ele chegou a ter um codinome, tanto ele como Délia. (...) Mas claro, ainda hoje, tem gente, nem todos hoje dizem - Aí eu vou contar tudo porque... Às vezes tem até certo receio porque são pessoas vivas. (...) Ela (Délia) pode te contar, pelo menos Paulo era ativista mesmo com codinome, como daquele que eu hospedei em casa. (Gianni Boscolo, entrevista realizada no ano de 2013)

Gianni fala sobre as dificuldades de trabalhar, do clima de grande vigilância e delação entre as próprias pessoas da paróquia. Ele volta a dizer que Paulo participava de um movimento de resistência, mas não armada e reafirma que ele ainda tinha um codinome assim como Délia. No entanto, Délia ao ser entrevistada não falou nada a respeito, falou apenas que Paulo e ela rodavam materiais clandestinos na gráfica, mas em nenhum momento chegou a dizer sobre envolvimento com uma organização como afirma Gianni. De qualquer maneira, é muito forte o indício de que Paulo e Délia colaboraram nos movimentos de resistência, não apenas pela afirmação de Gianni, tem-se o exemplo do militante Paulo Cassis que morou na Fazenda Grande; como o relato de Renzo que afirma as reuniões da AP na casa dos padres; como até mesmo o militante escondido na casa de Gianni a pedido de Paulo.

Gianni também comenta sobre a importância da parceria de Délia com Paulo. Ele comenta que “ela era a mão e Paulo era a cabeça”. Ela desenvolvia o trabalho manual, enquanto Paulo formulava as historinhas ou os textos. Segundo ele, ela datilografava os documentos, colocava figuras nos materiais confeccionados, ela arrumava os materiais e os mimeografava. Gianni elogia Délia com a sua capacidade artística e cuidadosa para arrumar os materiais que Paulo construía.

Ele expõe sobre o envolvimento de Paulo no Movimento Familiar Cristão, que foi uma espécie de reflexão sobre como trabalhar com os setores sociais mais baixos juntamente com os setores médios.

Houve uma conversão de Paulo. Antes ele achava que tinha que trabalhar com o povo, mas num certo ponto ele também percebeu que não se podia trabalhar com o povo se não trabalhasse com a classe média. Por isso o seu envolvimento com o Movimento Familiar Cristão, não era tipicamente de Igreja, claro que era de Igreja, mas tinha como objetivo conscientizar as pessoas que elas tinham uma obrigação moral de trabalhar com o povo. Porque ele dizia: - Quem está mais perto do povo é a classe média. (...) o Movimento Familiar Cristão são pessoas de classe média. (...) Precisa de um elo de ligação. Então trabalhar com a classe média, era a mesma coisa que trabalhar com o povo. (...) O Movimento Familiar Cristão era essencialmente de Salvador. Ele chegou a ser

Assistente Espiritual Diocesano da Diocese de Salvador, como também nacional. (...) Ele acreditava que o trabalho tanto da Evangelização, como de conscientização política podia ser feito junto com a classe média. Sem deixar de fora a classe média. (Gianni Boscolo, entrevista realizada no ano de 2013)

A atuação de Paulo no Movimento Familiar Cristão, de acordo com Gianni, foi uma expressão da reavaliação sobre a importância de conscientizar a classe média para uma transformação do cenário político. Essa mudança de perspectiva transcorreu ao longo dos anos 80 do século XX, justamente num momento onde Paulo, após longos anos de trabalho com os setores sociais mais baixos, resolveu se mudar para Camaçari, buscando novas experiências com o setor operário. Somado a isso teve também as mudanças do cenário político da Ditadura Militar - o fim do bipartidarismo, a formação do Partido dos Trabalhadores, tanto no meio operário, como também nos movimentos sociais, principalmente os de forte relação com os setores de esquerda da Igreja.

Apesar da mudança de cidade, ele continuou a desenvolver trabalhos em Salvador não só com o Movimento Familiar Cristão, como também na Comissão Justiça e Paz, junto aos intelectuais de classe média alta que eram conselheiros da CJP citados por Bajinha. Depois desse relato, ele comentou também sobre a relação de Paulo com a Igreja.

Ele era um padre muito livre, criticava a Igreja abertamente, inclusive com os próprios bispos. Só que ele tinha outra capacidade, ele obedecia também. Não é que ele fosse crítico e fazia somente o que queria. A disposição é essa – eu crítico, mas eu obedeço. Ele achava que podia mudar a Igreja de dentro não saindo. Neste aspecto era muito, para nós, para mim significativo o modo como ele, dentro dele, organizava o seu pensamento, a sua vontade. (Gianni Boscolo, entrevista realizada no ano de 2013)

Ele destaca a capacidade de Paulo de fazer parte da Igreja, mas não aceitar passivamente tudo colocado pela instituição. A capacidade em ser crítico, inclusive junto aos superiores, mas sem deixar de respeitar a hierarquia e manter a obediência. Isso se tornou algo muito significativo para Gianni, talvez por conta dele já ter sido padre e ter vivenciado de perto a dificuldade de ser crítico, rejeitar certos posicionamentos da Igreja, mas devido a hierarquia muitas vezes ser obrigado a cumprir certas ordens ou diretrizes. Gianni chegou a falar de que Paulo era “Muito consciente e muito firme no seu fato de ser padre. Ele nunca abriu pra gente ou mostrou arrependimento de ser padre. Nunca.” Apesar das discordâncias internas, a perspectiva em se manter padre não foi alterada.

Teresa Dantas de Menezes morava em Nova Açores, mas sempre frequentava o bairro de Fazenda Grande por conta da casa do seu tio. Foi nestas visitas que ela conheceu Paulo Tonucci, desde então construíram uma amizade, atuando juntos em diversas atividades. Hoje, Teresa é uma das conselheiras da Associação Paulo Tonucci – APITO. Um dos comentários marcantes que ela teceu foi sobre a visão do seu tio em relação a Paulo.

Paulo andava muito de bicicleta, tanto ele como Renzo na época. Ele visitava muito as pessoas, onde dava para ir de bicicleta, porque a Fazenda Grande é muito acidentada. Meu tio quando via, lá vem aquele padre comunista. Comunista naquela época era um nome muito feio. Mas ele (tio de Teresa) nunca teve rejeição, ele dizia assim, mas sempre aceitou Paulo. Depois eu descobri que ele tinha escondido livros de Jorge Amado, Graciliano Ramos. (...) Ele dizia padre comunista, mas ele também... (risos). (Teresa Dantas, entrevista realizada no dia 06/12/2013)

Não foi apenas o fato de Paulo andar de bicicleta que chamava a atenção da comunidade, a ponto de chamá-lo de comunista. Teresa comentou o hábito dele de frequentar a casa dos moradores da comunidade citando também o revezamento das refeições. Além disso, ela relatou como era feito o encontro com os jovens em Boa Viagem; se brincava, contava piadas, se compartilhava os alimentos, além de se usar tambores e berimbaus nas missas com os jovens.

Eu me lembro que na Catequese, os meninos empinavam arraia, fazia desenhos, coisa que era do dia a dia deles. (...) A missa dos jovens: cada um levava uma coisa de comer ou de beber. A gente guardava lá. Ele começava a missa, ele ia com a missa até antes do ofertório. Aí suspendia homilia, aquela história toda. Todo mundo ia pra o mar, tomava banho, brincava. Depois se reunia todo mundo e aí começava o ofertório e a comunhão que era por em comum tudo aquilo que a gente tinha trazido. Tinha uma reflexão toda sobre isso: do dividir, do respeitar o que o outro tem pra dar. (...) Aquela era nossa missa. (...) se reunia em Boa Viagem, tem até hoje, era casa dos italianos. Era uma casa que recebia os italianos que vinham do interior. Então uma vez por mês Paulo pegava para fazer esse encontro – o grupo dos jovens. (...) brincava, contava piada, fazia molequeira. Ele participava de tudo. (...) Na missa nesse tempo já tinha tambores, berimbaus. Eu não sei se na missa da Igreja tinha, eu sei que na missa que a gente tinha lá (casa dos italianos) tinha. (Teresa Dantas, entrevista realizada no dia 06/12/2013)

Ou seja, havia diversas atitudes e comportamentos não habituais para um sacerdote praticadas por Paulo, Renzo e outros, chamando atenção não só da comunidade de Fazenda Grande como também das comunidades vizinhas.

Ela comentou sobre a Escola 1º de Maio:

Uma coisa muito importante que Paulo fez, além destas, foi os cursos profissionalizantes também. Criou vários cursos profissionalizantes. Tinha reforço escolar. Tinha alguma coisa ligada a formação formal e alguma coisa profissionalizante para jovens e adultos. Profissionalizante é: teve a parte de marcenaria, teve também a parte de eletricidade. O que era uma característica de Paulo era aglutinar várias coisas. Então marcenaria, era um marceneiro do sul, do Rio de Janeiro, que estava aqui, era Joaquim. Joaquim não ensinava só marcenaria, ele ensinava toda uma formação moral e política – direito dos trabalhadores, a responsabilidade enquanto profissional. (Teresa Dantas, entrevista realizada no dia 06/12/2013)

Ao comentar da característica de Paulo em aglutinar várias pessoas, ela acabou por reafirmar o que membros da CJP, do capítulo anterior, já tinham dito: a capacidade dele em envolver diferentes pessoas em um compromisso, a exemplo a Escola 1º de Maio. Além de Joaquim, ela citou também Mestre Virgílio, capoeirista que chegou a dar aulas na escola, além de um engenheiro elétrico o qual ela não recordou o nome, teve também a presença de Antônio Godi, professor da UEFS, dramaturgo e antropólogo. Fora Beth Wagner, Jaques Wagner e Gino Taparelli, italiano que também trabalhou na Escola.

Além dele conseguir envolver diferentes pessoas, ele também se envolvia e articulava essas diversas pessoas em diferentes projetos e objetivos. Teresa destacou também que Paulo não se envolvia apenas com as pessoas, mas também com os grupos.

Respeitar a diferença, mas respeitar a diferença ele articulava o que as pessoas tinham de positivo. E positivo também dentro do que seria o objetivo dele também. Então extrair das pessoas o que elas tinham de melhor e mais possível de ser posto em comum. Então ele se relacionou com as pessoas individualmente, mas também com grupos. Articulação com vários grupos daqui da Bahia - daqui de Salvador, mas também do interior do Estado – de fora da Bahia. (...) Encontro Anual dos Italianos, ele geralmente estava na articulação anual do encontro. E muitas vezes ele ia daqui para Bom Jesus da Lapa, para Vitória da Conquista, lá tinha um grupo de italianos muito bom. Então eu acho que ele articulava isso. Articulação de fora daqui era o Movimento Familiar Cristão, por exemplo, acho que ele teve um peso muito grande com o movimento no sentido de mudar um pouco a diretriz do grupo. Que era um grupo mais de família para rezar, família de classe média, média alta. E ele trabalhou com esse grupo mostrando outra realidade, outro lado. (...) Articulação também, por exemplo, esse já veio depois, não é dessa primeira fase da gente, com o grupo dos artistas da Caminhada, que vieram fazer a Igreja de Camaçari. Ele se articulava com grupos políticos, Movimento Contra Carestia. (...) Grupo Moisés que se reunia no Mosteiro de São Bento.

- Qual era o propósito do Grupo Moisés?

Eu acho que o grande propósito era manter unido as pessoas que trabalhavam na mesma direção. (...) Um outro era troca de informações,

estava na época da ditadura, então muita coisa não saía, não circulava. E orar também, o peso da crença. (...)

O Grupo Evangelização da Periferia se reunia na Igreja da Penha. Eles tinham algumas publicações específicas, atingia mais Salvador. Tinha um ex-padre que se chamava Geraldo, era alemão, Pe. Oliveira. Envolvia mais a cidade baixa.

(...)

A CJP não era só um espaço da Igreja, era a ligação dele das pessoas enquanto pessoas. (Teresa Dantas, entrevista realizada no dia 06/12/2013)

Teresa reafirma a importância para Paulo da articulação com diferentes pessoas, acrescentando que ele também fazia questão de se relacionar com os grupos. Ela citou os diversos grupos que ele se envolveu. Ao ser questionada sobre qual era o propósito do Grupo Moisés, o qual ela participava pontualmente, ela disse que era um meio de troca de informações e confluência de pessoas que caminhavam com objetivos similares. Diante disso pode-se dizer que Paulo também atuava deste modo tanto no relacionamento com as pessoas individualmente, quanto com os grupos. Havia objetivos próximos ou similares e isso congregava solidariedade entre estas pessoas e grupos como também era o meio de troca de informações que não circulava na mídia.

Teresa finaliza a entrevista destacando que uma característica marcante de Paulo era a alegria, as histórias que ele sempre tinha para contar: “Ele transmitia vida.”

Gino Taparelli é italiano e veio para o Brasil em 1977, foi aqui na Bahia que conheceu Paulo. Ele morou por muitos anos no bairro Novo Marotinho, acompanhando e auxiliando na organização da comunidade junto com Paulo, ele também trabalhou na Escola 1º de Maio. Hoje, ele é professor aposentado da Universidade do Estado da Bahia. Em sua entrevista, assim como Teresa, ele também falou do papel articulador de Paulo. Ele relata que Paulo teve uma função muito importante no papel de articulação das oposições e da Igreja em favor do movimento da Baixa do Marotinho.

Paulo faz o que? Ele consegue juntar a imprensa, os intelectuais, porque naquele tempo tinha o grupo de intelectuais na 1º de Maio (Escola), através dos intelectuais os estudantes da federal também apoiaram (o Movimento Baixa do Marotinho). Juntou os políticos de oposição e juntou a Igreja, talvez primeiro a Igreja. Porque ele tinha um respeito, ele não era uma pessoa que vai lá na rua e grita. Não. Ele era um articulador.

Muito estimado por dom Timóteo e Dom Avelar. (Gino Taparelli, entrevista realizada no ano de 2012)

Assim como os outros entrevistados, Gino reitera a capacidade de Paulo de articular diferentes pessoas e grupos em prol de um objetivo comum. Foi através dessa capacidade de se articular com diferentes grupos e pessoas que possuíam objetivos comuns ou similares que ele conseguiu um convênio com uma instituição canadense:

Toda segunda-feira, impreterivelmente, ele vinha no Novo Marotinho para ter reunião com o povo na associação de bairro. Foi logo fundada a associação. Então lá, eles discutiam todos os problemas, todas as dificuldades, todas as brigas entre eles, tudo, tudo. Toda segunda-feira ele ia para lá. Depois, ele fez, naturalmente tinha relações fortes fora do Brasil, então um convênio com uma instituição do Canadá. Conseguiu dinheiro para reconstrução das casas. Foram reconstruídas em mutirão 200 casas. (Gino Taparelli, entrevista realizada no ano de 2012)

Além da capacidade de articulação local, Paulo tinha fortes contatos internacionais, a exemplo disso foi o financiamento com o Canadá para reconstrução de casa no Novo Marotinho.

Para Gino a Escola 1º de Maio foi importante não só no âmbito da formação técnico-profissionalizante, mas do ponto de vista de desenvolvimento social. Ele relata que um domingo por mês havia uma reunião na escola, durante a manhã tinha o encontro, que se falava de problemas sociais e depois se finalizava com uma feijoada. Gino reitera que dentro dos múltiplos projetos e diversos objetivos que Paulo conseguia envolver e auxiliar várias pessoas, muitas de ambientes distantes e diversos.

Délia Bonisegna, italiana, leiga, veio para o Brasil em 1971, indo trabalhar em Fazenda Grande onde conheceu Paulo. Daí em diante, trabalharam juntos e se tornaram parceiros de vida. Délia o acompanhou a Camaçari e estando ao seu lado até os seus últimos dias. Após a sua morte, ela foi uma das principais fundadoras e idealizadoras da Associação Paulo Tonucci – APITO, atualmente, ela é a presidente da associação no Brasil. Em sua entrevista, ela confirmou os diversos comentários dos amigos de Paulo Tonucci e ainda acrescentou outras informações, além de trazer suas impressões tanto sobre a pessoa dele, assim como sobre as ações e transformações dele ao longo do tempo.

Délia relata que a Escola 1º de Maio não era inteiramente de responsabilidade da paróquia, mas foi um grupo de italianos que conhecia Renzo e Paulo.

A Escola 1º de Maio não era diretamente de responsabilidade da paróquia, mas teve amigos, gente italiana, que conhecia Renzo e Paulo. Porque este contato foi antes que eu chegasse. Quando eu cheguei já estava essas duas moças, Cristina e Marisa, elas eram dependentes dessa comunidade italiana. Foram enviadas aqui e se encaixaram na comunidade do Alto do Peru. Mas elas eram mais dedicadas ao bairro do Bom Juá. Dentro deste bairro eles fizeram um posto médico, uma escolinha, e dentro destas coisas influenciaram um pouco Paulo e etc. Então surgiu esta ideia de uma escola profissional que fosse também um centro de agregação de operários, de formação também da classe operária. Tinha os cursos profissionalizantes, mas tinha também capoeira. Era naquele tempo de ditadura, por isso os espaços eram muito reduzidos. Era um dos espaços que - Graças a Deus! – vários espaços dentro da Igreja Católica abrigava sempre estas atividades que eram consideradas suspeitas, que também trazia por cima de certo tipo de Igreja comunista, daí surgiu a ideia de padres comunistas. Porque tomavam partido dos pobres. (...) Paulo sugeriu que a escola fosse construída na Fazenda Grande. Ele se envolveu com esse grupo, essa organização, dando ideias. (...) comunidade de italiano é que financiava a escola. (Délia Bonisegna, entrevista realizada no ano de 2012)

O surgimento da Escola 1º de Maio foi a partir da associação dos italianos leigos que cofinanciaram a fundação da escola. O projeto foi encampado muito em função das atividades que estavam sendo desenvolvidas em Bom Juá. Segundo Délia, Paulo tinha em mente a necessidade de auxiliar a comunidade da paróquia a aprender a andar com as próprias pernas, ou seja, as pessoas não ficarem dependentes sempre de trabalhos assistencialistas, por conta disto ele tomou a frente do projeto da escola profissionalizante. Essa iniciativa fazia parte de um contexto de mudança dentro da Igreja:

Grupos de jovens, grupos de educação popular, clubes de mães, grupos de noivos ou casais já inspirados nas reflexões da Igreja “pós-conciliar” começavam a aparecer por toda parte. Em 1973, logo após voltar de Roma, onde fora sagrado cardeal, dom Paulo lançou a Operação Periferia, com o intuito de criar centros comunitários nos bairros pobres, lugares “do povo, onde o povo pode ir, ter uma semiprofissionalização, regularizar documentos, onde as crianças podem receber as primeiras instruções religiosas, e onde, aos sábados e domingos, as pessoas podem se encontrar e organizar o seu lazer”. (...) uma renovação da prática das paróquias de periferia no sentido de seu envolvimento com as necessidades das populações locais. (SADER, 1988, p. 149)

A Escola 1º de Maio é um exemplo de que tanto Paulo quanto Renzo e Merlini estavam inseridos e acompanhando as discussões e práticas de transformação da Igreja. Paulo ao tomar a frente da construção da escola ele se torna também o responsável em

convidar diversas pessoas para colaborarem com a formação. A Igreja “pós-conciliar” estava sendo colocada em discussão e prática pelos sacerdotes e comunidade.

Como era um período de ditadura civil-militar, o aproveitamento de espaço da escola para discussões e ações consideradas clandestinas era uma forma de tentar driblar a vigilância da polícia. A antiga casa das irmãs, em Fazenda Grande, que hoje é a residência dos padres, foi a secretaria da Escola 1º de Maio, onde rodava material da escola e funcionava, inicialmente, o Centro de Evangelização da Periferia. Depois nos últimos anos, o grupo conquistou o espaço oficial na Igreja da Penha. O intuito da criação deste grupo era o seguinte:

A gente sentia que o material oficial da Igreja era um material neutro, como o livro de escola, os livros didáticos, são materiais neutros que podem ser usados. A gente diz como é um material que pode ser usado para população de nossas paróquias da periferia, onde está a mulher explorada, negros sem direitos e etc, então a gente começou a produzir. Este era um pouco o estilo, não somente lá, mas era em contato com vários centros de documentação do país todo. Fazia contos, revisões e etc. (...) Pipocaram necessidades destes centros de documentações populares em Recife, São Paulo, Goiânia. Isso era dentro de uma pastoral da Igreja, bispos apoiando coisa assim. Através dos encontros oficiais de Igreja, como os encontros internacionais das CEBs. Eram todos grupos que participavam dentro de uma certa linha popular, que se organizava, a gente mantinha contatos se visitando, trocando materiais, e neste troca organizava também encontros com centros que trabalhavam nesta linha. (...) Sentíamos a necessidade de se articular. (Délia Bonisegna, entrevista realizada no ano de 2012)

O Grupo de Evangelização da Periferia surgiu então com o interesse de confeccionar materiais que iam além do discurso de neutralidade proferido pelo material oficial da Igreja. Além disso, o grupo buscava manter relações e contatos com grupos de documentação de outras cidades e estados, trocando informações e promovendo debates entre os membros procurando assim repercutir no dia a dia das comunidades atingidas pelos centros de documentação. Segundo ela, esses grupos possuíam um mesmo estilo, uma linha popular, o Grupo de Evangelização da Periferia, por exemplo, promovia reuniões na comunidade.

Primeiro a gente tinha uma vez por mês... A gente juntava das - a paróquia que decidia se sim ou se não, o vigário, mas os vigários que eram da linha da gente. ... a gente juntava todos os animadores para fazer um dia de encontro de formação com todos os animadores. Aí a gente fazia lá nas Mercês – era o encontro das Mercês. Esses animadores que – os animadores surgiram a partir de uma experiência que começou em Recife com Dom Helder Câmara, então tinha uns grupos de evangelização nas várias paróquias. Tinha a paróquia e dentro da

paróquia tinha as várias comunidades, era o início, era o embrião das Comunidades de Base. Então existia aquilo que era a coisa oficial, a paróquia, mas depois, como eram paróquias imensas, aí surgiam as pequenas comunidades. A comunidade se organizava para ter a catequese para as crianças, fazia a novena de Natal, na época de Natal, fazia a Campanha da Fraternidade na época da Quaresma. Mas tinha toda uma formação, acompanhamento por este Grupo de Evangelização que era formado, sobretudo, de vigários de várias paróquias e leigos que colaboravam com os vigários. Aí a gente fazia esse encontro mensal, onde vinha os animadores de todas essas paróquias, da Suburbana, de Camaçari, do CIA, lá de toda Nossa Senhora de Guadalupe e alguns bairros da cidade. Nem todo mundo comungava com isso. Era somente aqueles que acompanhavam mais certas linhas que era um pouco dentro da Teologia da Libertação. (Délia Bonisegna, entrevista realizada no ano de 2012)

As reuniões com os animadores só aconteciam nas paróquias onde os padres estavam mais próximos da visão da teologia da libertação, ou seja, uma linha mais popular da prática de evangelização. Daí, Délia afirma que o trabalho do Grupo de Evangelização da Periferia começou a ser o nascedouro das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs na periferia de Salvador. As CEBs eram comprometidas com as atividades promovidas pela paróquia. A análise de Eder Sader aponta um pouco o que disse Délia:

Como surge uma comunidade eclesial de base? Dom Luis Fernandes, um dos principais animadores das CEBs, diz que elas podem surgir a partir de uma luta popular, ou da dinamização de uma capela tradicional, ou de uma novena, ou de um mutirão, ou de um encontro para refletir sobre o Evangelho. No entanto, é muito provável que ele estivesse querendo dizer que uma CEB poderia surgir de qualquer atividade solidária de um pequeno grupo inspirado no Evangelho. Porque, nas descrições empíricas da forma como *efetivamente surgiram* as CEBs, vemos que quase todas começaram por iniciativa de um agente pastoral – ou graças à sua presença – e em torno de motivações religiosas. (Sader, 1988, p. 157)

Não há como precisar como surgiu o Grupo de Evangelização da Periferia, Délia só soube dizer sobre a formação dos animadores e o processo de produção e troca de informações. Não se pode dizer que o grupo surgiu envolto de uma luta popular, ou de um mutirão, ou de uma dinamização de uma capela, ou de uma novena, e sim com o envolvimento de diversos padres sejam da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, seja os das paróquias da suburbana. A iniciativa pastoral foi muito importante para criação do grupo, a participação de Paulo Tonucci se destaca devido ao seu entusiasmo e produção como, por exemplo, os boletins, os quadrinhos das campanhas da fraternidade, os livrinhos de preparação dos encontros dos animadores e materiais para as novenas, a maioria construída por ele.

A gente tinha o boletim que saia mensalmente para os animadores, depois a gente fazia, por exemplo: saia o material da Campanha da Fraternidade oficial da Igreja, com manual e etc, e depois saia um livrinho, mas que era um livrinho neutro. (...) A gente sentia que... em cima da linha da coisa (da Campanha da Fraternidade) a gente fazia o livrinho a partir da experiência. O mestre de tudo isso era Paulo. (Délia Bonisegna, entrevista realizada no ano de 2012)

Paulo Tonucci era um grande entusiástico para publicação dos materiais. Segundo Gianni Bôscoli, Délia era a responsável pela datilografia e mimeografia de diversos documentos e quadrinhos produzidos por Paulo, não é por acaso que ela afirma que ele era o mestre de tudo isso.

Délia comentou também que eles não tinham noção da importância do trabalho deles no Grupo de Evangelização da Periferia e na comunidade. Muita coisa era feita as escondidas por ser um período de grande censura e por conta disto recorriam a proteção e aval de dom Avelar em relação às publicações do grupo. “Na medida que cresceu a coisa, que se espalhou que a gente fazia encontros, então surgiu necessidade de alguma coisa. Daí entra a História do Brasil em quadrinhos e etc.” (Délia Bonisegna, entrevista realizada no ano de 2012) Surgiu o interesse então de publicar na editora Vozes e as vezes na Paulinas, Paulo publicou vários materiais desde sobre a Teologia da Libertação até livros sobre história.

Ela falou também sobre a CJP e a ideia de Paulo sobre a comissão.

Paulo e várias pessoas na sua linha eram um pouco, por causa da realidade (da época), numa linha populista – o povo que tem a razão, o povo explorado que busca sua libertação, mas é o povo. Tudo que não vem do povo é suspeito, é perigoso, é corrupto, e etc. Somente aos poucos, o pessoal (e Paulo), participaram de encontros, reflexões, influência de teólogos, daí Paulo e outros começaram a dizer: a gente está colonizando, isto é, o povo depende de nós, somos nós que somos os mestres do povo; nós, a maioria, somos estrangeiros, então a gente está catequizando e talvez está reproduzindo, sem querer, uma outra dominação. Então Paulo começou a sentir que os profissionais liberais – professores, engenheiros -..., porque antes ele não queria ninguém, porque eram suspeitos, porque eram a burguesia. Depois no estudo, na vivência que ele foi descobrindo que esses são aliados, que podem ser os exploradores, mas podem ser os aliados. Então ele começou a frequentar mais ambientes onde encontrava profissionais liberais. Ali, ele começou a conhecer o Movimento Familiar Cristã, eram todos de certo nível, de uma certa classe social. (...) Ele começou a se abrir aos profissionais liberais. Em cima disso então surgiu: se a gente está precisando, se a gente quer defender o povo ou se colocar do lado do povo, a gente está precisando de advogado, de assistente social, de professores para não deixar o povo na ignorância. Então precisamos juntar os aliados com esse

povo e fazer com que esses aliados se coloquem a serviço desse povo. Dentro disto surgiu a Comissão de Justiça e Paz. (Délia Bonisegna, entrevista realizada no ano de 2012)

De acordo com Délia, Paulo, inicialmente, era da linha populista, no qual o trabalho de libertação deveria ser com o povo para o povo. Mas depois, ele e outros começaram a reavaliar sobre a construção de novos aliados – profissionais liberais. Daí com a aproximação de classes abastadas, ele se envolveu no Movimento Familiar Cristã e na organização da CJP em Salvador. Nesse momento de reavaliação de sua atuação política-religiosa ele passou a enfatizar a importância do seu papel como articulador de diferentes segmentos sociais e individuais. Isso se confirma através das falas tanto de Teresa e Gianni, ou seja, ele levou a frente a premissa de que deveria juntar alguns segmentos da classe média, que eram mais críticas, a serviço do povo mais pobre socialmente e economicamente.

Com muita admiração que Délia finaliza sua entrevista comentando que:

Paulo era uma pessoa amiga, tinha perspicácia política sem envolvimento partidário. Era uma pessoa discreta. Ele não era neutro, ele era um lutador, reservado, tímido, orador que conquistava. Não era intelectual, ele era focado no essencial. Ele era alegre e valorizava a amizade. (Délia Bonisegna, entrevista realizada no ano de 2012)

AMIGOS DA ITÁLIA

Foram entrevistados alguns parentes e amigos de Paulo Tonucci da Itália, mas nem todas as entrevistas serão apresentadas, pelo fato de algumas não apresentar nada de novo. As escolhidas tratam de assuntos que contemplam as que não estão presentes e ainda acrescentam, trazendo assim elementos importantes para se conhecer melhor Paulo e sua trajetória de vida. Das pessoas que serão apresentadas são: Mário Bartoletti, Nembo Cassano, Francesco Tonucci e Giovanni Tonucci.

Na cidade de Fano, terra natal de Paulo, que Mario Bartoletti concedeu sua entrevista sobre as suas lembranças e interpretações em relação a Paulo. Ele iniciou sua entrevista enfatizando o olhar social que Paulo tinha desde a época que iniciou o seu trabalho sacerdotal em Fano.

Em 1964, eu já tinha um tempo fora de Fano, porque andava ao mar. No verão de 1964, voltei a Fano depois de um cruzeiro no extremo oriente. Fui até o Japão e depois voltei. Andando em direção ao Japão parei alguns dias, o meu navio parou na Índia e vim a ter contato com uma situação que nunca tinha visto. Triste porque o povo da Índia, grande parte do povo da Índia, era muito pobre, e se via, se notava de maneira particular. Naquele verão Paulo me pediu para fazer com ele uma palestra para os jovens da sua paróquia sobre a experiência e situação que havia visto, e que era real. Naturalmente, eu pensei e fui falar a respeito. Então, iniciei minha amizade colaborando com Paulo. (Mario Bartoletti, entrevista realizada no dia 21/02/2014)

Segundo Bartoletti, desde o início do trabalho sacerdotal de Paulo em Fano, ele já apresentava grande preocupação da conscientização social. Esse olhar social de Paulo se sobressaltava aos olhos.

A pessoa de Paulo era para mim muito, como posso dizer, mais interessante, era alguma coisa particularmente viva. Porque ele era um dos poucos católicos que, naquela época, via a religião bastante do ponto de vista social. Num sentido o qual a Itália estava num momento estranho, entre os anos sessenta e setenta, era um período que a política foi tomada por uma visão generalizante e tendo fortes contrastes entre os discursos religioso e político, no Brasil, isso ainda não era evidente, esta é minha consideração. Neste caso ele andando no Brasil rapidamente abraçou o ambiente dos pobres e seus direitos, as aspirações deles. Procurando sempre - eu vi claramente - de dar a eles um discurso com base religiosa, o qual nunca estava desvinculado, sobretudo os princípios essenciais anexado, a uma dignidade humana, que muitos talvez não conheciam, por só conhecerem um modo de vida. Andando em Salvador, eu pude constatar que ele conseguiu dar a estas pessoas, talvez algo novo para elas, o endereço de sua dignidade. (Mario Bartoletti, entrevista realizada no dia 21/02/2014)

Nos poucos dias que Mario Bartoletti esteve no Brasil ele pode perceber que o olhar social de Paulo em Fano se desenvolveu muito mais no Brasil. O cotidiano do trabalho religioso de Paulo era base para análise, conscientização e ação social com a comunidade. Isto é, era a busca pela dignidade humana para população mais pobre, algo que para Mario muitas dessas pessoas não conheciam.

Naquele período, ele era muito tomado por pesquisa, seja de evangelização, seja de socialização, seja de, eu chamarei de politização, mas é uma palavra um pouco estranha. Por isso, frequentemente, ele tinha contato com pessoas que naquele período eram procuradas por conta das ideias. Neste caso, ele me disse:

-Agora devo ir encontrar alguns amigos.

Eu, claramente: Vou com você.

- Não, melhor que você não vá. Porque você pode ser preso pela polícia por qualquer motivo. Se você não sabe não diz o que viu. Não pode dizer nada do que não sabe.

Eu insisti tanto que procurava ele sempre.

-Algumas vezes sim em outras não. Você vai conhecer de tudo, muita gente interessante.

Depois ele me dizia: Este foi levado por um tempo, este foi preso, todos no sentido. Depois, quando eu, antes de retornar a Itália, fiquei um par de semanas no Rio de Janeiro, fui colocado em contato com muitas pessoas amiga de Paulo todos politizados e faziam parte de um grupo político que se movimentava neste âmbito de politização dos povos. (Mario Bartoletti, entrevista realizada no dia 21/02/2014)

Nesta situação, Bartoletti relata que chegou a conhecer alguns amigos de Paulo que eram perseguidos políticos e que muitos faziam parte de um grupo que atuava para politização da população, ou seja, complementando o que Gianni Boscoli, Sérgio Merlini e outros haviam afirmado. Além disso, Bartoletti aponta que as relações de Paulo com esses grupos políticos iam além do circuito do Estado da Bahia dando exemplo de contatos no Rio de Janeiro. Este caso ajuda a compreender a presença Paulo Cassis, um perseguido político de Brasília, sendo acolhido em Fazenda Grande com a proteção de Paulo. Outro exemplo seria a indicação do CEAS em acolher no bairro o casal Wagner. Estes exemplos só reforçam o trabalho conjunto de Paulo com grupos clandestinos.

Bartoletti comentou que viu muitos padres totalmente envolvidos na comunidade, vestidos como a população local, falando português, apresentando aspectos do lugar. Ficou impressionado com a capacidade destas pessoas em se envolver para desenvolver atividades sociais na comunidade junto à população. Isso chamou muito atenção de Bartoletti devido ao compromisso desses padres e de Paulo em se doar à comunidade em prol do seu desenvolvimento tanto no âmbito social quanto religioso.

Nembo Cassano foi outro amigo de Paulo da cidade de Fano. Hoje, ele mora na cidade de Castelfranco de Veneto. Durante sua entrevista, Cassano diz que apresentou sua monografia de graduação tendo como um dos capítulos sobre a “Presença da Igreja dos pobres no mundo. – A Igreja Brasileira”, e este capítulo foi desenvolvido muito em função dos relatos e cartas que Paulo fornecia para ele sobre o Brasil. Além da monografia, ele relatou duas situações que marcaram sua memória e que podem retratar um pouco sobre Paulo.

Nembo comentou que Paulo, as vezes que foi para Itália, fazia reuniões com diversas famílias e contava a sobre a situação do Brasil, mais especificamente de Fazenda

Grande em Salvador. Diante disso ele recolhia doações para auxiliá-lo no desenvolvimento de projetos no Brasil.

Eram reuniões com pessoas com dinheiro, mas eram pessoas que procuravam a chave para entrar no paraíso, porque eram ricos buscavam o paraíso. Paulo se colocava numa missão muito boa, ele dizia: Ajudo a encontrar o paraíso. (risos) Levem um pouco de dinheiro tornam-se um pouco pobre e vão para o paraíso.

Nestas reuniões, Paulo contava sua experiência no Brasil. (...) Essa gente aos poucos se comovia e quando isso acontecia ele passava e recolhia a oferta. (...) Paulo era um grande comunicador. (...) Eram reuniões importantes, e davam ótimos frutos.

Depois com este dinheiro recolhido, era em lira, Paulo ia em um banco ou mandava alguém e trocava em dólar, depois fazia rolos pequenos e colocava em uma cartucheira de caçador. Os caçadores colocavam cartuchos, ele ao invés do cartucho colocava todos estes rolinhos de dólares e colocava essa cartucheira sob o habito e partia para o Brasil. (Nembo Cassano, entrevista realizada no dia 30/01/2014)

Os dólares arrecadados nas reuniões eram transportados de maneira ilícita, mas eram fundos que colaboravam para realização das atividades sociais de Paulo no Brasil, seja na formação da Escola 1º de Maio, seja nas atividades do Grupo de Evangelização da Periferia e outras atividades. O interessante que Cassano recordou dessas situações não com pesar por ser algo ilegal, mas como algo válido de se estar fazendo algo em prol de uma causa social, ajudando o desenvolvimento de projetos que auxiliariam várias pessoas. Não era uma ação para enriquecimento privado.

Outra lembrança que Cassano fez questão de citar com bastante carinho foi:

O altruísmo concreto. Gênova, 1970, ele partia para o Brasil, frio, nevoeiro, temperatura abaixo de zero na área distante no porto de Gênova. Tinha uma mulher, uma senhora que pedia esmola. Paulo tirou o capote deu para ela e disse: - Isto não me serve.

Foi um modo para não dramatizar, porque dar o capote poderia ter sido num modo solene ou num modo muito normal – Eu dou porque não me serve. E a pessoa que recebe não sente aquilo como uma obrigação, por causa da frase – não me serve mais. Não é casual, porque a pessoa dá o capote e a outra parte se senti na obrigação de agradecimento e beijar as mãos. Mas dar o pacote e dizer para pegar porque não lhe serve é porque está fazendo uma coisa sem grande importância. Eu vi isso, e eu gosto muito. Ele minimizou uma coisa importante. Depois ele ficou uma hora, uma hora e meia com frio, porque o navio não partia e ele estava sobre o navio a se despedir da gente que estávamos embaixo no porto. Ele recebia sopros de frio. (Nembo Cassano, entrevista realizada no dia 30/01/2014)

O gesto de Paulo em dar o capote como algo natural, já que ele não precisaria no Brasil, marcou Cassano por demonstrar um Paulo que não estava preocupado em fazer daquele ato como algo nobre para se engrandecer. Essa situação expressava à opção de

Paulo pela simplicidade, sem acúmulos, morando em um quartinho no fundo da Igreja em Fazenda Grande, vestindo roupas simples e fazendo suas refeições com os moradores da comunidade. Essas situações talvez expressem sua simplicidade como um gesto cotidiano e não uma encenação.

Como já se sabe, Paulo era o primogênito de quatro filhos, ele era seguido por Francesco, Giovanni e Marco. Todos os seus irmãos foram entrevistados, mas serão apresentados trechos da entrevista de Francesco e em seguida de Giovanni. A entrevista de Marco não será explorada por não apresentar algo muito diferente das entrevistas dos seus dois irmãos, talvez por não ter conhecido um pouco a vida de Paulo no Brasil.

Francesco Tonucci é o irmão mais velho depois de Paulo. Ele é conhecido nacionalmente e internacionalmente por conta de seus estudos na área de educação e também por conta das suas publicações em História em Quadrinhos com o personagem “Frato”. Ao longo da sua entrevista ele relembra de momentos da infância, do seu encontro com Paulo no Brasil e, como já foi comentado, a sua grata surpresa em descobrir que influenciou de certa maneira Paulo na produção dos desenhos em quadrinhos.

Pode se dizer com certeza, que Paulo sempre foi um sacerdote. A primeira coisa que me recordo quando criança, ele sempre tinha essa ideia que se tornaria um padre. Era tão presente, que era presente também nas nossas brincadeiras. Uma das brincadeiras muito frequente na nossa família era de ir à missa. Nós éramos crianças de seis, sete anos e Paulo, com 11 anos, saiu de casa, esta coisa da brincadeira veio antes. Com os paramentos sacros, usávamos pano de prato. (...) Se preparava todo o altar, com copos, pedaço de pão e era sempre Paulo que celebrava a missa. Eu e Giovanni, dois irmãos muito próximos, eu um ano mais novo que Paulo, Giovanni, dois anos mais novo que Paulo, éramos assistentes. Tínhamos o livro da missa, fazíamos uma missa quase normal, quase completa. (Francesco Tonucci, entrevista realizada no dia 13/02/2014)

Francesco comentou que Paulo desde criança sempre manifestou a vontade em ser padre e que a maior comprovação disto era que ele fazia questão em coordenar a brincadeira de simular uma missa. Segundo Francesco, os seus pais eram receosos de Paulo ir muito jovem para o seminário, apesar disso, após muita insistência dele, ele acabou indo ao seminário com 11 anos.

Analisando a ideia de que Paulo já manifestava o desejo em ser padre desde criança transparece de que este era o seu destino. No entanto, deve-se questionar até que ponto uma criança tem noção sobre o que é ser padre. Deve-se levar em conta que havia uma tradição muito comum entre as famílias católicas de que o primogênito era destinado a fazer o sacerdócio. Essa tradição vem por conta da morte dos primogênitos no Egito segundo consta no Velho Testamento:

¹Então o Senhor Deus ordena a Moisés:

²Consagra-me todos os primogênitos, todo primeiro filho israelita que vem à luz me pertence, não somente entre os seres humanos, mas também entre os animais!

³E Moisés discursa ao povo: “Celebrai perpetuamente este dia em que saístes do Egito, da casa da escravidão; pois com mão poderosa o Senhor vos tirou de lá; e, por isso, não comereis pão fermentado... Êxodo 13:1, 13:2, 13:3

Os primogênitos, então, pertenciam a Deus deveriam ser destinados ao sacerdócio. Somado a isso, direcionar um filho para o seminário era garantir bons estudos, moradia, vestimenta e alimentação, elementos primordiais para as famílias mais pobres.

A família Tonucci era muito religiosa, o pai de Paulo trabalhava no Seminário regional como auxiliar de enfermagem. Era uma família de seis membros que se mantinha com o salário do pai, ou seja, eles não tinham muitos fundos. Ter um filho encaminhado para o seminário poderia significar acesso a serviços que talvez eles não pudessem proporcionar. Sendo assim, a manifestação de Paulo em ser padre poderia ser um desejo íntimo dele, mas poderia ser uma influência familiar e social de que ele como sendo o primogênito deveria ser encaminhado ao seminário e seguir a vida sacerdotal. O levantamento dessas hipóteses busca flexibilizar a visão de que Paulo nasceu destinado a ser sacerdote e isto já estava no seu íntimo.

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. (Bourdieu, Pierre, 2006)

Bourdieu questiona justamente essa ideia de uma constância em uma trajetória de vida, não sendo uma linha clara, sucessiva ao longo do processo de desenvolvimento. Deve se considerar as relações sociais, os acontecimentos e as escolhas que se desenrolam, da mesma forma pode se dizer em relação a ideia de que Paulo sempre foi sacerdote pelo fato

de desde criança já manifestar a vontade em ser. Essa vontade, como já foi dito, pode ter sido do íntimo, mas pode ter tido influências externas da quais não podem ser rechaçadas.

Ao mesmo tempo deve se considerar que o desenvolver dessa escolha não deve ter se dado de maneira sempre linear e constante. Um bom exemplo no que se refere a trajetória de vida de Paulo foi a chegada ao Brasil. Como já foi dito, Paulo estava designado ir para Argentina, apesar de não ter sido o seu desejo. A sua escolha, obstinação e insistência fez com que o seu caminho para América se realizasse como desejava – o Brasil. Este exemplo mostra que há vários elementos que decorrem ao longo do processo, a trajetória de vida de uma pessoa passa por várias intercorrências desde o seu nascimento.

Diante disso pode se dizer que os caminhos trilhados por Paulo juntamente com o seu desenvolvimento de visão de mundo forjaram um Paulo que alguns o considerava radical, já outros não, mas que foi se transformando sem deixar de lado o objetivo de trabalhar e se manter ao lado das pessoas pobres e exploradas economicamente e socialmente.

Francesco também comenta sobre a opção de Paulo em seguir os pobres. Ele fala justamente sobre intensidade de seguir essa escolha:

Quando fomos (Francesco e esposa) em 1974 ao Brasil, eu tive esta sensação: a primeira é sua grande pobreza. Depois as coisas mudaram com o tempo, eu retornei em 1988, ele morava em uma casa em Camaçari, uma casa importante, onde tinha um quarto para hóspedes com banheiro, em suma era uma coisa. Mas quando fomos a primeira vez, nós fomos hospedados pelas irmãs em Fazenda Grande e ele morava em um quarto – 3 metros por 3 metros. Não tinha uma cama, não tinha uma geladeira, não tinha nada. Eu me sentia muito mal, muito desconfortável. Eu dizia: Faz me comprar qualquer coisa, eu gostaria de te dar uma geladeira por exemplo, pelo menos uma pequena, pelo menos você tem água fresca.

Ele dizia: Não, os meus paroquianos não tem, eu também não terei. Isso era muito radical, depois ele mudou um pouquinho. Depois ele começou aceitar que sua casa fosse acolhedora, aquela vez tinha um filtro de barro. Ele não tinha cama porque tinha ganchos para rede. Ele comia nas casas de seus paroquianos. Era muito evangélico, se tivesse trabalhado eles iam dar o que comer. Ele andava a comer em casas que não tinha o que comer. Então, nós fomos para fazer a Páscoa com ele, no ano de 1974, nós íamos comer, tirávamos fotos. Mas se comia pouco, eram famílias pobres. Isso me atingiu muito, essa generosidade desta gente, porque deram de comer não só ao padre, mas ao seu irmão e sua cunhada. Naquela semana ou quinze dias nós andávamos em diversas casas, porque ele vivia assim, vivia mantido pelo seu povo. Porque ele gostava dessa ideia de que os paroquianos deveriam manter o padre. Depois, uma vez ou outra consegui convencê-lo a comer em um restaurante mais belo possível. Uma vez era preciso, porque se comia pouco quase sempre se comia feijão, farofa pouca, era muita farinha.

Farofa era algo mais de luxo. (Francesco Tonucci, entrevista realizada no dia 13/02/2014)

Francesco revela a escolha de Paulo em viver intensamente as mesmas condições de pobreza que os paroquianos, uma espécie de condicionamento para que assim ele compreendesse a comunidade. Como se isso fizesse parte do seu ofício – se colocar no lugar do outro plenamente, rompendo a ideia de um padre estrangeiro que veio passar o evangelho, mas ir além, um sacerdote que conhece as agruras dessa gente. Francesco considerava isto muito radical, mas ao mesmo tempo percebe-se certa admiração por essa capacidade de abraçar profundamente uma ideia que se torna uma escolha de estilo de vida.

Francesco também identificou que houve um processo de transformação, Paulo nos anos da década de 1980 passou a ter uma casa confortável, o que demonstrou uma mudança de perspectiva sobre como proceder no desenvolvimento do trabalho paroquial. Essa mudança converge com a do cenário político, e também vai ao encontro com o desenvolvimento do ponto de vista de que era importante se relacionar com os setores médios da sociedade. Daí vem o envolvimento dele com o Movimento Familiar Cristã e com a CJP. Tanto Délia quanto Gianni comentaram sobre essa mudança de Paulo em querer ampliar seu trabalho.

Sobre o perfil questionador de Paulo, Francesco comentou o seguinte:

Paulo era já um sacerdote questionador, radical na Itália. Eu me recordo de uma anedota presente, fez muita raiva a ele. Porque havia uma caixa que recolhia donativos na Igreja. Numa manhã tinham aberto esta caixa de doações, tinham roubado o dinheiro. Os sacerdotes da Igreja tinham colocado um cartaz, que dizia: “Que possa servir para o teu funeral”. Paulo passou e tirou isto, ele não podia aceitar esta ação de um sacerdote nem mesmo com um ladrão. Paulo de qualquer modo se colocou do lado do ladrão e não da parte dos padres. (Francesco Tonucci, entrevista realizada no dia 13/02/2014)

Francesco cita essa situação para exemplificar que Paulo já tinha um perfil questionador diante de alguns costumes e práticas em Fano. Esse perfil veio se aprofundar com a ida para o Brasil. O olhar político e social estava presente constantemente em sua vida: “As cartas de Paulo eram sempre sobre política e economia do Brasil. Meu pai sempre dizia que as cartas de Paulo eram cartas de feijões, pois sempre se falava do preço do feijão nas suas cartas.” O seu olhar crítico tinha um viés a esquerda, segundo Francesco: “Nunca me disse, mas certamente ele não era um marxista, mas era uma pessoa que pensava seriamente que fosse preciso uma revolução no Brasil para uma solução justa.

Paulo era de esquerda, mas não marxista.”, ou seja, não chegava ao ponto de abraçar a ideologia marxista.

Giovanni Tonucci, segundo irmão de Paulo, também seguiu a carreira sacerdotal; hoje, ele ocupa o cargo de arcebispo de Loreto. Em sua entrevista ele relatou sobre suas idas para o Brasil visitando Paulo; suas recordações sobre as refeições feitas com Paulo e as famílias da comunidade de Fazenda Grande. Comentou também sobre como surgiu os quadrinhos e o auxílio aos perseguidos políticos.

Inicialmente, Paulo ficava indo e voltando do Alto do Peru a Fazenda Grande:

Com o passar do tempo Paulo chegou a conclusão que deveria ficar em Fazenda Grande. Eu me recorro que em 1970, eu estava no centro porque não tinha lugar para eu ficar, e Paulo ficava às vezes em Fazenda Grande, às vezes voltava para o Alto do Peru. No almoço ele andava com as famílias, porque ele tinha falado com as pessoas de fazer as refeições com cada família. Eu andei com ele, não era uma refeição oficial para recebê-lo, ele chegava em uma residência com muita pressa, comia o que se tinha, comendo o que o povo comia.

Todo dia ele comia com as pessoas para entender como vivia essas pessoas. Não eram famílias ricas, eu me recorro que com muita simplicidade a gente andava e comia com eles.

Depois, ele passou a conhecer as pessoas, não ver as pessoas apenas na Igreja, mas ver também nas casas. Conversava com a mãe que fala do filho, e etc, e várias dificuldades. (Giovanni Tonucci)

Giovanni colocou que Paulo propôs fazer as refeições nas casas das pessoas da comunidade como um modo de conhecer seus hábitos e suas dificuldades, mas também para não ter que retornar para o Alto do Peru, e foi diante disso que ele acabou resolvendo se fixar em Fazenda Grande.

Giovanni comenta também sobre a ajuda de Paulo junto aos perseguidos políticos.

Paulo manteve contato com os jesuítas do CEAS, com dom Timóteo, com outros sacerdotes e muitas pessoas era um pouco a parte pensante crítica da Igreja.

(...)

Com jesuítas, com dom Timóteo com outros havia um nível de reflexões. Ninguém podia dizer nada, dom Timóteo era o responsável, com certo desdém, muito crítico, muito duro, com o governo, mas não era que fosse preso, não tinham coragem de persegui-lo. Ao mesmo tempo, o fato de ser em uma paróquia de falar com coragem, denunciar coisas que se sucedia, obviamente se colocava não só aos olhos da polícia, mas também

estava sob os olhos daqueles que eram da rebelião, digamos, subversivos ou também clandestinos e tinham contatos. (Giovanni Tonucci, entrevista realizada no dia 08/03/2014)

A relação de Paulo com setores da Igreja que tinham um olhar mais crítico à instituição foi muito importante para suas reflexões diante do que se sucedia no universo político do Brasil. Devido a posição de Paulo em se colocar frente à paróquia, denunciando o que se sucedia, fez com que este tipo de atitude chamasse a atenção não só da polícia, como também dos grupos de oposição a ditadura civil-militar.

Eu recordo que quando estava em Salvador nos dois meses no ano de 1970, nós tínhamos feito juntos um encontro, que para mim servia para tese com pessoas que foram prisioneiros políticos. Uma jovem que tinha sido torturada, eu fiz uma entrevista muito longa. Eu me lembro de que nos encontramos num colégio de freiras, onde Paulo tinha ido para celebrar missa. E quando terminamos a conversa, a jovem partiu sozinha. Depois saímos um para uma parte e o outro para outra, um tinha fita cassete e o outro tinha o gravador, peguei um táxi ali e ele pegou um táxi do lado de lá. Tínhamos essa atenção porque era perigoso. (...) Estes contatos não sei como aconteciam, mas havia. Por exemplo, um encontro que tinha era com um grupo que publicava um boletim mimeografado que se chamava “O Círculo” em Salvador. Me lembro muito bem que quando falei com esses jovens estavam estampando o número seis do boletim (...) Tinha este contato com muita atenção, muita prudência. (...) Ele não tinha medo por ele, mas pelos outros. (Giovanni Tonucci, entrevista realizada no dia 08/03/2014)

Giovanni não soube relatar como surgiram esses contatos entre Paulo e grupos de perseguidos políticos, mas afirma que existia. Tanto que ele junto com Paulo tiveram um encontro com uma ex-prisioneira política. Giovanni disse que ele chegou a conhecer o grupo que mimeografava o boletim “O Círculo”. Provavelmente, este era um dos materiais clandestinos que se rodava na gráfica que se encontrava na secretaria da Escola 1º de Maio. Além desses encontros com grupos e pessoas consideradas subversivas, Giovanni também relatou um momento de tensão onde perceberam que estavam sendo vigiados.

Uma noite estávamos celebrando uma missa em Fazenda Grande, uma Igreja muito pequena, ainda de taipa, de terra batida. O evangelho era “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”. Paulo comentava e eu sentado no altar. Paulo falava a pequena comunidade, etc, e explicava quase dialogando a responsabilidade da política da autoridade e a responsabilidade com de Deus é também parte daquele. Em certo ponto se levantou um senhor, que não conhecíamos, e disse:

- Aqui se faz política.

Paulo disse:

- Não, eu estou comentando o Evangelho.

Dona Vitória, que era uma negrona – a mãe de padre Paulo.

- Não, padre Paulo não fala política. Aqui se fala Evangelho.

E pouco depois ficamos com medo, porque pensamos e agora. Ela continuou dizendo que não se falava em política, mas depois ela fez críticas duríssimas às autoridades. (risos) (Giovanni Tonucci, entrevista realizada no dia 08/03/2014)

Mais um relato onde se observa a vigilância por parte da polícia sobre o que Paulo e os outros sacerdotes faziam na paróquia.

Giovanni falou também sobre como Paulo se sentia brasileiro:

Paulo se sentia brasileiro. Você pensa que quando estava morrendo, nos meses que estava aqui na Itália sofrendo muito, etc, ele escrevia um livro (...) que tratava sobre “Uma aventura cristã”. Fazia um pouco a história de vários santos e personagens muito importantes para Igreja. Ele escrevia em português. (...) ele escrevia diretamente em português, muitas vezes quando conversávamos ou pregava, ele me perguntava: como se diz isto? (...)

Uma vez em presença de um grupo de freiras em um monastério, Paulo estava fazendo uma breve homilia e eu celebrava com ele. Em certo momento, ele me virou e disse:

- Como se diz isto?

Eu entendi e disse. As freiras ficaram todas comovidas.

- Pobrezinho, não recorda nem a sua língua.

Houve uma comoção muito grande. (Giovanni Tonucci, entrevista realizada no dia 08/03/2014)

Giovanni relatou esta situação para esclarecer que apesar de Paulo ter satirizado o fato de terem negado duas vezes o seu pedido de cidadania, argumentado que a negativa demonstrava que ele estava do lado dos perseguidos, ou seja, do lado certo, mas no seu íntimo ele ficou desapontado. Ele se sentia um brasileiro e gostaria de ter oficializado isto.

Sob o mesmo céu se abrem vários outros céus em cada janela. Cada amigo, colega de trabalho, cada paroquiano, cada irmão possuem um olhar sobre Paulo, uma lembrança. Essas lembranças não se complementam para mostrar por completo o Paulo Tonucci, eles são fragmentos de um Paulo múltiplo, radical para alguns, forte e autoritário para outros.

Pode se observar a capacidade de Paulo de se reinventar, criar novos desafios, de estar sempre envolto de atividades. Após sua ordenação três anos depois ele se propõe o desafio de enfrentar um mundo novo, desconhecido e se debruça sobre ele plenamente. Durante seus anos de permanência, se envolve na construção de uma escola, na construção de uma Capela, na organização de um grupo de evangelização, e neste ínterim auxiliava

movimentos sem-teto e perseguidos políticos. Depois desta fase, ele se propôs a um novo desafio, ser pároco em Camaçari e lá ele também se envolveu em várias empreitadas como, por exemplo, a construção da Igreja matriz de Camaçari e também a conquista de uma chácara onde se realizava atividades da paróquia. Envolvido em tudo isso, mas não deixando de atuar junto ao cenário político de Camaçari. Mas não só Camaçari fazia parte do seu cotidiano, ele ainda se fazia presente em Salvador junto a Comissão de Justiça e Paz e o Movimento Familiar Cristã, buscando assim construir novos laços com outros segmentos.

Paulo Tonucci era muitos em um, por isso não há como defini-lo, muito menos enquadrá-lo dentro de um destino. Ele era um homem atento aos acontecimentos ao seu redor e ao mesmo tempo engajado no que acreditava. Daí, pode se dizer que ele era um homem obstinado e crente na sua religião, na sua fé e nas pessoas.

CONCLUSÃO

Após esses anos de descobertas sobre Paulo, o que se pode dizer enfim sobre ele? Dizer que muito foi descoberto, que se conheceu muitas pessoas, que andar pela Itália a procura dos caminhos de Paulo foram importantes e necessários. Pode-se dizer também que Paulo foi um bom guia para se visitar um pouco a periferia de Salvador, mais especificamente Fazenda Grande, procurando os resquícios dos anos de 1970. Ele deixou importantes documentos dando indícios como era comunidade neste período.

Apresentou problemas cotidianos da comunidade que até hoje ainda se faz presente como transporte, moradia, desemprego, formação profissional, poluição, concentração de terras. Seus quadrinhos foram importantes para discutir essas temáticas tendo como enfoque o que se fazer para buscar superá-las.

Os quadrinhos não foram apenas espaços de discussão sobre as dificuldades que se sucedia na comunidade, mas a expressão da prática da Teologia da Libertação aplicada por Paulo. Sabe-se que o uso dos quadrinhos foi algo muito usado nos anos de 1970, mas de qualquer maneira as HQs de Paulo mostram como essa ferramenta estava sendo usada em Salvador nos anos duros de repressão. Afinal, o diálogo deveria ser atraente, fácil e próximo, se precisava chamar a atenção da comunidade discutindo problemas que a atingia diretamente e, ao mesmo tempo, era necessário fomentar algumas noções de formação política e social.

A HQ foi também um meio de catarse sobre debates internos da Igreja. Através dos quadrinhos Paulo apontou o que discordava das decisões e práticas do alto clero, como também satirizou a visão distorcida deles sobre a Teologia da Libertação e o marxismo. Questionou a aliança da Igreja com as forças armadas, comandantes dos governos ditatoriais. Além disso, suscitou sobre a procedência de certos dogmas católicos como o celibato.

Como se pode notar, os quadrinhos foi uma importante porta para se analisar uma das expressões da prática sacerdotal de Paulo e a TdL, como também a expressão das discordâncias que ele possuía em relação a hierarquia da Igreja.

Mas a prática de Paulo em relação a comunidade não se dava apenas através da HQ, havia também os projetos encampados: Escola 1º de Maio, Grupo Evangelização da Periferia, participação no Trabalho Conjunto, atuação na CJP e no Movimento

Familiar Cristão. Paulo participava destes projetos, demonstrando disposição, criatividade e olhar lúdico. Pode-se notar isto nos cursos de catequese com os jovens na “Casa dos italianos”, onde se casava momentos sérios de debate com momentos de descontração, empinar pipas, banho de mar, ceias com a contribuição de todos; o lado lúdico também estava presente ao estimular usar o espaço da Escola 1º de maio como espaço de recreação e ensino de capoeira e maculelê aos sábados, fora o encontro mensal sobre a situação social que era finalizado com uma feijoada. Não se tinha apenas olhar do debate religioso ou político-social, havia também o momento de confraternização, de recreação, de brincadeiras.

Os dois elementos catalisadores base para tudo isso citado foram a personalidade questionadora e transformadora de Paulo. Estas duas características acompanharam Paulo em todos os momentos em que ele se envolvia em um movimento social, em que ele ajudava perseguidos políticos, em que ele se arriscou na sua primeira HQ, em que ele se envolveu no CEHILA Popular, em que resolveu abraçar uma nova paróquia, enfrentando novos desafios. A personalidade questionadora não deixou Paulo quieto em Fano, ele questionava certos comportamentos, ele questionava a sua funcionalidade lá. Diante destas questões veio a vontade de transformação, transformar sua vida, transformar seu trabalho e transformar a vida de outras pessoas, daí veio a Missão, o Brasil. Mas não parou por aí, sua perspectiva de vida foi confrontada e ele aceitou o confronto. “Arregaçou as mangas” e foi ao trabalho, se transformando tanto na teologia quanto na prática.

A TdL, a comunidade, os desafios do cenário político e social foram fazendo parte da sua vida, transformando o don Paolo italiano em padre Paulo. Renzo Rossi, em entrevista, chegou a comentar que Paulo chegou ao Brasil muito novo, com 26 anos, com pouca experiência paroquial, com muita sede de trabalho, além do seu temperamento ter ajudado rapidamente a ser envolvido com as mudanças, tanto teológica quanto prática. Talvez Renzo tenha razão, mas foi o temperamento dele, ou melhor, a disposição e visão aberta que mais pesaram para que Paulo saísse do comodismo para correr em busca de algo que realmente lhe motivasse. Sabe-se que nem tudo foi perfeito, o próprio Renzo e Sérgio chegaram a comentar que Paulo em alguns momentos era autoritário, apesar disso que ele era um grande impulsionador, cheio de ideias.

Paulo estava aberto a novos aprendizados, novas perspectivas e direções, mas sem abandonar sua fé, sua função de padre e sem abandonar a ideia de ajudar os mais

pobres a aprender a buscar a transformação da alma e da sociedade. Tanto isso é verdade que ele se permitiu rever a possibilidade de dialogar com segmentos sociais médio e alto, mas com a intenção de transformação social dos mais pobres. Baseado nisso que pode se dizer que Paulo era um homem defensor e praticante da utopia. Então para que servia essa utopia.

A utopia está no horizonte. Eu sei muito bem que nunca a alcançarei. Se eu caminho 10 passos, ela se afasta 10 passos. Quanto mais eu busca-la, menos eu a encontrarei, porque ela vai se afastando a medida que eu me aproximo. Boa pergunta, não? Para que serve? Pois a utopia serve para isso, para caminhar. (Eduardo Galeano citando Fernando Birri, cineasta argentino)

O que Paulo mais fez foi caminhar, nem a vigilância o impediu de continuar a trabalhar no que acreditava e no que defendia. O patrulhamento dos órgãos de repressão junto aos padres em geral e em específico e a estrangeiros e, principalmente, italianos não atemorizou Paulo. Ele continuou mesmo tendo consciência dos riscos que corria. O interessante desta documentação é que através dela pode-se perceber a importância que teve a comunidade religiosa no cenário de resistência da ditadura militar, a ponto do governo ditatorial manter controle da movimentação de grupos de padres estrangeiros como o da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe.

Apesar da ditadura ter tentado acabar com a visão do horizonte, muitas mulheres e homens, como Paulo, não desistiram e continuaram a caminhar. Paulo se manteve nos seus objetivos e isso fez com que ele tivesse relações com muitas pessoas desde a periferia de Salvador, até grupos sociais abastados da capital. Paulo se tornou uma pessoa plural, ou seja, ele dialogava com as comunidades periféricas a hierarquias da Igreja e da sociedade. Talvez por essa pluralidade ele conseguia ter relações com diferentes grupos, buscando perseguir a utopia de um mundo mais justo e menos desigual.

Sua dedicação a este trabalho e ao Brasil moveu Paulo a solicitar sua naturalização. Paulo pode até ter sido muitos Paulos, mas ele mirava abandonar a ideia de estrangeiro e ser identificado como um brasileiro. Mas o seu pedido foi negado duas vezes, por conta das suas ações na ditadura. O impedimento de ser naturalizado mostrou que apesar do fim oficial da ditadura, a repressão ainda estava funcionando. Isso provocou grande desapontamento. De qualquer maneira, pode-se dizer que apesar das negativas de naturalização todos os diferentes Paulos estão atrelados à memória do Brasil.

LISTA DE FONTES

IMPRESSAS

- Boletins do Grupo de Evangelização da Periferia de Salvador de 1976-1981;
- Histórias em quadrinhos:
 - Campanha da Fraternidade do ano de 1976;
 - Campanha da Fraternidade do ano de 1979;
 - História do Brasil;
 - Salvador uma Arquidiocese de 300 anos;
 - “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla” de 1979;
 - Ano 1º da Criança Brasileira de 1979;
- TONUCCI, Paulo. Recuperação Histórica da Memória Popular, 1984. (Cópia de documento datilografado)
- _____. “História para o povo, com o povo” In: Expression Popular de História de la Iglesia en America Latina. (1984).
- Documentos referentes ao acervo do Serviço Nacional de Informações (SNI) e Centro de Informações da Aeronáutica (CISA);
 - AC_ACE_26054_82
 - AC_ACE_56182_86
 - AC_ACE_57633_86
 - AC_ACE_58206_86
 - AC_ACE_88229_75
 - ARJ_ACE_11401_84
 - ASV_ACE_10922_89
 - ASV_ACE_1568_81
 - ASV_ACE_1698_81
 - ASV_ACE_2299_81
 - ASV_ACE_2641_82
 - ASV_ACE_3938_82
 - ASV_ACE_4229_82
 - ASV_ACE_4495_82

- ASV_ACE_7701_85
- ASV_ACE_8711_86
- ASV_ACE_9233_87
- BR_AN_BSB_VAZ_091_0038
- TONUCCI, Giovanni & ANSUINI, Roberto. Don Paolo. Fano: Stampa Grapho, 2004.
- Carta Pessoal entre Paulo Tonucci e Giuseppe Ceccherini, ano de 1969.

ORAIS

- Maria Conceição da Silva - entrevista realizada em 18/08/2014;
- Marivalda Ferreira dos Santos - entrevista realizada em 19/08/2014;
- Maria Bonfim Reis Cerqueira - entrevista realizada em 19/08/2014;
- Norma Lúcia - entrevista realizada em 19/08/2014;
- Maria Ubajareida Frota de Carvalho – conhecida como Bajinha - entrevista realizada em 22/01/2013;
- Lêda Lessa - entrevista realizada em 01/07/2013;
- Carlos Freitas – entrevista realizada em 05/07/2013;
- Gilmar Azevedo Santos - entrevista realizada em 28/09/2013;
- Elizabeth Maria Souto Wagner – conhecida como Beth Wagner - entrevista realizada em 21/11/2013;
- Jaques Wagner - entrevista realizada em 03/01/2014;
- Renzo Rossi – entrevista realizada em 28/08/2012;
- Sérgio Merlini - entrevista realizada em 05/03/2014;
- Gianni Boscolo - entrevista realizada no ano de 2013;
- Gino Taparelli - entrevista realizada no ano de 2012 ;
- Teresa Dantas de Menezes - entrevista realizada em 06/12/2013;
- Délia Bonisegna - entrevista realizada no ano de 2012;
- Mario Bartoletti - entrevista realizada em 21/02/2014;
- Nembo Cassano - entrevista realizada em 30/01/2014;
- Giovanni Tonucci - entrevista realizada em 08/03/2014 ;
- Francesco Tonucci - entrevista realizada em 13/02/2014

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AZZI, Riolando. *A Neocristandade: um projeto restaurado*. São Paulo: Paulus, 1994.
- BELLA, Gianni La. “Santa Sede e America Latina nell’attività del Cardinale Casaroli.” In: *L’America Latina fra Pio XII e Paolo VI. Il cardinale Casaroli e le politiche vaticane in una chiesa che cambia*. Bologna: Il Mulino, 2006, pp. 179-193.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- _____. *A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- BOBBIO, Norberto. *Ensaio sobre Gramsci e o conceito de sociedade civil*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. Ensaio de eclesiologia militante. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BRIGHENTI, Agenor. *A Ação Católica e o novo lugar da Igreja na sociedade*. Disponível em: <<http://ordosocialis.de/pdf/Brighenti/A%20Acao%20Catolica%20e%20Sociedade.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2014.
- Cadernos do CEAS. Salvador, Centro de Estudos e Ação Social. Janeiro/Junho, 2009, nº 233.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Judeus e Judaísmo na obra de Lasar Segall*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- CIRNE, Moacyr. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COSTA, Iraneidson Santos. *Que PaPo é esse? intelectuais religiosos e classes exploradoras no Brasil. (1974-1985)*. Salvador: UFBA, 2007. (Tese de Doutorado)
- COUTO, Mia. *Na Berma de Nenhuma Estrada e outros contos*. Alfragide – Portugal: Editorial Caminho, 1987.
- DARIO, Diogo Monteiro. “A legitimidade da política de segurança democrática e a doutrina de segurança nacional na Colômbia”. *Contexto Internacional* – vol 32, n. 2, julho/dezembro de 2010.

DUSSEL, Enrique. *De Medellín a Puebla uma década de sangue e esperança* – 1. São Paulo: Loyola, 1981.

ECO, Umberto. “Lectura de Steve Canyon”. In: *Apocalípticos e integrados*. Spain: Editorial Lumen. 1984. pp. 153-199.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FERREIRA, Edemir Brasil. *A multidão rouba a cena: O quebra-quebra em Salvador (1981)*. Salvador: UFBA, 2008. (Dissertação de mestrado)

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GASBARRO, Nicola. Per una storia dela “cosmologia culturale” delle missioni. In: _____, (a cura di). *Le culture dei missionari*. Roma: Bulzoni, 2009, pp. 7-69.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *A Micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GONZALEZ, Maria Victoria Espiñeira. *O partido, a Igreja e o Estado nas associações de bairros*. Salvador: EDUFBA, 1997.

GOTAY, Samuel Silva. *O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe (1960-1973)*. Implicações da Teologia da Libertação para a Sociologia da Religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Vol 4.

HENFIL. *Fradim da Libertação*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

JOSÉ, Emiliano. *As asas invisíveis de padre Renzo: uma história singela de amor e dor nos tempos da ditadura brasileira*. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

LANTERNARI, Vittorio. La Chiesa e le religioni dissidenti d’Africa, Asia, Oceania, America. In: _____. *Occidente e Terzo Mondo*. Incontri di civiltà e religioni differenti. Dedalo Libri, 1972, pp. 119-140.

LE GOFF, Jacques. *A bolsa e a vida*. Economia e religião na Idade Média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história”. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. P. 133-162.

LIBANIO, João Batista. *Teologia da Libertação*. Roteiro didático para um estudo. São Paulo: Loyola, 1987.

LIMA, Gisele. *Movimento Baixa do Marotinho: A luta pela moradia em Salvador (1974-1976)*. Salvador: UFBA, 2009. (Dissertação de Mestrado)

LIMA, Henrique Espada. “Narrar, pensar o detalhe: à margem de um projeto de Carlo Ginzburg”. *Artcultura*, Uberlândia - v. 9, n. 15, p. 99-111, jul. dez. 2007.

LOWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MATTOS, R. C. O. “A juventude operária católica – visão de uma utopia”. *Saber Digital Revista Eletrônica do CESVA*, Valença: Ano I, nº I, Março/2008. Disponível em: <http://www.faa.edu.br/revista/v1_n1_art06.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2014.

NEGRO, Antonio Luigi. “E.P. Thompson no Brasil: recepção e usos”. *Crítica Marxista*, nº 39, p. 151-161, 2014.

PAPA JOÃO XXIII. Carta Encíclica *Pacem in terris*. Disponível em: <<http://www.clerus.org/bibliaclerusonline/pt/ber.htm#d>>. Acesso em: 21 abr. 2014.

PAPA PAULO VI. Carta Apostólica *Octogesima Adveniens*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html>. Acesso em: 06 maio 2016.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento e silêncio”, em *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Material em PDF. Disponível: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>> Acesso em: 05 maio 2016.

_____. “Memória e Identidade Social”, em *Estudos Históricos*, v. 5, n.10, 1992, p. 200-212. Material em PDF. Disponível: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>> Acesso em: 05 maio 2016.

PORTELLI, Alessandro. “O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 103-130.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010.

REIS, João José. *Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

REIS, José Carlos. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

ROSEMAN, Mark. “Memória sobrevivente: verdade e inexatidão nos depoimentos sobre o Holocausto”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000, pp. 123-134.

ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCOTT McCLOUD. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: M. Books, 2004.

SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa, 2: A maldição de Adão*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

_____. *A formação da classe operária, 1: A árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VARÓN, Paloma & CLAÚDIO, Francisco. *Rumo a terra prometida: a trajetória do grupo Moisés*. 2001. Salvador: UFBA/FACOM, 2001. (Trabalho de conclusão de curso)

VEIGA, Alfredo César da. *Teologia da Libertação: Nascimento, expansão, recuo e sobrevivência da imagem do excluído dos anos 1970 à época atual*. São Paulo: USP, 2009. (Tese de Doutorado)

TONUCCI, Giovanni & ANSUINI, Roberto. *Don Paolo*. Fano: Stampa Grapho, 2004.

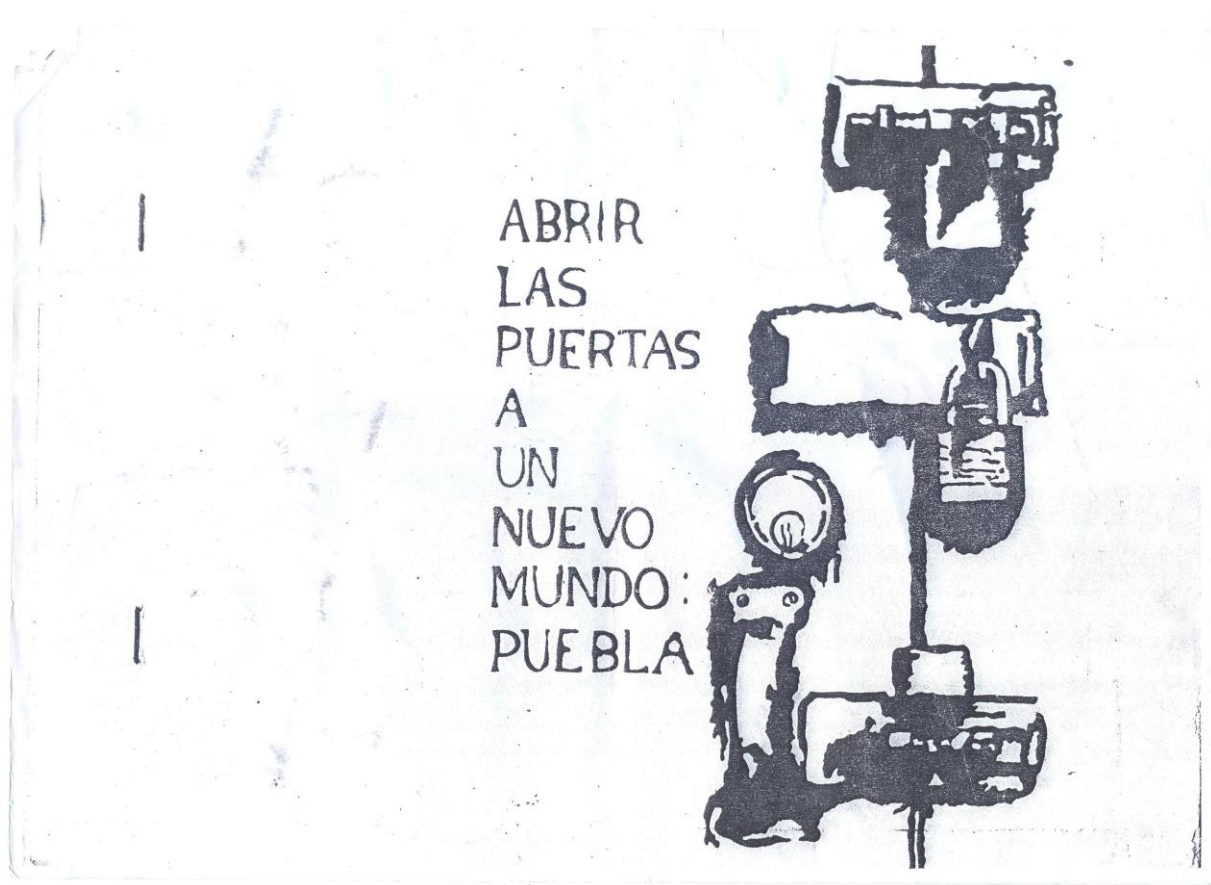
TONUCCI, Paulo. “História para o povo, com o povo” In: *Expression Populaire de História de la Iglesia en América Latina*. (1984)

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

WERNET, Augustin. A Igreja Paulistana no século XIX. In: VILHENA, Maria Ângela; PASSOS, João Décio (Orgs.). *A Igreja de São Paulo: presença católica na cidade*. São Paulo: Paulinas/PUC-SP, 2005.

ZACHARIADHES, Grimaldo C. *CEAS. Jesuítas e o Apostolado Social durante a Ditadura Militar*. Salvador: EDUFBA, 2009

ANEXO “Abrir las puertas a un nuevo mundo: Puebla”



O ano de 1979 teve como fato marcante para a Igreja da América Latina a Conferência de Puebla.

Alguns meses depois, em La Ceja (Colômbia) o CELAM fez um curso para a formação de Comunicadores de Puebla.

Conforme o Boletim do Celam o curso foi um verdadeiro sucesso.

As críticas que nós, mais ou menos 30 dos 120 participantes, tínhamos apresentado ao diretor do curso, mons. Lozano, não chegaram às páginas do boletim.

Este caderno quer lembrar - um ano depois - os dias passados em La Ceja e ser um porta-voz daqueles que não puderam ter voz.

O profeta Jeremias dizia: "Será por gente que balbucia, será numa língua bárbara que o Senhor falará a este povo" (Jer. 28,11)

10.07.80



1

Nos dias 14 de maio a 14 de julho, o CELAM organizou em La Ceja, cidade a 30 Km de Medellín, um curso sobre Puebla.

A finalidade deste primeiro curso sobre Puebla era preparar aqueles que iriam transmitir em todos os países da América Latina a interpretação oficial - isto é da presidência do CELAM - do documento final.

De todos os países da América Latina - com exceção de Cuba, Haiti, Santo Domingo - chegaram a La Ceja os futuros transmissores de Puebla.

O primeiro impacto para quem chega ao aeroporto de Bogotá é a presença maciça de policiais armados de metralhadoras (ou "metralleta" como dizem em castellano).

Se você pergunta porque tanta arma, lhe respondem que é para defender os cidadãos dos ladrões particularmente presentes nestas bandas.



2

verter essa estabilidade e essa segurança num absoluto ao qual se sacrifica, inclusive, o valor da pessoa humana. Se chego a ver claramente que isto está acontecendo minha obrigação é dizer: aqui não se pode mais".

Grupos de Pastoral em maio de 1978 tinham escrito aos bispos: "Vivemos num país marcado por uma longa história de violência.

Camínhamos empenhados na construção de uma Igreja Nova, dos pobres e explorados, em luta pela nossa fé que está custando sangue e vida na edificação do Reino.

Vivemos numa situação marcada pelo esmagamento da classe operária, salários de fome, negação do direito ao sindicato, a greve. Massacre de camponeses e indígenas. Estudantes, operários e camponeses suportam o peso de um governo cada vez mais repressivo.

Juventude cujo futuro se frustra por não conseguir es tudo, nem trabalho.

Milhões de famílias vivem em tugúrios.

260 meninos morrem diariamente por desnutrição.

Irmãos na fé recorreram à luta armada diante desta situação "de violência institucionalizada".

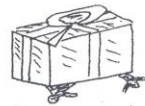
Neste contexto, vivemos, refletimos, proclamamos e celebramos nossa fé como germe de uma Igreja que nasce do Povo".



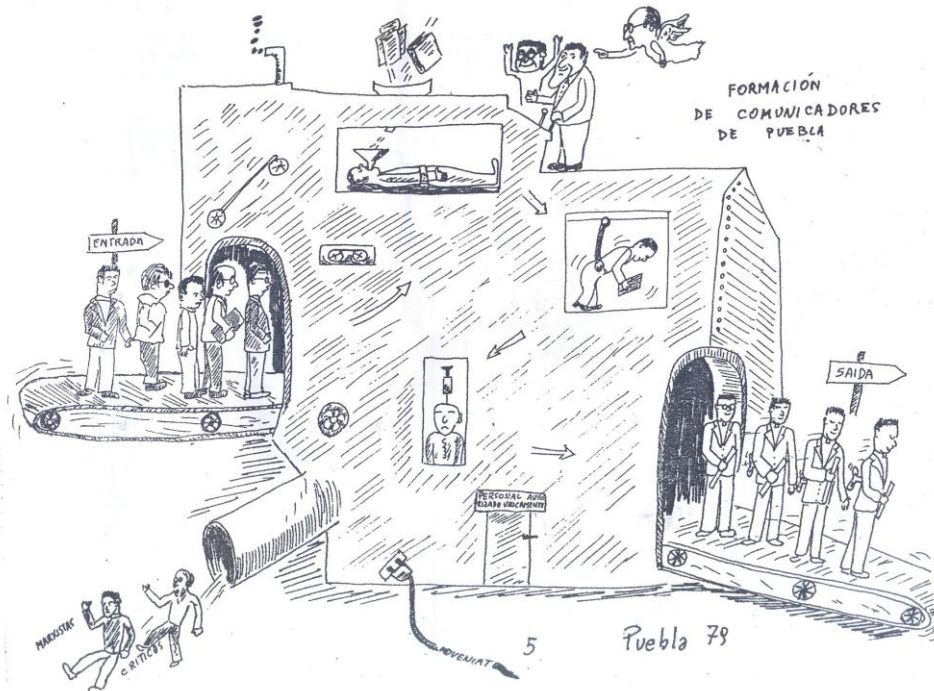
Chegamos então a La Ceja, aprasível cidade colombiana, a 3000 metros de altitude, para recebermos a interpretação oficial do documento.... livre de qualquer influência esquerdista.....

Eramos mais de 120, entre padres, bispos, leigos... e uma leiga, Rina, a boliviana de Cochabamba.

4



Muitos estavam com medo de receber um pacote. O medo tornou-se real. Para o curso não tinham sido convidados os teólogos da Libertação. Nosso papel deveria ser só de assistir às aulas e trabalhar em equipe sobre o que os professores transmitiam. Não seria aproveitada a experiência que cada um de nós carregava. Algum de nós teve um sonho.



5

Puebla 78

Tinha sido montada uma máquina para formar os comunicadores de Puebla. Na entrada cada um carregava sua personalidade, seu jeito, sua formação, na saída todos deveriam ser iguais e com a corda.... Pelo tubo da descarga seriam expulsos os críticos e os marxistas. Mons. Lozano, inspirado pelo Lopez Trujillo manobrava a terrível máquina. Essa máquina estava sendo alimentada pelo dinheiro da Adveniat.

Sonho ou realidade?

E nós como reagimos?

Havia entre nós muitos que pareciam mais preocupados com a carreira. Fazer o curso significaria ter mais méritos para chegar a ser bispo.

Vocês sabem o que precisa para se tornar bispo?



6

Típico o comportamento de um colega. Conseguiu terminar o curso sem dizer uma palavra.



7

M A R X I S M O foi a palavra mais usada no curso.

para combatê-lo, naturalmente

O perigo comunista teve uma presença marcante em todas as palestras.



8

Um complexo de castração dominava algumas palestras.



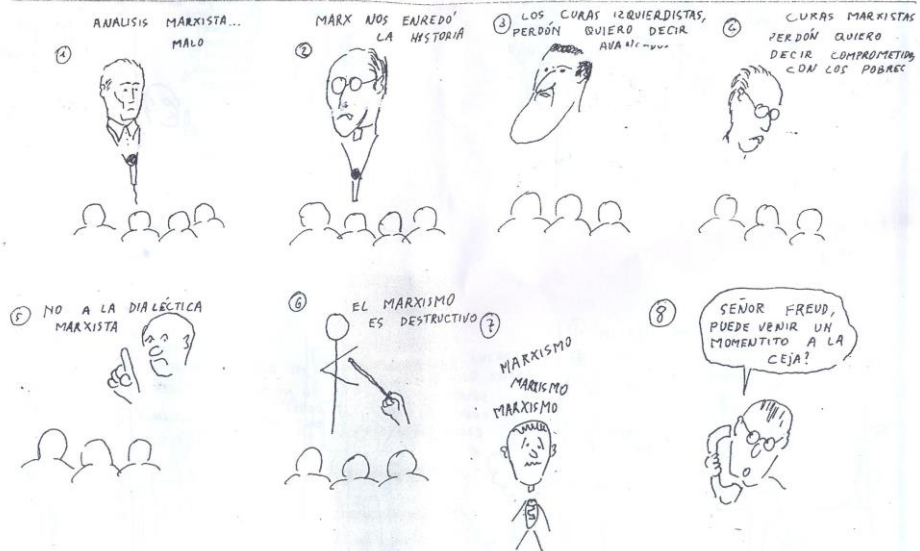
9

Tanta insistência sobre o marxismo e o domínio das línguas de Mons. Lopez Trujillo provocaram bastante confusão nos alunos menos experientes.



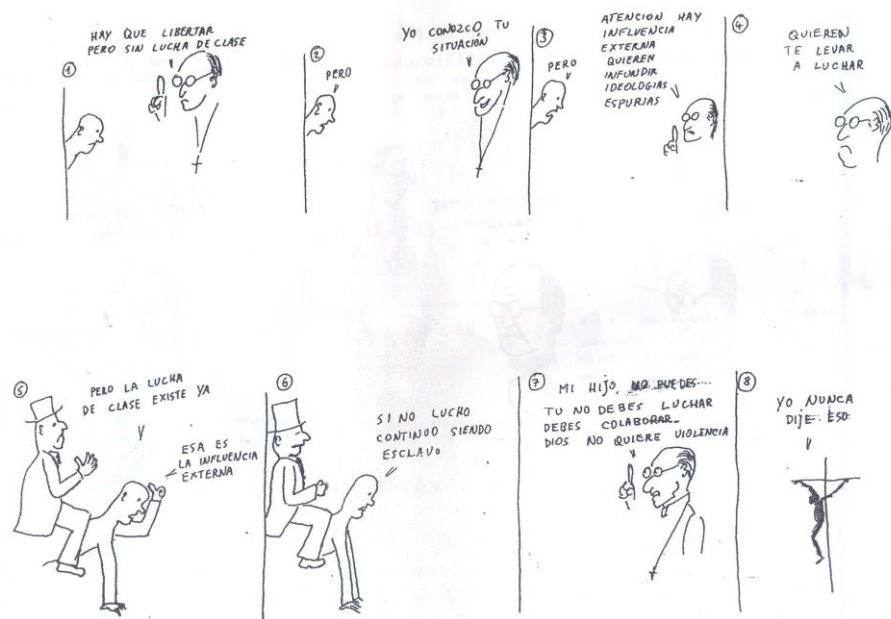
10

Sõ Freud pode explicar.....



11

Tudo é bom para combater a "luta de classe".....



Vocês querem conhecer o segredo de Puebla?
 O nosso amigo, Mons. Lopez Trujillo está às ordens....



Para conservar uma certa independência frente às pressões externas da esquerda, precisa-se de muito jeito.
 Vejam só, uma simples tradução pode resolver situações melindrosas como a do nº 549 do Documento.

" A DOCTRINA DA SEGURANÇA NACIONAL SE OPÕE A UMA VISÃO CRISTÃ DO HOMEM.... "



ESTO NO ME GUSTA



NO TEMAS VOY A TRADUCIRLO



ES FORMIDABLE ALFONSO

Um simples "muchas veces" já melhora o nº 66

" LA DOCTRINA DE LA SEGURIDAD NACIONAL ENTENDIDA COMO IDEOLOGIA ABSOLUTA, NO SE ARMONIZARIA CON UNA VISION CRISTIANA DEL HOMBRE.... "

LA PRESENCIA DE CONGLMERADOS MULTINACIONALES QUE...



... MUCHAS VECES...



... VELAN SOLO POR SUS PROPIOS INTERESES A COSTA DEL BIEN DEL PAÍS QUE LOS AGOGE.... "

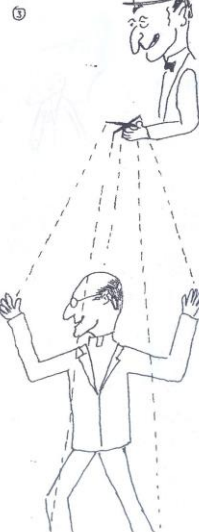


Precisa ter cuidado com os teólogos da Teologia da Libertação....
 Todo cuidado é pouco, porque....

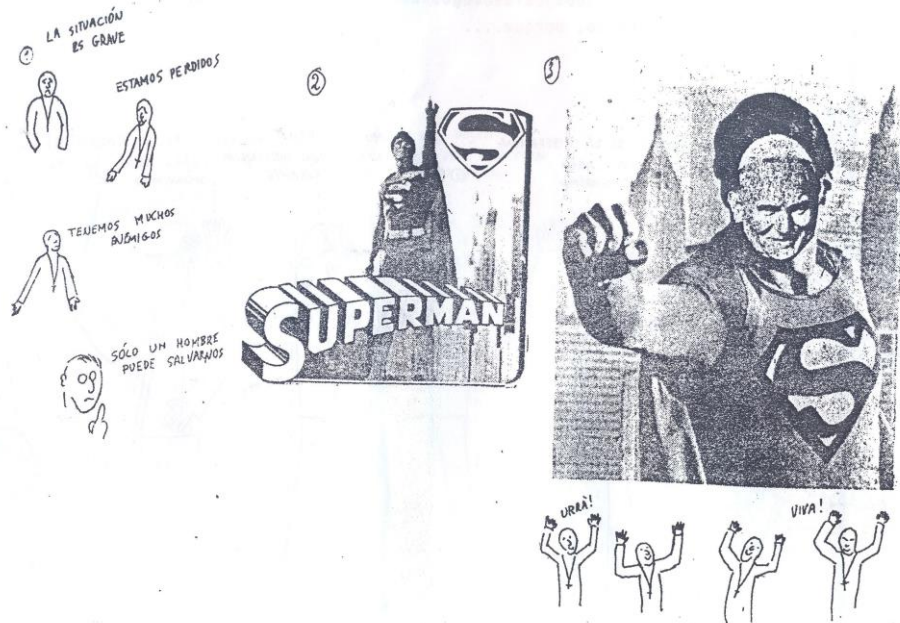
LA TEOLOGIA DE LA LIBERACION ES LA MANO LARGA DEL COMUNISMO



NO SE DEJEN LLEVAR POR IDEOLOGIAS EXTRAÑAS

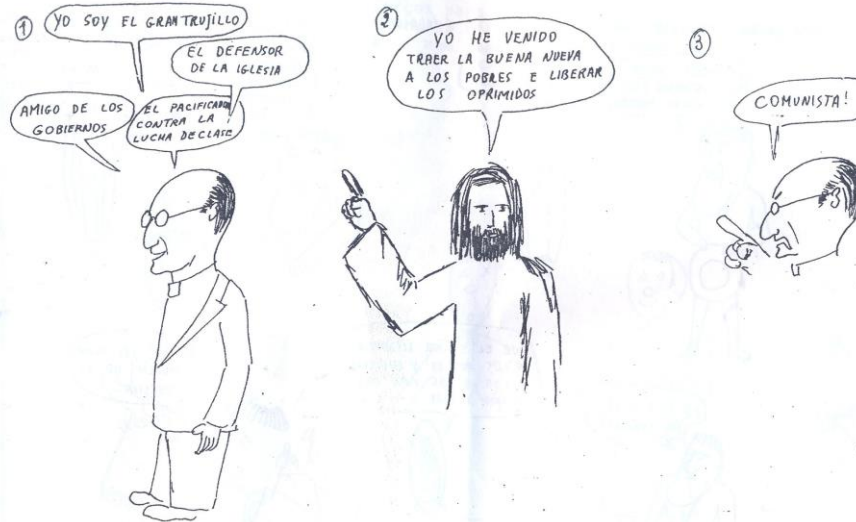


Para tanto nós precisamos de autênticos heróis.



16

Otro herói destemido e corajoso.
Precisa mesmo coragem, porque há lobos que se vestem de ovelhas....
Precisa ter a capacidade de detectá-los.



17

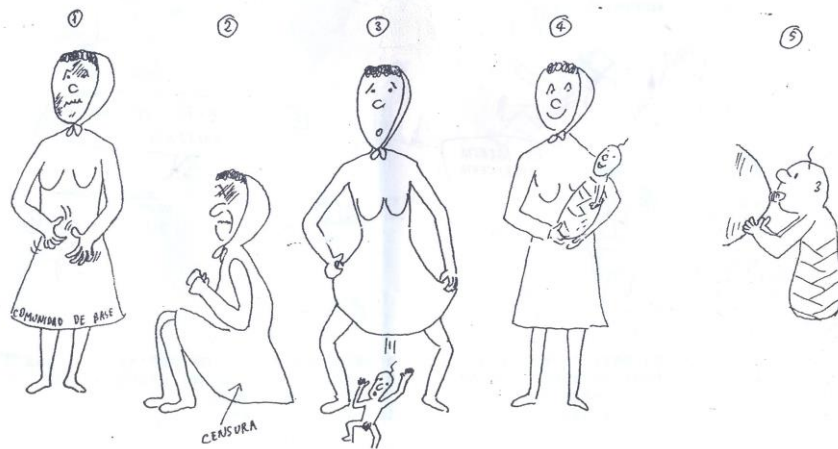
Quem pode esquecer Mons. Javier Lozano?
 Ele também consegue detectar os subversivos.
 Ele é o novo Juan Diego em diálogo com a Virgem de Guadalupe.

INDIO JUAN DIEGO Y LA VIRGEN MARIA DE GUADALUPE



Outro heroi foi o frei Kloppenburg.
 Novo D. Quixote não media esforços para combater os....
 Seguro em sua teologia. Considera-se filho de uma comunidade de base....
 ... Coragem, comunidade de base, nem sempre tudo sai como se quer....

ME CONSIDERO HIJO DE
 UNA COMUNIDAD DE BASE (KLOPPENBURG)



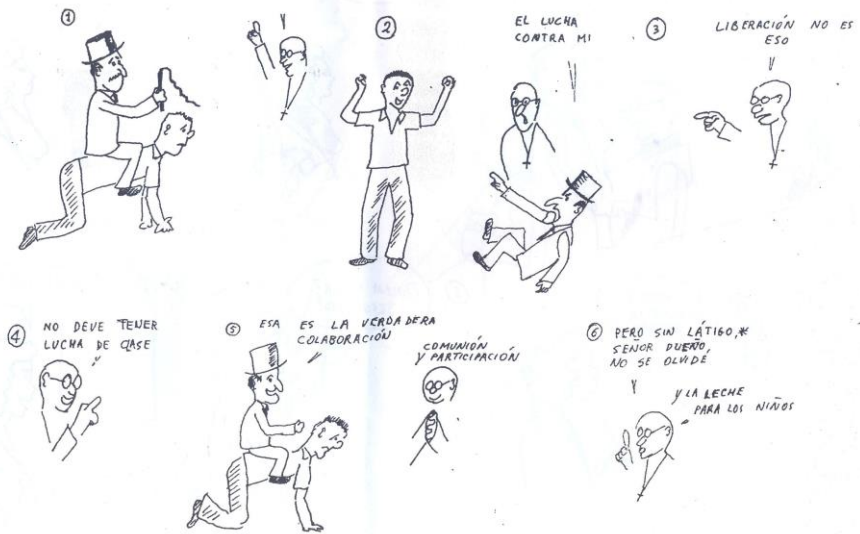
Também ele tem que defender a ortodoxia.
 Às vezes nem sempre é fácil compreender seu fino raciocínio.



Às vezes para defender a "sua" verdade e combater melhor os teólogos da Libertação pode-se mentir, como atribuir a Jon Sobrino uma expressão de K. Rahner: "Jesus pregou o Reino de Deus e não a si mesmo".
 É mais fácil combater o Jon Sobrino do que Rahner....

O importante é que todos compreendam o que é verdadeiramente evangelização.
 Evangelização é libertação.... Mas que tipo de libertação?

EVANGELIZAR ES LIBERACIÓN



*LÁTIGO= CHICOTE

Puebla 79

Também a opção preferencial pelos pobres deve ser bem entendida....

OPCIÓN PREFERENCIAL POR LOS POBRES

① POBRECITOS
VOSOTROS RICOS



② LOS CURAS
LOS MARGINAM



③ LA IGLESIA
DE ISQUIERDA
LOS CONDENA



④ MAS NOSOTROS
ACOGEMOS A
VOSOTROS



⑤ QUIEN HABLA?
¿SUCRISTO?



⑥ ¡NO! KLOPPENBURG

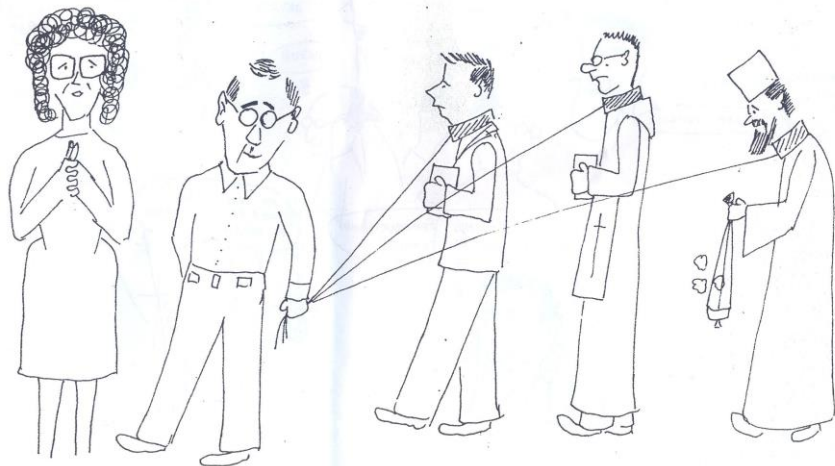


22

Alguns acham que o ecumenismo deve ser ecumênico, estão completamente errados.

¡MI HEÉRDE
EL CAMPIÓN
DE ECUMENISMO!

EL ECUMENISMO SEGÚN KLOPPENBURG



23

O importante num curso como este era conservar o justo equilíbrio. Equilíbrio que se revelou na recusa de enviar uma carta de apoio às comunidades cristãs que estavam lutando contra Somoza.



24

Equilíbrio na oração dos fiéis... porque há sempre quem quer se aproveitar de situações para fazer proselitismo de esquerda.



25

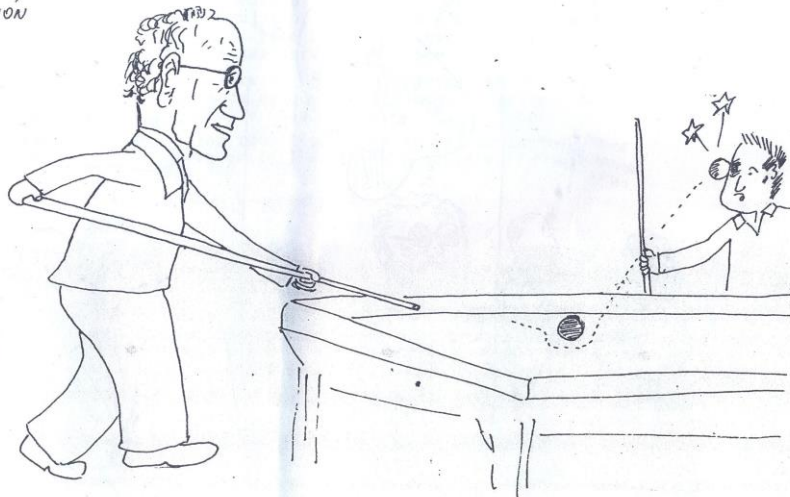
Equilíbrio difícil para Mons. Guaraccino, mas sempre possível.....



26

Estava esquecendo que o curso deu-nos a possibilidade de conhecer pessoas simpáticas como Florêncio, el campeón.

FLORENCIO
EL CAMPEÓN



27

... e também colocou alguns mais afoitos brasileiros em situações melindrosas....

TARCISIO EM MEDELLIN



28

Apesar de toda estrutura montada, apesar dos pacotes e das máquinas para a formação de "intérpretes autênticos" de Puebla, o curso deu-nos oportunidades de um verdadeiro encontro, com troca de informações.

Descobrimos que, apesar dos Kloppenburg Lopez Trujillo, Guaraccino e Lozano, há muitos na América Latina que estão comprometidos com uma verdadeira libertação.

A luta do povo de Nicaragua animou nossa esperança de que conseguiremos construir novo céu e nova terra.

Por tudo isso - apesar das intenções - a todo o pessoal do CELAM o nosso muito obrigado.

29

